

Ecos de Poeta

Ema Machado



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

Aos meus filhos, por tornarem meus sonhos e dias mais serenos...

Agradecimentos

Agradeço àquele que a mim sempre proporcionou vida plena e inspiração...

Sobre o autor

EMA MACHADO

Emarilaine Machado da Silva, nasceu na cidade de Belo

Horizonte no ano de 1960. Formou-se em pedagogia pela Universidade

do Estado de Minas Gerais (UEMG) e atualmente trabalha na rede pública de educação.

Oportunamente atua

como contadora de histórias nas Bibliotecas, escolas e outras

entidades filantrópicas. Escritora de livros infantis, no ano de

2017 publicou seu primeiro livro 'O Labirinto dos Sonhos' pela

Chiado Grupo Editorial. Na modalidade poética, a primeira

publicação deu-se através da participação na Antologia Palavra

é Arte pela Cultura Editorial (2013). Em 2018, participou

da Antologia Além da Terra, Além do Céu, pela Chiado Grupo

Editorial e da Antologia Tanto Mar entre Nós da editora Penalux.

Atualmente reside na cidade de Betim, Minas Gerais,

resumo

Atrás das portas

Momento Sinfônico...

Descanso...

Sou...

Insanidade...

Peça pequena...

Na ampulheta...

Saga de uma caneta...

Momentos...

Um fim

Conversando com o silêncio...

Fugaz...

História de amor...

Poesia dormente...

Balanço...

Sem asas...

Sobras...

Minúcias...

Dominação...

Além do hoje...

Mórbida...

"Atire a primeira Pedra"

Entre Olhares...

Papais

Amanhecer...

Sem Hora...

Parto...

Amor Platônico

Vendavais do tempo...

Incondicional

Reflexo...

Roda viva

Como estrela...

Corda Bamba...

Querubins

Estação inverno

Existencial

Os Ipês e o tempo

Transição...

Quando para o tempo

O que mais desejo...

Loucura...

Despertar...

Meia estação...

Estágios I...

Momentos...

Dá-me...

Égide...

A Poesia adormeceu...

Horizonte Azul...

Confusão...

Nostalgia...

Chuva primaveril

Entre selva e céu...

Impaciência...

Liberdade

Chamas do pecado...

Escravos das horas...

Prece

Não fosse...

Fim de Jornada...

Aprendiz...

Vida líquida...

Pequena andorinha...

De volta ao pó...

Sonata no meio da tarde...

Outro horizonte...

Cenas pequenas...

Despedida...

Sozinha...

Corpo fechado

Despertar de um Coração

Óleo no mar...

Nada vale mais...

Urbano...

Confissões de um livro de Estante...

Germinar de Poesia...

Finados

Pintando um céu...

O cisne

Luzes...

Era, uma vez...

Parto...

Excessos ou pecados?

Contando as estrelas...

Trajeto

Confissão...

Pergunta-me...

O peso da noite..

"Carpe diem"

Antagônica...

Ruminando Silêncios...

O poema à parte...

Rastros...

Alma vazia...

Desejo...

Existencial...

Acordes...

Ilusório...

Luzes e velas...

Reminiscências..

A cura...

Reparos...

Luz, divina luz...

Prelúdio...

Transposições...

Metamorfoses

Saudades... e passarinhos

Carrossel...

Sentidos do tempo...

O velho e o Novo...

Momentos...

Dilema de amor...

Rosas, o que dirão de ti

Enfermidades...

Reencontro

Entre Risos...

Acasos do destino

Sonho não concreto...

Páginas amareladas

Águia...

Lacunas da sua presença...

A amiga saudade...

Ao despertar, devaneios

Pensamentos da Alma...

Quando passar a tortura...

Único Remédio...

Somos uma...

Janela noturna...

Útimo Adeus...

Picadeiros...

Folhas ao vento...

Luz... Incitas...

Entre Gritos do Silêncio...

Costuras...

Retorno...

Veste-me o céu

As cores que perdi...

Após a tempestade...

Senhora das Horas...

Um nada à espera...

Caminhos...

Amor Silente...

A lua e o ocaso...

As estrelas em teus olhos...

Entre o céu e a cela...

Traços de Esperança...

Mulheres em versos...

Deus, onde estás?

Estragos...

Espera...

Estações...

Ser só...

Esperança das manhãs...

As curvas do horizonte...

Enquanto tudo dorme...

Há de brilhar...

Era apenas...

Dias de inércia

No meio da tarde...

Palavras soltas...

Partículas invisíveis...

Água...Água...

Há um arco-íris...

Eu e a solidão

Pelas estações do tempo...

Nova manhã...

Naquele pôr do sol...

último Poema...

Dia e noite

O amor está perto...

Pura Arte...

Novos ares...

Oceano de lembranças...

Mãe Terra

Tristezas de outono...

Nenhuma carta de amor...

Incertezas de outono

Fragilidade

Onde o céu foi morar...

Luzes D'aurora

Heras...

Oração pelas mães

Maria-Menina-Luíza

Quase cinzas...

A luz que aqui habita

Olhai os lírios...

Nos salões do destino...

Eu, você e o outono...

Poesia que não se anseia...

Nas vias do tempo...

Sapiência...

Faça-me poesia...

Abraço...

Devaneio de pirilampo...

Seguindo a trama...

Mergulho...

Sonho das pedras...

Dom de voar...

Nas dunas do tempo...

Pecados

Pegadas de mim...

Quedas...

Rotineiro...

Anseios velados...

Naufração..

Na calada da noite...

Carência...

Heranças de uma vivência...

Faz de conta...

A espera de outra primavera...

Parto de Melancolia...

Café e Pensamentos

Artimanhas de amor...

Sempre...

Crepúsculo d'alma...

Apenas um arlequim...

Batalha de egos...

Caminhos notívagos...

Entardecer de uma saudade...

Perdoe...

Eu não...

Ouvindo desejos...

Invernos e ventos...

Momento vago...

Amor próprio...

Alimento d'alma

A cada novembro...

Universo particular...

Corpos celestes

Sal...

Alma insólita...

Melodia

Fuga de estrela...

Guardados...

A poesia e eu...

Carência...

Jardineiros do amor

Colheita

Motivos...

Crença...

Penas...

Liberdade...

Criação...

Doçura...

Sobras...

Pó...

Traços e rotas...

Vida líquida...

Sem sentido...

Caminhar...

Enganos...

Lua de sangue...

Marcas cálidas...

Eu e o ipê...

Medidas...

Prognose...

Sonho de primavera...

Não há flores nos montes...

Descanso...

Se eu partir...

Retorno de primavera...

Anjos no chão...

Rompendo trevas...

Em busca de um horizonte...

Nem mesmo o olhar...

Doce lembrança...

Enquanto você dormia...

Não há trégua...

Ilhas no mar de areia...

Voe, poesia!

Água e sal...

Reflexões de viajante...

Vazios...

Mar de poesia...

Nascer de uma saudade...

Terna, Ternura...

Palavras ao vento...

Pescadora de Sonhos

Lágrimas do tempo

A vida, em um dia...

Monotonia...

Mudanças

Fora do tempo...

Para meus versos...

Amar o amor...

Alma, tem cor?

Pensamento dormente...

Asas podadas...

Deixando passos na areia...

Olhar faminto...

Já desponta...

Poesia pequena...

Tardes de espera

Balanço...

Tempo de mudança...

Sede de Luz...

Rasuras...

Ele ainda se faz presente...

Voos e quedas...

Acolhida...

Um conto para o natal...

Sonho perdido...

Renovação...

Tudo pela graça...

Percepções...

Como não houvesse amanhã...

Palavras e estrelas...

Meditação

Voz de poeta...

Apatia...

Caminhos...

Vida e poesia...

Após a insônia...

Desolação...

Inconfessável

Ida às estrelas...

Um pensamento lago, um quase naufrágio...

Falando de amor...

Saudades, tesouro em mim...

Tarde vazia...

Pé no chão

Nuanças, e o sol parte...

Motivos...

Transição...

Sem saída...

Cegueira...

Mais que desejo...

Tardes na janela...

Só, poesia...

Bem que se quis...

Broto de esperança

Apenas mais um...

Falas e momentos...

Fúria de gigantes

Pecado de estrelas cadentes

Deve haver...

Mulher, mais que mulher...

Apenas uma breve história...

Haverá uma resposta...

Contágio

Ainda que pareça...

Venenos diários

A olho nu...

Falando com o tempo...

Letargia...

Minguante...

Atrasos...

Prenúncio...

Esperança...

Respiro...

Como sol...

Quando?

Perdão

Destino...

Dança das folhas...

Sem despedida...

Ela é anjo...

Alimento vital...

Interpretando lembranças...

Súplica ao amor...

Muda e mudanças...

Uma tarde, um felino...

Lições, uma escola...

Sobre um café, em tempo frio...

Sonhos perdidos...

Oceano...

Enquanto há sol...

Enganos de nós dois...

Latente...

Falando com passarinho...

Meu labirinto

Serenidade...

Por uma luneta...

Desencanto...

Falando de néctar...

Quando eu não estiver mais aqui...

O troco

Sede diária

Temperos...

Entrega...

Entrega...

Pequenas sementes

Escritas e sinos...

Ela, a bailarina...

Caminho do rio...

Entre pecados...

A vela...

Na dor...

Infundável...

Anjo disfarçado

Fora do tempo...

De fases...

Despertar de hienas

Fragmento de estrela...

Quando seca o pranto...

Apenas mais uma...

Viver de verdade...

Girassol...

Tecendo asas...

Aqui, meu coração foi plantado

Meditação...

Histórias de menina...

Quando cruzam os olhares...

Quando grita o olhar...

Teorema...

Anjinho caído...

Eva, por um minuto...

Brilhas...

Sonhos, apenas sonhos...

Balancete de fim de ano...

Formando pérola...

Feito lua...

Importância...

O que foi escrito...

Paredes

E se...

Abandono...

O fim...

Imersão

Linhas partidas

Ciclos...

Nas asas da lembrança...

Mestre...

Poesia...

Presença...

Grito do tempo...

Viver é viagem...

Não quero..

Plantio

Amor de outras vidas

Silente amor....

Nuvens negras...

Enquanto houver vida

Falando de dor...

Plantando flores, onde há guerra

Tua fala...

Café em uma manhã qualquer...

Restauros...

Elas são rosas...

Pequeno ato de uma manhã

Ilusões...

Sem raízes...

Sem argumentos...

Vigília...

Ao final...

Anúncio...

Alma gêmea...

Silêncio e segredos

Fragmentos de uma vida

Erros...

O que dizem as rochas

Urgência e o tempo

Fim de um dia outonal...

Recaída...

Na balança...

Mãe, preciso de ti...

Penumbra...

Ruas sem saída...

Reflexão

Melancolia...

Abraço...

Apenas um poeta urbano

Toques...

Alento diário

Amor, amor...

Carta ao amor...

Lembranças...

Névoa triste...

Legados de amor

Nem só de pão...

Minúcias em uma tarde de inverno...

Frustração...

Ao sopro do vento

Efemeridade...

O pecado das carências

Recomeçar

Um caminho, uma tela...

Exemplo de Pai

Rio corrente

Distâncias...

Seguindo a correnteza...

Presença...

Cansaço...

Conversando com a saudade

Olhar viajante

Fio da meada...

Fantasmas...

Ensaio de chuva...

De mim...

Sonho de amor

Paredes...

Se não houver mais fala

O que é hoje amor?

Vastos vazios ...

Saudades, doce viagem...

Melancolia

Busca...

Alada...

Armas

Pipa ferida...

Janelas...

A saudade passou por aqui...

Se falas de amor...

Herança

Aguardando a madrugada

Desejo de mulher

Quando o tudo, não basta...

O último momento...

Pintando...

Poetas e poesia

Dançando

Chuvinha menina

Atraso de Cupido...

Momento plácido...

Tecemos...

Tempestades

Onde o belo foi morar...

Delicadezas...

Testamento...

Anjo ferido

Felicidade...

Meditação II

Sem querer...

Depois do fim...

A gota ...

Venenos...

Aroma de rosas

Quando os olhares não se cruzam

Esperas...

Anunciação

Detalhes...

Caindo no agora...

Poesia visceral

Ilustração

Controvérsias

Sabores de lágrimas...

Vida sem hora...

Sem ânimo...

Na solidão do pensamento...

Amores

Dos triângulos de minha janela

Ilusório

Quando contar segredos.

Quisera a eterna manhã...

Quando tudo acaba

Elos

Sabores energia e sentimentos

Eu quis...

Remendos...

Meu desejo

Passado a limpo

Atrás das portas

Anseio o asfalto...
A portas fechadas me assalto
Roubo minha lucidez
Grito de medo, é alto
Finge não ouvi-lo a sensatez...
Fantasmas bailam em profusão
Uma masmorra ou bela cela?
Saboreamos o gosto de uma prisão
Ah! doce é o sabor de ir e vir
A certeza de se possuir...
O momento é impreciso
Preso também jaz o riso
Pairam apenas anseios de liberdade
A vida se fez metades
...Mente a mente, arde...
Não há o que a sacie saber
Lições as quais nunca se quis aprender
Hoje transitam, tornando-a demente
Pagam-se pecados
Todos somos réus
Muitos, libertos se vão
Que alcancem os céus...

Momento Sinfônico...

Ficou alí, encolhida num canto

Seu olhar manco, recusava-se passear pelas paredes sombrias - nada do que ali existia lhe traria acalanto. A única música que ouvia... o soluçar de seu próprio pranto. Conhecia cada centímetro daquele cômodo, cada grão de poeira que insistia em sinal de asneira, permanecer por alí, até que terminasse seu desencanto.

Fim de tarde, fim de coragem...Sentia como nunca o cansaço da viagem - permitia-se a inércia, ainda que de passagem.

Um pensamento atrevido se manifesta... Onde, foram parar as alegrias? Caminhas agora sozinha, és a sombra de ontem, dos dias de folia constante... E a melodia persistia...audível, mais intensa que antes...

Sentiu pena do mundo, pena de si, por um ínfimo segundo volta ao útero, alí encolhida reencontra tudo o que precisa. A vida...

Ema Machado.

Descanso...

A noite escorre
Embrenhando-se por entre a
Terra escura
Escorre o dia, já, quase morre
Também a tortura...
Escorre a espera
Aquela, devoradora de entranhas
Pespona a esperança
Uma costura sem artimanhas...
A paz acaricia a alma
Seu abraço é carinhoso
Confortante, é o ninho do sossego
Macio, repousante...moroso
Manifesta-se um bocejo felino
Um ronronar majestoso
Mas, pensamento é artista incansável
Esboça novos traçados
Tempo segue, em seus passos apressados
Há sempre uma nova cena
Vida é tela pequena
Pinta-la, exige ser hábil
A noite escorre serena
Adormece lembranças...

Sou...

Sou...

A voz da alma

A palavra nua em momento de calma

A vontade do olho que lê

Sou a beleza sem reticências

Sou a vírgula do sentir e não dizer

Sou, do sentir, rio que corre entre linhas

Às vezes, marca inconsciente...

Sou grito que não cala, não mente

O silêncio revoltado

Sou, mais do que seria

Se ousasse dizer...

Derramo palavras em versos

Sou poesia, se assim me vês...

Ema Machado

Insanidade...

Toque, euforia, toque!

Anseio tua melodia

Tua liberdade

Poder dançar tua dança

Gargalhar, rodopiar feito criança

Rodopiando em roda de ciranda

Toque, euforia!

Esse tempo sisudo não me serve

É cortejo fúnebre

Paira agonia, não deixe que me leve...

Anseio o beijo da brisa

Sem a amarra de paredes

Anseio os passos da vida

A levar-me pelas avenidas

Toque, euforia, toque!

Anseio-te, para que me sinta viva!

Peça pequena...

Peça pequena...

Analisando algumas cenas...

Vida, peça tão pequena...

Crescemos em cena, entre erros e acertos

Num palco sem ensaios

Encenamos e montamos nosso cenário

Há, tantos desacertos...

Nem sempre tudo sai perfeito

Mas, não há tempo para ensaio...

Remontamos, usemos o imaginário!

E assim, seguimos entre o fictício e real

Em instantes de cenas fortes

Por vezes, inventar-se, pode ser normal

Muito da realidade nos foge

Aí, palco se transforma em picadeiro de circo

Onde drama, não faz muito sentido...

É Deus quem nos acode!

Aprendemos e nos tornamos mágicos

Malabaristas, domadores de feras

Pintamos a cara, somos palhaços... Ou plágio...

Fora de cena, até animais nas celas...

Vida, peça pequena...

Aprendemos, aperfeiçoamos algumas cenas

Escolhemos, ou, jogamo-nos em palcos

Vivemos o dramático, romântico, o satírico... e imaginário

Atuar, o lema, até que...

Por vezes, sem aplausos

Sáimos de cena...

Ema Machado

Na ampulheta...

O tempo escorre, esvai-se...
É fumaça ao sopro do vento
É ampulheta a despejar horas, minutos, segundos

A vida é a areia a esmo, escoada sem saída...

Anseio mais... Mais que acompanhar essa corrida

Nela, não há tempo para muitos sentidos

Além das horas que consomem teu viço

Tua juventude é primavera

Ao longe, o aroma de flores

Sutilezas dos amores, como o beijo fugaz...

Não há mais pudores, nada é proibido

E nada, satisfaz...

Onde foi morar o amor verdadeiro?

Poucos encontram seu endereço

Ou, não o buscam mais...

Saga de uma caneta...

Saga de uma caneta...

Era apenas uma caneta

Não havia o que dizer

Passa o tempo, vendo-a tão calada

Dela cobrou...

Alguma atitude deveria ter...

Sentiu-se acuada por não dizer nada

Mas, sendo apenas uma caneta

Nada poderia fazer...

E tudo torna-se incômodo

Sente seu existir tristonho

Precisava falar, mas, o quê dizer?

E o tempo cobrava àquela mudez

Algo precisava fazer...

Já, quase sem saída, sem vez

No alto da vida

Um pensamento veio a ter

Partiu para a lida

Conhece um livro, outro livro

A ela diziam tanto, imita-los decide

Convivendo com eles poderia aprender

E foi grande amizade, que pouco a pouco

Tantos outros iguais pode conhecer

E hoje, aprendeu a fala

Gesta tantas palavras

Que não cabem no pensamento

Livros agora são seus filhos

Passou a escrever...

Ema

Momentos...

Ouçó, há uma melodia no ar
Sinto-a, posso o céu alcançar
Teu contato, teu olhar alado
Entre estrelas posso dançar

Somos únicos nesse universo
Tudo lá fora, são restos
Nada importa, temos o luar
E os momentos...que esquecemos de contar...

Um fim

Eis-me aqui, frente à tela branca, precipício sem fim
Atiro-me ou não? a destilar meus sentires tortos
Ou talvez n'um parto, do metafórico gestado em mim
Vomite minhas indignações e anseios rotos...

Dealbando ideias sinto, o precipício não é infindo...
Afinal, dizeres são falas, nuas ou cruas, não importa
Há que se ouvir o gritar do sentido, feliz ou doído
Poesias... expressas sensações que batem à porta...

Que entrem sem dizer, mas encantem!
Sejam límpidas, despejem-se como cascata
E as recebam, quem por elas se encantem

Que deixem-se levar pelas melodias castas
Contagiem-se em harmonia, e a levem pelas vias
...E nada lhes será como antes...

Conversando com o silêncio...

Hoje, preciso de ti
Assusta!
Tudo está tão mudado
Nessa inércia, parece que morri
Ouço medos e pecados
Gritos desesperados
Certamente a loucura
Por aqui tem governado...
Diga-me!
És sábio como o tempo
Todos os dias
Teus conselhos têm me guiado...
Onde encontro a paz?
Parece que desceu do trem
Quem sabe esteja errado
Há muitos vagões
Em algum, ela vem?
Só você é o que consola
Não há sossego lá fora
Passo a contar dias
Ou até horas...

Fugaz...

Decifra-me
Há em mim, coisas as quais não entendo
Tento seduzir meu pensamento
Para que permaneça aqui
Inútil, percebo e lamento
Por mais que o ocupe, não o entendo
Acho que o perdi..
É sempre para você que foge
Estou ficando sem opção
Como pode?
Nada do que precisa ser
Torna-se real
Se isso é normal
Não vivo mais em mim
Mas em ti
Meu corpo é apenas
Habitat natural...
Ema

História de amor...

E eu, que queria
Apenas teu abraçar
O caminhar o chama
Nele, tudo se perdeu...
A aurora perdeu a cor
O sonho o sabor
Tristeza é água que se derrama
Os braços pendem vazios
Sobra apenas
Ânsia
Imenso espaço
A engolir meu cansaço...
A noite se exhibe, já não dorme
Contigo os dias se foram
Como se foram os planos
Hoje disformes...
Sou agora o sonho de amor
Uma bela história...

Poesia dormente...

O olhar passeia pela mente vazia

Em busca da poesia

Que ali se fazia presente...

Foi engolida pela selva de pedra

Onde a rotina impera

Imponente...

Languidamente

O olhar se fecha

Ronda o sono

E sonhos...

E a poesia faz festa...

Corro nas veias desta metrópole

Sou sangue pobre

Entrego-me, entre as

Mãos que alimentam

Uns a sustém

Outros sugam do que contém

Entre os trilhos

Segue o trem...

Ema Machado

Balanço...

Balanço...

Eis-me aqui

Ainda... sem saber onde ir

Entregue apenas

À minhas retinas

Venceram concreto e o teto

Para delciarem-se nas estrelas a cima...

Anseio transpor barreiras

Trilhar certos caminhos

Tornan-se tão restritos

O que não daria

Para libertar meu eu aflito...

E assim

Continuo aqui

Distante do meu fim

Ser inquieto

Preso às paredes do afeto...

Que a poesia me leve

Ainda que, por momentos Breves...

Não tenho mais aquele viço

Para viver de sacrifícios

Carrego o agora

Na urgência das horas

Senhoras do tempo

Abraça-me a ânsia do momento...

Nunca fui calma

Reconheço

Vivo em mar revolto

Viram-me do avesso...

Breves repousos

Cansa a impotência

Na dóida clemência...

Apreciaria adormecer...

Sem asas...

Sem asas...

Deixo-te minhas razões

Não mais importa

Quanto de mim se perdeu?

Quanto dói e doeu

Feridas se curam

Tudo na vida tem volta

O vento, não ultrapassa a porta

Mas, ao tornar-se furacão

Leva consigo a casa...

Não, nada importa

Sou gaivota

Ainda anseio o céu

Por hora

Podaram-me as asas

Olho o horizonte sereno

Como ele, serei um dia

Assim, será minha casa

Sobras...

Sobras...

De você,

O perfume da saudade

Cheiro que inunda, invade

Impregnando tudo em mim...

Desse amor que se fez tarde

A morrer no horizonte

O dia a transformar-se em ontem

Últimos raios ...extingue-se a fonte

Da energia que te mantém aqui...

De você

Meu jeito menina

Para teus desejos

Meu jeito mulher

Teu seduzir, metamórfico

Sempre, transforma-me no que quer...

De mim

A metade tristeza

Do que fui, é o que agora sou

A metade chamada alegria

Contigo você levou...

Minúcias...

Minúcias...

Ah, claridade!

Afaga o olhar

Esse sol beija a pele...

Doces instantes que se esvaem

Contemplo o tempo em séries

Caminho pelos sonhos

Alguns perdidos

Outros ganhos

No ontem, às intempéries

No hoje, as marcas na pele...

Quem escreve a história?

O tempo marcado em mim

Ou minhas perdas e glórias

Não se muda o curso de um rio

Caminha por suas memórias

No tear da vida vou tecendo

Seguindo a trama

Se erro ou esmoreço

Desmancho

Volto ao começo...

Ah, claridade!

Foges sorradeira em fim de tarde

Deita-se no horizonte

Me deixas a espera da noite

Onde habita Morfeu

Leva-me ao mundo de sonhos

Onde ninguém escreveu...

Ema Machado

Dominação...

Dominação...

Te queria nas horas cansadas

Te quis nas horas vazias

Vazias sim, de ti e de mim

Vazias de calor, de sabor

Repletas de ânsia, de dor

Ganância sem pudor...

Fome insaciável

A devorar a pele

As veias

Queimando o sossego

E o olhar, que ao não te encontrar

Queimava e mergulhava em desespero...

Hoje retornas, assim...

Altaneiro

Buscas a presa, eis, quase morta

Pensava sepultar a alma

Da vida, até então, não goza...

E agora...

Reascendes a luz e convida:

- Voltei! Seu senhor!

- És minha!

E o corpo se ergue...

Entregue

Suas palavras bebe

Sou seu, ainda...

Ema Machado

Além do hoje...

Além do hoje...

Avisto, há um horizonte
Além de tudo que agora se vê
Jorra uma fonte de águas deslumbrantes
Uma ave plaina feliz no novo amanhecer

Lá, há pura alegria, jaz a espera
Ouço risos, sons de crianças
Não é sonho, tão pouco, quimera
Confidenciou-me a esperança...

Disse-me: confia e espera
Ainda que o céu pareça obscuro
Que ventos abundantes desfaçam as velas

Não mais se ouvirão gritos no escuro
Descansarão as almas alquebradas das celas
Ouçam os acordes, entoados no novo futuro...

Mórbida...

Mórbida...

Se eu me for
Que vá, sem dizer nada
Não importa, ainda que apagues minhas pegadas
Que ao sair, limpe os pés na porta de entrada
Quero partir sem saber a hora
Não levarei lembranças de outrora
Que vá, e deixe apenas aroma de rosas...
Que eu adormeça o tempo
E se for chegado o momento
Deixe tudo em meio a uma prosa...
Não quero tempo para despedidas
Não tenho coragem de encarar a sorte
Como encaro a vida
Não anseio partir
Mas se tiver que ir...
Que vá assim, sem sentir
Deixando saudades a porta
Sem pesares
Sem mácula
Sem volta...

"Atire a primeira Pedra"

"Atire a primeira Pedra"

Pai, não estás mais aqui
Feridas, cicatrizaram
Nada mais há em mim, que o condene
Sinto-me leve, leve deves ir
Nada levo, além da vida que me destes
E a qual, tanto amo...
Aprendi, o que temos é o que doamos
Somos o que ao longo do tempo somamos
Tudo aquilo que recebemos e guardamos...
Tudo gira e se nos permitirmos, mudamos
"Quem não tiver pecados, atire a primeira pedra"
Disse o mestre...
Somos fracos, por isso pecamos
O que nos difere como seres humanos
É a graça do perdão, que nos torna humanos...
Não o condeno, pai... Fostes o que podia ser
Por minha vida e a daqueles a quem amo
Oro por ti, nada ficou a dever...

Ema

Entre Olhares...

Fecho os olhos, vejo-me
Ser inquieto
Envolto em anseios
Ilusões perambulam
Entre castelos e medos
Por vezes
Fazem-se segredos
Onde
Meu eu se esconde
A bruxa supera a fada
Encolhe-se num canto
Perde a batalha...
Entre batalhas, a vida passa
Feito fumaça
Acho graça...
Permito-me um devaneio...

Sinto teus olhos...
Conhecem meu âmago
Despem-me
Viram-me do avesso
Em lavas aqueço
Sabes mais de mim
Do que eu mesmo
Se me esqueço
De ti, não me atrevo
Nessas viagens insólitas
Confesso...
Não há bruxa ou fada...
Te encontro, ou me perco...

Ema Machado

Papais

Papais

Onde foram morar teus sonhos?

Divididos em teus genes...

Também teus planos...

Multiplicaram, eleve-se!

De ti o melhor, ser pai

Assim, a vida mostra-se plena

Mesmo que não pareça leve

Destes fruto

Muda plena, muda cenas

Mesmo que não tenha sido o intuito

Ainda que lhe pareça difícil tarefa

É a que vale todas as penas...

Ainda que partas um dia

Deixarás aqui parte de si

Tua vida não será pequena...

Ema Machado

Amanhecer...

Amo, o romper d'aurora
Quando a terra envolta em densa névoa
Anuncia o dia, desperta lá fora
Se prepara para a corrida das horas

Cheiro de café já invade as ruas
Tem quem o saboreia sentado
Quem o tome em pé, e se tortura
Cheira a café forte, também açucarado

Espreguiça a fumaça na chaminé
Passarinhos saltitam em volta da mesa
Na igreja saltita e badala o sino da fé
Chama o povo de pouca fé e muita reza

Amo a vida, que a mim se descortina
Em infinitas cores, aromas e sabores
Abro olhos antigos de alma menina

Abro o coração repleto de amores
Amo a sinfonia dos dias
Amar, sempre será minha sina

Sem Hora...

O tum tum do meu coração ao vazio invade
E eu que nem sei, se é noite ou tarde
Perdi a noção de tempo, de hora
Contrariando, percebo
Não sou mais criança
E reclusa, chamam-me senhora...
Embora a vida caminhe
Por hora
Cedo ou tarde, tanto faz
O tempo se marca na pele
Nutre-se de vida
É voraz...
O tum tum do meu coração
Já não ouço mais
O Grito do silêncio
Grita mais...

Ema Machado.

Parto...

Parto...

Possuía olhar criança e sorriso de anjo.

Era doce, leve e clara feito neve

Voz melodiosa feito de banjo

Deslizava pela vida, tempo é breve...

Distribuía afetos, e sonhos

Era fada madrinha

Seu amor... medonho

Partiu...

Nunca parou e pensou ser apenas uma gestação

Teria apenas tempo necessário

O fecundar, nutrir e crescer

E veio o doloroso parto...

Hoje tornou-se sentimento sublime

Pariu...

Simplesmente a Saudade...

Amor Platônico

Amor Platônico

Deixe-me ir

Teu coração é terra ressequida

Não me prendas aqui

Sou planta quase morta

Não vou mais florir...

Deixe-me partir

Abra-me as portas

Há tantos canteiros fecundos

Em algum, posso ser feliz

Entendi por um segundo...

Dei-te mais, do que me permiti

Deixo violetas na janela

Vicejam para alegrar teus olhos

Carregam o cinza da cela

Antes, tão azuis como Abrolhos

Deixe-me ir

As paredes não me ouvem mais

Recusam meus ais

Cansaram-se de lamúrias

Disseram-me: Vá, olhe a lua

Não está entre paredes

Tem o céu para si...

Ainda que seja assim

Sei, como eu, ela também se consome

É solitária entre infinitas estrelas

O sol, seu único amor

Nem ao menos a tocou

Deixe-me ir...

Ema Machado

Vendavais do tempo...

Uma nuvem passa
Leva consigo o olhar profundo
Acompanha a alva fumaça....
O pensamento o segue
Não com tanta precisão
Perde-se, retrocede
Volta-se lá atrás
Persegue o passado
Roto, desbotado
Se foi meu, não parece mais...
Somos, roupas nos varais
Em movimento ao sopro do tempo...
E a vida aos trancos e barrancos quer mais...
Percebi há tempos
Sou resto de poeira no tempo
Genética de meus ancestrais
Carregando vestígios aos quais não entendo
Seguindo por caminhos pequenos
A espera de ir além
Do que, foram capazes...

Ema Machado...

Incondicional

Sempre a quis, vida
Até mesmo na boca do dia
Quando fui, sou engolida, digerida
Expelida na escuridão da noite, quase sem vida...

Gritei, confesso!
Quis ser ouvida, sou atrevida...
Bradei aos quatro cantos
Meus brados em versos

Sempre estive encolhida, porém, a vejo
Repleta de belezas infindas
O sol beija-me nas manhãs em acolhida
Aquece minha alma ferida

Pássaros cantam, gorjeiam para mim
Não há melodia igual
Alguém lá de cima me tem amor sem fim
Ainda que para muitos, não pareça normal

Amo-te, vida!
Hoje posso olhar o céu
Não através de meus míopes olhos
Olho-te com olhos sem véus

Por isso grafo meu amor por ti
Eternizando-o no papel...

Reflexo...

Reflexo...

Não anseio vestir-me em plumas
Nessa rotina mórbida, só cheira a dor
Dos banhos de sais e espumas
Nem mesmo aroma restou

Olho-me no espelho
Dispo-me dos artifícios
Vejo-me por inteiro
Onde mora meu eu, ou seus resquícios

As paredes engoliram meu orgulho
Incertezas suprem o espaço
Sou apenas o entulho
Que anseia, o universo de um abraço

Nas telas, apenas números a mais
Tantas perdas, tantos danos
Quanto custa em reais?
Que valeram nossos planos?

O futuro já se escreve
Em breve, seremos apenas história
Como nossos ancestrais...

Roda viva

Roda viva

Vivo das sobras de sonhos

Pouco resta, do pouco que a mim proponho

A vida impõe caminhos diversos

Nem sempre, de encontro àquilo pelo qual me interesso

Sobrevivência é madrasta, distorce vontades

Parecem nefastas

O medo da escassez invade

Sinto, vivo pela metade...

De retalhos de sonhos

Costuro pequenos prazeres

Ainda que me seja roubado o tempo

Aquilo que anseio

É tempero para seguir

Neste louco meio....

Ema Machado

Como estrela...

Como estrela...

Pode ser que eu seja apenas
Como aquela estrela brilhante
Que lhe pisca incessante
Quando chega o anoitecer...
Porém
Ainda que venha o dia
Com certeza saberias
Sempre estarei ali...
Ainda que haja nuvens
O céu venha escurecer
Pedirei a Deus que sobre o vento
Abra espaços entre elas
Para que possas me ver...
Se acaso teu sentir
For de tristeza, agonia
Olhai os céus com os olhos da alma
Estarei a sorrir, enviarei minha alegria...
Mas se acaso de mim se cansar
Diga, a mim enganar não tente
De tristeza transformarei
Em uma estrela cadente...
Ema Machado

Corda Bamba...

Não, não me isento de culpas
Ignoro vozes
Fujo, não ouço razões
Minhas vontades ocultas
São tantas
Permeiam minhas visões...

Sigo pela corda bamba
Certezas, são improváveis
Quase caio
Quando me vejo em roda de samba
Surpresas
Adrenalinas adoráveis...

Rotinas, se são necessárias
Faço, desfaço
Viver é isso, algo impreciso
As mesmices são represálias
Às vezes
É delicioso perder o juízo...

O amanhã aguardo
Não sei, se como tenho sonhado...

Querubins

Quanta pureza, nos olhos que a mim procuram
Contemplo sorrindo o ontem que não vivi
A alegria que perdi...
Anos de algodão
Dias de descoberta
Dias, que se perdem na imensidão
A mente cresce, doçura se perde
Lembro dos meus dias, era tão quieta...
Sombras eram densas florestas
O olho mente, mas, sonhos são diferentes
Têm fadas, príncipes, bruxas e duendes
O medo, o maior dos monstros
De minha mãe, ainda me lembro dos contos
Casas velhas, porões
Monstros e assombrações...
Não mais intimidam, o eletrônico é audaz
Ocupa espaços e não satisfaz
Querubins não voam mais...

Estação inverno

Me abraço
Há tanto espaço
Sinto o vazio, meu fracasso...
O horizonte se impõe ao longe
Só, não desejo seguir
Carrego tanto amor
Em tão pouco espaço
Se tornou lago, e eu monge
Tantos foram os planos, e assim
Embora os tenha, sinto-os tão longe
Feito o amor, jaz intacto, repousando

O coração bate acelerado
Cada vez que me lembro de ti
Penso que, aí me perdi...
Ontem o conheci, amei
E nada o trouxe para mim...
Quem ouvirá meu canto?
Quem irá enxugar meu pranto?
Chove lá fora
Chove cá dentro
Inundação de sentimentos...
Pendem meus braços
Perde-se o pensamento...

Existencial

Eu... Um dia espírito indômito Agora, apenas fumaça
Vendo a vida do alto
O vento sopra
Um sonho se afasta... Pobre ontem, folha de outono
Perdeu a cor, podre tombou
Nutre o solo sem deixar marcas
Não há feridas ou dor...
Eu...
Partícula de poeira
Nessa imensidão que me arrasta
Hoje é, o amanhã é terra escassa...

Ema Machado

Os Ipês e o tempo

O tempo passou
Mas, ainda é cedo
Vejo marcas, as percebo
E o tempo
Passar não vejo...
Manhãs me despertam
Adoro seus beijos
Sejam quentes ou frias
Com calor as recebo
Lá fora
Sempre é novo dia
Espera, ou oferta novidade
Se não há, pinta
Outra cara, outra realidade
O tempo passou por aqui
Vejo marcas
Ainda que parcas...
Os ipês perdem as folhas
Espalham-se pelo chão
Nus, não estão
Vestem-se de flores
Exibem-se, ou não?
Lindos! orgulhosos
Anunciam nova estação...
Que o tempo passe
O olhar aprecia cada momento
Embora, sejam os mesmos olhos
Nunca é mesmo o pensamento
O tempo passou
E ainda é cedo
Ontem era inverno

A primavera adianta-se
Nos Ipês, a vejo...

Ema Machado

Transição...

Lembro-me das noite frias
Quando sob sua pele
Não mais a queria...
Eras doce, porém
Lembro-me dos desejos em açoite
Quando em mim, não mais cabias...
Lembro-me do sorriso amarelo
E o escárnio paralelo
Que no teu, refletia...
Lembro-me, do ser que fui
Do que me tornei
Das transições que sofria...
Hoje, nua de cerimônia
Deixo que vá
Não mais a ouço, lembrança
A transição está completa
Sou outra...
Apenas minha...

Ema

Quando para o tempo

E ela...

Amou como fosse a última vez

Entregou-se ao desejo

Como não tivesse sensatez

Beijou

Sentindo na boca um gosto raro

Serviu-se do prazer de ser

Que lhe era tão caro...

Despediu pensamentos

Despediu o tempo

Era seu o momento

Viveu-o tão intensamente

Que perdeu os sentidos...

Adormeceu

Entregou-se ao sonho e a Morfeu

Desperta o sorriso

Seu tesouro nunca seria perdido

Ninguém o roubaria

O eternizaria

Era só seu...

Ema Machado

O que mais desejo...

Imerso nesse mar morto
Sufoco em ânsia, absorvo o pior de mim
Regurgito passados rotos
Rumino, poderia não ser tão ruim...

A vida é sábia, exige reparo
E a entendo, no agora, não cabe o remendo
Pagaremos caro...
Jaz a vida, adoentada por nosso veneno
Pelas ações desmedidas, por não sentir acolhida

Abraço meu medo, não há olho no olho
Que a fé nos sustente
Ponho-me de joelhos...
Que haja tempo, para fazer diferente...
Olho-me no espelho...

Imerso nesse mar morto, vejo
Vida é o que mais desejo...

Loucura...

Amou...

Não como amam os fracos

Como um bravo

Que ao perder a batalha

Ainda acredita em vencer a guerra...

Ou seria, como o louco?

Imagina... Sonha... Inventá...

Agarra-se ao seu porto...

Adeus!

Escrita pequena...

Tão pouco, nunca mais...

Tão cômico...

Como dizer nunca mais, do que não se teve?

Do cheiro que não sentiu

Da pele que não tocou

Da boca que não provou

Do riso que não ouviu

Apenas...

Olhou a lua no céu

Amou...

Nunca mais, parece uma estrada longa demais...

Despertar...

Deito minhas vontades, repousam na morada
Se não há como saciá-las...
Não há porque, permanecerem acordadas

Deito minha pressa, repousa em algum lugar
Não há porque mantê-la aqui
Se não há onde possa chegar

Deito meu orgulho, não pode acordar
Se escondido permanece meu rosto
Não há razão para se mostrar

Deito minha importância
Ante a morte, não há relevância
O invisível é maior que eu
Desperto minha insignificância...

Meia estação...

Meia estação...

Nuanças em um cinza avermelhada pincelam o fim de tarde. Observo o final da estação, despeço-me do inverno, hoje quente como verão.

A mãe terra ressequida, anseia por chuva, a primavera jaz no ventre a espera...

Hoje parei nas horas vagas, não há nada a minha espera. Sou o ponto na estrada, a espiar da janela. Ainda ontem a visão era ampla, no passar dos anos, quase se apaga...

Dou-me conta que pouco do que faço, conta. Ainda que contasse, a descida já foi iniciada.

Olho para trás, brumas encobrem erros e acertos. O que costurei, foi feito, não mais importa se cerzi ou se bordei, fiz além da cota.

O dia, aos poucos se deita. Descanso meu olhar, fecharam-se as cortinas, é preciso trocar o cenário. É hora da noite se apresentar, não verei seu traje de estrelas e luar, fecho a janela. Capto apenas o desejo de sonhar...

Estágios I...

O que sou eu?
Grão de areia que na poeira do caminho se perdeu?
A lágrima que não caiu, sorriso que não saiu
Palavra que não mais se fala, pois doeu...

O que sou eu?
Fruta que muitos veem e ninguém colhe
Poeira na soleira da porta...
Brisa que ninguém sente
Flor sedenta, quase morta e não há quem molhe

Não sei o que sou, mas, sei quem sou...

Sou, a anedota que ninguém mais riu
O tapete no meio da sala
Um passado que quase partiu
Restou só a mala

Foto antiga que na parede a profana
Ninguém a quer ou ama
Sou velhice, demente e insana...

Momentos...

Espio pelas frestas do pensamento... Eis meu eu encolhido, segue a vasculhar momentos vividos durante o dia. Assim, destila sentimentos.

Lá fora, a noite se faz presente, como os vestígios do medo que em mim ainda recende. Queria que fosse volátil, mas, frente ao desconhecido é cada dia mais aspirado... Às vezes o engulo em silêncio, entra tão pesado...

A rotina vai retomando seu espaço, agora repleta de seres mascarados. Quem precisa ir, vai e volta calado. O restante desafia o inimigo, não se intimidam. Que não sejam os maiores culpados!

O instante se faz cansado, clama por uma música, nela tenho me encontrado...

Dá-me...

Dá-me
Notícias suaves
As que agora recebo se tornam entraves
À toda e qualquer criação
Anseio a poética
Em livros e telas
Embora não seja cética
A triste realidade que nos cerca...
Dá-me notícias belas!
Que meu pensamento
Viaje em sonhos serenos
Nesse céu tão pequeno
Que as nuvens sejam brancas
Tristezas já foram tantas
Que os olhos jazem míopes
Com tanta poluição...
Pobre humanidade!
Caminha pelas esquinas
Construindo ilusões
Quando tudo que a vida ensina
Viver é viagem sem volta
Estamos aqui de passagem
O destino não se compra
Em dinheiro ou cotas
Ser feliz agora
Tudo que importa
Para que tanta carga nas costas?

Égide...

Essa onda inquietante
Avassala
Queria chão, ainda que eu caia...
Incautas palavras
Ansei a poesia
Toques musicais
Telas florais
Como as queria...
Sinto-me tão incapaz
Não fosse teu amor pereceria.
Adormeço em teu silêncio
Só em teus braços me sustento
Nesse espaço nos perdemos
Moldados pelo sentimento
Prazer infinito,
Nesse momento não há chão
Dele não preciso
Basta
Voo ao paraíso... Ema Machado.

A Poesia adormeceu...

Quando a conheci, a alma fez festa
Eram tantos sentires
Um paraíso resplandeceu
O estômago encheu- se de cócegas
O cérebro de borboletas
O arco-íris as recebeu...
Nem sei se fui totalmente feliz
Pela primeira vez, fui dona de mim
Tive além do que sonhei
Até um rei... E um fim...
No momento, menos que acreditei
Você não coube mais em mim
Nem sabe, o quanto sonhei...
E agora, por onde andas?
Ante a morte, somos incapazes
Sinto-a próximo, vestida de infidelidade
Deve ser o peso da idade...
Será, outro obstáculo a ultrapassar?
Felicidade, ando tão cética...
Até a poesia adormeceu
Acho que não me encontro
Nem aqui
Onde, deveria haver rimas e métricas...

Horizonte Azul...

Já não ando em teu encalço
Tão pouco ouço teus uivos
Apresssei o passo
Não anseio mais a noite
Conduzia-me ao lasso...
Hoje
As horas seguem dias mais doces
O ontem, foi-se
Aspiro perfumes das manhãs
Há tanta vida nas cores
Anseio a mente sã...
Teu esboço perdi
Pinto outra tela
Nela me vi
Longo foi o inverno
Escuras madrugadas
Meu terno eu de alma alada
Foi ao inferno...
O mar é bravio
Mas o horizonte é azul
Nele navego...

Confusão...

Confesso,

Chegando feito ventania

Adentrou a morada vazia

Nem perguntou, se era o que eu queria...

E assim...

Desconcerta minha certeza

Trazendo tua alma vadia

Teu jeito de pirata a invadir minha pacata natureza

Trouxe o olhar faminto

Despertador de loucos instintos

A luxúria de se ver desejada

E esse desejo que em mim

Fez morada

Digo-te!

O que queres que faça?

Fujo de ti e de mim

Nas altas madrugadas

Vens aqui, roubas minha sanidade e minha pele maltrata...

És o fogo que me consome

És tudo do que fugia

O delírio, o pecado

A maldita distância a nutrir a fome...

Confesso, ainda que queira

Não sei o que fazer

Inventei histórias, amores

Sabores...Nada justifica esse querer

Essa nossa história

Tornei-me enigma

Não tenho como, decifra-me!

Só tu podes, tornei-me instantes, perco as horas...

Nostalgia...

Não mais se oferta flores, não lhes aspiramos o perfume
Tão pouco despertamos para suas cores...
Já não se ouve cantos de pássaros
Não se aprecia o cantar das fontes, das cascatas
Pouco verdejam os pastos
Nem nos importa os habitantes das matas...

De amor, não se fala
Não se usa mais beijo na fronte
O olhar não mais se encontra, cala
Ou se faz horizonte...

Não se cala um nome
A mente deseja, não se encanta
Sou do hoje, tendo a alma no ontem

Amo delicadezas... Se houver, desafio
Quem quiser, aponte
Beleza maior, que o amor cultivado ontem
Ema Machado

Chuva primaveril

Ela chegou devagarinho
Cuidadosamente rega
Como mãe, ao banhar seu bebezinho
Não quis desfazer flores
Sedenta a sua espera
Germinaram, antecedentes a primavera
Acaricia o solo ardente
Refrigerou o ar quente
Beija a nascente
Devolve a vida até quem já murchou
Chuva límpida, menina
Lava sem reservas
É mãe que cuida da terra
Assim desperta a primavera...

Entre selva e céu...

Eis-me

Frente à selva de concreto

Cá, habitam seres diversos

Alguns, carregam um deserto

Entre muros lisérgicos, luzes e o ilusório

Há uma batalha em ação

Sobras, compõem o cenário comprobatório

Vivem estirados pelo chão...

A cidade faminta engole

Sua enorme boca repleta de arranha-céus

Mastiga sonhos temperados com fé

Nutre-se do ego de sua prole

O céu, artigo de comércio para quem quiser

Eis-me aqui

Frente a selva de pedras

Busco um oásis, sigo o curso

Às vezes caminho, em outras navego

Tateio às cegas...

Busco um céu

Isento de onerosos custos

Entre carros, tráfego

Uma pipa passeia ao léu, parece absurdo...

Ainda creio em anjos...

Impaciência...

Plácidas tornam-se as horas
No gotejar do tempo
Um segundo, um minuto...
Um segundo, um minuto...
E o olhar, no tempo trafega
Longa e infinda espera
Maldita sejas, impaciência!
Consome a alma sedenta
Sufoca, aprisiona
Sem clemência!
O olhar trafega
Goteja o tempo:
Um segundo, um minuto...
Um segundo, um minuto...
Apenas um momento
E lá se vai à saudade
Rindo-se de minha pena
Silencio em resposta
Ligo, ouço tua voz
Goteja o tempo
Um pouco mais veloz:
Um minuto, dois minutos, três...
Perdi a razão outra vez
Não é o relógio
Goteja meu coração...
Tum! Tum, tum! tum

Ema Machado/ 2017

Liberdade

Ela é espírito indômito
Segue o vento
Monta suas asas
Em esplêndido movimento

Sem fixar moradia, faz-se arredia
O mundo, sua casa
Não tem tempo, nem hora
É senhora do agora... Quem diria...

Uma ave que ninguém vê, nem prende
É caminho sem direção
Às vezes faz parada breve
É doce, leve, o melhor que se sente

Não sei onde está
É anseio de todas as gentes...
Deixa rastro, mas é difícil de encontrar...

Chamas do pecado...

Hoje vi o pecado
Tinha o rosto desfigurado
Ardia pelo chão
Estava faminto
Devorava florestas, animais e rios
Suas chamas estavam no cio,
Contorcendo- se queimavam tudo que lhes viesse a mão
Sórdido, o pecado contamina
Sem tributos, astuto
A ele o maligno se aninha
Usa-o e é ofertado
Com toda sorte de destruição
Hoje vi o pecado
Tinha fome de vida
Expelia fogo feito dragão
Enamorou-se da ganância
Não veio só
Trazia a morte pela mão...

Escravos das horas...

Dizem, as horas marcam o tempo
Qual é mais voraz?
Defina, se fores capaz...
Segues as horas, ou, elas seguem seu tempo
E diga, qual a você pesa mais?

Siga, e pense...
O que lhe marcou mais, tempo de glória
Ou tempo de penúria
Marcou-lhes, em horas?
Quais mais sente...

O que ficou mais marcado
Seu tempo de anjo
Ou suas horas de pecado?
Ou, em horas
Pouco lhe ficou marcado

Não diria o mesmo quanto ao tempo...
Olhe para você, na tez ficou marcado
A vida não é feita de horas, mas, de momentos
Desperdiça-los é pecado

Mais vale o dia feliz
Um aprendizado, ou o tempo por nós
Será apenas um passado...

Prece

Senhor
Dá-me olhos, que eu veja o invisível
Ouvidos para ouvir o inaudível
Sensibilidade, para acolher o imperceptível...
Que eu tenha lábios
Para gritar o indizível
Que saiba abraçar
A causa do pequenino
Ser solo e saiba ensinar um caminho
Quero semear flores no deserto
Anseio ser a mão que está por perto
Que saiba repartir o pão
Que o amor encontre em mim
Terra boa para plantação
Mas...
Se nada disso puder fazer
Perdoe, senhor
Não fiz por merecer...

Não fosse...

Não fosse...

Não fosse esse jeito sisudo de olhar doce...

Não fosse essa mania de contestar tudo

Fazendo com que eu me perca

Quase sempre ceda...

Não fosse esse jeito de homem

A provocar minha fome...

Não fosse esse jeito de pecado

Não o teria encontrado...

Não fossem meus pés calejados

O coração cansado...

Não fosse o medo ao lado

Ligando o pisca ? alerta

Na certa...

Já teria me entregado...

Não fosse essa covardia

Não serias apenas uma foto

Que há muito tenho amado...

Fim de Jornada...

Fim de Jornada...

Quando tiver que partir, não me prenda aqui
Até aonde vim, deixo-lhes minhas pegadas
Será finda minha jornada
Quero que assim seja
Irei como se vai a primavera
Sabendo que após sua partida
Há o verão a espera
Ir, como se vão os rios, após vencerem desafios
Perdem-se no mar, sem volta
Quando tiver que partir
Não peça para eu ficar...
Nem mesmo quero te ouvir chorar
Lembre-se, o sol parte todos os dias
Para sorrir em outro lugar
Não me prendas além da saudade
Deixe que ela tome meu lugar...
Um dia, simplesmente lembrança se fará...
Quando tiver que partir, deixe
Que eu parta...

Aprendiz...

Aprendiz...

Na imensa duna de minhas vontades

Reconheço o pecado

Observo quão voláteis se fazem

Viram- me do avesso, insustentáveis

Nem eu, tenho me perdoado

É quando não me reconheço...

Nas horas de estupidez

Ainda falta aprendizado

Reconheço minha pequenez

Escolhas nos tornam poeira na estrada

Um redemoinho nos leva

Por vezes, cega a jornada

Anseios de ir além do horizonte

É o que nos move no caminho

Ainda se a busca, seja sem saber para onde

Há decerto um destino

Espera-se muito para se viver

E o hoje deixa de acontecer...

Confesso, tenho pecado

Peço ao tempo

Tempo para fazer o contrário...

Vida líquida...

Vida líquida...

*Deixo, o tempo escorre sem medida
Pendem pernas e braços
Destituídos de vontades, compõem a cena vazia
No silêncio da barra do dia, há tanto espaço...
Meço sentidos adormecidos, inalterados
O que é prudente, o que é pecado?
Tenho me perguntado
Ser ou não, condescendente?
A prudência cochila ao lado...
Nada me pesa além dos anos
O tempo escorre, como escorrem juventude e planos
Há pouco por fazer, sou barco à deriva
Agora no lago dos anos...
Já me fiz serena, a contemplar o humano
Nessa vida líquida, parecem tão insanos...
Mudo a cena, vida é tão pequena...*

Pequena andorinha...

Partiu

Foi-se, como passarinho

Que abre as asas, e do ninho

Voando, plainando devagarinho...

De repente pelo céu anil se vai...

Pássaro frágil, na boca o riso fácil

No olhar, a lágrima que não cai...

Não viveu para si

Para outros, consistiu seu existir

Não se ouviu um único ai...

Via-se, embora houvesse luz

Há muito, apenas sobrevivia

Faltava-lhe o sopro de vida

A chama tênue, aos poucos, extinguiu

Não havia cansaço no pouco espaço

E no coração que apanha...

A força se esvai...

E a andorinha-do-campo

De olhar miúdo e andar manco

Abre as asas, volta para casa... Vá, em paz...

De volta ao pó...

Partículas de poeira
Suspensas no ar, sem eira, nem beira
Misturam-se numa dança sincronizada
A mente a segue extasiada...

Dealbando ideias, dou-me conta
Misturados aos seres
Quanto há aqui, de partículas de nossos avós?
De nossos ancestrais, quais se diferem ou pesam mais?

Nada, além de pó somos, somamos
O que ninguém deseja, o que na lida limpamos
Quando partir a luz que agora habita em nós
Ao pó retornaremos, compomos o chão que pisamos

O pensamento, agora se balança...
E alguns, pensam que podem mais
No pó nos misturamos, não somos só...
Partículas do universo... É o que somos..

.
Um dia não muito distante
Assim, nos veremos...
Que estejamos em paz...

Sonata no meio da tarde...

Teço, artimanhas repletas de sentires
Nesse universo de versos, a alma não reclama
Alguns pingos acertam a vidraça e a poesia não disfarça
Andou recolhida, mórbida ante a partida
Quer sair, ainda anda um pouco sem graça
A trama continua, aspiro cheiro de terra molhada
Olho lá fora, a tarde vestiu-se de cinza
Abro a janela e uma brisa adentra a morada
Faz-me uma carícia, feliz a recebo, era desejada
Estremeço... Um pensamento desce a escada
Retorno, refaço o caminho, nada é permanente, tudo passa...
Ontem na tarde amarela, minha alma escorria
A tarde ardia e a alma gelava...
Ao longe uma melodia me chama, esqueci que ouvia
Beethoven... Moonlight Sonata...
Ema Machado.

Outro horizonte...

Diga!

Há quanto tempo, teu olhar não passeia no horizonte

Vive imerso nos sonhos, ou até mesmo no ontem

O dia nasce, se sempre esperas o amanhã

Nunca terás serenidade

Receba o hoje, viva a plenitude do agora

É primavera...

O amanhã pode não vir, ou dele nem poderá usufruir

Talvez seja apenas quimera...

O hoje, é sempre um presente

Se não gostastes do ontem, faça o hoje (diferir)

Desperte seu melhor sorriso, o beijo na fronte

Ligue para aquele amigo distante...

Abra a janela, depois as portas

Que a alegria adentre

Verás, seu viver diferirá

Há sempre outro horizonte...

Ema Machado

Cenas pequenas...

Cenas pequenas...

Quando ainda era manhã
Sofria... Se foi, sem muitas peraltices
Passou por mim, sem que a visse
Veio a tarde quente, como minha mente
Junto, a descoberta, cresci cheia de crendices

Ainda ontem, pensava que era gente
Período de gostos e aroma de flores
Alguns espinhos, sonhos em tons multicores
A vida passa e nem se sente...

Pobre, de mim...
A rotina engole, hoje ao olhar minha prole
Percebo, a batalha é constante, sobrevivi...

A noite se aproxima...
Não há estrelas, apenas o meio olhar da lua
Avisto o fim da rua...

11/10/2020

Despedida...

Ela
Que naquele momento não dizia nada
Engole lâminas, cortaram sua fala
Apenas sangrava...
Abriram-se as comportas da alma
Águas caudalosas jorraram
Ergue os olhos ao céu, como quem quisesse voar
Permaneceu ali, de pés e mãos atados
Mal conseguia caminhar...
E foi tamanho o desespero
Que o infinito inteiro, pode ouvir-lhe o penar...

Ele partiu
Nem sequer a viu sucumbir
O coração partiu-se em duas metades
Uma, permanecia a sangrar ali
A outra, ele levava sem piedade
E nem mesmo lhe cabe...
Ema Machado

Sozinha...

Sozinha

Entregue ao pensamento...

Nutre-me, bate ou acaricia

Nem sempre carrasco, às vezes condena

N'uma lembrança, em um lamento

N'outras, apenas momento, e a cena que se inicia...

Sozinha...

Como ilha, flutuante n'um mar de gente

Repleta de sonhos que povoam a mente

Sem tempo ou ânsia para curar o coração demente...

Sozinha...

A solidão que já não me isola

Acompanha-me, quando estou comigo mesma

Às vezes maltrata, e as vezes consola...

Sozinha...

A mais sofrida de todas as escolas

Não há quem ouça a pergunta

Não há respostas permanentes, nem hora...

Saúda-me a aurora...

Corpo fechado

Corpo fechado...

Ema Machado

Ela andava atenta, a espreita. Estava irritada com aquela situação - afinal, ninguém conseguiu se safar, até então... Aquele a quem deveria levar, não iria escapar novamente...

Vestira-se à (caráter), o longo vestido negro de capuz caia-lhe bem. A foice estava reluzente e as longas unhas afiadas. Não se esquecera de nada. Até o cenário era ideal...

A noite prometia, chovia manso e uma densa neblina encobria a visão. Ela andava de um lado ao outro, incansável. Em uma dessas, um motorista atrapalhado derrapou na pista, só não capotou porque ainda não era o momento de sair de cena, tão pouco o lugar era dele. Teria que aguardar a vez, ainda teria seu tempo.

Alguém gritou-lhe:

- Seu louco, vê se dirige com mais cautela! Quase provoca um acidente!
- Não tive culpa, algo passou na minha frente! Tentei frear, pensei ter visto alguém...

Ela ria da irritação que provocou... Se não tivesse tanta gana naquele garoto!

Não sabia porque ele tinha tanta sorte, se safara dela por duas vezes. Más não teria mais como...

Ele não se importava com prenúncios. Há tempos a sentia por perto. Duas vezes sentiu seu hálito gélido sobre a pele, marcou encontro com ela... E não foi...

Trazia marcas no quadril, ela o arrastou para debaixo de uma dessas carretas de transporte de carga. Foram várias fraturas pelo corpo, mas ele não se deixou levar, lutou muito e venceu. A moto ficou em pedaços...

De outra feita, tinha despencado de um barranco, enquanto fazia uma trilha. Ficou sem a moto e sem andar por um ano... Decidiu comprar um carro, motos estavam lhe causando muitos prejuízos...

Rui saiu do trabalho às dezoito horas. O dia continuava sisudo, não havia muito o que fazer, restava-lhe apenas ir até à casa da namorada, como sempre fazia as sextas-feiras.

O carro adquirido recente, dava-lhe uma sensação de aconchego e segurança para um dia chuvoso como aquele.

Enquanto dirigia, ia pensando sobre a árdua rotina daquele dia, não foi muito fácil, desentendeu-se com o chefe e acabou sendo deslocado para outra função. Tinha sorte, afinal não fora demitido como muitos ali queriam. Aquele emprego no ramo imobiliário era importante para ele, a namorada estava grávida, preparavam um cantinho para morarem juntos.

Milena era perfeita para ele - linda, carinhosa e sempre buscando alternativas que facilitassem um relacionamento cordial. Quando disse que esperavam um filho, disse a ele que não iria pressionar para ficarem juntos, porém era o que ele mais desejava...

Parou no sinal vermelho e olhou para fora, algo o incomodava, não sabia exatamente o que poderia ser...

- Ei, perdeu! Saí do carro, anda, anda!

- Estou indo, não preocupa, mano!

Descuidou-se... A janela estava aberta, ele sentiu o cano frio da arma no pescoço. Saiu do carro e ficou observando o bandido sair com seu carro, cantando pneu...

- Droga, mil vezes droga! E agora, o que faço?

- Calma, Rui, precisa pôr os pensamentos em ordem. Dizia a si, andando de um lado ao outro, passando as mãos pelo cabelo.

Apanhou o celular no bolso das calças. Antes de ligar para namorada, pensou que tivera sorte em não tê-lo colocado no compartimento porta luvas como sempre fazia.

- Oi! Amor. Acabaram de levar meu carro. Vou fazer um registro na delegacia, ligar para o seguro e pegar um táxi para chegar aí. Não tem nada de valor dentro do carro e o seguro está em dia, não se preocupe. Beijo.

Dentro do carro, Jones ia pensando no próximo passo... Iria fazer alguns assaltos e depois deixaria o carro em algum canto, como sempre fazia. Ligou o rádio, mudou de estação até encontrar um 'funk' e pisou fundo no acelerador - estava a cem quilômetros por hora...

Ela ficou radiante quando viu o carro dele virar a esquina, estava com pressa, ela adorava isso. Rapidamente colocou-se na posição de ataque. A pista molhada e um pouco de óleo eram seus aliados... Mais um pouquinho, e...

- Droga, não é ele! Escapou, novamente!

- Terei que levar este idiota aqui, por enquanto...

Do outro lado, enquanto ainda fazia o registro na delegacia, Rui recebia a notícia da perda total do carro...

- Ainda bem! Que fiz o seguro, seu delegado! Ainda bem!

Não muito longe, um anjo alçava voo. Completara a missão para a qual havia sido convocado... O bebê a caminho teria um pai...

Despertar de um Coração

Despertar de um coração

Ema Machado

Você já parou para pensar? Muito do que vivemos não é por opção, muito do que sentimos, não ocorre por uma escolha. Você pode até achar tratar-se de demagogia, porém reflita, verá que tenho razão. Talvez, já tenha pensado algo parecido, quem sabe o assunto o desperte (nem um pouco pretensioso!). Bem, deixemos isso de lado e vamos ao que interessa. Irás compreender adiante, ao longo do que vou contar...

Quando nasci... Ou seria... Quando minha dona nasceu... Ou melhor, quando nascemos (isso, porque ela precisa de mim para existir, e eu dela; é claro!) esperei ansiosamente por alimento (não sabia ainda o significado do que queria), tudo o que pude sentir, resumia-se na adorável sensação de estar vivo, e isso eu precisava dizer - bati feito louco. Por mais que batesse, não me ouviam e gradualmente fui me acostumando. Diminuí o ritmo e passei a esperar - acreditava que as coisas aconteceriam ao seu tempo e assim foi. Também aos poucos recebia estímulos - minha dona era racional (ouvi isso de alguém, não me lembro quem), não se manifestava por qualquer coisa e quando o fazia, era intuitivo; sentindo fome, frio ou falta do corpo no qual fomos gerados.

Aos poucos fomos nos comunicando - minha dona enviava um sentir gostoso quando estava próxima àquela a quem chama de "mamãe". Esse, foi o primeiro sentimento ao qual guardei e que jamais seria apagado de minha "memória". Quando mamãe não estava, aos prantos minha dona feria-me - sentia tanta dor que desejava parar. Lembro-me bem, na maioria das vezes, nossa separação ocorria quando mamãe nos deixava na escola, dizia que iria trabalhar. Ao final do dia quando regressava, sentíamos aquele "calorzinho" delicioso, momento do reencontro de nós três ? upa! Pirei! - Apenas dois - afinal, sou parte dela...

Nossa infância foi tranquila, reinamos absolutos - mamãe não quis mais filhos e encheu-nos de mimos. Bastou chegar à adolescência para iniciar meu suplício...

Com hormônios multiplicados, minha dona não me deixava quieto. Passei a receber sentires ruins, momentos aos quais, ela sempre denominava como sendo: "raiva"; embora momentâneos, os recebia quase todos os dias: por discordâncias com os professores, colegas de classe, atraso do motorista do escolar e outros tantos. - Pobre de mim! - defendia-me como podia - tentava expulsa-los, bombeava forte o que nos mantinha.

Certo dia, os olhos nos apresentaram a uma nova pessoa. Senti aquele "calorzinho" e confesso: fiquei apertado de tanto medo. Não me contive e fraquejei, quase derreto inteiro... Minha dona também - liberou milhões de hormônios por todos os poros. Nosso comandante cérebro, coitado! - até então racional, perdeu o juízo ? levou-nos para outro universo: o mundo das nuvens...

Foram muitos, os bons e maus momentos, como tudo passa (isso descobri tempos depois) e entre um olhar e outro, eu não sabia qual sentir seria duradouro (esperava uma trégua) - minha dona não era muito constante, a essa altura, nem eu - batia por qualquer calorzinho a mim enviado. Completávamos quinze anos de existência.

Ainda me lembro da bela festa surpresa que mamãe nos preparou - recebi enormes doses de euforia - este nome aprendi com o comandante, também os de outros sentimentos; alguns eu acolhia, outros, o comandante decidia o destino. Às vezes até aconselhava-me fechar as portas...

Passou o tempo (bons tempos), avolumaram-se nossas responsabilidades. Agora, eu vivia sobrecarregado com aumento de afetos e desafetos de minha dona. Mamãe ia envelhecendo e a poupávamos - já não precisávamos tanto de colo... Minha dona passava horas a fio entre os livros, celular e computadores. Eu, sinceramente (não queria fraquejar) sentia falta daquele "calorzinho" da infância.

Um dia, sem nenhum aviso ou explicação, ela despertou-me da rotina ? Aconteceu ao encontrar um amigo da faculdade; seria um fato natural (ela sempre saía com os amigos) se ele não ultrapassasse a linha da serenidade, despertando-nos com um beijo - recebi uma dose tão grande de "estímulo" que até acabei ouvindo aquele meu tum! tum diferente - sincronizamos na hora! Encontrei nele um motivo para bater mais forte...

Os dias ganharam outro sentido, nos acostumamos ao bater do coração de Caio (esse era o nome que nos fazia querer saltar de alegria). Clara, minha dona, não queria mais afastar-se dele, e eu, tão pouco. Recordo-me daquele dia em que Caio viajou, senti-me tão triste que acabei contaminando minha dona. Ela acabou doente de tanta saudade. Pouco tempo depois descobri como era amar alguém que não nos queria: Caio foi embora para sempre, interessou-se por outra, e eu... Não desejava outro coração, além do dele...

Com o passar do tempo as coisas mudaram e gradualmente fui curado. Clara se entregou ao nosso comandante cérebro e guiada por ele, formou-se em medicina. Acabou enamorada pela profissão. Passei a receber outro sentimento, até então, desconhecido: compaixão - queria acolher a todos que nos buscavam. Estava sempre repleto de satisfação.

Pensei nunca mais abriria as portas àquele sentimento que tanto nos feriu, porém, minha dona acabou por enviá-lo novamente a mim... Dessa vez, ele chama-se Paulo, um cirurgião do hospital onde trabalhávamos. Foi tão intenso que nem tentei escapar; nos unimos poucos meses depois, não saberíamos mais viver separados.

O coração de Paulo era puro, compreensivo e sereno, passei a ouvi-lo. Era tudo que precisávamos - não haveria sentimento igual ou maior (pensei), me sentia completo...

Certo dia percebi algo diferente, um som parecido com o meu, estava tão próximo... Não havia como não estar ali comigo... Ele também fazia parte do nosso corpo.

Nunca senti nada parecido - outro coração seria gerado com meu auxílio, seria uma réplica de mim.

Quando deixou nosso corpo, eu também queria sair. Paulo e mamãe choravam e sorriam. Foi maravilhoso! Descobri um sentir tão diferente e intenso que entendi: mamãe um dia foi parte de mim, agora a entendo... Esse novo sentir seria para sempre meu, pois, embora ame outras pessoas, esse novo ser é outra parte de nós...

Março de 2018

Óleo no mar...

Óleo no mar...

Lendo o passado, o que ficou escrito, marcas do que foi apagado. Nunca antes o li na íntegra, e no entanto, constantemente o tenho analisado.

Páginas desfilam pela lupa do pensamento. Agora entendo... Sempre foi ele, o culpado, levando-me por despenhadeiros sombrios do pecado. Quis fugir, fui ao inferno, vesti armadura de guerra, batalha árdua, em céus e terra. Tudo inútil, venceu-me, sucumbi. Nunca mais fui a mesma, depois que naqueles braços caí...

O conheci no meio da tarde, quando pensava ter nas mãos a felicidade, porém, estava de passagem, sempre fugiu de mim. Vivia no deserto, e ela, era apenas miragem.

Ele era tudo, e nada. Tudo o que precisava, e nada com que eu deveria sonhar. As manhãs tornaram-se noite, sonhava acordada. Cada olhar que recebia, era água destilada, deslizando pela pele sedenta e a cada dia a sede aumentava. Lembro-me do instante em que bebi da fonte, dela, nunca pude sair...

Era um mar de promessas, naufraguei, tentei seguir, encontrar outro porto, no entanto em mar profundo mergulhei. Sabíamos, não era nosso aquele momento. Roubávamos o tempo. Não era nossa a história - a tatuamos na pele, sem sequer avaliar que se tornariam chagas. Nunca parariam de sangrar...

As paredes assistiram a batalhas, guardavam a energia emanada. O aroma de absinto pairava no ar. Não haveria vencedor, era uma batalha sem propósito, cada um se entregava à fúria do corpo.

O tempo encarregou-se de separar água e óleo. A água misturou-se ao mar, enquanto o óleo, flutua, ninguém conseguiu envasar...

Nada vale mais...

Â»

Nada vale mais...

Na penumbra da tarde

Vejo os minutos, escorrem

Gotejantes passam sem que eu possa conter

Faço um movimento inútil

Sorver o resquício do dia, foge devagar

Hoje, só hoje, desejaria que tudo parasse

Quem sabe assim

Não me sentiria, com o tempo escoar...

Idealizo um rosto no ar

Um sorriso largo

O olhar de afagos

E as palavras que derramaria para me fazer delirar

Não consigo encontrar

Nada, nem um rosto similar

Não desejo nada, além de te encontrar...

Devaneios, cenas ilusórias

Lampejos de uma doce memória

Uma longínqua história sem final

Como a tarde que se despede

Vestida esplendorosa em dourados raios de sol...

Amo

O sossego veio me acompanhar

Recebo sua massagem relaxante

Sinto-me em nuvens flutuar

Nada é tão gratificante, que sonhar...

Urbano...

Urbano...

O olhar vagueia

Navega no mar de concreto

Cimento, aço e areia

Imponente como o deserto...

A cidade já não anda, sobe

Grita, ninguém entende

Torre de Babel

Cumes de vaidades

Reinam no céu

O alcançam sem asas

Gigantes lisérgicos

Epitetados, casas...

Em muitos, habitam ganância e tédio

Livrar-se do pequeno, é remédio

Engolem, cospem em casebres

Moradas de pobres

Almas nobres...

Ricos de labuta

De força e lutas

Construtores de reis e palácios

Usando suor, sangue e os braços...

A cidade sobe, não dorme

Se alimenta de pobres, ricos e nobres...

Ema Machado

Confissões de um livro de Estante...

Só por hoje, queria um colo profundo
Que pudesse me livrar de toda indiferença deste mundo...
Só por hoje, queria ser embrulhado em abraço
Que fosse apertado e não sobrasse espaço
Além de mim e você...

Só por hoje, queria adormecer
Com a certeza que um novo dia aguarda para nascer
Que o vazio que por aqui vaga, não possa me preencher
Queria alguém, que ao menos uma vez pudesse me entender...

Só por hoje queria abrir sua mente
Levá-lo a uma viagem diferente, irias me conhecer
Vivo empoeirado na estante
Deixei de ser importante, aos poucos, perco a razão de viver...

Ema Machado

Germinar de Poesia...

Ah! Poesia,
Germina tua semente,
Já vai alto o novo dia,
E a alma desperta contente,
Germina tua semente...
Veja!
Eis que a alma contempla!
Com a cor se extasia,
Raios de sol e o azul-celeste,
Radiantes, feito a alegria,
Aspira então os perfumes,
Da vida que se anuncia...
Ah!
Divinal olhar...
Se no calor do momento,
Os olhos do poeta não se abrissem,
Toda beleza a contento,
Certamente lhe ditarias,
Teu olhar, no olhar do poeta,
Que só ele expressaria!
E tua semente germina,
Nos jardins do ser,
No qual agora habitas,
Seja tristeza ou alegria,
Certamente germinaria,
E assim,
No olhar do poeta há,
Beleza nas cores, nos amores,
Nas nuvens negras, quando a alma aflita,
Sua dor, seu lamento, chora e grita...
Se vê beleza na riqueza,
Na pobreza é onde poeta mais avista,
Pois, a miséria do pobre,

Na poesia é mais sentida, mais bonita...

Sei, poesia!

Não sou poeta,

Embora o queria...

Mas, sua semente germinada,

Em minha alma, agora habita...

Mari Machado

05/04/2016

Finados

Finados...

Chove

Uma chuva manhosa

Vagarosa

Feito eu preguiçosa,

Tentando descortinar o olhar

N'uma tentativa sem sucesso

Invadem pensamentos diversos

Introspectiva

Os deixo a vagar...

Despertas poesia

Sinestesia...

Ah!

Esse aroma de terra

Esse gosto de chuva

E o barulho que encerra

Os sentires do dia...

Aqui e lá fora

Escorre o dia,

Chora...

Chora os mortos

Chora os tortos

Chora saudades

Culpas e verdades

Chora em asfaltos e campos

É pranto

Esparso

Contido

Por aqueles que se foram

Pelos tempos idos

Todo pranto

Faz sentido...

Pintando um céu...

Pintando um céu...

Posso não chegar ao paraíso
Sigo, aproveito a tela, vou pintando meu céu
Cores serenas, toques imprecisos
Desenho, estrelas à noite brilham ao léu...
Perdida nessa imensidão de inconstâncias
Aqui, onde habita meu corpo me seguro
Meço entre mim e elas, distâncias
Embora pareça forte, flutuo, sou barco de papel
E as inconstâncias, o mar aonde navego...
Não há bússola que me leve ao norte
Qualquer vento que sopra impulsiona
Minha alma emerge, não espera a sorte
Por vezes também me canso
No remanso desse mar, adormeço...
Sonho, pintarei novo quadro
Posso pintar um sorriso, um pecado...
Amanhã, sol haverá. Nele irei me aquecer
Algumas nuvens, também vou pintar
Espero ser perdoado...

Ema Machado. 4/11/20

O cisne

O CISNE

Ema Machado

O pequeno ser, olhava estupefato a cheirosa iguaria colocada a sua frente. Seu estômago doía, mas, sua pequena mão não ousava obedecer ao comando da fome.

- Vamos, orar e agradecer a Deus o alimento. Dissera a mãe, e, meio que engasgada procedera o agradecimento seguida pelos demais.

- Coma, filho!

- Não consigo, Mamãe!

- Precisa, querido. Não há mais nada para comer, e se não o fizer, poderá ficar doente. Explica a mãe.

Cabisbaixo, o garoto maldizia a fome - apanha um pedaço de carne, leva-o a boca. Enquanto mastigava lágrimas escorriam pela face rosada - naquele instante jurava a si mesmo: Nunca mais comeria carne em sua vida...

Dera-lhe o nome de Guido. Seu pai o levou para casa juntamente com outros dois cisnezinhos, porém foi o único que sobreviveu. Os outros haviam morrido há algum tempo, perseguidos pelo cão de caça dos vizinhos. Desde então, Guido era a alegria de todos. Sempre o acompanhava nas peraltices pelo quintal.

Guido era desengonçado - o pescoço comprido parecia desproporcional ao corpo curto e arredondado. Aos poucos, foi crescendo e mudando de cor, tornando-se a mais bela ave que já havia visto. Possuía o porte de rei, gostava de exhibir a beleza no pequeno lago para ele construído. Quando alguém se aproximava da entrada, estava sempre a postos, fazendo as vezes de cão de guarda - era uma barulheira só, todos sabiam que havia alguém aguardando no portão. Ainda era fase de "vacas gordas" como se diz - a comida era farta e a família podia se dar ao luxo de possuir até empregados.

Enquanto comia, o garoto lembrava-se das vezes em que tentara monta-lo, ele saía grasnando e rebolando de asas abertas. Das vezes em que estando contrariado, sentara-se na escada da porta de entrada e Guido vinha se aconchegando - sempre o abraçava, ele deixava-se abraçar como soubesse de sua tristeza e quisesse confortá-lo.

- Filho, coma! Já está frio. Assim, não conseguirá terminar de comer, e, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar.

O garoto dá mais uma mordida, a garganta doí a cada engolida. A mãe o observa condoída, sabia o que Guido representava para toda a família. Era a alegria dos dois filhos.

Primeiro tivera uma menina, cinco anos depois, quando já não pensava ter mais filhos ficou grávida. Isso, há dez anos... Contempla seu corajoso homenzinho tentando alimentar-se do melhor amigo... Dias difíceis aqueles. A guerra trouxe escassez de alimentos em toda parte, não havia trabalho por perto e o esposo teve que ir para longe, em busca de sustento. Maria, a mucama que lhes servia, recusara-se a ir embora - não tinha para onde ir. Foi a autora do triste ato em preparar a ave para o almoço. Há dois dias não havia uma refeição decente, comiam apenas um pequeno naco de pão sem fermento, preparado com o resto de trigo da despensa.

- Mãe, posso perguntar algo?
- Pode, querido! O quer saber?
- O Guido, sentiu muita dor?
- Cada vez que engulo, sinto como se ele estivesse sofrendo.
- Não filho, acho que ele não sentiu dor. Maria fez um serviço rápido, e penso que não teve tempo para ele sentir nada. Agora, deve estar no céu dos bichos, nadando em um lago azul. Você come apenas a matéria que ele deixou para alimenta-lo. Foi por uma boa causa, ele também sentiria fome se continuasse aqui. Não teríamos como alimenta-lo.
- Está bem, mamãe... Sei que foi preciso. Mas, não posso deixar de pensar que eu o traí. Ele sempre foi meu amigo, nunca me deixou sozinho... E agora...

A mãe compartilhava do sofrimento do filho - sabia que não poderia aplacar aquela dor, abraça-o e juntos choravam. Manteve-se forte até aquele momento, porém, não suportava mais ver o quanto ele sofria. A filha mais velha, que até então assistira calada, junta-se a eles n'um abraço triplo - aquele seria um momento inesquecível...

Os três começam a recordar as peripécias de Guido, e acabaram deixando de lado as lágrimas.

- Lembra, o dia em que ele entrou no meu quarto e acabou sujando todo o tapete com os pés cheios de lama? você disse, que a qualquer hora o colocaria na panela!
- E você, maninho? Sempre queria fazer dele seu cavalinho, quando isso ocorria, ele sempre corria para o laguinho em busca de sossego. Dizia a irmã rindo entre as lágrimas, que teimaram em retornar aos olhos.
- Dona Joana, posso retirar a mesa? Pergunta Maria, cabisbaixa.

Entrou acanhada, com aquele jeito de avó. Ninguém sabia o quanto lhe custara o feito. Com lágrimas nos olhos matara e prepara a ave, e, enquanto o fazia, também lembrava das peraltices que o garoto aprontava com Guido. Em uma delas ele o pintara de azul, tinta com a qual o patrão pintava a parte externa da casa. Foi necessário muito sabão, até conseguirem remover toda tinta.

- Pode tirar, Maria. Acho que ninguém vai comer mais. Guarde as sobras para o jantar. Quando a fome apertar ainda teremos o que comer.

O garoto pensou na resposta da mãe. Será, que ainda teria que passar por toda aquela tortura novamente? Só em pensar, seus olhinhos se encheram de lágrimas mais uma vez.

O tempo passa, o garoto cresceu, agora é um famoso advogado. Formou-se e constituiu família - moram em uma bela casa. Como seus pais, possui dois filhos; um garoto de oito anos e uma menina de cinco. A vida seguiu curso e os filhos têm mais do que tivera a vida inteira: brinquedos, boa escola, passeios e boa diversão. Às vezes, em instantes de nostalgia, recorda os tempos de criança ? Pensa - as coisas atuais são tão diferentes! Os filhos sempre querem alguma coisa nova, parece nunca satisfeitos com o que possuem...

- Querido, já chegou! Vá tomar um banho. O jantar está quase pronto. Mandei preparar sua massa predileta. Também separei um gostoso vinho para nós.

Após um delicioso banho, ele segue até a copa onde todos se encontravam para o jantar. A mesa estava linda, seus filhos estavam desinquietos.

- Mamãe, não quero massa no jantar! nem salada! Será, que sobrou o pato ao tucupi do almoço?

Ninguém perguntou, porém, todos perceberam a repentina mudança naquele homem forte. Os olhos se encheram de lágrimas ao se voltarem para cozinheira que entrava. Trazia nas mãos uma travessa, continha o que para ele parecia mais um cadáver, o restante de uma ave... A lembrança

ainda o machucava, não havia esquecido a promessa feita ao amigo - Nunca mais comera carne em sua vida...

Luzes...

Luzes...

Não muito longe, quando a manhã se levanta
Passarinho, canta para mim!
Teu cantar acalanta
Não sei, cantar tão sereno assim...
À tarde, quando o sol arde e o cansaço já invade
Sinto na pele, suavemente beija-me a brisa
Beije-me brisa, seja meu refrigerio da tarde!
Porém, nas folhas percebo, já está de saída...
Volto a debruçar o olhar no horizonte
Quando a tarde se vai, linda, vestida em dourado
Despeço-me do dia, vê-lo ir emociona-me
Tanta beleza, aos olhos parece pecado...
Envolto pelo véu negro da noite, o sono tortura
Recebo o açoite...
Pela vidraça olho o céu, a lua. Clara e nua...
Anseio a luz divina, a única que não parte...

Era, uma vez...

Era, uma vez

Eras, o solo à minha espera
Nele finquei minhas raízes
E ainda semente, eu era...
Cresci, frutifiquei, éramos felizes
E no passar dos dias
Esqueci até do que sonhei...
Eras o tudo, que a mim nutria
Sem me dar conta, de ti me alimentei
Eras o sol que me aquecia
Teus desejos eram outros
Invadiu o inverno, de frio morria
E o solo, aos poucos enfraquecia...
Eras, te tornaste o deserto, de sede eu morria
Por sorte e do vento norte
Morreu tudo o que aqui me mantinha
Não há mais raízes ou morte
Não há solo, tornei-me pássaro
Voo sozinha...

Parto...

Parto...

Eis-me aqui

Frente a solidão que teima subsistir

Não a ignoro, tornou-se companheira

Amiga do pensamento, coveira de sentimentos

Engravida... Gestou um novo sentir

Sinto-me, estou grávida de mim

Há um "eu" adjeto, pronto para nascer

Diferente, confiante, sem medo de cair

Cresce em anseios, sem tantos entremeios

Não tem medo do porvir...

Estou pronta, somo tudo que aprendi

Há outro "eu" nascendo de mim...

Não há dor nesse parto, gosto do que senti...

Excessos ou pecados?

Excessos ou pecados?

Apure o olhar a sua volta, observe, a natureza tudo nos ensina. Egoístas somos, vemos somente, o que a nós interessa, e assim, pagamos muito por nossos pecados. Não gostamos de avaliações e/ou de "medidas"...

Como um rio que corre, passa por penhascos e deságua no oceano. Assim, nos vejamos. Se excedentes, as águas perdem-se, arrastam tudo em seu entorno. Se não há vegetação ou chuva, o rio seca. Porém, se abastecer na nascente, recebe o que lhe é necessário para a jornada...

Todo excesso é cobrado. Portanto, um pecado. A gula transforma-se em gordura, enquanto, fome mata. O frio excessivo causa hipotermia, o calor desidrata. O dinheiro excessivo é ganância, a menos é pobreza, fome... O amor excessivo é possessão, a menos, descaso...

Tudo precisa de uma medida, para haver equilíbrio. Assim, tudo foi gerado, evoluindo conforme a necessidade.

Tudo tem seu tempo, tudo é mutável, tudo parte - teve sua validade. O tempo nos ensina...

Embora o sol se levante, nunca é mesmo dia. Mas a planta, os animais e toda forma de vida, precisa de sua luz para viver. Tudo e todos, dependendo uns dos outros... A própria terra, precisa de nutrientes para ser como é... Ninguém ou nada, será eterno... Seguimos o ciclo evolutivo. Tudo que nasce, cresce e morre...

Sabemos, tudo passa..." Não há mal que perdure, nem bem que nunca se acabe" Espera-se quem vai nascer. Nunca se espera ou prepara para morrer...

Ema M.

Contando as estrelas...

Contando as estrelas...

Eu juro, tentava enaltecer o dia...

Contando estrelas, ouvindo dos anjos a melodia

Entristecida vacilei

Pude sentir a solidão nefasta se chegar

Invadia-me...

Como enxergar, em meio ao seu olhar perverso

Sentindo na pele seu afago gélido?

Como crer no amanhã, sentindo seu hálito cético?

Na penumbra da dúvida, a incerteza é cruel

Volto ao paraíso, que, só contemplei.

Ainda é o mesmo céu?

Conto estrelas, que apenas sozinha enxerguei

Via, então não me fiz de rogada

Usando o teclado, tatuei na tela vazia meus pecados

Tatuei meus dias passados

Uma história pintada entre os versos desordenados

O labirinto de sentidos...

Contando estrelas, traço um caminho no céu

Aonde trafega a alma e meu espírito alado...

Ema M.

Trajeta

...Quantas vezes você parou, olhou a sua volta e sentiu-se um grão de areia sendo carregado pelo vento? A inutilidade em tentar gerir a própria existência, construir seu próprio destino é o que mais pesa...

Acompanhar a vida com os olhos, enquanto o corpo é levado feito areia pelo vento... Convenções, idealizações sociais... Muitas vezes, fogem à nossa vontade, concepção e idealização pessoal - imposições que em maioria das vezes acompanham a condição social.

A realidade para muitos fere, impõe, conduz... O corpo segue, a alma entristece, se aborrece... Mudar, pode levar muito tempo.

Quantas vezes invade aquela sensação de estar em local errado, vivendo uma vida imprópria...

E o metrô segue... Mesmos trilhos... Mesmo trajeto... Mesmos rostos vincados pelas mesmas marcas... Olhos postos no infinito, feito robôs automáticos, cujo objetivo, é sempre chegar ao destino onde realiza a atividade programada...

Em meio ao destino, um parque... Pensamento viaja...

Um céu azul contrasta com o verde das árvores, flores... E o pensamento flui...

-Pobres, árvores! Assim como tantos... Em meio ao concreto cumprem seu papel, maltratadas, empoeiradas... Paira o sonho do silêncio... Sorrir junto às irmãs nas florestas, tendo nos galhos aves em festa... Adormecer embaladas pelo assoviar do vento...

Desperta o pensamento...

Confissão...

Confesse...

Que assim, como a mim

Essa distância o entristece

Que alçaria voo

Viria a mim se pudesse

Confesse...

Que sonhar comigo, é dádiva, privilégio,

Se não acontece

Sonha sempre acordado

Sorri

Imagina meu corpo ao teu lado

Quando se aquece

Após se cobrir no frio gelado...

Confesse!

Se arrepia...

Ao imaginar por mim ser tocado...

Confesse!

A falta que faço

Por não conhecer

O sabor mentolado de meus lábios

Nem sentir

O toque de meus dedos trêmulos em sua face

O enlace de meus braços

Quando sente- se solitário...

Confesse imaginar

Ser meu, o toque

Quando há outra a te tocar

Que sou eu a beijar sua pele

Na hora de se banhar...

Em fim

Confesse a mim

Como eu a você...

Quanto mais o tempo passa

E deseje te esquecer
Sinto que, meu sentir mais real
É, amar você...
Confesso...

Pergunta-me...

Não me perguntes, se te amo...

Veja... É claro como a água

E digo ainda...

Seria como tentar ocultar uma estrela...

Agora... Se me perguntas, o que é amar?

Direi...

É ter estrelas no olhar

Querer se doar...

É a paixão, o desejar...

Se ainda assim, perguntar-me...

O que é amor?

Direi...

É da vida o sabor...

Dos olhos a cor...

Da pele o olor...

O néctar desejado

O aroma que inebria...

Contagia...

É sonhar acordado...

Flutuar, sem ser alado...

Não cabe em um só corpo

Nem há como ser ofuscado

Irradia...

É fogo que não queima...

Mas,

Aquece...

O mais nobre dos sentidos

Também o mais belo...

Se é puro... Claro...

É Amor...

O peso da noite..

Sou negro, sim!
Arrancaram-me de minha nação
A ira, desceu sobre mim
Deram-me à servidão

Escravidão, a qual não esqueço
A noite pesa, eu a carrego e é meu pecado
Tatuou-se em minha pele como adereço
Minha pele não é livre, é ré, portanto sou condenado

Não grito pela dor, mas pelo olho que a mim fere
Sem estrelas, sempre foi o meu mundo
Sou da noite, de alma alva como neve
Meu sangue é vermelho, não imundo

De minha cultura tenho orgulho
Canto, danço, formamos esta terra
Negro, é o olho que a mim tortura
Se sou preto, sou branco, amarelo, não sou impuro

Disso tudo, o que realmente importa
É a nobreza do humano, que diz não a guerra
Ou à negritude da alma impura, que lhe dá as costas

Ema Machado 19/11/2020

"Carpe diem"

"Carpe diem"

O pecado...

Aos poucos o olhar é substituído pela tela fria

O afago, pela figura vazia...

Encurtamos espaços, pendem os braços

Olhamos a China, sem enxergar ao lado...

Aos poucos, valorizamos o objeto

Esquecemos o correto

A justiça caducou, envelheceu

Impera o deus dinheiro, não importa o outro

Nada de umbutu,

Eu, onipotente, só eu...

Redenção?

O olhar viu, tudo o que não queria enxergar

Viu a morte transitar por perto

Viu a metrópole se esvaziar

Frente ao olhar, muito da vida virou deserto

O olhar viu a fonte clarificar

Ouviu pássaros em festa

Viu animal extinto ressuscitar

Ouviu um suspiro da terra...

Espaço curto, o olho busca, anseia a cura

Anseia o retorno à rotina "normal"

Para sua insaciável fome bestial...

"Carpe Diem"...

Ema M.

Antagônica...

Diga!

Por que derramo,

Se o deserto aqui habita?

Por que o vazio,

Se o sentimento maior me preenche...

Se a alma mente,

O que o coração sente...

E a boca cala,

O que o corpo grita

Se agora sozinha

Escorrego... Não caminho...

Diga!

Tanta saúde,

Se me sinto doente,

Por que há esperança,

Tendo secado a semente...

Se o sorriso disfarça,

O choro entre dentes...

Em fim diga...

Por que na face apenas a linha,

Enquanto na alma a ferida é latente,

Por que finjo que odeio,

Se o coração desmente...

Sou amor... Sou dor...

Seca a espera de outra nascente...

Ema Machado

Ruminando Silêncios...

Ruminando Silêncios

Rumino...

Mastigando pensamentos amargos

Bebo das horas vazias

Tornam-se mórbidas...

Duelo com meus erros

Necessito abate-los

Refazer o trajeto, ainda que inteiro.

Neste embate, a apatia me abate

O desânimo é desumano

Muito silêncio, piso em ovos

Para não me perder de você

Sufoco...

Muito silêncio...

Meu grito é mudo

Ainda que o ouças

Faz-se de surdo...

Quem sabe, seja

Este é meu anseio

Para ouvir um silêncio

Verdadeiro...

Ema Machado

O poema à parte...

O poema à parte...

Se foi, deixou em mim sua melhor parte
O sorriso que fortuitamente saiu como escape
E o aroma de absinto, uma nuance a arte
Fui testemunha, de sua ira
De uma doçura que abate
Não sei, se fui o azar ou sorte
Para mim foste o que não tive, o norte
Uma voz a tramitar entre sons no tempo
Nunca mais pude, ouvir seu silêncio
Fui a presa sem abate...
Aquela dor que não parte...
Hás de se lembrar, das manhãs não vividas
Das noites, desejosas e desejadas
Dos arroubos sem medidas
Hás de se abraçar aos meus murmúrios
Se julgar e condenar, pelos pensamentos impuros
E quando tombardes na madrugada
Não haverá calor que o aqueça
Como a poesia declamada...
Talvez até me ofereça
Como a lembrança que o afaga...

Ema Machado. 28/11/2020

Rastros...

Aos poucos se afasta,
Esvaindo- se feito fumaça,
Como as letras que agora,
Pouco traças,
Deixando na tela um vazio sem fim...
E assim,
Sem se dar conta,
Amedronta...
Leva parte de mim,
Nas noites mal dormidas,
Quando a alma suicida,
Atirava-se em sentimentos,
Sabendo que na partida, morreria,
Vazia,
Sem contento...
Extasiada,
Sonhava acordada,
Que um dia seria,
Também desejada...
Pobre de mim,
Sigo um rastro de fumaça,
Feito caçador em busca de caça,
Nada mais, que pegadas esparsas...
Só o que sei,
Sempre o segui,
E nunca encontrei...
Ema/2016

Alma vazia...

Alma vazia...

Desperta!

Saia!

Há luz, além do escuro dessa densa floresta!

Há fontes cristalinas, muito além de teus pântanos

A paz que habita nos prados faz festa

É flor perfumosa nas noites de sonho

É a casta senhora, a varrer tristezas aos montes

Seu cântico é acalanto para toda natureza...

Por isso, não entre no rio, nem na barca de Caronte...

Desperta

Saia, dessa densa floresta!

Venha, mergulhe nesse azul profundo

Abrace alguns sonhos

Pesque estrelas no oceano noturno

Serão guias para fora desse fim de mundo...

Desperta...

Replante a semente do viver

Florirá em cada amanhecer

E quando vier o inverno

Colha algumas flores, permanecerão intactas

Até a próxima primavera...

Desperta... A vida é estrada

Ainda que seja incerta

Há uma luz, no final de todo túnel...

Desejo...

Desejo...

Tatuo minhas vontades em tua pele morna

Minhas ideias se misturam

Repletas de cenas sórdidas

Um tango se desenrola

Eu e você, uma fusão...

AH! A urgência incomoda...

Essa ânsia, que ao pensamento esfola

Não, não terá sido em vão

Teu olhar se condena

Me condena...

Consegui lhe contaminar

Sou antídoto e veneno

Meu jogo não será inútil

Rolo em chamas

Sou eu, e a razão...

Me recomponho, pensamento fútil...

O dia ficou mais tristonho

Jogo-o para fora, ao menos

O poema não se perderá

Como as brumas e um tango

Se foram...

Existencial...

Existencial...

Sem ele

Serias a ilha vazia no oceano

Serias a fome, que devora o lado humano

Sem ele

Não terias rumo certo

Serias, como cacto no deserto

Serias água contaminada

A música não tocada

Poesia não declamada

Serias devastação

A mão que a tudo transforma, sem razão

Sem ele, não conhecerias a perfeição...

O amor é cura

É dádiva, é perdão

Amor, é semente que frutifica no deserto

Amar, nunca será em vão

Ainda que pareça sem sentido

Que não tenhas razão ou motivo

O amor é a resposta para toda dúvida

É amor, para tudo a solução...

Acordes...

Acordes...

Uma melodia doce, quase acalanto
E os acordes a dedilharem emoções, a alcançam
O olhar que valseava pelos cantos, sai pela janela
Busca disfarçar o pranto...
Um dia entristecido une-se ao instante
Somam-se águas, sentires e mares
Mera melodia, invade a sala e à alma diz tanto
Da saudade que nela fez morada
Adormeceu e agora languidamente se levanta
Um baile de cenas felizes... Algumas, nem tanto
Sonhos e tantos planos, escorreram como o pranto
Um suspiro profundo, um último acorde...
Ao longe uma ave leve pousa, entoa seu canto
Queria ser assim, leve
Ah! A liberdade e seus encantos...
Ema Machado. 8/12/2020

Ilusório...

Unem-se

Duelo de crenças e imagens...

Meu eu

Minha mente?

Criações dementes

Gestadas por uma mente doente?

Creio

Receio

Duvido e fico no meio...

Indubitável

Somente o som de um violino

Chora o menino

Em meio a orquestra

Enquanto a batuta faz festa

A reger...

Comanda a harmonia

Que faz festa em meu querer

Ouço, clarins

Sopram a mim

Entendo...

Pássaros cantam

Gorjeios...Gorjeios...

Um som ao meio...

Alguém chama

Clama

Quem se atreve a me fazer pousar?

Um anjo deixa o banjo

Não quer mais tocar...

Um após o outro

E o sino...

Hora de rezar...

Ema Machado/ 2016

Luzes e velas...

Luzes e velas...

A mente tateia, busca um tudo
Perde-se em infindas cavidades
O desconhecido, anseia
Que a leve à sanidade...Ou ao absurdo...
Um labirinto, poucas saídas
O horizonte, é além do mundo
É como andar em tempestades de areia
Nesse turbilhão de incógnitas
Muito se perde, ainda que se creia...
Fecho os olhos, abro a porta
A claridade adentra... A alma passeia...
De encontro a minhas raízes...
Vejo, o quanto se perde ao longo dos trilhos
Um rosto tão amado, tateia em busca do fio
Já não tece, a mente não mais obedece
Como malha de tricô, desmancha-se
O corpo não mais obedece comandos
Os dias se tornam desafios
No olhar, cada dia uma estrela se apaga
... Já não sonha... Perde o brilho...
Fecho a porta, entendo
A vida é feita de luzes
É uma que acende
E outras, como velas, aos poucos se apagam

EmaMachado

12/ 2020

Reminiscências..

Ah, pensamento!
Tens vida própria?
Caminhas para trás, já não entendo
Abrindo o baú do esquecimento
Reavivas certas memórias
As quais, julgava mortas
Ferem minha alma
Peço- te, sele a porta!
Fantasias que já não servem
Sonhos impossíveis
Felicidades breves, apenas fragmentos
Ah, pensamento!
O perdido já se foi, não mais me serve
Então, porque tanto dói?
Lágrimas afloram ao romper do dia
Tornando-se fonte de agonia
Ah, pensamento!
Aqueles olhos, aquele olhar...
Sempre soube que iria me afogar...
E eu, que já vivia... Volto àquele mar...
Ema M.

A cura...

Um pensamento paira abstrato
Sem sentido, tateia
Perambula pelo passado morto
Doente jaz o presente, neste ínfimo espaço
Um futuro, a cura anseia...
A vida caminha em celas, a inquietude nas veias
O sorriso, outrora aprisionado
Encara o medo sarcástico, que grita enfático
Rostos mascarados transitam
Nada se toca, toca-se do cuidado
Nas telas, não há mais remédio
Tudo, vai sendo consumido pelo tédio...
Só você, poesia!
Podes dançar na ponta dos dedos
Capaz de tornar-se melodia
Adentras o pensamento e seus segredos
Alcança, animas a alma em letargia
É cura para meus medos...
Sem você, minha companhia!
Pereceria...
Busco-a, ainda na barra do dia
Ao abrir a janela e aspirar o ar da manhã
Aves regozijam a liberdade em euforia
E o olhar, que a tudo capta
Recebe tua centelha guardiã
Abraço-me a ti, poesia!
És o remédio de todos os dias
Cura para quem te procura...

Ema Machado

16/12/20

Reparos...

Reparos...

Para ignorância, leitura

Para a perda, a procura

Para toda doença, a cura...

Sacio, para toda sede

Uma sesta, combina com uma rede

Alimento para crianças, o leite...

Para dois idiotas, um cai em si

Para o ontem, apenas o que vivi

Para cada sonho, importa o aqui...

Para amenizar saudade, uma foto

Debaixo de todo remendo, tecido roto

Para um futuro, um passado morto...

Para o hoje, o que sou

Para quem não o viveu, errou

Seguir em frente, não importa o que passou...

Ema M. 14/12/2020

Luz, divina luz...

Luz, divina luz...

Você chegou, quando a casa era bem pequenina
Adentrando a iluminou, eras toda luz que eu tinha...
Nas tempestades, quando, em mar aberto fraquejava
Naufragava...
Tu quem remavas, eras, única razão que eu tinha
Quantas foram as vezes, que o deixei adormecido?
Quantos momentos, que de ti me perdi?
Você despertava em mim...
Me encontravas, dizias: "Filho, estou aqui..."
Nunca me senti totalmente sozinha
Sempre, foste o Pai...
O chamava...Você vinha...
Em teus braços me aquecia
A casa cresceu, Senhor! Mas, por dentro
Ainda é quentinha
Meu coração sempre foi teu
Sigo, mantendo acesa a lareira da fé
Adentre, Senhor!
Renasça! A casa é tua
Celebremos! Teu nascimento!
Enquanto eu aqui estiver...
Ema Machado

Prelúdio...

Aspirações...

Postam-se olhos no horizonte,

Não mais longe,

Há esperança, já nos alcança...

Atrás,

Alegrias passadas,

Amor, amizades,

Semeados, gerados,

Colhidos, compartilhados...

Sonhos...

Construídos,

Inacabados, ou...

Simplesmente guardados,

Importa,

Tê-los sonhado...

Viver!

Pura arte!

Há que pintar- se telas,

Realçar cores,

Tricotar caminhos,

Descobrir sabores...

...remendar dores...

Seguir em frente,

Crer!

Eis que desponta a estrela guia,

Ilumina, irradia!

Novo ano,

Anuncia...

Transposições...

Transposições...

O tempo... Ah, como é sábio!
Transitando por suas vielas, percebo
O quanto, tenho mudado...
Abro portas e janelas
Tantas tralhas no acumulado
Do armário, tiro o que já não serve
Do peito, o indesejado...
Precisos espaços, agora renovados
Felicidade...
Uma melodia ao lado...Um blues amado...
Tudo parece maior, mais leve
A mente, a mim não mente
Os sonhos encolhem, o simples atrai
Simplesmente, o que uso mais...
O que mais me serve
Um abraço apertado, sorrisos desenfreados
O beijo bem dado... O que anseio mais...
A tarde chega com suas multicores
Das manhãs, guardo aromas e sabores
A noite me espera, falarei com a lua
Ao som de banjos contarei estrelas
Trarei nos olhos, suas centelhas
Ouvirei os passos das ruas
Não o temo, tempo!
Murmuro ao vento...
Com poesia o alimento...
Ema Machado

Metamorfoses

Metamorfoses...
Quando você chegou
Ainda não era flor, verdejavam os galhos
Neles, timidamente, pousavam alguns passarinhos
Nunca, aqui fizeram ninho...
Quando cresci, beijaste-me
Eras o colibri, sustentava-se no ar
Vivias de flor em flor
Evitavas pousar...
E eu, já estava sem ar...
Quando desabrochei, você se entregou
Aqui construiu seu ninho
Não quis mais ser a flor...
Com você me fiz passarinho, aprendi voar
E o céu se abriu inteiro, no azul plainamos
Foram longos, ou breves anos?
Não sei precisar...Passou, passamos...
Hoje, sou gaivota solitária
O céu ainda é minha casa
Há tantas tempestades, tantos desencantos
Ventos impulsionam, nunca mais fui flor
Não anseio raiz, nem canteiros, só asas...
Às vezes sou lagarta, construo casulos
Rompidos, abro as asas... O céu é novamente minha casa
Mas, nas borboletas, fragilidade pesa
Volto a velha forma, faço-me gaivota...
Ema 27/12/2020

Saudades... e passarinhos

Saudades... e passarinhos

Saudade dos passarinhos

Quando gorjeavam todos no mesmo momento

Do tempo em que acompanhava o voo de alguns

De outros, seguia aguardando encontrarem o próprio tempo

Saudades, do barulho de carteiras arrastadas

Em ininterruptos movimentos

Das brincadeiras de roda

Dos gritos no recreio

Desafios de danças da moda

Saudades das risadas e choros ao meio

Momentos da poda...

Saudade, é coisa esquisita

Cutuca a alma e ao peito

Sem perguntar

Se pode se chegar, ou é falta de respeito...

28/12/2020

Carrossel...

CARROSSEL

Ema Machado

Ficou ali estática, contemplando o pequeno carrossel... Lá estavam, várias crianças sorriam agarradas aos cavalinhos. Ela sabia, como para ela, aquilo era o próprio céu... O tempo escorria e o carrossel girava... Girava...

Uma pequenina de olhos negros arregalados, atravessava o grande parque no colo de sua mãe. Seu olhar bebia a paisagem, queria saciar sua sede de alegria. No lago de águas verdes, inúmeros peixes coloridos se amontoavam, como pedissem para conversar com ela. A medida em que o contornava, seguiam-na pelo trajeto. Ela se imaginava no meio deles a nadar... Nadando, nadando, sem se preocupar com pés...

Tudo era tão difícil, médicos, gessos pesados - Agora sabia, só desejava a liberdade daqueles peixinhos na tranquilidade das águas verdes...

Nascera com pés retorcidos, muitos diziam que nunca andaria, entretanto, a fé, aliada persistência da mãe, levaram-na além do esperado. Agora lá estava ela; ali. Naquele parque o tempo parava... O carrossel girava... Girava...

De repente olha o relógio, passava do meio-dia. Preocupada, retoma o presente... O carrossel para e, um bando de crianças descem.

Algumas pessoas caminham apressadas - ela segue a corrente. Por dentro, um duelo: o passado vencendo o presente... Para, olha à volta - A avista, eis a roda gigante... Várias crianças, assistem inquietas a outras naquele girar, esperam a vez de brincar.

Não brincara em uma roda gigante até os doze anos de idade. Tinha medo, pensava que pudesse despencar daquelas cadeirinhas balançantes, no entanto, adorou quando do alto dela, abriu os braços e sentiu como fosse voar... O frio na barriga, a fez gritar sem perceber...

Anda mais um pouco a observar. Árvores, jardins, estavam bem cuidados, mas já não havia a mesma beleza do passado. Porém, o carrossel ainda girava... Girava...

A pequenina olhava os cisnes... Como, eram lindos! Pensava... Aqueles longos pescoços e o porte elegante eram dignos de belas fotografias. Quanto a ela... Quanta insignificância! Nem mesmo foi fotografada naquele seu momento de infância. Pensava... O gesso nas pernas, a pobreza... Não se importava mais com fotografias. No parque seu mundo mudava - para ela, as árvores se vestiam de verde, os pássaros faziam festa, os canteiros floriam e ... O carrossel, era o céu que girava...

Novamente olha o relógio: meio-dia e quarenta minutos... ? Droga! O tempo escorria entre os pés que não a obedeciam... O desejo de permanecer ali é forte, mas, a necessidade de ir também. O que, pesa mais? Passado ou presente? E lá se vai ela, se achegando novamente ao lado do carrossel... Enquanto as vozes se perdiam entre suas lembranças...

Em um dia frio e nublado, a pequenina no colo da mãe, jazia com os olhos vidrados... O carrossel se encontrava parado, mas, o condutor perguntara à mãe: - Quer, coloca-la para andar aqui um pouquinho? - Como percebe, não tem muita criança aqui hoje. Ela pode brincar se quiser. A mãe segura a menina, como tivesse medo de que algo pudesse machuca-la, mas, ante os olhinhos

inquisidores decide, coloca-a em um cavalinho vermelho. Foi mágico! O condutor, ao acionar a chave, fez com que o parque ganhasse vida em uma infinidade cores... E o mundo dela ganhou brilho, inúmeras luzes em estrelas de alegria...

Como um bando de pássaros, algumas crianças chegaram ao carrossel e foram ocupando os espaços. A mãe agradece ao condutor, pega-a no colo, onde adormeceu sorrindo. O céu ainda girava... Girava...

- Meu deus, treze horas! Preciso ir...

Contra vontade, atravessa o parque a passos largos. O passado a segue, porém, as pernas agora obedecem...

Na rua a barulheira de carros. Ela atravessa no sinal, andando por mais dois quarteirões. Chega ao destino, lá, o presente lhe sorri... Entra no prédio da faculdade apressadamente, sabia estar atrasada. Cumprimenta o professor e se assenta. A aula se apossa de todo seu pensamento...

As horas passam rapidamente, más, na volta não há mais tempo de viajar no parque. Atravessa- o às pressas.

O sol aos poucos se esconde, sombras anunciam a chegada da noite. A lua desponta, ânsia de ainda poder ver o amado que se despede no horizonte.

No ônibus cheio, o calor e cansaço dominam - no balançar da viagem adormece... O carrossel volta a girar. Gira... Gira...

A pequenina passara por maus momentos naquele dia. A mãe aflita, tentando acalma-la, andava devagar pelo parque. Passavam próximo à roda gigante, quando alguém disse:

- Pobre, criança! Não tem pés. A mãe a segurou apertado e seguiu rumo ao lago, entregou-lhe um pedaço de pão e disse:

- Jogue aos peixinhos, filhinha. Eles querem comer! Jogou o primeiro pedacinho, os peixinhos se amontoaram na esperança de conseguir mais comida. A pequenina sorriu, esquecia as dores... A mãe então segue, andando até ao carrossel...

- Olá, Senhora! Deseja colocar a menina para brincar um pouquinho? E a mãe a coloca no cavalinho vermelho... O carrossel girava... Girava o céu...

- Moça, será que não é hora de descer?

Desperta assustada, ainda bem que o motorista era sempre o mesmo e sabia onde ela descia.

Chega em casa com um enorme sorriso. Esse era o fim de mais um dia pesado. Descansar é preciso. Iria dormir, porém, o céu agora estava cheio de estrelas... Deixa-se contemplar...

Sentidos do tempo...

*O tempo anda entristecido
Vestiu-se de cinza
Às vezes chora, parece perdido...
Chora ante a realidade que isola
A morte que ronda
A criança, que colo implora
O lamento do velho
E um vírus, que contamina de forma silenciosa
A morte, a criança, ao jovem, ao velho...
O tempo sente
Chora como gente
O vento geme, nuvem treme
Lágrimas descem...*

*O tempo avança
Vai-se, como foram meus ancestrais
Havia falta de tudo
Hoje falta vida, o resto, não mais
O tempo nos doma
Cobra e toma
Porém, quero mais
Não fui criança, me deve
Sou leve, tenho sede de vida
E me deve o tempo
Sou hoje a criança que não fui lá atrás...
Ema Machado.
28/12/2020*

O velho e o Novo...

O velho e o Novo...

*Todo e tudo velho, se esvai
Como as folhas deitadas no solo
Misturam-se com a terra
Adubam sem terem consolo
Qual foi a serventia
Nos verdejantes dias?
Aos galhos vestiam, ao ar curavam...*

*O ano parte, velho se chama
O Novo adentra, se impõe
Acende a nova chama...
Qual será seu lema?*

*Não há nada de bom
Que o velho ano tenha deixado?
Experiências, novos dons
Entre perdas, muito foi ganhado...*

*Nunca mais seremos os mesmos
Ficará uma marca no tempo
Se serviu para mudar, vencemos
É tempo de mudar, esse é o momento...*

*Nada é estático, tudo tem seu tempo
O velho, nutre o novo...*

Momentos...

*Eu, aqui esparramada
Junto a monotonia, boceja entediada
É segunda-feira
Não fui a feira, nem fiz nada*

*Ainda ontem, escorria o tempo
O acompanhava em seu movimento
A noite, era só momento*

*Vida é sopro de vento
Quando se vê, foi-se...
Meu hoje, é apenas brisa em lamento
A minha (volta) sons de discórdia...*

*Máquinas, famintas!
Ouço-as, alimentarem-se do monte
Sucumbe, tomba-se humildemente...
O que será da lagoa, à quem protegia?
Nela às vezes escorregava e bebia...*

*Pobres, árvores!
Devastaram-nas, foram arrancadas
Ali, aos poucos a vida sucumbia
Não ouvirei mais o rouxinol
Maritacas ou perdizes...*

*Restará apenas poluição e fuligem
E um olhar, imerso em monotonia e tristeza
Quando daquela paisagem se lembrar
Tornar-se na lembrança, apenas uma imagem...*

27/12/2020

Dilema de amor...

Eu, para você que mudou meus dias
Ofertaria flores coloridas de alegria
Para você, que me trouxe melodias
Escreveria trovas, repletas de poesia
Qual bálsamo teu olhar
Suaviza a alma
Faz-me querer meditar, mas falta calma
Releio teu rosto, tuas falas, teus entornos
Perco-me, imersa em dilemas...
Quão grande, esse sentir!
Como pode, caber em mim?
Sendo eu tão pequena...
E, os desejos mais profundos
Brotam em mim, incomuns
Uma dor, indolor
Um vício dantes inimaginável
Se ninguém, contigo ousou
Ousaria...

Rosas, o que dirão de ti

Rosas... O que dirão de ti
Por Poetas Colibris
Rosas... O que dirão de ti?
De sua beleza e formosura
De seu perfume que inebria
Porém, ninguém se lembra de teus espinhos, suas agruras
Tua beleza é o que fulgura...
(Ema Machado)

-----//-----

Rosas... O que dirão de ti?
Das pétalas e das cores
Da inspiração ao poeta ou à poetisa
Da verdejante folhagem que ninguém enfatiza
Da representação de muitos amores.
Rosas... O que dirão de ti?
Do seu toque de veludo
Da poesia é essência, é tudo
Mas, abreviar-lhe a vida para agradar a mim
Melhor seria contemplar qualquer jardim
(Hébron)

-----//-----

Rosas... O que dirão de ti?
Muitos usam sua beleza
Seu perfume, suas cores
Para declarar amores
Num lindo buquê
Amarrado com fitas
(Levando um abraço)
Num lindo laço!
Outros, usam até os espinhos
Rimando - os com o carinho
Quando tecem versos de poesias!
(Edla Marinho)

-----//-----

Rosas...o que dirão de ti?
Que a primavera é o mês das flores, só para provocar rumores,
Que na entressafra coleciona amores,
Rosas nos canteiros, eu vejo
Abastecendo o mundo inteiro.
Ah! Perfume de rosas, seu cheiro
Rosas em vasos pequenos
E em vastas plantações a perder de vista
Oi, sabe aquele que corre,
Com uma rosa na mão e um sorriso tímido, pois é, sou eu.
(Shimul)

-----//-----

Rosas...
Tão intensas
Tão plenas Gloriosas
Aos olhos, cobiçosas
Despertam sensações
Imensas...
(Lucita)

-----//-----

Rosas! Tuas pétalas, aveludadas
Encheram meu coração
Por esta estrada,
Onde jazes, plantada.
Embriagante tua essência!
No teu silêncio, subentendido,
Também me sinto desiludido
Por não ver em muitas estradas
Flores multicores semeadas
Sendo as Rosas, minhas preferidas
És a Rainha, dos namorados
Talo, flor, lembrando a poesia
Poder dar vida à um vaso quebrado
Por isso à tenho, por Utopia.
(Ernane/ Elfrans)

-----//-----

Rosas ricas de elegância

Expressiva

Rosas tratadas nocivas

Rosas eternas de material sem vida

Rosas da primavera

Rosas perfumada natural

Toda mulher assemelha se

A uma rosa especial

(Corassis)

-----//-----

Rosas, nem preciso falar da tua beleza

Em um jardim tudo enfeitas, com certeza.

A mãe Natureza, ao te fazer, nem imaginou

Como iria ajudar os enamorados, servindo - se de teu perfume

Para enfeitiçar o próprio amor!

Maria Dorta

Enfermidades...

O corpo clama,
Pela energia perdida;
Onde encontrar consolo ?
Impaciência é sombra despida
Ao Criador, gritos
Suplicam alívio pra dor
À carne, a fraqueza,
Ao moribundo, acolhida
Esperança é luz acesa
Enquanto há fé, há vida.
Que toda luz seja acesa e a dor seja vencida !

Reencontro

Reencontro

Sempre voltava ali em pensamento e agora lá estava. A velha e pacata cidade interiorana de ruelas entupidas de pó e estrume. Havia animais por perto, aquele odor era-lhe peculiar. Deixara aí sua infância perdida, por isso voltava, precisava recupera-la, ou nunca mais sentir-se-ia inteiro...

Walter caminhava pela praça central, as lembranças o acompanhavam persistentes. Não cederia assim tão fácil, ele não deixaria se levar com facilidade - encontrava refúgio em todos os sorrisos e olhares dos velhos moradores. Embora não reconhecesse a todos, teimavam em cumprimenta-lo, ocupando-lhe o pensamento. Travava árdua batalha, nas sucessivas tentativas em decifrar os diversos rostos enrugados e cansados que lhe sorriam, e a tantas mãos calejadas as quais apertava. Ao ver-se só, dirigiu-se à praça central subindo as escadas do velho coreto. O olhar quase afogou ao contemplar a infância na pequena igreja onde fizera a primeira comunhão - único lugar que frequentava com os tios aos domingos - tempos que tentara em vão esquecer.

Sem escapatória, finalmente deixa-se levar em uma viagem, a qual pensava nunca mais pudesse fazer... Adentrava na máquina do tempo - ela o levava de volta, onde perdeu o que veio buscar...

Nunca havia tempo para brincar, embora muito pequeno, tinha intermináveis tarefas: alimentar animais, colher verduras ou vegetais para mãe preparar o almoço, e ainda, buscar água na bica para encher os potes na cozinha. O pai e o irmão mais velho trabalhavam na fazenda do tio, voltavam apenas ao final da tarde. Ele sabia desde então que, esse seria também seu destino - somente na fazenda poderia aprender a ler e escrever. Por isso, o irmão acompanhava o pai. Após a aula ajudava na lida da fazenda, e assim pagava os estudos.

- Walter, preciso de ovos filho!

- Walter, preciso de lenha para alimentar o fogão! - Gritava a mãe. Ele ainda a ouvia, longe...

E assim foi, até o fatídico dia em que o pai caiu enfermo - não pode mais trabalhar e a mãe passou a substituí-lo na lida da fazenda.

Ele era franzino, nasceu fraquinho, tinha apenas oito anos; o pai acamado tornou-se a sua principal tarefa. Não havia alternativa, tinha que ser forte, alimenta-lo e cuidar para que não passasse necessidades. Porém, aquele encargo não durou muito. O pai faleceu um ano mais tarde, seguido pela mãe que morreu de cansaço e tristeza pouco tempo depois.

Após o enterro da mãe, os tios os levaram definitivamente para fazenda, a ele e o irmão Pedro. Ali começou o suplício, trabalhavam muito, não sobrava tempo para estudar- diziam-lhes que era perda de tempo.

Às vezes, fugiam para descansar e iam nadar na cachoeira. Quando apanhados, eram severamente punidos. Como castigo os deixavam sem comer, ainda tinham o serviço dobrado.

Tudo aconteceu inesperadamente, o irmão completara dezoito anos; revoltado com aquela situação, decidiu partir levando-o junto. Esconderam-no em um caminhão que levava porcos para o abate - ainda se lembrava do cheiro e o quanto fora pisado. Pedro viajava na boleia, ajudaria a entregar a encomenda no frigorífico da cidade vizinha. O motorista não sabia do plano, não o tinha visto - ele descera antes de entrar no frigorífico, antes que o portão fosse aberto. E assim foi...

Cansados e com fome, viram-se na estrada. Não foi fácil, andaram muito, pegaram carona e se afastaram dos tios. Walter ainda se lembrava das noites de frio dormindo nas ruas... Dos olhares desconfiados, e do seu, extasiado com a grandeza da cidade ao chegar ao centro de São Paulo.

Sentiu-se um ser em outro planeta. E foi ali, que puderam crescer, tornaram-se homens. Durante o dia lavavam carro, engraxaram sapatos até conseguirem um quarto na periferia. Tempos depois, ele e o irmão passaram a estudar a noite . Tempos depois, arrumaram bons empregos e puderam cursar faculdade. Pedro, formou-se em economia e foi contratado por uma grande empresa de exportação. Enquanto ele, decidiu ser veterinário - sempre gostou de animais, conseguiu montar a própria clínica veterinária e era bem-sucedido.

Embora estivesse bem financeiramente, as lembranças da infância o atormentavam - precisou voltar, só assim conseguiria seguir em paz.

De volta ao presente... Seguiria, iria até à fazenda dos tios. Não sabia onde ficava, mas sabia a quem procurar. Pitangui era um lugar pequeno, não seria difícil conseguir informação. Dirigiu-se à casa paroquial, uma velha senhora ali se encontrava, se empenhava em limpar os móveis.

- Boa tarde senhora! ? Será, que poderia por favor, informar onde encontro o pároco da igreja?

- Sim, Senhor! - Posso sim. Ele já está vindo para cá. Foi descansar depois do almoço e está na sacristia rezando.

Ela nem fechara a boca e o velho padre entra andando com dificuldade.

- Em que posso ajuda-lo meu jovem? - O que procura?

Estava velho e fragilizado, mas ele nunca iria esquecer do bom padre João. Sempre pedia que ele o esperasse ao final da missa. O levava à casa paroquial e lhe oferecia leite quentinho com biscoitos. Dizia precisar alimentar-se direito, mostrava-se como um pai - conversava com os tios para que o poupassem no trabalho, embora nunca fosse ouvido.

- Olá, padre. Sou Walter, lembra-se de mim? ? O Senhor...

- Claro que me lembro! - Walter, o menino pequenino e faminto.

- Onde se escondeu esses anos todos? ? Seus tios os procuraram por anos... - Padre João calou de repente.

- Por isso estou aqui padre. Preciso saber o que aconteceu com eles, com nossa terra. Não sei chegar na fazenda. Saí de lá ainda menino.

- Bem, posso pedir a alguém que o leve, mas, aviso: não irá gostar, do que encontrará lá...

Estava a caminho, o carroceiro que o levava, seguia calado, não abria a boca. Ele olhava a mata a sua volta, estava seca, parecia que não chovia há tempos. Após andarem pela trilha de terra, em fim chegaram a porteira da fazenda, ainda era a mesma, só estava caindo aos pedaços.

- O senhor quer que espere? ? Perguntou o carroceiro carrancudo ao receber o pagamento.

- Não precisa ? Não sei quando vou voltar.

Walter abriu a porteira e seguiu adiante, a casa da fazenda ficava do outro lado do morro, certamente ninguém perceberia sua entrada.

Tudo parecia como antes. O tempo parara ali, diferente apenas a seca que castigava à terra e tornava tudo empoeirado.

Ouviu o trotar de um cavalo, continuou andando até o avistar na trilha já no topo do monte.

- Ei, quem é você? ? Essa propriedade é particular - Perguntou a amazona do alto do seu cavalo.

- Sei disso! ? Sou sobrinho do dono ? meu nome é Walter.

- Meu tio está?

- Vai saber quando chegar à casa. - Disse a amazona. Saiu esporeando o cavalo em direção contrária.

E ele chegou... Bateu na porta com o velho argolão de ferro - o som da batida fez arrepiar- lhe os pelos. A casa parecia sofrer, como possuída de sentimentos, era seu aquele gemido. Passos no assoalho de madeira - logo a porta foi aberta.

- Posso ajudar?

Reconhece a senhora de cabelos brancos, rosto enrugado e olhar cansado - era sua tia. Não havia mais o olhar altivo, não restara nada da voz imponente e ríspida. Era perceptível a dificuldade para manter-se em pé a sua frente.

- Sou eu tia. Seu sobrinho Walter - Lembra? ? Filho de sua irmã Graciana.

- Não tenho sobrinho! ? Morreram há muitos anos!

Enquanto falava as lágrimas escorreram- lhe pelas faces. Walter a conduziu até centro da sala onde havia uma enorme mesa com pesadas cadeiras, afastou uma para acomoda-la e depois sentou-se próximo a ela.

- Não morremos tia - Nem eu, nem o Pedro.

- Onde estavam quando precisei de vocês? ? Enterrei seu tio, sozinha. Ele permaneceu na cama por longos anos após o acidente, caiu do cavalo. Procuramos vocês por toda parte. Disseram, que haviam morrido na estrada.

- É uma longa história - Fomos para São Paulo, estudamos e trabalhamos lá.

- Por que voltou então? ? Ver se deixamos algo para vocês? ? Não sobrou nada além de dívidas, eu garanto.

- Não, tia - Voltei porque queria me reencontrar - Aqui deixei minhas raízes, precisava voltar ? Fui embora muito jovem, era apenas um menino de onze anos.

- Sei, talvez sintam raiva de nós. Sei que fomos duros demais, mas, seu tio achava que deveria torna-los homens fortes. - Dizia que tudo seria de vocês um dia já que não possuíamos filhos, mas não sabíamos como se sentiam.

- Seu tio morreu cheio de remorso, sabia que vocês haviam fugido por causa dele, eu sempre dizia ser duro demais com vocês.

Walter ouvia em silêncio, não sabia o que dizer. O rancor dissipou totalmente - ali, na frente da tia o mundo mudava de cor, sentia- se renascer. Não havia mais nada o que dizer, ela e o tio pagaram os pecados, agora precisava de cuidados e ele estava disposto a aliviar-lhe o peso.

- Tia, quando cheguei, havia uma moça no caminho... Posso perguntar quem é?

- Você encontrou com a Anita? É filha do capataz da fazenda, os únicos empregados que permaneceram aqui depois da morte de seu tio. É veterinária, ela quem olha os animais das redondezas, estava indo ajudar uma vaca a parir. Graças a Deus! Ela e o irmão ajudam a manter as coisas andando na fazenda. Até você aparecer, eu pensava em deixar tudo para ela e a família, agora sei ser preciso refazer o testamento...

- Pensaremos nisso depois tia, quero apenas um banho na cachoeira -Ainda está lá?

- Com pouca água, mas está sim.

E ele não esperou, deu um beijo na tia e correu ao reencontro da infância - ela agora lhe sorria, como o sorriso leve que gradualmente se desenhava nos lábios da tia...

Entre Risos...

Entre Risos...

Ah! Lembro-me do teu riso...

Peralta, sem juízo

Corria pela casa sem travas

Nada era tão límpido...

Rias de quase tudo, riso impreciso...

Rias até dos próprios "tombos"

Lembro-me, até do riso mudo

Quando te fazias "sisudo"

A vida para si, era um grande circo

Sempre havia motivos para sorrir...

Às vezes, pego-me sorrindo ao lembrar

O quanto, deixei-me contagiar

Por teu riso farto, tua alegria barata

A troco de nada...

Pago caro...

Uma lágrima escapa, invade o momento

Tua lembrança, agora deixa apenas

Lamento...

Ema Machado

Acasos do destino

Acasos do destino

Embora não me visse, ela olhava para mim; perceptivelmente aérea, como se estivesse em outra dimensão. Vejo-a tão frágil, uma vela tênue prestes a apagar...

? Não agora, não sem luta ? Penso. Adianto-me, tomando-lhe o pulso - anunciava um coração prestes a desistir ? como manter vivo alguém que não o queria? Grande parte do seu combustível rubro e borbulhante, esvaíra por entre o profundo corte aberto por algum artefato cortante...

Não conseguia entender, como alguém tão jovem e bela, desistia de viver? Uma ninfa, assim a vejo - dotada de atributos físicos que qualquer mulher jovem pudesse desejar: cabelos negros e sedosos emolduram o lindo rosto adornado por enormes olhos verdes, lábios carnudos bem desenhados; pele alva e macia complementam o corpo curvilíneo. Com certeza, uma silhueta desejada até pela mais bela atriz.

Enquanto ajeitava a medicação, observava de soslaio aquele rosto - mais parece um anjo. Anjo triste, a olhar um vazio infinito sem pestanejar. Às vezes, uma lágrima deslizava fortuitamente, indo alojar-se entre mechas da vasta cabeleira dispersa pelo travesseiro.

- Moça! - Como se chama? ? Pergunto, sem receber sequer um olhar. - Ela não está aqui - Penso novamente - Desta vez, em alta voz.

Saio do quarto a caminho do posto de enfermagem, apanho a tabuleta de anotações, ainda permanecia sobre o balcão. Enquanto registro procedimentos realizados, busco resgatar meus pensamentos, até então, presos naquele quarto. Obedecendo ao comando do dever, forçosamente retornam empurrados pelo som da campainha, a transportar meu olhar para luz recentemente acesa: quarto oitenta e dois - o mesmo onde, até poucos instantes meus pensamentos atracaram. Imediatamente volto para lá.

- Preciso morrer! ? Deixe-me ir! - A vida é minha, ninguém pode impedir! - Estava agitada, debatia-se n'uma tentativa vã por soltar-se.

- Calma, menina! Vai ficar tudo bem. ? Digo, observando as bandagens que a prendem.

Retorno ao posto e apressadamente preparo a injeção prescrita pelo médico plantonista - só deveria ministra-la em caso de agitação. ? Feito. - Em instantes, a garota adormece novamente serena.

Após exaustiva noite, a claridade finalmente penetra pelas frestas da persiana do posto de enfermagem. Amanhece. Alivia ver chegar a hora de voltar para casa...

Do lado de fora, uma manhã suave me espera. Como refrigerio recebo a carícia do vento, contaminado pelo delicioso olor de outono. Aspiro e expiro, caminhando por entre as árvores; despem-se de suas vestimentas, formam um colorido tapete pelo solo do pátio.

Repentinamente sinto um arrepio frio, melancolia que aos poucos se aproxima. Penso no sentido da vida ? Por que tantos não o encontram e tentam livrar-se dela? Sinceramente não entendo...

Dirigindo o velho fusca, sem pressa, observo as pessoas pelo caminho: sérias e enfatiadas, poucas seguem alegres a conversarem com seus parceiros, outras, totalmente inexpressivas. Paro no semáforo, algumas crianças se atropelam ao atravessarem na faixa a

caminho da escola. Delicio-me com a cena - parecem um bando de pardais inquietos e falantes. Escapa-me um leve sorriso, penso que, não deveríamos perder nosso lado infantil, certamente seríamos mais leves...

O resto do caminho sigo sem ater-me aos pensamentos; ligo o rádio para espantá-los, também ao sono...

Exausta entro em casa depositando o agasalho em um canto. Acho que só agora me encontro... Atento-me à enormidade de tarefas a aguardarem minha disposição já extinta ? Que me esperem! - Sigo direto para cozinha, levada pelo cheiro forte de café recém coado...

- Bom dia, filho! - Já de pé? - O que aconteceu?

- Nada, mãe. Só queria te fazer um mimo. ? Disse, abraçando-me.

- Não vai, trabalhar cedo hoje?

- Não mãe. -Tenho alguns casos para estudar, tirei o dia para isso.

Carlos meu amado filho, formou-se em direito há poucos meses. É estagiário em um escritório de advocacia. Moramos num bom apartamento em bairro de classe média, única herança de meu falecido marido. Após sua morte, retomei o trabalho como enfermeira -profissão a qual exerci até ficar grávida, quando então, dediquei-me ao lar e a educação de meu filho.

- Quanto a mim, vou tomar café, um merecido banho, e em seguida cair na cama - Depois penso nas coisas por fazer.

- Mãezinha, já disse! - contrate alguém que possa fazer todo serviço - trabalhar vinte e quatro horas é muito estressante - quando chega, ainda tem trabalho em casa.

- Nem penso nisso - Basta uma faxineira para fazer o trabalho pesado - o resto, faço como dá.

- Alguma novidade? - Pergunto, captando problemas no ar... Carlos parece nervoso - sei quando tem algo a dizer sem o conseguir.

- Não aconteceu nada, mãe... Disse seguindo em direção ao quarto.

Após um bom sono, desperto ouvindo Carlos ao celular e pela entonação de sua voz, parece não querer que o ouça. Permaneço quieta, como estivesse ainda dormindo.

- E aí! Teve alguma notícia dela? ? É louca! - disse que iria se matar.

A conversa fez meus pelos arrepiarem... Não quero nem imaginar. O sono chama, fala mais alto, novamente adormeço.

Desperto assustada e pulo da cama. Carlos ao telefone vem novamente à memória; olho as horas: quase hora do almoço. - Preciso agilizar - embora não trabalhe hoje, há muita coisa para colocar em ordem.

- Onde, estará Carlos? - Perguntava-me enquanto seguia em direção ao escritório ? aí, abro a porta devagar.

- Precisamos conversar, filho. ? Desculpe-me, mas, ouvi você ao telefone ? Quer me dizer, o que está acontecendo?

- Estou com problemas mãe, não disse porque não queria assustá-la. ? Acontece que, eu estava saindo com uma garota. Descobri que ela está grávida e quis me afastar, porém, ela disse que iria se matar...

- Você engravidou a moça e quer fugir de sua responsabilidade? ? Entendi, direito? - Disse aos berros.

- Não mãe, não sou o pai! - Começamos a sair, ela não disse nada, mas, já estava grávida. Eu descobri e a deixei - Não vou assumir uma coisa que não fiz!

- Vamos esclarecer os fatos. ? Como sabe, que o filho não é seu?

- Estamos saindo há apenas um mês, ela está com três meses de gravidez ? Encontrei o resultado do exame na casa dela por acaso, e quando perguntei, ela disse que se mataria se eu a deixasse.

- Deus, me ajude! - Não sei se acredito em coincidência, mas, no hospital ontem chegou uma paciente com os pulsos cortados - Algo me diz que há uma ligação com tudo o que está me dizendo...

- Como pode, mãe? ? Sei que ela não teria coragem!

- Qual o nome da sua namorada?

- Ana Amélia... - Ele respondeu cabisbaixo.

Tive que me sentar - o nome, atingiu-me como um raio - Era ela! - Só podia ser! - A menina do quarto oitenta e dois: Ana Amélia de Queiroz.

Carlos ficou lívido com minha reação. Sua voz saiu como sussurro: - Posso, ir vê-la?

- Vamos, após o almoço. ? Vou com você.

Não sei como ainda consegui preparar o almoço, estava com a cabeça fervilhando. Durante a refeição permanecemos calados.

O destino nos prega peças, talvez por sua ironia, desde o início senti algo diferente, como se algo me ligasse àquele anjo. Acho que no fundo eu sabia, ela pertencia ao meu universo...

Chegamos ao hospital. Após solicitar e receber permissão, subimos ao quarto oitenta e dois situado no segundo andar. No corredor o ar permanece pesado. Carlos seguia calado, com os ombros arriados; pela primeira vez vejo o medo apoderar-se de meu filho.

- Esse é o quarto. - Eu disse abruptamente, parando em frente a porta.

- Mãe, deixe-me falar com ela primeiro. Depois, você pode entrar. ? Está bem assim?

- Tudo bem, filho. ? Vá!

E ele se foi. Entrou feito boi no matadouro - a responsabilidade pesava-lhe e sinceramente, eu não sabia como agir.

Após intermináveis minutos (nos quais, eu rezava para que tudo se acertasse) Carlos aparece com enorme sorriso nos lábios.

- Posso entrar? ? O que houve? ? Falou com ela?

- Mãe, nunca vi aquela moça antes! ? Não é a Ana!

- Mas... ? O nome dela é Ana Amélia de Queiroz!

- Pois, sim! ? O nome da minha "ex" namorada é: Ana Amélia de Assis.

- Acabei de receber uma mensagem dela - contou ao pai da criança sobre a gravidez e eles se acertaram.

- Graças a Deus!!! ? Então, podemos ir? ? Perguntei aliviada.

- Acho que vou ficar, só mais um pouco mãe ? vou ficar conversando com a Ana Amélia. ? Acho que ela precisa de mim...

Após um abraço, saí pensativa. Não havia como não perceber, era perceptível o brilho novo que surgia nos olhos de meu filho...

Sonho não concreto...

Havia um horizonte
A mim, bastaria uma ponte
Mas, em cada canto brotou uma torre...
O concreto cobre tudo por perto
E o caminho dos olhos
Carrega hoje um deserto...

Como pode?
Embora, nada seja eterno
Anseiam chegar ao céu
Construindo o próprio inferno...

Havia um horizonte
Hoje, construoelos
Que me elevem à (mundos) paralelos...

Páginas amareladas

Meus olhos divagam por páginas ilegíveis do teu rosto
Um inútil intento, encontrar aí, sentidos
Nada encontram, além do que sempre liam
Um vazio profundo, num momento de gozo
Mais parecias, estrela no infinito
Em meus dedos, o calor do caminho percorrido
Tua pele em fogo, teus pelos, nada fora esquecido...
Em meus lábios, o sabor inigualável dos teus
Néctar incomparável, a ser guardado
Eras a saga, o tudo... E o nada...
Eternizei, não lamento...
Ainda que doa
Releio, páginas amareladas daquele momento...
Ema M.

Águia...

Na boca um sabor insulso,

Por quanto tempo se sentira assim, não sabe... Tateia a procura de si, encontra um vulto desconhecido diante do espelho...

Arremessou ao longe os sonhos, intermitentes, cegavam a alma. Exposta nua assim, observa lentamente, e a realidade aí refletida é triste de se ver... Desaba a exaurir, compadecida a pena de si...

Por quanto tempo permanecera ali, minutos, horas, séculos...

A consciência...

Um despertar diferente e a lucidez!

Sente-se renovada, tristeza enterrada,

Penas arrancadas... Sangrara...

Do alto penhasco vislumbrara a vida ali escondida,

Uma espera infinita...

Finalmente, novas asas,

Liberdade,

Voar outra vez...

Novos ares, nova terra,

Felicidade...

Ema M.

Lacunas da sua presença...

As lacunas da sua presença
Faz do meu caminho espinheiro
Dói muito em mim seus hiatos
Machucado em espinhos afiados
O sofrimento me faz hospedeiro
Queria ser seu paradeiro
Achegue-se a mim
Preencha meu vazio amiúde (Hébron)

As horas em que estou distante
São também hiatos em meus momentos
És o meu desejo constante
Estar longe de ti, é estar vazio por dentro
Queria ser teu bem, não mal
De ti preciso, do nascer ao pôr do sol
Não me bastam noites, para estar contigo
O dia torna-se lacuna, tormenta sem igual (Ema M.)

As horas e luz do dia já não têm graça
As noites me abatem, precisa estar comigo
Os espinheiros por onde ninguém passa
Tomam-me o ânimo, fazem-me amargo
Fazem-me distante, inacessível, vago
Nesse tormento lhe espero em solidão
Não demore, achegue-se a mim
Preservo nessa esperança a saúde (Hébron)

Se falas assim, a mim machucas
As lacunas não são minha culpa
Se pudesse, juro! Nunca me ausentaria
Essa distância, nossa constante luta
É coisa diminuta, frente ao sentir que nos ocupa
O amor não tem lacunas

És meu, sou tua... (Ema M.)

Se assim me diz em segunda pessoa
E nessa solidão já me fazia refletir
Sobre um amor que é o meu existir
Meu sofrimento não reverberará mais em dor
Meu amor é seu, é acalento, é amor eterno
De braços abertos, meu coração ressoa
Sem lacunas, na esperança sem ausência...(Hébron)

A amiga saudade...

A amiga saudade

Por vezes, viajo ao passado
Caminho contrário, aos trilhos do tempo
Um viajar idílico, saudades têm me acompanhado...
Volto a nossos momentos
Assim, novamente o tenho
Posso, sinto o roçar da felicidade
Diferente do agora, em que sou metade
A saudade é sentida, porém, amiga
Por tanto, bem-vinda...
Não sou louca, nem quero ser...
Teu sabor ainda é trago em minha boca
Teus beijos, ainda posso sentir e ter
Se roubo do passado, não sei
Os tenho aqui...
Não, não lamento
De você, tudo que pude ter
Ainda tenho...
A saudade é sentida, porém, amiga
Me leva aí, até onde posso lhe ter...
Tantos, a maldizem
Não o faço, acompanha-me em cada passo
Com ela, sou rio, mar de Abrolhos... Sempre vem...
Ouço melodias, tocadas apenas para mim
Danço-as contigo
A saudade assiste, ou vice-versa
Mesmo metade, ela me completa, não aperta...
Fui feliz, do contrário, a saudade não me acompanharia
Todos os dias, me espera...
Ema Machado.

Ao despertar, devaneios

*Amanhece, as horas tecem o novo dia. Sobre ele, vamos bordando nossa lida.
Assim formamos nossa história, em matizes diversas, num emaranhado de cenas...
Acolhida a manhã, com ela, amanhecem pensamentos sem medida
Por onde começar, aonde ir... Um vento brincalhão assopra
Lá se vão, despenteados pensamentos desavisados
Partem, rumo ao horizonte, penduram-se nas asas de passarinhos...
Ah, doce liberdade!
Mas... As horas tecem, manhã envelhece...
Desperta um pensamento dormente...
Agradeço ao senhor pela lida, me elevo
A ele, faço uma prece...
Ema M.*

Pensamentos da Alma...

Vida...

Ela passa...

Não a olhe da janela

Ouse... Sonhe... Se iluda...

Você pode

Corra com ela...

Olhe, abra os olhos

Nem sempre há flores pelo caminho

Não se acovarde

Terás sol... Tempestades...

Atravessarás, mares, desertos

Caminhos por vezes, incertos

Se estiveres em terra, ande

Se em mar, nade

Se cansares... Voe... Flutue...

Toque seu banjo

Seja anjo...

Durma nas nuvens

Brinque com estrelas

Brilhe como elas

Se aposse da serenidade da lua

Quando pousares, precisarás dela...

Não te alimentes de saudade

Nem tenhas fome de futuro

Seja o hoje teu alimento

Teu sustento...

E a vida passa

Não vá atrás dela, mas, com ela

Ame... Se enamore...

Se apaixone por ela...

Quando passar a tortura...

Quando passar a tortura...

Ah!

*Encolho-me nessa masmorra, passando horas sem acolhida
Sou folha em branco esquecida, ao final de um diário qualquer
Talvez eu viva, talvez, morra. Vivo, tragada pela expectativa
Tudo perdeu a valia. Aquiescer, ninguém quer...*

*Não fosse você, poesia! A banir a insanidade
Juro! Pereceria, entregar-me-ia à loucura
O que em mim ditas, é indelével, domas minha realidade
Sobrepujas desejos, tédio... És remédio, minha cura...*

Ah!

*Hoje a recebi, assim, pura e límpida, dei-te guarida
Elevaste meu olhar, passeavas no céu
Pude compactuar com estrelas, jaziam como eu, esquecidas
E a lua... Parecia sua, não se ocultou em nenhum véu...*

*Quando passar a tormenta, e puder respirar as manhãs
Vou beber-te em antigas palavras, minha sede, de ti não passa
Hoje destilas ternura, manténs minha mente sã
Percorrerei, ruas e praças, acolherei o tempo, sem pressa...*

Ah, poesia...

Venceremos a tortura...És, minha única cura...

Ema Machado

Único Remédio...

Único Remédio...

Busquei o amor...

Onde será que se escondeu?

Andei a esmo pela cidade

Ali, minha busca se perdeu...

Vi, um mundo agonizante, adoeceu

Tantos corpos pelas calçadas

Olhares vazios, perdidos no nada...

Vi a fome, figura disforme

Mastigava, ao alimentar-se de homens...

Via, a face imunda da miséria

Mórbida, fétida... horrorosa, fatal

Via o caos, alimentado pelos maus...

Saí, minha busca, não devia estar ali

O que buscava? A busca se perdeu

Despertei...

Encontrei enfim!

O amor, não tinha o rosto que sonhei...

Compadeci-me, por tudo que vi

Senti-me pequena... Um colibri...

O amor, carece de remédio

Que se mate, toda fome

Sejam extintas, as misérias!

Que renasça a esperança no homem

Vencido seja, todo tédio!

Para os males do mundo

O amor, o único remédio

Ema Machado. 07/02/2021

Somos uma...

Somos uma...

Qual súplica, derramada em apelo
Qual grito, a rebater nas rochas em ecos
Meus dedos, anseias, cuido-te em zelo
Dou-te formas, abraço-te em elo...

Sou tua, és minha sina
Nada há, que o olhar colha
Que não te sirva como rima
És feito sabão ao sopro, leve bolha...

Ainda que capte sofrimentos
Em instantes nos quais espero, que nada exprimas
Gritas, não há momento que não a acolha....
Nasce do ventre d'alma, és poesia menina
07/02/2021

Janela noturna...

Janela noturna...

Agarro-me aos sonhos
Acalentam, aquecem minha alma ferida
Olho da janela
Penduro o olhar, n'uma estrela perdida
Uma nuvem sombria se manifesta
Tantas noites nos atravessam
E nunca me atento, a sua cara marrenta
Ela se vai... Tudo passa...
Espero, hei de fazer para lua uma seresta
Sou movida pela teimosia
O olhar se desprende da estrela
Navega em águas tardias...
Ema Machado
10/02/2021

Útimo Adeus...

Último adeus...

Nada disse, agarrou-se ao corpo que perdia
O infinito debruçou-se para ampara-la, de nada valia
O adeus cobrira aquelas mãos, tornaram-nas frias
Tantas vezes, falaram ao seu corpo que lhes pertencia...
E agora apenas pendiam, como o orgulho dela que caía
Nada restava, nem uma faísca do amor
Nunca mais o acenderia, escorrera
Junto ao suor, que antes, se misturavam e lhes embebia
Nada restava dizer, ele partia
Elevou as mãos em infinito aceno
Era apenas ao adeus, que ela respondia...
Ema Machado

Picadeiros...

Picadeiros...

Não sei se rastreio o passado
Ou será, que ele a mim rastreia?
Vivo entre o hoje e o ontem
Revejo cenas, nesse teatro de vida pequena
De tudo que vivi, nada foi encenado
Tantas vezes, sei, fui vaiado...
Aplausos, são para atores de grandes palcos
Teatro de pobre, é picadeiro de circo
Somos domadores de sonhos
Andamos em corda bamba, aprendemos malabares
Fazemos mágicas com nossos planos...
É hora do show, seguir o giro
Vou salpicando temperos, em choros e risos
Embora, às vezes, ensaie alguns passos
Sigo a plateia, sem ver o que é preciso...
Ema Machado.

Folhas ao vento...

Folhas ao vento...

Olho folhas soltas ao vento

Rolam, rolam... Como eu, são levadas

Sem forças, sem paz

Busco em mim sentimentos

Sem você, não encontro, é vazio demais

E sigo... Vagando, vagando

Como as folhas ao vento

Nesse tempo voraz

Vejo o viço perdendo

Entre invernos intensos

Sem verões ou outonos

Primavera... Não há mais

Olho folhas ao vento

Vejo-me entre elas

Rolam, rolam sem paz

Como giram os ponteiros

No relógio do tempo

Incessantes, nem marcam os passos

Como eu, desde que o perdi

Meu viver ficou lá atrás

E segue o vento

Rolam as folhas...

Sopra o tempo voraz...

Leva meu pensamento

Vazio, frio como o vento

Perdeu o sentido, ficou para trás...

Ema Machado

Luz... Incitas...

Tentaria descrever-te, se possível fosse
Das ações espontâneas, ao jeito doce
Palavras ofuscariam, o que nos capta a alma
Entre a simplicidade, reluz uma beldade
Em forma de pureza, e calma
De cristalina beleza

Fonte onde se banham colibris
Doa-lhes a luz

(Ema Machado)

Tentaria descrever-te, não é possível...

Das palavras em versos de amizade

Que é teu carinho indescritível

Carregadas da singela simplicidade

Simplicidade que cativa

Amizade que abriga

Fonte onde se banham colibris

Doa-lhes a luz

(Hébron)

Incontida em sua emoção revela o divino Ser

Modéstia bordada em puro linho veste sua alma

Feito orvalho da montanha, brilha!

Faceira em seu viver

Ternura é seu verbo preferido, mel de jataí.

Colibri que nos acalma.

(Cláudio Reis)

Quem pode a luz parar?

Como Deus permite luce, lumiere, light, luz...

Em qualquer idioma, Lucita passa e arraza!

E é uma abençoada, pois como luz permitida

Brilha ali e acolá.

Sem pedir licença, entra e vai se aboletar

Nos corações dos colibris sem cansar!

(Maria Dorta)

ILUMINADA

Ela ilumina os caminhos
Traduz a luz na amizade
Forjada é em carinho
É jóia de raridade
Se Lúcia não existisse
Seria tão triste a vida
Eu mesma, um dia, lhe disse:
És de alegria cingida
Nada há que a deixe abalada
Onde passa contagia
Com alegria estampada
Ela tem no nome a luz
Lúcia é "a iluminada"
É assim que se traduz
(Edla Marinho)

Os versos que ela cita
com sua esmera escrita
É assim que vejo Lucita,
Sabe aquela amiga
que quando anuncia que vêm
a gente fica contando os trens,
Prepara uma mesa farta
Café, queijo e pão sovado,
E entre risos e poesias
passa o dia
Faço promessas de fim de ano,
meu destino Vespasiano
Me aguarde amiga Lucita,
Sei que é de bom grado
retribuir a visita
(Shmuel)

Entre Gritos do Silêncio...

Entre Gritos do Silêncio...

Ouçó, os Silêncios do mundo
Tão profundos que, quase ninguém ouve...
Ouço, o Silêncio do olhar vazio
Vive no cio, na ânsia que alguém, com ele se importe
Possa-lhe ser a bússola que aponte um norte...

Ouçó, o Silêncio das árvores caladas
Nos canteiros das ruas das cidades
Chora o desencanto da saudade da mata
Empoeiradas, machucadas sob o sol que arde
Entupidas pelo veneno humano
Suas raízes fogem sobre o concreto, ou quase...
Cobertura do solo, feita pelo ser insano

Ouçó, O silêncio das águas do rio
Segue seu curso em desafio
Não leva mais vida, apenas restos e podridão
Às vezes se derrama, por socorro clama
Quase morto, sem poder sepultar-se no chão...

Ouçó, o Silêncio das serras, ansiavam alcançar o céu
Perderam o encanto, com tantos casebres
Daqueles, que se alimentam de fel
Embolam-se desordenados, como paga, por tal pecado
São despejados com as feridas da serra
Escorrem sem alívio, sem amparo
Ali o Silêncio é muitas vezes sepultado...

Ouçá! É o silêncio das feras
Movem-se em busca da caça
Jazem à espreita...

Para saciar a fome, não há o que lhes satisfaça
Engolem... O olhar vazio, o solo e as árvores
Os rios, as serras e os sem chão
E ainda... Como tudo aquilo que engole
Acabam-se, debaixo da mesma terra, sem perdão...
Ema Machado.

Costuras...

Costuras...

Ela, apenas uma costureira de sonhos
Atreveu-se a costurar versos
E foram, tantos tecidos em emoções
Que por vezes se perdera, entre sentires e razões
Ousava amar em reticências
No amor, odiava pontos finais
Sem saída, quando muito
Valia-se do ponto e vírgula
Ganhava tempo a mais...
O que é tempo, para quem costura sonhos e versos?
Usa-lhe a linha
Sempre há, ainda que tênue...
É quando, costura versos de saudades...
Ema Machado

Retorno...

Retorno...

*Quando me for, não chore por mim
Quero ser cinza levada, ao leve sopro do vento
Desintegrar junto as flores é belo fim
Em solo jazem sem cores, por breve momento
Nutrir a casa que nos acolhe
Para ser energia a outros viventes
Quando me for, não chore
Deixe-me, a repousar no solo entre nutrientes
Serei o barro, o minério
Serei o pó que lhe cobre a pele, incomoda os olhos
Serei partícula, que compõem esse mistério
Lembrança de que como corpo nada és
Apenas o espírito é eterno
Ainda que aqui não me vejas, estarei sob teus pés
Serei a vida que compõe o solo...
Voltarei ao útero da mãe terra
Repousarei em seu colo...*

Ema Machado

20/02/2021

Veste-me o céu

Veste-me o céu

Em vestes leves, veste-me desde tenra idade
Sedas e plumas recobertas de luz
Apraz-me a singela simplicidade
D'orvalhos d'aurora que ao Criador conduz...

Fartam-me aos olhos, raios solares
A alma tece, harmoniosa prece
Ouro fino das manhãs e tardes
Onde, de alegria e força a alma se reveste

À noite cabe o manto bordado em diamantes
Cobrem-nos, alma e vida, de puro descanso
Sonhos desenhados na madrugada, fielmente
Caudalosos rios de caminhos tantos...

Ema Machado.

17/02/2021

As cores que perdi...

As cores que perdi...

Olho em volta, vejo versos
De um poema que nunca escrevi
Pinto cores, tantas flores
Que confesso, nunca vi abrir...
Então me pergunto, se um dia fui poeta
Ou, se em minha mente, apenas fingi
Sonho dizer-te palavras, tantas são as falhas
Tantas foram as mágoas
Que o amor vive a fugir
Sinto-me o nada
Busco estrelas, quando apenas o queria aqui
Meu universo se fez verso, e nele me perdi
Se me quisésseis, inteira me terias
Poesia eu seria, e flores floririam só para mim...
Felicidade, teria em fim
Pintaria estrelas num céu só meu
Serias meus versos de alegria, e o amor, seria seu e meu
Olho em volta, vejo versos
De poemas que nunca escrevi
Pinto flores, minhas cores
Se foram n'um cometa
Não as vejo mais aqui....
Busco estrelas, quando apenas o queria aqui
Meu universo se fez verso, e nele me perdi
Se me quisésseis, inteira me terias
Poesia eu seria, e flores floririam só para mim...

Ema Machado

Após a tempestade...

Após a tempestade...

A madrugada esquálida, paria o dia
E eu ali, a postos, assistia
Cheirava ao ontem que se desfazia
Ainda pairava, no horizonte despreocupado
Trazia marcas de tempestuosas águas
Tentativa vã por encontrar chão, que lhes dessem guarida
Devastavam tudo, arrancavam vidas...
Arrastaram meus ouvidos pela noite
Um açoite ao sono, como o ontem, despediu-se sem trégua
Ainda ouço, mergulhei a alma na dor do sem teto
Não havia proteção o bastante, para o dilúvio que caía
Felinos soltavam o cio, em soturnas melodias
E eu ali, combalida assistia...
O dia nasceu, cheio de dor e pranto
A mãe se fora, sem despedida
Deixando-o, a mercê do tempo
Chamava-o para a viagem das horas
Onde cresceria... Morreria... O sol reluzia...
Será que ainda choveria?
Ema Machado

Senhora das Horas...

Te espero...

Na carícia da brisa

Quando o dia inicia

Na insensatez da tarde vadia...

Nas loucuras da noite

Quando o desejo em açoite

Clama você em agonia...

Espera infinita

Fez-se essência da vida

Senhora das horas

De pudores despida

Deitou-se no pensamento

Em versos, poesia

Gotejando sentimentos

Derramados ao vento...

Que sejam colhidos a tempo...

Ema Machado

Um nada à espera...

Um nada à espera...

Queria rasgar as nuvens, para oferecer-te o pôr do sol
A noite colheria para ti, estrelas do éden
Se da terra não pudesse, far-me-ia para ti farol...
Se arrancasse sorrisos, que de teus lábios, não vêm
Subiria ao trono de Afrodite, tornar-me-ia o ser imortal...
Como o vazio sigo, barca no rio do além

Conto as horas que não o tenho em meus braços
No relógio dançam, nessa interminável ciranda
Urgem, seus intermináveis passos
Minha urgência, como a das horas, não o alcança...
Pobre, mim! Perto de ti, sou ainda criança
Se entendesse de sentimento
Nunca o atrelaria, a minhas andanças
Nesse interminável sofrimento

Sou sombra, que nunca o alcança
Sou pra você, lacuna no tempo
Ou mesmo, eterna quimera...
Ema Machado.

Caminhos...

Caminhos...

Das feridas que se fecharam
Nada resta, nem mesmo cicatriz
Dos sonhos que se perderam
Nenhuma mágoa, nada que impeça ser feliz
Carrego a soma dos dias
Como tijolos nas paredes da construção
Depositados um a um
São hoje edificações, de tudo que tenho a mão
Nas vontades de meu destino
Caminho por onde, aponta-me a direção
Se há pedras nesses caminhos
Perco os sapatos, mas nunca o coração
Enquanto há vida, há fé
Chegarei onde Deus quiser...
Ema Machado

Amor Silente...

Amor Silente...

O corpo jaz envolto pela mortalha do vazio
Cobre caminhos, dantes traçados por tuas mãos
Na pele, paira agora o abraço frio
Da esqualida e maléfica solidão

Resta apenas, lembrar-me em desespero
Do êxtase a consumir, ao entregar-me a teus beijos
Chamas, a percorrer o corpo inteiro
Hoje, daquele fogo, nem cinzas vejo...

Nessa masmorra em que me encontro
Nem teu retrato tenho à mão
Nada desfez aquele encanto
Do instante em que entreguei-te o coração

Sou hoje, aquela peça esquecida
Cena perdida de um palco qualquer
Sou a roupa que se perdeu a medida
Acomodada no armário, não mais se quer...

Ainda posso sentir o tato...
Guardo o desejo na mente
Teu cheiro paira, desperta meu olfato
Teu nome... Meu amor silente...

A lua e o ocaso...

A lua e o ocaso...

Não fui eu, quem te perdeu
Sempre foste, como sol no ocaso
Eu, lua que sou, nunca o entendeu
Sentia-me longe, mesmo estando a teu lado

Sonhos inacabados, tornaram-se ruínas
Tudo que pude ser, foi ofertado
Querer-te mais que a mim, minha sina
Perdida batalha, depostas armas no passado

Lá, se foi o sol, brilhar em outros céus
Que não haja sombras nem tempestades
Lágrimas inundam meu olhar em véus
À noite há espera, que sonhos se façam realidades
Ema Machado -

As estrelas em teus olhos...

As estrelas em teus olhos...

Já não possuem o mesmo brilho
Este, era o céu no qual brilhavam mais
Mas a vida não venceu, ainda a desafias
Dela bebes, tens sede voraz
Ah!
Como queria... Que fossem infidas
As estrelas do teu olhar
Queria, doar-lhe alegrias lindas
Pouco ou quase nada, posso lhe dar
Sou fruto de teu universo
Ensinaste-me a voar
Perto de ti, sou pássaro pequeno
Confesso, a invejo
Tua força é como o mar
Foram 'tsunamis', hoje marolas
A praia, ainda tentas beijar
O Criador a fez Maria
E Marias...
São rosas, a perfumar...

Entre o céu e a cela...

Entre o céu e a cela...

Despede-se o rei soldado
Nenhuma vestimenta real, é tão fulgurante
Entre seu brilho e o da noite, jaz no ocaso
Deixando rastros de ouro rubro flamejante

Dotado de despedidas emocionantes
O sol se vai, leva vida além do olhar
Estendendo seu negro véu, vem a noite
Silente surge a lua, que ao sol vem espreitar

Fostes, radiante como o sol no ocaso
E eu, serena como a lua e seus segredos
Vendo-o à distância, tendo o olhar marejado
História finda, sem arrependimentos ou medos...

O sol se despede, seu destino segue
A lua, esconde-se detrás das nuvens
Como ela, presa em minha cela de neve
Espero outro raio de sol, que nunca vem...

03/03/ 2021

Traços de Esperança...

Traços de Esperança...

Dos versos que agora escrevo
Escoam infindos sentidos, nos dedos pintados
No corpo esmorecido, nada vejo
Apenas marcas, que o tempo tem tatuado

Aliso um pensamento, esboços tomam formas
Não são espectros de uma mente insana
São esperanças, que a alma não ignora
Embora, ouça o medo que a tudo profana

Nada é eterno, nem mesmo pecados humanos
Sonho, que ainda serão despertos
E o amor que a tudo cura, virá em primeiro plano
Somos um corpo...Não um deserto...

Vejo, a esperança toma formas...
Sabe, que a almejo... Está bem perto...
Ema Machado

Mulheres em versos...

Mulheres em versos...

Como rosas, compõem os jardins do mundo
Multicores, delicadas, mas, resistentes
Florescem, ainda que carreguem espinhos profundos
Mulheres são prosas, poesias do Onipotente...
Não desanimam, em busca do lugar ao sol
Se anseiam, sabem ser convincentes
Labutam, do nascer ao arrebol
No lar, a labuta mormente...
Mulheres de graça, são as mães penitentes
Aos filhos, todo amor é dispensado
Não há cansaço que a faça dormente
Se a dor, acomete frutos do ventre, a verás ao lado...
Ainda que perfeitas rimas eu fizesse
Em versos, expressasse força e beleza da mulher
Elas as superariam, serão melhores rimas em espécie
Perfeitas em singelas poesias, pra todo intento que vier...
Ema Machado

Deus, onde estás?

Deus, onde estás?

Virou-se um, vemos outro repleto de desenganos
Dias de pântanos, alagados de dores e pranto
A vida luta, muitos não atravessaram o ano
A morte os carrega, jaz a espera de outro tanto...

Ah! Deus, onde estás que não ouves!
Gritos, tornam-se eternas lamúrias
Ainda que passem dias, e vos louve
Sei, tamanhos são os pecados, constantes as falhas

Poucos te louvam, enquanto cétricos, maldizem a sorte
Tanta vida lá fora, e agora, presos entre de paredes
Desistem, driblam os dias, indo a favor da morte
Falsos universos, mantêm suas redes

Ah, senhor! Pobres, mortais! Passam a vida sem saber
Antes mesmo de tê-la, pensam que sabem demais
Navegam à deriva, naufragam sem entender
Plantam tempestades, e só colherão ais...

Ainda assim, creio na misericórdia do Onipotente
Ah, Deus! Será, que ainda ouves o pobre?
Gritam por ti... És complacente, apressa-te!
Não nos deixe, a mercê da morte...
Ema Machado

Estragos...

Estragos...

Perfeição, nunca foi o almejado
Terrenos e plantações, sonhos e projeções
Foram muito além, do universo esperado
E o sonho, ganha inimagináveis constelações

Fui cometa, a cruzar o infinito em curto espaço
Buscava... Só encontrei estrelas, em teus olhos...
O universo era todo meu, quando me abriu os braços
Nunca soube, onde era o limiar entre céu e solo

Vejo o estrago, criei um universo paralelo
Quis tanto o paraíso que o pintei
Hoje nos lábios, paira um sorriso amarelo
Fui a Eva, aceito que me enganei

Não há mais universo paralelo
Conduziu-me o imaginário

A realidade, é forjada a martelo
Dos sonhos apenas restam, rabiscos n'um diário

Espera...

Espera...

Na distância, aprendi a contar estrelas
Ser engenheira, construtora de sonhos e castelos
Por vezes sombrios, n'outras, belos...
Minha alegria, tornou-se nuvem passageira
Às vezes escurece, desaba inteira...
Enamorei-me do tempo, para que dias sejam belos
Os coleciono, em elos...
E continuo a viver assim, a milênios de ti...
Desejo sem fim, sem tê-lo junto a mim
Reinvento, faço-me versos concretos, confessos...
Semeio flores, em perfumes, formas e cores
Poemas nos jardins do tempo
Momentos... Marcas... Sentimentos...
E a contínua espera...
Ah! Quem me dera...
Só queria, embalar-me pela melodia de tua voz
Sentindo que não somos dois, apenas nós...
Flutuar em nuvens de algodão, ao ouvir pulsar teu coração
Saborear teu hálito de hortelã, a levar meu ar pela manhã,
Adormeci...Sonho...
Que essa espera, não seja vã...
Ema Machado

Estações...

Estações...

Lá estava, a velha plataforma acinzentada, cabisbaixa com seus trilhos reluzentes. Reluziam, emitiam gritos estridentes sob o peso dos cargueiros abarrotados de minério, ou cidadãos sérios... Em suas paragens, o tempo os poliam, como a mim...

Era ainda criança, nada entendia de andanças, da vida, de trens, de idas e partidas. Ali conheci, o telégrafo, os sons cegos das estações, nada diziam aos meninos céticos que teimavam em retrucar: "Barulhinho besta, preferível o fio do telefone. Ao menos, ouve-se a voz de quem está do outro lado..."

Ando ouvindo sons do passado, risos da adolescência - estação em que conheci o primeiro amor. Tudo se transformava, o corpo, as mãos suadas, faces coradas e a cabeça, que, perambulava pelas nuvens dos meus treze anos... Foram tantos sonhos, despertos apenas na primeira estação do desengano... Assim conheci o quanto doía uma partida. Parti, a vida seguia, reservava outras estações, outros cantos.

A estação permaneceu ali, parada no tempo, também seu telégrafo... Enquanto eu, passo por várias estações. Parto, vivi novas viagens, novos cantos e desencantos, sem entender, por que temos que perder para crescer... Perdi o viço, galguei o monte dos anos, ganhei experiências o escalando.

A vida é bela, embora corra nos trilhos, entre ganhos e perdas. Aos poucos volto à estação, nunca estacionamos... Sigo em frente, adolescente, criança...Semente...

Ema Machado. 11/03/2021

Ser só...

Tua voz me segue como melodia,
Como um eco soa...
Como num abismo,
Ah! Maldita distância.
Tanto por viver,
Eu ainda no preto e branco,
Retrocedendo a fita,
Tentando recolorir a vida.
O que não daria,
Para apagar da mente,
Tua imagem indecente,
Faz-me só, demente, só, simplesmente...
Ema Machado

Esperança das manhãs...

Que importa, se o medo bate à porta?
Respiro esperança, tudo que importa...
As manhãs, serão sempre bem-vindas
Hoje mesmo, entrou pela janela
Deu-me um beijo caloroso, vestida de luz
Um céu lindo, descortinou minhas míopes retinas
Pude ver e sentir...
A vida sorria, não um sorriso envergonhado
Manifestava-se por todo lado, exibindo sua energia
Pássaros em revoada acompanhavam o vento
Árvores e flores o recebiam em farfalhos de alegria
Bebo, absorvo a monumental orquestra, recepcionando outro dia
Da janela, vejo como a vida é bela
Esqueço-me das agruras, dos pecados e torturas
Sonho acordada, sou poeira de estrela
Nessa imensa energia que me afaga...
Ema Machado 16/03/21

As curvas do horizonte...

O olhar passeia pela linha do horizonte
Desenha-se em belas sinuosas curvas
Silhuetas lânguidas, de montanhas e montes
Ali, elevam-se os picos, tentativa vã em tocar o infinito...
Quantos segredos, devem ouvir? Ao ocultar o sol fugidio
Esgueira-se e esquece, partes da roupagem flamejante
Ao longe, a lua esperançosa segue o rastro do amado
Quem sabe, os picos deem a ela algum recado...
Quantos segredos ali, jazem imóveis em alguma fenda
Moradas de bichos, aves, e nascentes
Que, há muito, saciam a tanta gente...
O olhar retorna, agora descansado
Ali, sempre encontra repouso
Acordada contemplo, ou tenho sonhado...
Ema Machado

Enquanto tudo dorme...

Enquanto tudo dorme...

Observo, a falsa calma da noite
Uma túnica de euforia... Cobre-me
Por um ínfimo instante, a deslizar no salão
Uma pista... e suas luzes incertas
O que não daria, por este breve instante?
Um 'blues', como magia serpenteia no ar
E um rodopio... Sacio para pernas inquietas
Fecho os olhos, e a melodia a soar
Embragantes, sândalo e outros perfumes tantos
Meus ouvidos giram, a vigiarem os espaços...
Um tango... Outros 'blues'... Um clássico...
O olhar pausa, no vazio ao lado
A euforia desliza, despe-me...
Sinto frio, vejo-me nua sem ela...
Como eu, uma meia-lua esconde
Detrás de uma nuvem disforme
Sou eu e ela... Enquanto tudo dorme...

Ema Machado

18/03/21

Há de brilhar...

Há de brilhar...

A tela ofuscou-se pela aura de dores
Soluços dos anjos, sobem com inefáveis cruzes
Mártires dos pecados humanos, sinto aroma de flores
Elevo o olhar aos céus, vejo almas em forma de luzes

Joelhos se dobram, choram pelas almas que se vão
Que suas partidas sejam como brilho de estrelas
Iluminando aos céuticos, aos duros de coração
Acesas foram, infinitas centelhas...

Era apenas...

Era apenas...

Era apenas mais um dia, uma lida
Apenas uma rotina, de gente esquisita
E a rotina, já não quer ser
Foi atropelada, ganhando nova lida
A gente esquisita, não queria ser
A reviver, teve que aprender
Muitos não creram, perderam a vida...
Era mais, que uma corrida
Mais que uma lida, uma rotina de gente esquisita
Já não se sabiam viver...
Retroceder, nunca! Mas, não havia saída...
Era apenas, um tempo para ser
Reaprender a viver, ou não haveria mais vida...
Ema Machado

Dias de inércia

Dias de inércia

E lá se vai, mais um dia...

Foge de mim, de minha fraca energia

Busco forças, no brilho de estrelas notívagas

Quando, o sol é minha estrela e única saída...

Vida, que te quero minha!

Ainda, que tenhas dobrado esquinas

Tenho um curso para viagem, embora de passagem

Sei, dei tudo de melhor que eu tinha

Pouso, minha alma no amanhã incerto

O hoje, estacionou no tempo, tudo parece miragem

E o ontem comigo não mais caminha...

Temos sede... Que esperanças, saciem a espera

E a fé, sele nova aliança com o amor

Construamos, à terra da paz!

Seja ela, rainha que impere sobre a dor...

22/03/21

No meio da tarde...

Uma gostosa sensação de repente invade
Feito aroma de café fresco no meio da tarde
Cheiro de ternura
Coisa gostosa
Pura doçura...
Arranca-me um suspiro
Acompanha o esboço de um sorriso...
E teu semblante toma formas
Deliciosamente nítida...
O olhar enigmático
Sensual, além do normal
Certeiro...
Com aquele jeito, que parece desvendar tudo em mim
Por inteiro...
Um sorriso maroto, gostoso
Reacende um desejo
Adentrar-lhe os lábios com os meus, e, sugar-lhe o gosto
Sôfrego anseio...
Instantes assim, trazem você para mim
Num misto de ternura, carinho e saudade
Alimentam meu querer
Liberou meu amar
Que lhe chegue assim
No meio da tarde...
Ema Machado

Palavras soltas...

Palavras soltas...

Transito pelas horas, sem pensar no tempo
Sou do hoje, que nunca se afasta
Amo o movimento, embora, não me exponha em praças
Não me peça, métricas ou ideias prontas
Sou verso de sentimentos, a palavra solta além da vidraça
Sou pássaro sem gaiolas, não anseio rondas...
Já tive minhas feridas, calcei sapatos alheios
Vestidos de corpos tantos, comi nas mãos do destino
Para não morrer de sede, bebi de meu pranto...
Ato-me a mãe esperança, alimento-me em seus seios
Há quem diga, que viver é fácil, total desatino
Quem assim o diz, não teve que lutar tanto
Contra infortúnios e o tempo, sem falar de desencantos...
Nunca quis ser poeta, minha alma é poesia
Dança na ponta dos dedos, se imagina melodia...
E assim sigo, espalho-me aos sete ventos
Navego em mares profundos
Mares em que mergulho, e não invento...
Ema Machado 26/03/21

Partículas invisíveis...

Partículas invisíveis...

Um ponto, e tudo foi dito...

Três pontos... num infinito de possibilidades

Nada, também é um ponto a ser contado

Nem mesmo o silêncio mudo, é nulidade

O vento passeia, não o vejo

Leva meus pensamentos, seu hálito toca-me

Como brisa, arre pia minha alma e pelos...

Vejo movimento, gotículas apressadas sobre a vidraça

Espiam minhas retinas, embaçadas pelas lágrimas

Abraçam-se, descem pela calçada

Percebo...

O mundo gira, quem vê? Nada permanece no lugar

A água, que a tudo alimenta, caminha por caminhos diversos

Embrenha-se na terra, sobe aos céus, que ninguém a viu cruzar...

Partículas de oxigênio, de poeira, compondo meu eu, e o seu ar

Não me diga, o que sou, se posso mudar...se sou, assim ou o que achar

O que carrego comigo, só eu sei o peso...

Sou parte dos caminhos que passei, das pedras que lapidei

Dos anos que labutei... de mim, só eu sei...

29/03/21

Água...Água...

Água...

Nasce no seio da terra

Se ergue, se eleva

Para a vida saciar

É leite de mãe cuidadosa alimentando a vida

Que nela vem se criar...

(Ema Machado)

Água...

Nasce da fonte cristalina

Olho d'água Jovelina

Mãe terra que gera

Doce água, água viva

Mata a sede da garganta

Alimento precioso que alimenta

Provido do planeta

Água é vida... que anseia de desejo

Fonte de esperança

Para o povo deu-se herança!

(Ernane Bernardo)

Eu tenho me perguntado

Salvo os meus enganos

Há tanta água em abundância

Nos rios e oceanos

Mas ainda padecemos,

Na árida ignorância,

Da sua face em cascatas,

Jorram lágrimas em choros

Querida, navego entre abrolhos,

Impossível não se afogar na queda d'água

dos seus olhos.

(Shimul)

Água

Alivia-me a brisa

Sua aura de umidade
É nuvem que me molha
Refresco caindo do céu
Do chão em broto
Milagre em flor
Motivo em que rio
É corredeira, cachoeira em véu
No paladar, suaviza o gosto
Seja como for
Água em que me alivio
Protegê-la é a escolha
Garantia da vida
Água
(Hébron)
Águas do Nilo
Águas do Jordão
Águas claras e frescas
Ou turbulentas em tsunamis da paixão
Águas em mim
Maior porcentagem
Águas do oceano das minhas viagens
Que imagino
E determino
São as Águas de março
E dos outros meses
Necessárias no sertão
Fazem Cataratas
Lavam e se deságuam
Em nossa emoção.
Águas da Inspiração...
(Lucita)
De um jardim se cuida todos os dias
Cuida das flores
Regando-a com a água que dá vida
Assim é com a gente também
Precisamos uns dos outros

Assim como o jardim

Precisa do bem mais precioso

Para sobreviver

A água.

(NeivaDirceu)

És dos minerais a de maior riqueza

Quando cristalina na fonte sem cor sem sabor

Graciosamente nutre a saúde da natureza

Abençoada inunda rios e mares com seu amor

Água, elemental das Ondinas! Magia, pura beleza

Religiosa segue os ritos, lava'lma, batiza os Cristãos

Águas de março mudando estação, divertiu, irrigou plantação

Desce nos rios caudalosos encontrando mar

Bendita seja sua energia que gera sagrada vida

Escorre sendo lágrima no rosto de quem sabe amar.

(Claudio Reis)

Água Límpida para beber

Lágrimas de amor que caem do céu

Rio Amazonas

São Francisco

Cataratas do Iguaçu

Universo de encantamento

Mares, rios, cachoeiras

Água que desenvolve contentamento

Água poderosa

Onde o feto tem o seu desenvolvimento!

Quando a maldita seca traz a morte

Mãos poderosas de homens

A nossa sorte

Para vida ou para morte

E a vida causa tormento.

(Corassis)

Límpida e cristalina

Na fonte, inocente

É como menina

Tranquila e serena

Corre sorridente
Entoando canções
No curso dos rios
Parando nos remansos
Beijando, nas margens, as flores
Pintando a natureza com muitas cores
Águas que regam o solo
Levando vida e alegria
São das nuvens o pranto
Lágrimas que morrem no chão
Fazem brotar a semente
Que cresce e alimenta a nação
E a esperança de tanta gente...
Água é o brilho que escorre na vidraça
Em forma de orvalho
Que molhou também a flor
Essa simplicidade me lembra o Criador
De cada gota que nasce na fonte
Até o mar, onde toda água cai desaguar
(Edla Marinho)

Há um arco-íris...

Há um arco-íris...

Ainda era primavera, e a vida adoeceu...

O abraço não veio, braços penderam

O sorriso se escondeu...

Então a esperança, que fechou-se em celas

Bradou aos quatro cantos da terra:

" Vai ficar, tudo bem!

Ao longe, surge um arco-íris

Mas da janela, longa se fez a espera

Remédio, para vida não vem...

Ao longe, há um arco-íris!

Posso ver e crer, sempre estive lá...

A esperança, dele me acena, diz:

"Vai ficar tudo bem! "

A vida respira feliz...

Começam a acreditar...

Ema Machado.

01/04/21

Eu e a solidão

Eu e a solidão

As vozes silenciaram, passos perderam a pressa

Só a solidão, coisa esquisita e incompleta

Sentou-se na sala...

Não sei como, mas somente agora a percebi

Veste-se de cinza, semblante triste

Permeado de vazio, o traz, mora em si...

Sentada na sala, não ouço mais tua fala

Apreciavas tanto chamar por mim...

Eu, em meu universo paralelo, irritadiça resmungava

Impaciente, por sua total dependência sem um fim

Afinal, sempre fui a sombra, uma lembrança banal...

Agora, não ouço sua fala, as vozes silenciaram

A solidão sentou-se na sala

Acostumei-me a ela, ela a mim

Sua voz partiu... não dói mais, enfim...

Ema Machado

Pelas estações do tempo...

Pelas estações do tempo...

Passeia-se pelo tempo

Uma viagem de ida, estação por estação

Em oscilantes movimentos...

Na primavera há cores diversas, florescem os campos

Tempo de cultivo e podas

De aromas perfeitos... Sonha-se, quase não se acorda

Colhe-se rosas, ferimo-nos nos espinhos

Arroubos de colibris, borboletas belas e hostis

Tempo de lagartas e passarinhos...

E aí, é chegado o verão... Auge das idades

Ousa-se, é perda ou ganho, tempo de conquistas

De fazer e refazer planos...

Vem chegando o outono, estação amarela

Pendem as folhas, chamas se apagam, restam brasas

Colhe-se os frutos e tardes belas

Vento é frescor, assobia, brinca com as folhas no solo

Levanta a saia da menina... O riacho ondeia

Perambula pelos campos e cidades, quer colo

Gargalha despenca nas corredeiras...

O sol é majestade, desfila seus belos trajés

Mostra-os ao partir, nos fins de tarde...

E, chega o inverno...

Sério, apaga o fogo...ou o reduz a centelha miúda

É tempo de recolhimento, cinzas e partidas

Sonhos e refúgios... Colheita do que se viveu

O sol se vai, o dia não conta, se usa

E o tempo...

Não é mais seu...

Ema Machado.

Nova manhã...

Nova manhã...

Nas sutilezas da manhã, brinca a mansa brisa
Afaga o dia ainda criança, o sol radiante já o alcança...
Belo o olhar, que repousa sedento de alegria
Contempla tudo, o que antes não via
Ao longe, sons, ouvidos captam como eufórica melodia
Pássaros passam em revoada, saúdam o novo dia
E aquela voz que se ouvia, agora faz sentido:
"Vai ficar tudo Bem..."
A liberdade é linda... A alegria também
A espera cresceu, mas, a esperança floresceu...
E os jardins, estão mais belos
Ontem, ouvias a tempestade, choveu
Um arco-íris no horizonte formou-se
É a vida sorrindo, em suas vestes multiformes...
Ema Machado 06/04/2021

Naquele pôr do sol...

Você foi vento de tempestade
Passou, revolvendo terras e mares
E eu, deixei-me levar...
Do alto, a teu lado soube despertar
Antes de ti estivera adormecida
Tinha medo da vida, dos sonhos que alimentava
Fui lagarta, ganhei asas e voei...
Lembro-me do teu olhar sem fronteiras
Nada fugia ao teu olhar...
No fundo eu sabia, eras viajante
Eu, apenas uma ilha, pequena demais para se atracar
Você se foi...
Naquele pôr de sol chovia, e eu... anoitecia...
Ema Machado.

Último Poema...

O último poema...

Queria pincelar em ti, todas as nuances
Ser exímio artista, dar-te em essência, todos os sentidos
Mas, na alma o olhar, da poesia se esconde
Hoje nado em mar sombrio, sou o ser perdido
A noite passada, nem vi estrelas... pensava sonhar, e nada...
A lua, detrás das nuvens se escondeu
A poesia silenciou na alma cansada...
Pincelo em ti dores, quando apenas queria, dar-te cores
O sol nasceu devagarinho, parecia sentir minha triste aura
Permaneci aqui, passarinho no ninho
Esquecendo-me, das dores e das horas...
Porém, o sol não se conteve, entrou pelas frestas da cortina
Pude ouvi-lo dizer eufórico: " Desperta, menina!
De repente, um pensamento me ocorre... não vivi tudo ainda...
Então a alma se solta...O sol cobra, há tanta vida lá fora!
Viver é assim, tela de amor e poesia...
Na dor, pincela-se cores de melancolia
Se há alegria, a tela se faz plena, a vida, parece pequena
A poesia tem aromas, nuances de felicidade
Se for este, meu último poema, saberão
Vivi a poesia, e nem fui poeta de verdade...

Ema Machado 10/04/2021

Dia e noite

Jaz cansada a rainha noite, esbanjara toda sua beleza. Seu usual traje negro pontilhado em enormes estrelas reluzentes, nunca parecera tão esplêndido. Adornara seu manto com a maior joia que alguém, até então contemplara. Uma lua tão bela que atraia todos os olhares admirados.

Exausta, languidamente, gradualmente, adormecera.

Radiante em sua coroa dourada, desponta o sol. Traz pela mão sua companheira Clara, inseparável menina sapeca que a todos contagia. Acorda a natureza, a manhã anuncia, _Já é outro dia!

Clara às vezes, se entristece e quando isto acontece, em trajes acinzentados se veste... Pesados, espessos, aos raios solares encobrem. Por vezes, sopra o vento e as vestes em movimento deixam transparecer sua presença, ainda que por breves momentos. Porém, na maioria das vezes, Clara é feliz. Brinca de pique esconde com o sol, esconde-se detrás das nuvens, dos montes...

À tardinha, sentindo-se cansada, sonolenta, segue ao ocaso, levada pelo sol, onde, aí espera o despertar da noite, para adormecer tranquila.

O amor está perto...

O amor está perto...

Busquei-te, amor! Andava tão perdida...
Caminhava pelas tortuosas avenidas da solidão
Com alma e alegria, encolhidas
Letárgicas são as horas em agonia, fui fera ferida...
Via noites engolir os dias, nem mesmo estrelas havia
Caminhava à deriva, subi e desci, por becos sem saída
Chamei, tive medo de gritar, sussurrei um nome
Não ouvi, nem um eco... Só o medo que consome
Volto a mim, sinto-me em meio as areias do deserto
Amor onde estás, que não me encontras?
Abri as portas, perfumei os cabelos, estás perto
Liberio doces melodias, encontre a sintonia
E veja se assim, me encontra
Para você, estou pronta...

Pura Arte...

Pura Arte...

Coloque na tela teus sentidos
Despeje, teus olhares, desejos e prantos
Decore poesias em doces melodias
Expresse, grite, teus sentires tantos
Quem sabe, uma Ode à imaginação?
Bela e nobre, Deusa Arte!
Seus passos abrem espaço para emoção
Transpiras sentidos, e nunca à parte
Danças entre dedos, corpos, bocas
Entrego-me a ti
És mágica, és a alma inspiração...
Ema Machado

Novos ares...

Novos ares...

Um ar entristecido passa, toca leve feito criança
Anseia novo sentido, clama, que seja nutrido
Tem sede de esperança
Anda pesado de tantas dores
Carrega almas, sonhos e culpas
Necessita de aromas indolores
E seres que repensem as condutas...

O ar que aqui passa, causa-me calafrios
Provoca receios e indagações
Sou eu, que o entristece? Ou sentires difundidos
Que leva medo a tantos corações

O ar que respiramos, precisa ser filtrado
Esperança é filtro e melhor antídoto
Ainda que o ar exale tristeza ao lado
Se expeles amor, pelo ar será absolvido
Ema Machado

Oceano de lembranças...

Ainda o sinto perto, teus olhos captam meus movimentos
Onde quer que vá, uma parte de você se manifesta
Ouço tua impaciência, grita ao meu entendimento
Você vem, como uma marola
Invade e beija a praia de minhas lembranças
Movimento intenso, que tento afastar sem ânsia
E me torno ilha sem porto, ninguém aqui adentra
Deixei-me levar por suas águas intensas
Tentei nelas, afogar minhas crenças
Permiti que invadissem meus anseios, agora vivo assim
Repleta de receios...
Você chegou feito tempestade, transformou meu universo
Porém, às vezes o contesto, conheci o único amor
Que ainda carrego...
Mas, não permito seu regresso...

Mãe Terra

Mãe Terra

Mãe que abraça e acolhe
É maltratada, usada e ferida
É mãe da vida, como mãe é nobre
Engole, é envenenada e engolida...
Sustenta, e nossa pobreza encobre
Nutre-se de tudo, ainda que lhe custe a vida
Terra mãe, casa bela e santa
Repleta de belezas tantas
Alimenta o corpo e almas sacia
Berço de vidas, visíveis e escondidas
Chora por ser depredada, poluída
Se refaz se renova...
Teus filhos não a entendem
Não se ocupam, em preservar
A casa em que habita
Terra, mãe bendita!

Ema Machado

22/04/ 21

Tristezas de outono...

Tristezas de outono...

Aos poucos, um clima de nostalgia desponta
O ânimo, amolecido parece vir contra mim
De meus anseios e pensamentos, não se dá conta
Lentamente cai, como as folhas ao chão
Vou sentindo falta do teu colo, teu amor desleixado
Mantenho a sanidade, mas não meu coração
Em descompasso, lembra-me, de quando o tinha a meu lado
O vento entra pela janela, recorda-me tua tez fria
Eu evitava tocá-lo nesses instantes
Hoje, minha pele arrepia, a tua queria
À noite, poesias componho, não mais, como antes...
E nada escrevo, além de elegias
Se adormeço, é você, o meu único sonho
E agora, a tristeza vejo à porta...
Folhas caem, como meu ânimo
Adentra o Outono...
Ema Machado.

Nenhuma carta de amor...

Todos os dias olho o portão, espero ao menos um recado
Será que não tem coração?
Por que sou, ao martírio condenado?
Juras de amor me dissestes, nelas acreditei
Até a lua, que a mim, prometeste, olho-a todas as noites
Pergunto-a se fui ingênua, quando meu amor entreguei
Nada a mim, responde, é muda como a carta que guardei
Pobre, de mim!
Sonho com algumas palavras de amor
Voaria de alegria, se da carta recebesse resposta
Escrevi com tanto carinho, hoje é motivo de dor
O vento lá fora, parece zombar de minha aflição
Assovia e arranca folhas das árvores
Como o silêncio, meu coração
Espero que o dia passe depressa
Nas noites sonho, com o carteiro
Nunca fui, muito de reza
Porém, dei para rezar em desespero
Abro o celular, que toca. Nele teu rosto aparece
Leio em agonia a resposta:
"Amor, estou voltando amanhã! Me espere..."

Incertezas de outono

Os ventos andam cansados
Lânguidas são as horas de espera, há anseios por acender velas
Desponta um outono quente e embaçado...
Tudo caminha a passos curtos, no ocaso uma nuvem esmaece
Transformando-se em longas plumas e sedas amarelas
Outro dia se vai...na noite, a vida fenece...
Não vemos do túnel, ainda o final
Gradativamente feixes de luz, nele despontam
Sombras disformes, ao longe passeiam, outro erro será fatal
Não se sabe, se haverá claridade, ou apenas pirilampos...
O sol partiu, aos sons de gorjeios, de aves em voos rasantes
A natureza anda mudada, atrasa-se, e furiosa se revela em todo canto
Anda revelando sua força, ensina que a escola é de todos
Nela é professora, somos apenas estudantes rebeldes
Folhas caem, se apronta outro outono...

Ema Machado

28/04/2021

Fragilidade

Fragilidade

Percebo...vejo a vida apagando em teus olhos
Como vela bruxuleante, quase extingue a chama
Já não ousa, deitar-me em teu colo
Queria ouvir meu nome, quando a mim clama...

Em nossa estrada, não havia muitas flores
E hoje, o tempo lhe apaga, lembranças e cicatrizes
Vejo-a voltar à infância, sem muitas cores
Queria que o final de teus dias, fossem felizes...

Queria colocar de volta as estrelas de teu olhar
Que eterno fosse o teu sorriso
Não desejo ver em seu rosto, a luz se apagar
Sinto-me, tão inútil... de você preciso...

Canta, mãezinha! Canta!
Aquele canção de acalanto
Ninguém, como você me encanta
Sou tão frágil, ao te ver fraquejando...

Onde o céu foi morar...

Onde o céu foi morar...

Não era sal... não era mar

Não era deserto... a beleza, morava lá...

Plácidas nuances, puderam se formar

Tons flamingos margeavam o horizonte, fundindo-o ao mar

A noite de inveja fugiu, ante aquele esplendor

Mas a lua não, lá permaneceu a observar

O céu, via-se tão belo, como jamais pensou

E escorreu... abraçou-se a vastidão radiante, deixando-nos sem ar

Suas lágrimas sobre o sal, criara o espelho de luz

Nele mergulhou...

Uma simbiose magnífica de se contemplar

Assim, eram agora unos

Quem era deserto? Onde estava o céu...

Haveria, um limiar?

Integraram-se num amar...

Ema Machado

Luzes D'aurora

Luzes D'aurora

Clareia a manhã pálida

Raios de sol tocam sua tez fria

Jaz ainda coberta, pelo manto de gotículas reluzentes

Lágrimas do pranto noturno, dá vida a aridez dos dias secos

Alivia a vegetação sedenta...

Há um brilho novo que brota de dentro para fora

Como se no centro da aurora, diamantes estivessem a gestar

Raios fulgurantes se espalham no ar...

Sombras partem, cegadas pela luz radiante

A vida dança, como há muito não fazia

Lá, em cima do monte, desponta um sol sorridente

Nenhuma nuvem o atrapalha, pode absoluto reinar

Aspira-se novo ar, a esperança adentra

Seu espírito de luz invade o olhar

Há em tudo, um desejo de amar...

Ema Machado

Heras...

Heras...

Ele, fincara suas raízes no solo
Tentava parecer de ferro
Às vezes, espantava algum sonho
N'outras, vivia e queria tudo aos berros
Nunca admitira que necessitava de colo...

Ele era todo chão, Ela, não...
Ansiava por ser amada
Era alada, via em tudo a vastidão
Seu mundo, era feito de primaveras
Floria no outono, inverno ou verão...

Se encontraram, pousou naquele caule
Sentiu- lhe o bater do coração
Fez-se liana, adormecera enroscada a ele
Já não havia primavera, perdera a floração...

Não alçava mais voos, tornara-se Hera
Até perceber, sua felicidade
Era nuvem imaginária, apenas quimera
Desperta, para a triste realidade

Ele não acreditava, que ela alçaria voo novamente
Ela se desvencilha, segue a felicidade, a vive sem espera
Hoje, ela pode voar, e cuidar das sementes...
Ainda colhe flores, canta na primavera

Ema Machado

04/05/21

Oração pelas mães

Pai,
Queria viajar no tempo, para consertar o que agora entendo
Tudo o que fiz de errado, e que a ela, possa ter marcado...
Voltaria devagarinho, iria aparando todos os espinhos
Chegaria com um imenso ramalhete de rosas
A ela iria coroar, dizer que, delas é a mais formosa...
O tempo está se acabando, Pai! Vejo-a murchando
E ainda que a tenhamos regado
Não há mais viço, naquele olhar cansado
Quem sabe, seria mais fácil um recomeço...
Mas sei, Pai! Não mereço
Voltar aquele colo, depois de ter crescido...
Ela é mais que mãe, reconheço
Hoje, aquele rosto sofrido
É como semblante de santa
Rogo, que por ti, pai!
Também seja reconhecido...
Pois, a peleja foi tanta...
Ema Machado.

Maria-Menina-Luíza

Guardava a esperança
Colhendo flores na primavera
No lar, amor e cuidado
Até renúncia se fizera
Gerou vidas, com dedicação
Não lhe faltou fé e oração
Cresceram...
Seguiram a vida
E a vida volta, no tempo e espaço
No destino dá um laço
O mesmo gosto colorido
Ao beija-flor dando abrigo
Mãe vira filha
E quem foi gerada
Tem a criança no colo
De filha à mãe
Com zelo infinito
Amor bendito
(Edla Marinho)
Amor de mãe
Maior sentimento,
Este é o maior evento
Que Deus preparou para nossa vida.
Esta vida,
Que é abismo de emoções congeladas!
Aos filhos,
Não percam significantes momentos que ainda restam na vida,
Mãe divina e única mulher
Amor aconchegante
Para sempre fiel
No coração dos filhos
Eterno viver .

(Corassis)

Uma preciosa criança
Mostra de esperança
Esperou crescer
Se tornou mulher
Esperou filhos
Esperou crescerem
Esperou passar...
E hoje voltou a ser
Uma menina linda
Criança eterna, enfim!

(Lucita)

Um olhar que fala
Que lê nas entrelinhas
No silêncio de um abraço
No silêncio da companhia
Um olhar, um pensamento
Que passeia pela história
Pela memória de uma vida
Vida de luta e labuta
Olhar que grita
Acalma-te, tenha fé
O tempo pertence a Deus
E mesmo que no íntimo do seu
Consciente e subconsciente
Uma infinita sabedoria é explícita
Em seu olhar, do gesto com a boneca
Um recado:
Eu te ajudo, eu cuidei e sempre vou cuidar
Na intensidade de um amor
De mãe que participa que é no silêncio, submissa.
Que busca e que mesmo no silêncio
Comunica.

(Neiva Dirceu)

Ah! esse seu olhar
Tua íris faz divagar

Uma viagem ao tempo
Unindo seu pensamento
Olhar brilhante
Alegra, a todo instante
Maria Menina
Maria Luiza
Tantas histórias
Tanta pureza
Expressa no olhar
Maria Menina Luiza
Quantas histórias
Tens para contar
Filhos, netos, bisnetos
Alegria estampada no rosto
És o centro das atenções
Ao teu redor uma ciranda
Vamos todos cirandar!

(Ernane)

Era uma menina
Uma criança que sonhava
E o sonho é mesmo o agora
Uma velha senhora
Dessa avó que ainda brincava
Nessa vida severina
Nessa estrada curso dos tempos
Luta diária, cuidado aos rebentos
Todos criados, pode ser criança
Penteia os cabelos, faz trança
Embala a boneca, lembrança
Da memória livre da ciência
Um esquecimento, um descanso
Um alento, pureza da inocência
Desapego, espera, remanso...

(Hébron)

Mãe querida e amada que com suas mãos embalou seus bebês
Nos aqueceu em seu peito, de tudo fez pra nos proteger

Cantigas de ninar para o nosso sono chegar e dormir no seu colo
Brincadeiras! Causos de assombração nos faziam de medo tremer
Carismática e sorridente, repreendeu educou, suas quitandas, café com bolo
Bem cedinho de pé já estava a arrumar a casa e o quintal varrer
Quanto amor destes e nos da ainda hoje para seus filhos e netos
O tempo passou e, juntos estamos em seu envelhecer
Dona Maria Luiza manteve seus dons maternos e menina voltou a ser
Sua boneca Tininha hoje é a filhinha mimada, virou nossa irmã
Como queiras! Avó, mãe ou nossa filha! Nosso amor sempre vais ter.

(Claudio Reis)

Olho para ela e vejo
Olhar brilhando, como menina brincando.
Olhar atento, em que estará pensando?
Como adivinhar agora
o que se passa na sua memória?
O tempo pintou os cabelos de branco dessa senhora que hoje vive no ontem.
Ela me concebeu, alimentou, educou, foi arrimo e foi fonte de exemplos.
Sofreu na lida.
Teve alegrias,
Chorou, mas sua missão cumpriu.
Talvez tenha preferido, num tempo só seu se refugiar.
Ali construiu seu abrigo.
Olha para mim sorrindo com sua boneca. Me reconheceu?
Não sei! Isso é segredo só seu
Mas eu me lembro dela com nitidez
Tudo que de mim fez e o que sou, foi ela quem fez!
Sua cabeça pode hoje estar ausente
Mas, em mim ela sempre estará presente.
É a mãe que amo e sempre amarei!

(Maria Dorta)

Carinho de mãe, eterno apreço
Na mãe menina, Maria Luiza,
legião de bondosas mãe, eu reconheço,
Tanta bondade, neste ofício materno,
Quando a filha vira a mãe, num ato digno e terno,
Filha honrada, mãe amada,

Na trajetória da vida, edificou a jornada,
Hoje a nossa heróina merecidamente descansa,
Tininha, ainda um bebê, de nada se lembra,
Mãe e filhinha compartilham a doce infância.

(Shimul)

Ela é mais forte
Do que jamais serei ou sonhei ser
É sul, é norte
Orgulho que ostentamos
Nunca deixou os filhos a mercê da sorte
Foi pai e mãe
Guiou dez, com amor e prazer
A vida sabiamente
Apaga-lhe as tortuosas lembranças
Hoje é, e tem a pureza de criança...
(Ema Machado - filha de Maria Luiza)

Quase cinzas...

Quase cinzas...

Tento, apagar um sentimento

Volta e meia se ergue, reacende algumas brasas do esquecimento...

Num momento raro, aliso a ternura que se apresenta...

Traz-me um misto de saudade e alento...

Passeio por teu sorriso solto

Ouço teus argumentos, sempre venceram meus agouros.

Sintonia estranha, às vezes me sentindo rainha, você o bobo da côrte

N'outras, apenas a estátua ante o escultor

Vivias moldando, meu gosto e costumes ao teu sabor...

Os dias se tornam insulsos, porém, não tenho medo de olhar adiante.

Você foi minha intenção de felicidade, e fui feliz de verdade...

Fomos parceria em mais uma, de suas jornadas

Sei, desejava mais, porém, para voar não estava preparada.

Olho despontar os dias, como fazíamos...

Aprecio o horizonte, nele agora, estás muito longe...

Tua lembrança em mim, torna-se apenas 'nuances'...

Brasas se apagam, resta apenas a ternura que ainda afaga...

07/05/21

A luz que aqui habita

A luz que aqui habita

Sempre estive aqui...

Desde quando a vida assoprou, adentrando minhas retinas

Pude respirar o ar, iluminas e alimentas as veias de meu ser

Ainda agora, percebo, ensinas a tudo crescer...

Estás nas linhas e entrelinhas que escrevo...

Vives no pulsar compassado do coração

Ou até quando perco o compasso, sinto teu abraço

Ainda estás comigo, vejo, percebo...

O sentia, sempre quando a coragem fugia

Quis, entregar-te os passos, porém, me ergues nos braços

Estás aqui... o vejo nos sorrisos

Ou nos esboços da alegria, que teima subsistir

Ainda que a realidade seja triste

É para ti, que me volto sempre...

Sei, sou tão pequena! Ainda assim

Cuidas de mim e de tudo que nos destes

És vida, dádiva divina...

E com ela sei, me engrandeces...

Ema Machado

Olhai os lírios...

Olhai os lírios... Afaga-me a ternura...
Poder alcançar teu sentir, numa simbiose mágica
Teu olhar é água que sacia a alma sedenta. Traz-me calma, vontade de viver.
Por que colher lírios, arrancando-lhes a pureza?
Morreriam em tristeza, para meu volátil prazer...
O vento acaricia- lhes as folhas, a água os sacia.
Há em mim anseios, ser adubo que fertiliza o solo onde possam crescer...
Pergunto-me coisas as quais não compreendo.
Se tudo que precisas tens, para que querer mais?
O desejo fútil é insaciável, faminto e voraz...
Caminho por semblantes nas ruas, sinto a impaciência no ar.
Ainda que, nem tudo seja o que se deseja, viver, já é o bastante para amar...
Carros passam desenfreados, pessoas transitam sem parar.
Não há um sorriso, a vida passa, ninguém enxerga...
Olho os lírios, pendem neste espaço, empoeiram-se com o ar.
Respondam-me... O amanhã, como será?

Nos salões do destino...

Nos salões do destino

Desdobro lençóis de lembranças

Aquiesço que despertem e dançam pela memória

Dança sincronizada ao compasso de melodias do tempo

Às vezes, perco-me nesses ternos instantes

Não me reconheço entre o bailado que passa por mim

Rodopiam cenas, de um ser repleto de dilemas

Despido de vontades, regido por difíceis danças

Aqui, nesse país de sambas e frevos, dissonante, dancei alguns tangos...

Não há ensaio nos salões do destino

Nunca fui exímia dançarina, aprecio passos bem feitos

Sincronizados ao compasso de sons variados, múltiplas vezes os perdi

Tentei ensaiar alguns passos, porém, a melodia sempre mudava

E, raras às vezes, que para ela estava preparada...

Não conseguia nem queria dançar só, busquei parceria

Não dançávamos no mesmo compasso, quem diria...

Amanhã, não sei o que há a minha espera, aprendi algumas lições

Amo antigos acordes, porém, o novo sempre vem

Visto-me para o baile, que sejam doces as melodias...

Eu, você e o outono...

Árvores se despem, predomina o amarelo, ferrugem
Brevemente, a espessa roupagem nutrirá o solo
Pensamentos nostálgicos retornam do além
O outono... em vestes amarelo alaranjado, ou avermelhado
Como meus olhos cansados, do ocaso são reféns...

Sempre assim, nos outonos, sua lembrança invade
Prende-me, perco horas a olhar o pôr do sol no horizonte
Éramos dois, adorávamos apreciar os fins de tarde
E hoje percebo, sou só como o sol, que agora se esconde

Sonho acordada, sei que estou no meio da estrada
Em breve, serei nua como as árvores, despida de você
Depois do outono, o inverno e o vazio castigam
Porém, a primavera vem, novo amor me fará esquecer...
Ema Machado.

Poesia que não se anseia...

Poesia que não se anseia...

O olhar busca, passeia
Onde encontrar, a poesia perfeita?
Há aroma de saudade, anseios de liberdade
A poesia vagueia, sem encontrar espaço
Olho em volta, nada de novo, o olhar tateia...
Ares lúgubres, o meço em metros cúbicos
Em passos miúdos, a vida vagueia
As janelas chamam, a porta reclama
Cresco nesse espaço, paredes parecem falar
O vento reforça o frio, do vazio aqui de dentro
Tudo ganha aspecto de museu, até o olhar
Cerçado, nos entornos busca consolo e algum alento
Sinto-me como poesia que ninguém escreveu
Sou a própria elegia, o momento era para ser vírgula
Torna-se reticências, de um soluço nulo...
O pensamento encontra, um poema que não anseia...
Ema Machado.

Nas vias do tempo...

Nas vias do tempo...

Traço esperas na linha do tempo
Pondero a impaciência, domo-a persistente
Prendo minhas feras, anulo fases da lua, sem lamento
Adentra a esperança, sinto-a rutilante
Sonhos, tornam-se insignificantes, sou do momento
Vivo de reminiscências, libero olhares e pensamentos...
Da janela, a vista nunca me pareceu tão bela
Uma brisa passa, a brincar com as folhas
No azul do céu, uma nuvem faz pose em forma de bolha
O sol brinca de se esconder entre ela e o monte
A vida habita em mim
Sou feliz, tenho o hoje e o ontem
Ainda possuo anseios de voos, não vivi o bastante
O sol se vai, mergulha no horizonte...
Em breve, o hoje será apenas ontem...
Ema Machado.

19/05/21

Sapiência...

Sapiência...

Busco-te, na calmaria do universo
Na prece tão imperfeita, que oferto
Na chuva, que amolece e rega à terra
No solo sedento, que a absorve
Percebo vida brotando, nas entranhas das planícies e na serra
Busco-te nas árvores em flor, no fruto amadurecendo
Ouço tua paz, no farfalhar das folhas ao contato do vento
No gorjeio e chilreio das aves, no barulho das águas
No curso do rio a vencer obstáculos, e a viver correndo
Sinto teu toque, na brisa que a pele afaga
Teu olhar me desperta, com a claridade das manhãs
A aurora as trevas vencendo, despede-a sem falas...
Sabes... tenho o olhar aflito, sou repleta de anseios
Porém, sinto-o em tudo, que me destes e me cerca
Cuidas de cada detalhe, nada falta, e em tudo o vejo
Dá-me tudo que necessito, mas, no fundo, bem fundo
Há um desejo... O dom...
Sabedoria para agradecer, saber teu amor merecer
De sua semelhança sou apenas fragmento. Senhor...

Ema Machado

20/05/21

Faça-me poesia...

Faça-me poesia, fale de minhas mãos a passear por tuas retas e curvas
Diga, que provocas em mim ideias absurdas
Que vê estrelas em meus olhos
Diga que lhe caio feito luva...
Faça-me deliciar por teus versos astrais
Sentir-me-ei a musa perfeita
A melodia para teus toques musicais
Sabes tocar-me como ninguém mais...
Faça-me poesia, em teus versos, fale de minhas felinas manhas
Que o levo ao paraíso com minhas artimanhas
Que serei sempre sua rosa perfeita
Que carregas na pele, meu
aroma de absinto
Que despertas em mim o mais puro instinto
Faça-me poesia, amor...
Sempre serás minha poesia, meu infinito...

Faço-te poesia
a tangência da tua rima eu acaricio
a fantasia é jogo de palavras que aprecio
faço verdades de ilusões
faço realidades em versos
faço absurdas tuas visões
faço asas dos teus grilhões
faço delícias teus universos
teus olhos são constelações
não há medida tua dimensão
apenas o encanto de poesia
traduz tua impossível melodia
tua beleza reverbera canção
apenas escuto tua essência
respiro o frescor da cadência

o impossível em pétala sedosa
de perfeição de rosa formosa
representação do êxtase que alivia
na sublime composição de poesia
em inebriante olor do instinto
em sedutor aroma de absinto
deste poema de amor infinito
a fantasia é jogo de palavras que aprecio
a tangência da tua rima eu acaricio
Faço-te poesia
Ema e Hébron

Abraço...

Abraço...

Dá-me, um abraço!
Há tempos, não ocupo esse espaço
Um delicioso encontro, e enlace perfeito...
Simbiose de energia, que ao peito alivia
Nada há, mais confortante que sentir os
Corações sintonizados, em silêncio
Encontrarem-se ao toque da mesma melodia
Tantas alegrias, compartilhamos em abraços!
Saudades também, foram mortas nesse enlace
Tantos medos dissipados...
Forças renovaram-se nesse ínfimo espaço...
Agora, desolados, pendem os braços
Uma triste tortura, que ansiamos conter
Preces sobem aos céus, em ansiosas súplicas
Que se possa, esse vazio preencher...
Ema Machado.

Devaneio de pirilampo...

Às vezes olho o céu, como quem desejasse o universo.
Um dia, disse-me, "serei como aquela estrela" ...
Aqui, onde me encontro, sou apenas pirilampo
Que ao tentar alçar voo, vê-se quase apagando...
Um dia alcançarei o universo, como a estrela que a mim pisca.
Mesmo que brilhe, apenas à primeira vista
Penso... para brilhar, é preciso que haja escuridão
E nesse universo, reina tanta solidão...
Pura ilusão, estrelas desaparecem ao nascer do dia...
Anseio volátil, desperto...
A estrela maior, o sol, me guia.
Sigo-a na vida, ainda que a curtos passos.
Nunca pensei, chegar além de onde me encontro.
Sonho, como todo ser. Porém, tenho a cabeça ao meio-dia.
Às vezes, pirilampo, ascendo-me em noites
Quando estou em devaneios...

Ema Machado

24/05/21

Seguindo a trama...

Divido, tempo, morada e silêncio
Moro em um corpo cansado e inquieto
Repleto de silêncios gritantes
Não há tempo, queima em dúvidas incessantes
Não tenho tempo, como idades
Cansa, viver tão inconstante
Não há como, fugir de mim...
Divido-me entre infância e realidade decadente
Ouço a agonia, de não poder ser o que queria
Ouço o olhar que vê, o que não devia
Cobra-me astúcia e sanidade...
Entre tantas cobranças e padrões atávicos
Ouço, a pretensa felicidade que chama
Sem eu poder ir, sem ferir a moral
Tecer sem poder sair da trama...
Ontem, não fui criança, adulto precoce
Hoje, não me vejo anciã
Transito pelo tempo, que chegue de causa normal
A hora de partir... Que seja! Sem sentir...
Ema Machado

Mergulho...

Há um tesouro, busco-o
Em profundezas mergulho
Jaz oculto, entre os sentimentos mais profundos...
Ergue-se o olhar... só o tem, quem é poeta
Capta o que ninguém mais vê...
O pirata noturno espia, olha-me do céu
Encontro um carrossel de estrelas longínquas
Ou seria, uma nuvem a puxar seu enorme véu...
Tudo anda tão obscuro...
Almas sobem, feito pipas de papel
Volto a mim, o olhar não mais se ergueu
Busco algo mais puro...
Vou ao fundo, onde habita meu eu
Sonha, encontrar o que não se perdeu
Ao fundo, poesias...
Ema Machado

Sonho das pedras...

Ela era rocha, ele estrada...

Passou por ela, quis mostrar além, do que ela enxergava...

Ela ficou extasiada, era seu momento meteoro, voava...

Viu a vida do alto com ele, tudo brilhava

Ele se fez cometa, ela, viu-se estrela, nada mais importava...

Tudo era lindo, porém, o caminho não era o céu, chamava...

De volta a antigas formas...

Ele estrada, pelo mundo se foi...

Ela permanece no mesmo lugar...

Tornou-se rocha quebrada...

Olha para o céu, ao longe, às vezes, avista um cometa

Sonha ser estrela, sonha acordada...

Ema

Dom de voar...

Quisera voar...
Alcançar picos e montes
Desenhar o horizonte num voo rasante...
Doce enlevo... Se possível fosse
Tenho ainda, asas de papel...
Meu pensamento fósmeo, faz-me poeta itinerante...
Hoje voei, pensei ser e fui Ícaro...
E como ele, despenco, volto à realidade
Minhas asas, são de papel...
Como alcançarei o céu?
Calcei as memórias com paralelepípedos.
Fiz delas ladeiras antigas, para não esquecer de onde vim
Terei para onde voltar o olhar, quando voar
Tantas foram as quedas, refez-se várias vezes a pele,
Feridas cicatrizaram. A alma guarda cicatrizes sem fim
Porém, tenho o dom de voar
Ainda, que tenha asas de papel
Um dia... ainda alcançarei o céu...
Ema Machado

Nas dunas do tempo...

Nas dunas do tempo...

Vim...

Caminhei por trilhas flexuosas

Habitei a pobreza cruel, onde, quase todo ser é ignoto...

Vim das vielas de cascalho, das casas sem assoalho

Sobrevivendo a escaladas, das montanhas do medo

Vencidas à força, em segredo...

Vim...

Mesmo tendo pés retorcidos, cobertos pelo pó da estrada

Pó que lhe cobre a alma, impregna na tez, no umbigo

Dele, o barro...

Eclodiam moradas, panelas, tintas e jarros...

Vim caminhando pelas dunas do tempo, árdua jornada

Aprendendo com o mestre, e o silêncio

O deserto da agonia é fértil...

Nas areias do desespero, brotam canteiros

Florescem aí, sempre-vivas e espinheiros...

Vim... creio, por beber na fonte da esperança

Alimentava-me da fé, que no caminho sustém os olhos

A certeza de chegar, ainda que em frangalhos...

Vim, encontrei por fim meu oásis

Nele, cuido de tudo com carinho

Há animais e muitas árvores

Milhares de aves e passarinhos...

Que não necessitem, trilhar igual caminho...

Já não caminho nas dunas do tempo

Observo-as...

Tento ganhar novas formas, como elas...

Ema Machado 30/05/21

Pecados

Pecados...

Não disse, que não queria

Apenas sabia...

Éramos do pecado que nos consumia

Nada pude, contra o incêndio a devastar vontades

Tentei ser rocha, fui vulcão, que ardia

Transformei-me em lava, não houve sanidade

Escorria ante o toque de tuas mãos, me amavas

Tê-lo, nunca era o bastante, me possuías

Sua pele, meus lábios, queimava...

E nessa loucura insana, inteira consumi

Ninguém mais me preencheria, e assim...

Você se foi, como eu previa

Sempre soube, que deveria fugir... assumi

Foste o furacão que passou, e levou tudo que eu tinha

Ainda assim, nunca o esquecerei, despertou

O vulcão que em mim, existia...

Ema Machado

Pegadas de mim...

Pegadas de mim...

Busco no ontem, o que aos poucos se apaga
Já não me lembro, de meu riso, minhas falas
Quase perdidas, nas praias de minhas lembranças
Apenas algumas pegadas esparsas...
Em ondas, minhas urgências lambem-nas
Tenho olhos na noite, mas, estrelas perderam o brilho
Sobrevivo hoje, de lacônicos suspiros
Alguns sentimentos, gradativamente perdem o sentido
Vejo, tudo foi, o que deveria ter sido...
Fui intenso verão, estacionei no outono...
O vento varre, o que resta das velhas árvores
Ainda haverá, um intenso inverno
Antes que retorne a primavera...
Ema Machado

Quedas...

Caem orgulhos e tramas, a paz se deita...

Cai o olhar, cansado de perambular pelas paredes

Caem certezas entre verdades e as dúvidas que gritam mais

E o medo se ergue, passeia pelas telas, pelas vielas

Pelos olhares dos incautos, que de morte tinham sede

Daqueles que se julgavam imortais...

Vidas caem, sucumbem ante o capcioso

Ante o brioso, aos relapsos e seus sarcasmos

A horda perscruta a sensatez

Cai o vocábulo, o sórdido e o imponderável

Conduzem a plebe e a palavra da vez...

Haverá a verdade, ainda que tardia

É figura que não se oculta

Caia por terra, toda injustiça e covardia...

02/06/21

Rotineiro...

Fiz, da poesia meu cântico
Das noites frias, meu manto
Dos silêncios, meu universo semântico
Entrego-me às horas
Como quem se esqueceu do tempo
Tragam-me, devoram-me e não lamento...
O mundo gira, giro em meu mundo
Sinto-me tão tonta, tudo passa em segundos
Vejo o dia, na boca da noite estrelada
Mastiga-o engole, mas não se sacia
Como vingança, a madrugada esquálida pari outro dia ...
Quisera ser engolida, e despertasse apenas
Quando terminasse essa rotina...
A vida é um carrossel, rio de mim toda manhã
Meus olhos se perdem nos sonhos
Giros, altos e baixos... Preciso seguir
Ninguém calça meus sapatos...

Anseios velados...

Anseios velados...

Banho-me, nas águas desse olhar sutil
Refresco para minhas famintas ânsias
Há tempos, vivo num universo febril
Acalentando ser, para ti, mais que fragrância...
Tento perscrutar teu olhar, se sabes, o quanto me assanha
Torna-se azáfama, essa espera
Queria beber destes lábios, sei que estão à minha espera...
Percebo tuas mãos frias, sempre argutas
Apertam as minhas de modo voraz
Adoraria tê-las, sob a roupa que cobre minha pele
Ou tua pele, a moldar-se a minha, num enlace tenaz
Queria que lesse, nas entrelinhas dos meus passos
O quanto de desejo carrego, nesse curto espaço
Amo-te em segredo, porém, não disfarço
Sou aquela felicidade, a tua espera
Sonhos não são quimeras... se anseias ser feliz...
Abra- me os braços...

Naufrágio..

O dia vestiu-se de cinza
Como as nuvens escuras vistas à frente
Vive-se agora no pêndulo das incertezas
Marionetes, é o que nos tornamos
Dançamos a melodia de nossos pecados...
Cerceados nossos ímpetos bestiais
Onde, complacência é líquido raro
A sede que impera, chama-se "Poder"
Paira a pergunta, que não quer calar...
O que será do futuro?
Como diriam, antigos navegantes dos navios mercantes:
"Não há terra a vista!" ...
A tempestade assola e o barco à deriva, quase naufraga...
Quem sobreviverá ao naufrágio...

Na calada da noite...

Uma estrela, ao longe me espia
Vejo-a, absorta por minha solidão vazia
Abre furinhos na escuridão...
Não está, como eu sozinha
Vive cercada, pela lua e por milhares de irmãzinhas...
Fragmento o espaço, entre mim e ela, imensidão
Sou poeira, enquanto ela brinca, pisca em minha direção
Contemplo o ontem, quando, alegre olhava o céu
Nuvens desfilavam, pareciam figuras ao sol
Hoje sou eu a figura, na noite, a ser contemplada
Na janela, aqui estática, sem céu, sem chão...
Uma estrela-cadente, risca a escuridão
Meu olhar despenca, arremesso um suspiro
Os olhos ardem, se fecham
Morfeu se aproxima, chama...
Sonhar é bom...

Carência...

Bastaria, dá-me um gesto de ternura!
Um aceno de mão, um sorriso sereno
Uma palavra doce e pura
Um olhar de candura, sem julgo ou punição...
Anseio por braços abertos, palavras de afeto
O espaço que me caiba, em teu peito como irmão
Anseio, como anseio!
Onde foram morar, os sentimentos doces
O ombro ofertado, muitas vezes molhado
Pela fadada desilusão...
Anseio o colo, seja meu solo... o silêncio sem arguição...
Os dedos andam em riste, ainda que sem razão
Olhos não olham nos olhos, há anseios de comparação
Oferto-te minha carência, minha reciprocidade
Que somente espera, como caridade
Um gesto, de amor humano...

Heranças de uma vivência...

Heranças de uma vivência...

Conhecia-me mais que eu, a mim mesma
Seria loucura, dizer que sou indiferente a esta certeza
Sinto-me a concha vazia
Sem nada que preencha o espaço da pérola que aqui havia
Carregava, todos os sentidos do mundo
Hoje falta apenas um, mas, todos os outros, tornam-se nenhum
Nenhum que satisfaça, tudo é tão volátil...
Traços do que vivemos, permanecem em todo lugar
Não consigo olhar o pôr do sol, sem que nele, veja tua forma de ver
Nuanças diversas, torna-se herança peculiar
Nas pálidas manhãs, também o vejo
No ar que não resfria minha pele, para a tua, a geleira...
O vento sarcástico, ao revirar os meus cachos
Como rias! Por ver-me tentar a apascentar- los...
Nuvens passam, sem que agora as veja
Também os dias...
Sozinha, ainda conto passos...
Caminho, sem ter onde chegar
Sou folha de outono, solta no ar...

Faz de conta...

Só por hoje, não vou adormecer
Vou me deixar sonhar de olhos abertos
A sentir eflúvios da noite, sem hora de te esquecer
Só por hoje, não quero ser sozinha
Tua lembrança me acompanha, sei que estás perto
Busco uma melodia, sua e minha
Deixo fluir do peito aberto...
O aroma do amor, que sempre nos acompanhou
Quanta poesia há, em tua lembrança...
Nas palavras suaves, no carinho com que sempre nos cuidou
O abraço sempre foi ponte, em nossos momentos de dor...
E o deleite... dos nossos momentos de amor
Só por hoje, deixe que eu te sinta
Anseio por tua voz, a sussurrar o seu amor
Não vou adormecer, como antes,
Deixe que eu apenas abrace o hoje, minta!
Deixe-me pensar que para mim, você voltou...

A espera de outra primavera...

Havia uma espera... Houve...
Bastou-me um olhar, um mergulho profundo
E nunca mais pude me encontrar
Fiz-me rio, ele era mar...
Corri em desatino, sem medo
Sem reservas, sem medidas
Era intenso o inverno, fez-se primavera
Colhi todas as flores que conseguia alcançar
Ferimo-nos em espinhos e algumas farpas
Éramos o amor, nada importava...
E veio o verão, aqueceu a pele, mente e coração
Fomos e vivemos intensos, sem intenções...
Estações passam, se renovam
Como elas, passamos...
Retorno ao inverno, vou sempre à janela
Sempre olho o horizonte, a vida é bela...
Anseio colher, novas flores na primavera

Parto de Melancolia...

Seria um poema, uma elegia
No imo habita, um sentir profano
Suspira suas lágrimas vazias
Rio que não encontrou, o caminho do oceano

Ah! Suspiros... tornam-se melodias...
A alma, despeja seu árido pranto
Em partos de melancolia...
Sem cura, exaure tristeza e desencanto

Um poema, ou doída melodia
Suspiros... Dolorosos escoam
Lágrimas cansadas, jazem vazias...
Partos lúgubres, nascituras melancolias...

Ema machado

14/06/21

Café e Pensamentos

Pensamentos se perdem no labirinto da mente cansada
Permeiam desassossegos, sons do medo
Tento de tudo e o tudo se faz nada...
Não silencia, trabalha aspirações, sentidos com zelo
O vento adentra porta à dentro
Detenho o pensamento, sinto frio, hálito do vento
Lembro-me do café fumegante...
Aroma que aguça sentidos gustativos
Aquecendo, despertando pensamentos
A mente não mente, encontrou saída
A porta se fecha, não há mais frio
Outro pensamento desperta...
Ainda não quero fechar o caminho
Não irei derrubar a ponte
Que me impossibilita em ser sozinho
Que me permite visitar horizontes...
Sou... O sonho que não morre
Vento que assopra e corre
Ainda verei, auroras ao longe...
Ema Machado

Artimanhas de amor...

Guarneci meu corpo, com tua cobiça
Sinto frêmitos de um desejo indômito, aquiesço...
Deixo de lado, a modéstia desfalecida
Sinto aroma de amor, sei que o mereço...

Há tempos, não me permito essa artimanha
Como se teu desejar, ao meu corpo fosse ofensa
Porém, ao devanear confesso, teu cobiçar me assanha
Ainda que tente demonstrar indiferença

Deambulo a sua volta, exalo meus eflúvios lascivos
A espera que capte, a doce mensagem
À sombra de teu olhar furtivo
Anseio teu deserto, serei oásis, e não mais miragem...
Ema machado

Sempre...

Para você, meus pensamentos se voltam
Confluem, todos em sua direção
Em todas as palavras que escrevo
Escoam sentires, são rios em profusão
Por ti, fui ao deserto, queimei palavras vazias
Em cada vírgula de afeto, meu coração em arritmia...
Expressaria de forma indelével, o que anseias dizer
Busco semânticas, nenhuma palavra parece servir
Insuficientes aos propósitos, por fazê-la crescer
Não me bastam reticências, embora, as deixe aqui
Tanto por dizer... nos dedos o ponto final
O ponto pequeno que a mata... não deixe, que me cale...
Sem você, sou metade...
Carrego-a, poesia!
Que seja em mim, imortal...
Ema Machado

Crepúsculo d'alma...

Crepúsculo d'alma...

Os olhos perdem-se no ocaso
Pensamentos em laço se escondem
Um crepúsculo do tédio e da mente
Já não sei aonde ir, sentidos não respondem
Os ares incertos contaminam, soçobram
Há um clima de impaciência, arde
Telas diárias, cores cinzentas ou incendiárias
Nas paletas do tempo, os tons multicores
A vida não pinta, o ser é artista dependente da alma
Na mente a escolha e uso das cores...
E as horas partem sempre cálidas...
Sem as ver passar
Seguem o curso da vida
Hoje, é rio a caminho do mar
Queria acompanhá-la, mergulho, sinto-me afogar
A corrida sufoca, ânsias se acumulam
Sem prognose... não há o que eu faça
Falta-me forças, a corrente teima em me arrastar...
Já não sei aonde ir, sentidos não respondem
A vida não pinta... O ser é artista dependente da alma
Na mente a escolha e uso das cores...
Há um crepúsculo de tédio...

Ema Machado

21/06/21

Apenas um arlequim...

Hoje, rasgo meus medos
Trago o peito aberto, que entre toda forma de afeto
Disseram-me que sou arte, não creio...
Imperfeito sou, como ser imperfeito
Talvez carregue atávicos dons, para colorir a vida
Uso de sentidos e todos os meios...
Azáfama sou, engolida por tantos anseios...
Espero mais da vida, sem restrições e preconceitos
Se vida é arte, perscruto o porquê, de tanto desgaste...
Há tantos retalhos de vida... falta acolhida por toda parte
Às vezes, transformo-me em palhaço
Nem assim, alegria capto...
Então... vou costurando sentidos
Palavras, vírgulas, reticências em profusão
Assim, lavo as vestes da alma
Nas águas do coração...
Ema machado

Batalha de egos...

Tranco meus argumentos, ao olho que não quer ver
Não há palavras, que eu grite
Não tenho, nada mais a dizer...
Triste... caminhar para o precipício tendo o dedo em riste...

Ainda que houvesse montanhas
Seguem em marcha, contra a corrente
O barco afunda, sem ter quem o detenha
São apenas números... e não mais "gente"

Quem a horda sustenta, crê apenas no ego
Como Pilatos, que lavem as mãos!
O culpado, nem sabe que é, e que é cego...
Que nos ajude, o crucificado...
Ema Machado.

Caminhos notívagos...

Caminhos notívagos...

Busco estrelas famintas por minhas retinas
Trago no rosto, lábios que hospedam um sorriso largo
Ladeiras sinuosas, repletas de esquinas
Em um corpo, onde se encontram anseios e afagos

Por onde quer que ande, nunca irei muito distante
Percurso, estradas que me levam a você
Nunca, é tempo que sempre se esconde
Encontro ou invento, a forma de lhe ter

Ultrapassando minhas barreiras
Encontro em você meu horizonte, correspondes
Na negritude de teus olhos, jazem minhas estrelas
Estremeço de prazer... a lua espia ao longe...

Ema Machado

23/06/21

Entardecer de uma saudade...

Entardecer de uma saudade...

Sua lembrança se esvai

Feito fumaça, deixa apenas marcas esparsas

É tarde, já não cultivo saudade

Já não rego o travesseiro

Tão pouco, me permito

Replantar sementes do teu cheiro...

Saudade, que um dia foi madrugada

Hoje se fez tarde...

Já consigo, posso olhar o céu

Contemplo o despertar das noites

Quando despontam as estrelas

Sem dor... Sem tua imagem...

Ao contemplar a lua altaneira

Aprendi a ser só, a ter fases

A saudade adormeceu, como os dias

Aos finais de tarde...

Perdoe...

Perdoe...

Perdoe-me, por não querer você em mim

Por suas respostas não serem

As frases que eu queria ouvir

Perdoe-me!

Por permanecer sempre perdida, dentro de mim

Saí, havia na mala, tantos planos...

Um a um, deles me revesti

Cobriram o frio, que habitava aqui

Nunca quis o ferir, fui tudo que podia

Tudo quis oferecer, entreguei meu mundo

Porém, não vi... lamento...

Perdoe-me!

Meus, eram os sonhos

És sol, somos incompatíveis

Sou apenas, filha da lua...

Ema Machado

Eu não...

Não quero me alimentar dos frutos doces

Se eu não os plantei...

Que me alimente, de cactos!

Se fui deserto, por onde passei...

Não anseio, aroma de flores

Se poluí caminhos por onde andei

Que perca o olfato!

Se aroma de paz, não tenho exalado...

Não anseio beber da fonte

Se de justiça, não for minha sede

Que eu beba das águas dos oceanos

Se ilha me tornei...

Em meu egoísmo desumano...

Ema Machado.

Ouvindo desejos...

Ouvindo desejos...

Ando devagar para não despertar os sonhos

Ao longe, ouço as ondas do mar

Uma cantiga de ninar, que a mim proponho

Ouçó minhas vontades ancestrais

Ir além do que conheço, ou acabo ficando pra trás

Ouçó o vento que leva nuvens brancas

Balança os coqueirais

Saudades das terras longínquas, de andar solta sem olhar pra trás...

Saudades daquele sorriso branco

De abraços tantos

É o que ânseio mais...

(Ema Machado)

E então chego

E assim chego

No bom aconchego

Donde ousó me inspirar

E logo que me abasteço

Sigo meu caminhar

E só quando quase desfaleço

Volto a planejar novo recomeço

É assim é que cada vez mais

Vou produzindo rastros

Para guiar outros mais

Outros que sonham poder ir

Outros inquietos colibris

Polinizadores de um sonhado novo Éden

Que em conjunto, o fim dos sonhos impedem

(Lucita)

Ouvindo desejos...

Quantas vezes desejei

Algo ou alguém

Não era desejo, cobiça talvez!

Ouvindo desejos...
Lampejos de uma paixão
Vontades de quem ama
Pura sofreguidão
Desejos de beijar a vida
Em ávidos sentimentos
Caminhar de mãos dadas
nas vagas do tempo
mãos seguras e comprimidas
Ouvindo desejos...sigo
Ao encontro dos seus anseios,
querida
Ouvindo desejos em volume baixo
Quanto mais me distâncio
Avisto apenas fogo-fátuo
Acredito que nos descaminho,
eu me acho

Ante meus olhos, seus lábios,
Em sonhos, eu os beijos
Oh, doce quimera!
Dos utópicos enlevos
que eu jamais me esqueça
dos preteciosos desejos
(Shimul)
Quem dera
Entre sonhos perdidos , outros em formações ,
O decanto certo do sorriso ou das lágrimas
Ver que a conquista será um passo certo ,
Continuar o prosseguir...
Ver a fé do peregrino não eximir
Quem dera
Pudéssemos dos sonhos
Determinar quando acontecer
Que todo anseio humano
Para o bem fosse encontrado

Em qualquer feira ou mercado
Quem dera pudéssemos com franqueza
Inicialmente o desejo sensato do
Ser mais fraco atender,
Pois toda essa orfandade
Por falta de sonhos
Não pode se intitular irmandade
Pois o que existe e mais que um pinguinho
De paz, igualdade, fraternidade
Entre as nações oceânicas .
(Corassis)
Hoje observo mais,
Pois já não tenho pressa
Ando devagar
Até meus pensamentos são lentos
E me observo mais neste tempo
Uma lágrima que resolve brotar no silêncio
As pessoas, eu as observo mais
E as acho lindas, criação perfeitas do Criador
Ando devagar observando
As paisagens, o sol, a lua...
Observo tudo sem motivo
Não disfarço, as vezes estou até distante
Mas é por que meu melhor encontro
É comigo, no aconchego do meu coração
Ando devagar...
Penso no equilíbrio que me sustenta
Nas traições e decepções
Mas, nada disso me machuca mais
Volto meu olhar para o belo amor
Que é dono do tempo
E me ensinou a ter paciência
Mesmo nas tempestades, nos longos ventos
E vou continuar a observar...
Cada detalhe...
Pois, não tenho pressa

Ando devagar!

(NeivaDirceuSM)

Quero sentir o suave calor do Sol da manhã
Aquecendo lentamente meu corpo novamente vivo
Em meio as belezas do Campo ando devagar
Preciso perceber o meu Sêr misturado aos outros
As cores das flores aguçando mais minha visão
Seus aromas de raras fragrâncias me fazendo pensar
Num breve instante essa pureza me dopa e vem o desejo
Viajo no tempo voltando ao passado encontrando o lugar
Sensação maravilhosa traz de volta o sorriso inocente
Aquele, de pela primeira vez na vida o amor experimentar
Me delicio! Revejo a vida em seus melhores momentos
Me sinto desejado, quero ficar nesse tempo
Ando devagar aproveitando tudo, não quero mais voltar.

(Cláudio Reis)

Faço um proêmio:

Receio seus lampejos

Fagulhas de desejo

A cativar meu coração

Faço silêncio:

Anseio ouvir o tempo

Guardar cada momento

Saudade e emoção

Faço incêndio:

Entrego-me com fervor

Esgoto-me até o torpor

No fogo da paixão

(Hébron)

Ouvindo Desejos do meu coração...

Andei por aí, procurando razão

Nas estradas da vida

Encontrei sintonia

E muita harmonia

Presenciei no amor, desejo de viver

Encontrei flores-de-maio e você!

A vida é presente que alumia
Seja de noite até mesmo de dia
Lapidei a paixão
Ouvindo os desejos do coração
Sentir o vento soprar benquerencia
Hoje não sinto mais aquela ausência.
(Ernane)

Um poeta já confessou
Ouvir as estrelas do céu
Foi aceito até por ateu
Ninguém dele duvidou.
Está notório aqui
Sem estranheza causar
E ninguém ousa refutar
Que alguns colibris poetas
Estão a " ouvir desejos"
E ninguém estranha a proeza!
Poeta nem chega a ser profeta
Mas,coisas surreais,com a linguagem arquiteta.
Se o cidadão " ouve desejos"
Ninguém duvidar enseja pois o idioma faculta
e ele usa,a linguagem figurada.
Mas,esse cidadão que ouve desejos
Certamente tem audição cibernética!
Ou audição fora de ética.
Só assim conseguirá captar
A tal língua dos desejos que ele está a ouvir.
Maria Dorta

Invernos e ventos...

O vento adentra, por entre as janelas da casa vazia
Espalha em todos os cantos, sua baforada fria
Folhas amarelas o seguem
Dançam com ele, a fria melodia
Olho o quadro perplexa, o clima contagia
Inverno... sinto-me em sintonia
Volto no tempo, onde fui feliz um dia
Danço a dança do vento, ensaio alguns movimentos
Rompida a barreira do tempo, rodopio, em teus braços o fazia...
Um presságio, sinto arrepios
Olho pela janela, lá fora o sol se faz de rogado
Inverno é tempo nostálgico
De adormecer lado a lado...
Sigo a dança do vento, me leva,
Sonhar não é pecado...
Ema Machado

Momento vago...

Momento vago...

Arrefecem pensamentos

Há um vazio flácido, a mente ocupando

Das cálidas palavras, nada se move, pouco resta

Nem mesmo me ocupo de planos...

Entressonho deambula pela mente, mas, tem pressa

Terebrando o vazio por ínfimos instantes

Há! Que ocultasse a insatisfação

Por não preencher de poesia

Meu momento inquietante...

Ouçõ passos de poucas e boas memórias

Em suas sucessivas idas e vindas

Nada que deixe marcas, se aproxima

Vou inflando balões com suspiros

Tentando expelir o vazio, nessa enfadonha rotina...

Ema Machado

Amor próprio...

Amor próprio...

Nunca neguei, tinha medo

Adentras assim, de mansinho

Invadindo, dispersaste, o vazio que havia em mim

À solidão, já me acostumara

Era a concha vazia, tornastes pérola rara

Cubro-me de carinho, sem dosar, a mim o melhor

Brilhas, em meu mundo

Guardo-te, meu bem mais profundo

Para você, me fiz assim

Dona de mim...

Ema Machado

Alimento d'alma

Alimento d'alma

Quisera, alimentar a simplicidade

Tal qual à pulcra terra

Com seus seios, sacia planícies e montes

Leite fecundo indômito, escorre vencendo barreiras

Cantarolando segue, é fonte trazendo vida ao horizonte

Quisera trazer no olhar, o amor puro sem travas, apenas pontes

Ser o colo que acolhe, a voz que alivia

Vestir-me de paz, como se traja a fonte...

Quisera andar sem caminhos

Plainar, gaivota livre por sobre o mar

Romper trevas, como a claridade a dealbar o horizonte

Quisera tocar e aquecer com palavras soltas

Como o sol, aquecendo à terra, enchendo-a de vida

Tendo a certeza da missão cumprida...

Quisera que a simplicidade fosse lema da vida.

Porém, o olhar ser aluno precisa.

A natureza é mestra, mas, em nossa atávica sabedoria

Somos reprovados, destruindo-a

Idiossincráticos, recusamo-nos aprender...

Por males que nela causamos, somos podados...

Ema Machado

A cada novembro...

A cada novembro...

Teimo em não querer ouvir passos do tempo
Deambula, deixando pegadas em silêncio
A cera queima, o pavio verga em cinzas
O tempo fadário, encurta a cada novembro
É vela insuficiente... Não vivi tudo, ainda é verão
Persiste a chama, alimenta-se de manhãs
Ainda que sejam tempestuosas, a mente é sã
Não quero lamentar, o tempo que escorreu
Há marcas profundas, mas, habito essa pele
Dentro dela, a alma criança se escondeu
Brinca de pique esconde, pula amarelinha
Canta canções de ninar, histórias aprendeu
Horas também são como criança, brincam de ciranda
Nenhuma envelheceu, não contam dias
Nem ouvem os passos do tempo
Tempo que anda, por mim passeia
Vejo, suas pegadas na pele
Como passos deixados na areia...
Ema Machado

Universo particular...

Universo particular...

Posseiro chegas, assim, impondo-se
Teu olhar, a expelir promessas
Abro a guarda, solto minhas feras
Guarneço meu ego, com teus desejos
Mudo a postura, dantes apenas moldura
De sentimentos, vazia...
Viro-me do avesso, aquiesço
Teu sorrir enche de luz meu mundo
Estrelas, cometas em toques de euforia
Mostras de um novo universo, que desconhecia
Cada minuto sem você é perda, cada segundo...
Viajamos nesse universo de delícias
Em nosso universo, todos os momentos
Uma estrela se cria...

Dispo-me de anseios
Subo, alcanço estrelas
Avisto um paraíso
Não muito distante
Pérolas negras, sobre marfim
Abro espaço entre nuvens...
Afago o pecado
Lábios perolados
E um néctar guardado
Apenas para mim...
Ema Machado

Corpos celestes

Corpos celestes

Vigio teus movimentos

Sigo teus passos, em movimentos mal feitos

Sempre piso na barra, me faço perceptível

Em tua malícia, brincas comigo...

Somos corpos distantes, nesse universo

Similares, sem saber o que abrigamos em nós

Atraídos pelas órbitas, és terra, eu lua

Cubro-me de pudores, vê-me nua

Sonhei um dia vencer distâncias

E tudo que consegui, medir o tempo

Fizeram-se anos-luz, nessa inconstância...

Teu mundo é repleto de apelos, roteiros

E eu aqui, produzindo vírgulas e entre meios

Como lua, a contemplar à terra à noite

Sabendo que, quem a ilumina é sol

Por ora, permito-me

Ser farol de tuas vontades...

Ema Machado

Sal...

Sal...

Trago na boca, sabor salgado
Mar intrépido em minhas retinas
Na pele, arrepia o toque gelado
Solidão teima, sorri de minhas salinas

Teu sal, ah, teu sal!
Trago impregnado na memória
Guardei teu sabor celestial
Tempero do melhor, de nossa história

Insossa, solidão!
Tira-me teu sabor, por inveja
Pois, não conhece o que é ter à mão
O sal, que ao seu sabor, integra...
Ema Machado.

Alma insólita...

Alma insólita...

Declino, fim de tarde rumo à escuridão noturna
O sol se foi, nem disse adeus...
Das honras invernais, privou-me
Fico aqui, sombra silente a meditar
Do que fui, como o sol
Apenas cinzas, rastros guiarão Morfeu...
Embrenho-me pelas florestas do tempo
Sinto, arrefece o olhar prognóstico
Há, tanto frio! Sobrepuja vontades
Inexorável floresta, imperdoável...
E eu, que pensava desbrava-la
Lenizar o fim, sem ânsias e medos
Sinto, ao longe avisto a estrela derradeira
A noite não surpreende, mas, rapidamente adentra retinas
Hoje, nem a lua acompanha minha visão insólita...
Ema Machado.

Melodia

Bastava ouvi-la, adentrava ouvidos e poros
Ecoando, penetrando todos os sentidos
Transformando, o mundo cinza em ouro
Alçava voo, indo do Polo Sul ao paraíso
Ela possuía o dom, mudar meu juízo
Sabia onde tocar...
Uma magia, executada por mãos mágicas
Não havia resistência, rodopiava...
Ela, musa indômita, repercutia em toda casa
Mudando ares, ações, afagava a alma
Apagava meus males
Era mais, que apenas uma melodia no ar
Mariage d'amour... Faz-me sonhar...
Ema Machado

Fuga de estrela...

Fuga de estrela...

Engulo

É meu, o silêncio

Despejo em lágrimas

Minhas travas...

Nada dizem a você

A mim, cortam

São navalhas...

Sozinha, conto estrelas

O universo as detêm

Às vezes, uma fuge

Diria o poeta:

"O silêncio, não lhe convém? "

Solitária, a montanha

Quebra o silêncio

Em repetidos ecos

Enquanto, em mim

Gestos e olhares

Se perdem...

Quem ouve, meu silêncio?

Apenas, meus versos...

Ema Machado/ 2014

Guardados...

Guardados...

Guarde-me, como guardas teus medos
Ainda que não transpareçam
Sei que aí permanecem, em segredo
Guarde-me, em teu olhar
Quando procurar em outra
Meu amor louco e imperfeito...

Guardo-te, na solidão companheira
No sorriso contido, ao dizer asneiras
Eras, o corretor incorrigível
Quando me permitia soltar a menina
Ainda está aqui, habita meu imo
É quando solto falas e meu jeito traquina

Guardo-te, ao olhar as serras
Escalando as horas do dia
No travesseiro ao lado, a assombrar-me
Dizendo-me que as noites sem você
Serão sempre vazias...
Ema Machado

A poesia e eu...

Não, não é meu esse olhar
Que ao azul, vive a perscrutar...
Viaja sempre nesse oceano
Anseia o além, que à visão dificulta...
Não é meu, o sentir que se oculta...
Em tudo, vozes, das quais, a alma se ocupa...
Aspiro... o ar, ao 'habitat' inunda
Tanto por viver, tanto por fazer
Vivo ainda, a busca obscura...
Castelos ruíram, lembranças partiram, e eu...
De mim, vivo a procura...
Parto-me em duas...
Em um universo, sem contento
Sou redemoinho em movimento
No outro, viro-me do avesso
Vasculho o momento, rompendo o tempo
E lá, do fundo, lanço-me nos ares, aquiesço
Solto, meu eu verdadeiro
Nele, há sempre poesias
Ouço-as, despejo...
Tendo-as, meus males esqueço...
Ema Machado

Carência...

Carência...

Ao lado, uma mão estendida

Uma dor sem saída

Uma lágrima engolida...

Em cada dádiva, uma oração estendida

Cada dor apartada, a paz repartida

No sorriso ofertado, esperança vertida.

(Ema)

Santa Caridosa

Prima - irmã da bondade

Valei-me da caridade

Olhai para os desprotegidos

Desafetos desta cidade

Faz frio nesta estação

Quisera Deus que hoje

Fosse início do verão.

Minha cara, a caridade

Hoje não permite rima

Apenas se anima

Dando chá e sopa quente

Aquecendo o coração

Desta gente.

Então eu sairia noite adentro

Vendo o povo ao relento

Sem rota e sem roteiro

Inventando histórias de vidas

Dessas que passam na televisão.

Quisera Deus que hoje fosse início

do verão.

(Shimul)

Caridade

Virtude de sublimidade

Que ao mundo abrasa

Caridade é a graça
Amor de alto valor
Calor da ação do amor
Carinho de humanidade
Carência é a realidade
Indiferença é a verdade
Que no mundo ainda impera
Mas há esperança além da espera
O tempo será o mensageiro
Nesse estágio passageiro
Firmando a revelação
A caridade é alimento
É o primado do alento
Fazendo do outro um irmão
(Hébron)
Mãos estendidas, invisíveis
Olhos cansados
Semblante oprimido
Corpo sem ânimo
Pedindo socorro, sem falar
Não se encolhe a mão
Quando se vê um desvalido
Já sem alento, sem ação
Mesmo que não tenha pedido
Há uma mão estendida
Pedindo vida
É preciso estender a mão
Para doar, ajudar a se levantar
Talvez apenas um abraço
Seja bastante para aquecer o coração
Ou, quem sabe, um pedaço de pão
Mata a fome, também a tristeza
Pois, na realidade, a maior caridade
É o amor, que em tudo põe cor
(Edla Marinho)
Luz acanhada ilumina as ruas; enquanto pelas janelas das casas sobra a claridade

O teto por sobre o cobertor espanta o frio
Aquecendo os corpos de quem tem bens
Enquanto o paupérrimo espera a caridade
Dignos de lástima não imaginam-se mais
Apenas observam no outro a sua vaidade Friagem faz doer menos que o abandono
Álgido é o olhar na procura do rumo certo
Às margens e sós, esperam pela caridade
A alma entenece ao ver seu semelhante
Desprovido vagando a esmo pela cidade
A luz ilumina a mente tocando o coração
Noites geladas acendem o fogo do amor
Então sair por aí! Doar-se, fazer caridade.

(Cláudio Reis)

O que sobra para o hoje
E o lamento desesperado
O silêncio ignorado
Dias marcados sem a preocupação preciosa e diária.
Cadê o diário de bordo?
Anjo em assuntos humanos
Venha nos relatar :
Em que parte da vida
Precisamos a solidariedade,
Como alívio aplicar
E o anjo começa a relatar :
- Caridade não pode ser
Como flor do bem e mal me quer
Caridade humanos
Cada um dá o que puder
Quem deixar o coração verdadeiramente
Ser treinado por Deus
Praticará todo bem necessário
Ao ser e irmão desamparado.

(Corassis)

Caridade é amor
É empatia em toda extremidade
Vem de Deus

Sentido transverso

Direto

De cima, do céu

Para baixo, na Terra

Onde há carências:

De cumplicidade

De verdadeiras amizades

Como nós COLIBRIS

Pregamos com poesias

Com nosso entrosamento

Comunhão de inspiração

Nossa ligação de coração...

(Lucita)

Na carência deste tempo

Busco refúgio na poesia

No desejo da simplicidade

Andar de mãos dadas

Receber e dar carinhos

Num tempo que me foi roubado

Ser ridícula e abobalhada

Deixar fluir minhas emoções

Prefiro ser assim...

A ser uma humana frustrada.

Nas carências de todo instante

Ao outro, sempre grito: Avante!

Há carências de atenção, mas tudo se resolve

No sorriso, há encontro vida e comunicação.

(NeivaDirceu)

Jardineiros do amor

Deixe-me, espalhar amor
Ainda, que a ferida esteja latente
Que haja, lamento e gritos de dor
O amor alivia, bálsamo, feito água corrente...

Deixe-me, falar de amor
Amor que nasce e frutifica silente
Amor cultivado, germinado em flor
Girassol em canteiro, reluzente

Deixe-me, que eu plante amor!
Arando a terra, adubando canteiros
Afangando corações, ressequidos pela dor

É preciso, sejamos todos jardineiros!
E o mundo, transformado em enorme canteiro de flores
A exaurir eflúvios de amores...
Ema Machado.

Colheita

Hoje, colho flores
Alguém, plantou para mim
Hoje, adubo canteiros, neles semeio
Que floresçam!
Ainda colherão do meu jardim...
Hoje, aspiro aromas
Caminho por vales, aprecio montanhas
Quando cai a noite, conto estrelas
Meus sonhos, passeiam pelo céu
Sigo a corrente, tecendo tramas...
Espalho, sorrisos, tristezas lanço ao léu
São passageiras... coleciono belezas
Guardo-as, para dias de penúria
Saciar-me-ão na tortura...
Hoje sou, faço-me presente
Que venha, se houver a manhã...

Motivos...

Porque ansiava ser forte
Mirei a encosta, sua formação em rochas
Vi-me como ela, dilapidada sem aporte
Aos poucos, desfeita, sem norte...

Porque necessitava ser livre
Mirei o vento, brincava com as folhas
Fui à luta, corria como ele, nunca me ative
Ninguém é livre, sem que a liberdade acolha...

Porque precisava de tempo, vi-me esconder
Olhei-me no espelho, a figura ali refletida
Só eu vi... Frágil, perdida sem você...
A liberdade, meu fim, sempre foge de mim...

Crença...

Crença...

Certezas, perdem-se nas dobras do tempo
Eu, ser ignoto, vou seguindo a trama
Creio até que, cinzas espalhadas se percam
Alísios, brincam de ir e vir
Outras verdades justapõem
Aprendi a não cercear pensamentos
Nada é insólito, nem tão real, quando se crê
A aurora boreal e seus tons multicores
Bailam no ar, o sentir da terra...
A aura, que ninguém irá pintar...
Quem, conhece o universo...
Ema Machado

Penas...

Penas...

Já estive, onde não deveria

Fui Rapunzel...

Prisioneira em um castelo de desejo

Fiz-me náufrago...

Navegante em círculos, sempre no mesmo lugar...

Vi-me ilha...

Gritei sem ser ouvida, sem ninguém escutar

Por fim, como águia, vasculhei o infinito

Caminhei pelos ares, sem deixar pegadas...

Vacilei, arranquei minhas penas

Lutei comigo, vestindo armaduras...

Quando, tudo que queria, era poder voar...

Ema Machado

Liberdade...

Liberdade...

Que liberdade, é essa!

Se anseio tempo, e ele me apressa...

Que liberdade tenho?

Se preciso comer, para isso

O dinheiro é meu dono...

Que liberdade, consigo?

Se vivo remando

E nem chegar a um porto, é permitido...

A qual liberdade, persigo!

Se me espalho pelas telas

Sem tempo para ficar comigo...

Olho o céu...

Uma nuvem passeia

Sem saber, que em breve

Será sugada pela terra

Como eu, será levada

Escoará, entre grãos de areia...

Invejo a liberdade das gaivotas

Livres voam, sem entraves

Cortam os ares, não são patriotas

Não se assemelham a outras aves

Aprisionam-nas em gaiolas

Que liberdade é essa...!

Ema Machado.

Criação...

Criação...

Construo masmorras, altos muros
Despida de imaginação, sinto-me nua
Anjos, guardam sonatas
A solidão egéria, acompanha-me
É fada...
A luz se acende, dealba a mente
Fleumática, viajo ao imo
Abre-me os sentidos
Entregue a arte, o olhar é leve
Astutos ouvidos
Dançam os dedos...
Ouço a poesia
Rege meu mundo...
Ema Machado.

Doçura...

Doçura...

Ela, era anjo...

Desprovida de asas, seguia por velas da vida, alma nua

Nela, não havia feridas, mas, costuras

Sorrisos inquilinos, habitavam em seus lábios

Nada os desalojava, ofertava-os

Ainda que, entre lágrimas...

Parcas palavras, porém, cálidas

O olhar por ela falava

Estrelas tagarelas, e nem era noite

Brilhavam para outros, que necessitassem dela

Apesar da vida dura, possuía a maior fartura

Alimentava a quem precisasse

Nunca permitiu à pobreza, tomar-lhe a fraternidade

Ainda que, restasse apenas o milagre

Mas, como anjos aqui não habitam

O céu cobrou, levou-a cedo

Tudo, o que dela restou

Lições, que gradualmente se apagam

Menos sua lembrança, pulcra e doce

Carrego-a, alivia meus medos...

Ema Machado

Sobras...

Sobras...

Quando os alísios assoviarem
A cortar o calor que lhe aquece
Arrepios invadirão tua tez
Sentirá sabor amaro, verá, nada apetece
Buscará em nossas lembranças
Alívio para o fadário
De nós, restaremos apenas nuances
Como cenas, de um imaginário...
Saudades, abraçarão nossas noites
Outros abraços insólitos, estarão em tua volta
Sussurros aos teus ouvidos, serão açoites
A lembra-lo de minhas mãos cálidas, e suas rotas...
Foi, tanto amor! Que tornou- se indelével
Do que vivemos, sobram eflúvios
Desejos indômitos gerarão engôdos
Lágrimas em mim, são como o dilúvio...
Ema Machado

Pó...

Pó...

O pó, que se impregna na pele
São células mortas da terra.
Que poluem as folhas, as serras
Incomoda, mostra, que um dia foi nutriente
Como serei, e será toda gente...
O pó que nos incomoda, é partícula
No ciclo da vida... Nada será eterno
Tudo passa, transforma, muda...
Por que, então? O homem se consome
Junta além, do que precisa e pouco utiliza
Será, que não tem consciência?
Pobre, homem! Se escraviza...
O pó lava, a terra recebe e guarda
Como um dia, a ele irá receber
Será partícula de pó, igual ao que agora vê...
O melhor de tudo que se tem, é viver
Não juntar, o que não levará, quando morrer...
O pó, que cobre a pele, são células mortas...
A alma se vai, daqui, nem pó irá mais ver...
Ema Machado.

Traços e rotas...

Precisa refazer caminhos
Parada na esquina, traceja novas rotas
Paira o medo, ainda não há, um ponto final
Vivia em reticências, a espera de direção
O pretérito imperfeito, rondava
Foi preciso arrefecer, despojar-se do lasso
O oceano e suas marés
Refrigério para pés e passos...
Entrega-se a telas abstratas
Traça esboços tão insólitos
A mente vaga, é artista
Cria possibilidades de voos
A realidade, não é o que sonhava
Desenha inúmeras trilhas
Amanhã é novo dia...
Ema Machado

Vida líquida...

Perdida, vontades mortas
Levada pelas incertezas
Transitando, em bambas cordas
Há, uma rebeldia sarcástica no imo
Nada do que faço, possui um final
Tecidos rotos, horas sombrias, páginas vazias
Nada mais anseio, tudo, torna-se banal
A vida, escorre líquida...
Em concha, tento contê-la
Pergunto-me. Para que, afinal?
Sinto que pouco aprendi, apenas, contos de areia...
O hoje, leva-me para longe de mim
E a velhice, quase toma conta...
Sonhos, são miragens
O deserto vem habitando por aqui...

Sem sentido...

Se pudesse apagar
Escreveria teu nome nos muros
Daria tiros no escuro
Desde que, matasse a vontade de lhe ter...
O tempo passando, e eu aqui
Nessa ânsia, que não me cabe
A sobrepujar anelos para seguir
Arrefeceram todos os sonhos
Insípido, torna-se o momento
Que, idílio!
Era rio, mergulhei em mar morto
Sem mim, sem você...
Continuas aí, nesse falso mundo
Nosso mundo, é eu e você
E cada suspiro teu, aspiro profundo
Enveneno-me, não vê?
Queria matar, a vontade de lhe ter...
Ema Machado.

Caminhar...

Caminhar

Olhava-me com olhos entristecidos
Cansada, estendia-me os braços
Sem que, eu me deixasse ser acolhida
A vida é mãe, sempre esteve ali
Chamei, clamei por mim
Da voz, apenas vagidos
E o tempo, voraz
Alimentava-se de meus olhos perdidos...
Hoje, amo olhar o horizonte
Mostrando que posso ir além
Amo a noite repleta de sonhos
Mostra, que a manhã sempre vem
Amo a vida, que ensina abrir novos caminhos
Onde se escondem sorrisos
Amo o irmão, não nasci para ser sozinho...
Ema Machado

Enganos...

Sinto muito... ouvi, tantos...
Nenhuma das vezes, arrefeceu o pranto
Palavras mórbidas, sedas negras
Mantras fúnebres para desencantos...
Melhor ouvir, uma mensagem insólita
Desde que, não nos fizesse nulos
O vero sentir, não atenua culpas...
Punhais, que ferem a alma
Indefectível momento
A mudez, seria mais permissiva
Que, no adeus inesperado
Um "Sinto muito", tão duro...
Ema Machado.

Lua de sangue...

Lua de sangue...

A alma aflita, espia por entre pesadas pálpebras

O imo sufoca, perscruta a vida insólita

Castelos ou masmorras?

A agonia não dá trégua, cálidas horas...

Noites sem sonhos, dias insípidos

Pairam anseios de voar, sem medo do agora

Lacônico, o olhar avista o mar celeste

Navega-se sem barco, entre grades e portas

O tempo segue, sem trégua

Tantas estrelas, captam almas libertas

Luar de sangue, rio de lágrimas constantes

E a alma aflita, da vida, ainda é amante...

Ema Machado

Marcas cálidas...

Marcas cálidas...

Ema Machado

Os dias agora, resumem-se em horas
Na alma, do ontem ainda paira o sabor
E nuances de um arco-íris de outrora
Eu, você e o amor
Campo florido, onde fomos felizes...

Sinto eflúvios de sua presença
Permanecem na alcova gelada
A pele arrepia, ao perceber suas marcas
Ouço teu riso, em cada canto da casa

Em mim, também deixastes a pele marcada
O sinto, nos afagos do vento
Sussurra palavras cálidas
Tua boca que passeia, em meu momento

Na água, que me lava...
Incendeia lembranças
Uma chama que não se apaga...

Eu e o ipê...

Eu e o ipê...

Na aridez do monte, o ouro reluz
Grita em meio a seca, a devastar o horizonte
Do verde, apenas cinzas
E o esplendor do Ipê...
Ao meu olhar, parece dizer:
A primavera, vem vindo!
Toda beleza irá renascer.
Ouço a voz do Ipê, na brisa que à fuligem eriça
Todos os dias, contemplo seu reinado
Sua vestimenta, a muitos, deixa extasiados
Nuvens perambulam e já se amontoam
Em breve, irão banhá-lo
Regar o solo, ressequido e cansado
A natureza prenha, às portas a primavera
O horizonte paterno, será renovado
Ao longe, o Ipê, onde todos podem ver
Ainda há, a aridez do monte
Como em minha alma...
Inveja, o sorriso do Ipê...
Ema Machado

Medidas...

Medidas...

O olho posta-se no horizonte

Grãos de areia, unem-se, tornam-se rochas

Compõem os montes...

Rios correm a caminho do mar

Fundem suas águas, onde irão desaguar

O oceano, e sua colossal força

Bem dizem: "Uma andorinha só, não faz verão"

Frágil o ser, que anseia viver na solidão

Quem sou, para condenar?

A roseira se arma de espinhos, mas suas rosas

Além da inigualável beleza, exala eflúvios no ar...

Cactos vencem a seca, a muitas vidas sustém

Até que venha, a chuva...

O sol que dá a vida, é o mesmo a trazer sede

Com ela, a morte...

O vento que refresca, move montanhas

Carrega nuvens, destroça casas, árvores, arranca

A água que mata sede, e a tudo banha

É também a mesma, que alaga e vidas, apaga

Lava até ao olho, onde arde a lágrima...

Nada é indefectível, e depende de medidas...

Prognose...

Prognose...

Rompe-se a barreira ancestral

Movem-se cenas sombrias

Dantes ocultas, por cortinas colossais.

Pesados passos... Crendices cáusticas.

Marcas incrustadas nas veias de quem viveu lá atrás...

A vida segue, mas cobra pendências antigas

Ainda que desmoronem paredes

Cinzas serão revolvidas...

Olhos secos, desprovidos de vida

Assistem a peças, sem entender o que vive

O suspiro, o lamento

Sufrimentos atávicos cerceiam

Um viver a contento

Nunca se é realmente livre...

Sonho de primavera...

Sonho de primavera...

Por um momento, esquivou-se o pensamento

Caiu, em universo paralelo

Nele, via além de paredes e portas

Havia sol, a alma bailava entre canteiros de rosas

Era primavera, e, nunca a vi tão bela...

Há uma espera... Ou apenas, quimera?

Fragmentos de sonhos, anseios e medos

A horda dos dias incide, esmorece, soçobra

Momentos lacônicos conduzem ao refrigério

Arrefece a tormenta, sustenta...

Deambula novamente o pensamento

Entre invernos e erros, avança setembro

Que seja! Repleto de aromas e cores!

Que a chuva lave, tudo que polui

E a alma seja leve

Como o amor, quando flui...

Ema Machado

Não há flores nos montes...

Não há flores nos montes...

Avança o olhar, pelos horizontes
Repleto de montanhas e planícies
Em lacônico momento, sob o monte
De joelhos pedi, implorei...
Atendeu-me, alcei voo e vi...
Do alto, não se enxerga flores
Nem lhes aspiramos o perfume
O ar poluído, ofusca e contamina
Tende-se a buscar picos
Torna-se águia...
Desço, à minha insignificância
No alto, arranquei minhas penas
Sangrei, avistei tempestades
Que à solidão condena...
Hoje, vivo serena, torno-me gaivota
Alço voo por sobre as águas
Avisto, caminho por uma praia
Piso descalça, o mar beija meus pés
Uno-me a outros passarinhos...
Olhos no horizonte, picos e montes
Prefiro recolher migalhas no porto...

Ema Machado

12/09/21

Descanso...

Descanso...

O queria, mas, não assim
Lúdrico, em cor de lápide
Com gosto de vazio, que se adona
Invade...
Nunca fui terreno infértil
Trilhei desertos, o rumo era incerto
Encontrei um oásis
E você vem, se instaura
Tentando devolver a obscuridade
Não ouço, seu lamento
O sorriso, ainda não morreu
Vive latente, aqui dentro
A primavera aguarda, enfeita-se
Há eflúvios nos ares, paz a espreita
Passará a tormenta, a flor nascerá
Verdeje, esperança!
Pássaros a anunciam
O silêncio, tornar-se-a descanso

Se eu partir...

Se eu partir...

Fecho as portas, abro silêncios
Pensamentos gritam
Olhos, abrem comportas...
Rompidas, todas as resistências
Medos e pecados a solta
A solidão, é inquisidora
Não perdoa erros, aponta dedos
Joga verdades na cara
No tribunal do imo
A alma é juíza, julga e condena
Sou eu, minhas derrotas e provas
Recebo, pago as penas...
Se eu partir
Quero que seja, como virar esquinas no tempo
Deixa fluir, sem pressa, mas, sem lamento
Tudo se esvai, como cinzas ao sopro do vento...
De mim, guarde o sorriso, o amor simples
Como abraços do infinito... Lá, em cima
Estarei entre estrelas, na serenidade da lua
Entre cometas caminheiros, planetas
Minha ausência, será nula...
Fiz tudo que sonhei, desejei pouco...
Irei longe, a passos lentos, sem avanços para chegada.
Quando partir, saiba, tudo que consegui fazer
Amar sem medidas, sem perceber
Que o amar é mais que doar
Tem que se apreciar o viver...
Irei, como tudo se vai, não ocupe as lágrimas
Que não lhe salguem a face
Tão pouco, temperes a alma de amargura
Viva intensamente, a intensidade do amor!

E tudo mais, terá cura...

Ema Machado.

Retorno de primavera...

Retorno de primavera...

Você...

O retorno da primavera, a cada volta

Flores renascem em teu sorriso

O mundo ganha cores, ao toque de seus carinhos

Desço do meu mundo sombrio, incauta

Nos teus braços, reintegro o paraíso

Nada há mais precioso

O que dirão, os cétricos?

O amor, não vence distâncias!

É apenas um ilusório afeto...

Olho-me, como estrela no universo

Se elas que aí vivem

Aguardam noites para irradiar

Vivo oculta nas sombras a tua espera

Sou tristeza de inverno

Até a primavera chegar...

Ema Machado.

Anjos no chão...

Anjos no chão...

A pureza brota feito algodão-doce

Ata-me aos olhos pequeninos

Toca, desperta a alma, como se menina fosse

É fantasia, rodopia, ao enlevo de tanto carinho

Quisera, preservar de todo mal, os anjinhos

Deixá-los viver a harmonia, sem pesos dos anos

Que pudessem, ter asas para subir ao céu devagarinho

Nos lúgubres momentos de desenganos...

Quisera ser ternura, como a que me alcança

Deixar escoar sorrisos, como rio nas cataratas

Verter pureza... Como o olhar de toda criança...

Rompendo trevas...

Rompendo trevas...

Já tive meu tempo de lagarta
Sozinha, sobrevivida de sonhos
O medo era forte, podou minhas asas...
Fui caminho... Sem ter estrada
Era rocha, ali estagnada
Faziam-me uma, pedra basilar
Viam-me assim, como elas
Muda e sem falas...
Rompi o casulo, criei asas
Ergui-me, matei o medo com minhas asas!
Pedras, são transportadas
Permito-me, pela poesia ser levada
Por ela, um passo por dia...
A vida ganhou outro sentido
Ainda que incida, sobre mim o tempo
A alma torna-se espírito indômito
Sobrepujando tempestades
Faço das agruras poemas, sem lamentos
Rompendo trevas
Sigo o curso da aurora, novo tempo...
Ema Machado.

Em busca de um horizonte...

Em busca de um horizonte...

Rabisco palavras desencontradas
Garatujas de uma poesia imaginária
Somo, sentidos imprecisos
Se hoje amo, sou sem juízo...
Quisera, domar os instintos
Levam-me por caminhos pedregosos
Firo-me sempre, e, a solidão abraça o imo
O olhar, apenas o olhar, constrói pontes
Há um caminho, entre o céu e o monte
Sinto a alma transitar, entre lisérgicos muros
Quando tudo o que queria
Encontrar um novo horizonte...
Ema Machado

Nem mesmo o olhar...

Nem mesmo o olhar...

Há sempre uma lembrança
Quando certas cenas, deixam-nos pela metade...
O tempo se vai, a saudade surge, invade
Ao pensamento atraí, sai da realidade...
Perdi-me de ti
Meu mundo não é aqui...

Ao mergulhar em teus olhos
Desfiz-me do lado lago
Tornei-me rio, transpondo serras
Vales e florestas, por seus afagos
Antes de ti, o deserto habitava em mim
Trouxeste harmonia, luz para dias nublados
Como tudo se acaba
Se foi...
Pequei, fui Eva, pago minhas contas
Onde estás, aquém, de minhas vontades
E, são tantas...
Olho estrelas, hoje, tornei-me poeira
Permito-me apenas, o devaneio...

Qual rio segue, no mar deságua
Qual eflúvios, que com o tempo exala
Qual silêncio, a perder o sentido com a fala
Somos nós, perdidos no tempo, sem trégua
Sem nada
Até mesmo o olhar de ontem
Ao de hoje, não se iguala...
Ema Machado

Doce lembrança...

Doce lembrança...

De você, a lembrança que não pesa
Emoldurei-o, és o quadro de nuances claras
Nele, ainda ouço a primavera de sorrisos
Não havia necessidades, poucas palavras
A fome de carinho, sempre foi saciada
Abraços solares, com seus beijos eloquentes
A harmonia latente, nas trocas e afagos...
Sua pele, vestia a minha em instantes
O desejo assolava, bebias-me em pequenos tragos
Na parede de minha memória
Eternizei teu retrato
Sempre observo, com saudades
Ouço teu sussurro "Amo-te"
O tenho aqui, ao meu lado...
Ema Machado

Enquanto você dormia...

Enquanto você dormia...
Enquanto você dormia, fui dia
Irradiava energia cósmica
Ultrapassei sombras, rompi auroras
Enquanto dormias, gestei palavras, guarneci páginas
Travei batalhas em versos
Venci o tédio...
E foi tanta energia
Que nunca mais hibernei
Tornei-me sol de primavera.
Enquanto você dormia
Fugiam de ti as ideias
Quanto a mim, viajei por céus e terras
Subi montes, verdejei serras
Sementes frutificaram
Dignificam minha aura
Sou filha da luz
Não ocultarei minha fala...
E você, apenas dormias...
Ema Machado.

Não há trégua...

Tantas batalhas, almas marcadas
Cactos ferem, vazio, nunca é cheio de nada
É repleto de fome, de medo, de asas
O olhar ficou perdido, lágrimas cristalizadas
Onde foi, quando acabou a guerra?
Há melancolia estirada nas calçadas
Nas vielas que se tornaram moradas
A ilusão, é comprada
Troca-se o pão, pelo momento
Pela viagem imaginária
Pela fumaça que mata, pela ardência da água
A humanidade vai perdendo batalhas
Há bichos que se alimentam de lixo
Outros de mendicância, das sobras diárias
E ainda dizem, que há uma trégua...
A morte é faminta e sórdida
Só muda de cara...
Ema Machado...

Ilhas no mar de areia...

Ilhas no mar de areia...

Constroem-se paredões

Muros frios, castelos de egos

Ilhas, nesse mar doentio

Predomina poluição insólita

Não há que se amenizar o cáustico

Ouço vagidos, entre hienas atrás de portas

Indefectíveis ecos do sistema...

Até quando, a complacência será vertida?

Se o mar se torna revoltoso

Toda ilha, será engolida...

De trás dos muros, plantam-se egos

Alimentados por toda sorte de vida

Cálidas, tornam-se as horas

Fome de justiça não é cerceável

É engolida...

Ouço vagidos... avultante é a fome

Quem sustenta o sistema

É a basilar prole, grãos de areia sem nomes

Alimentam-se de cactos, sobrevivência é teima

Residem no deserto, há a sede que os consome

Um dia se unirão aos ventos, serão dunas

Ou tempestade, que a tudo invade...

Ema Machado

Voe, poesia!

Voe, poesia!

Alguns

Alimentam a alma de vaidade

Alimento-a do que faz amortecer a realidade, na Arte...

Alguns

Alimentam-se do ego

Deixo-o faminto, é sentimento cego...

Alguns

Alimentam-se de ódio

Dele, não me alimento, é sórdido...

Alimentam a alma de agruras

Com poesia, faço para elas, remédio e cura...

Alguns, alimentam falsa imagem

Prendem a alma, apresentam o riso, o interior é tempestade...

Se alguns escondem a alma

Liberto-a! A minha não tem cela

Deixo-a sair, há sempre uma janela...

Ema Machado.

Água e sal...

No início...

Rio indômito, para você me fiz o lago
Sem saber, que corria para o mar
Ao mergulhar perdi o doce, sem teus afagos
Hoje, bebo sal cultivado em meu olhar...

No deserto...

A sede de tua boca é tanta
Que nenhuma outra senti
Tê-lo, ainda que na memória encanta
És mar de desejo a correr em mim...

No fim...

Bebo, embriago-me em tua imagem
No deserto da saudade, onde o encontro
És oásis que persigo, és miragem...
Ema Machado

Reflexões de viajante...

Reflexões de viajante...

Ah, vida!

Uma busca pela terra prometida

Alguns, nela adentram, esbanjam, depredam...

Outros, passam por ela, não a enxergam...

Enquanto outros... em seu encalço, naufragam

E a vida segue, indefectível...

Alguns em fragatas, uns em bragantins,

Outros, em seus iates de ouro ou marfim,

Outros (maioria), amontoam-se em balsas

Cada um, com seu fim...

Somos navegantes, a procura de um lugar insólito

Conduta idiossincrática

Não há porque levar a vida como fadário

É uma grande escola, lições são ofertadas

Ainda que, aprendidas ou não

Repetência, a incógnita, não há garantia nem opção...

Ema Machado.

Vazios...

A casa fica sempre a espera
Uma sentinela à espreita
Olhos em desalento captam o vazio nela
Memórias, fantasmas, vez ou outra assombram
A cada passagem, deixam apenas
Vestígios de suas passagens
Lentamente, o tempo os leva
Talvez, a uma estação distante...
Braços pendem, a cama já não cansa
O vento não mais assopra
Nosso passado, não mais me alcança
E o vazio, de visitante, torna-se amante
Ouço agora um coração compassado
Deixa-se ouvir, nenhum som o tem ofuscado
Apenas a alma flutua, aprecia-se
No vazio alado...
Ema Machado

Mar de poesia...

Mar de poesia...

Das praias da alma, o olhar em vai e vem,

Às vezes salga, noutras se contém

O ilusório é mar que o convém

Quando a azáfama vida

Em duras vestes díspares

A tantos, às margens mantém...

Somo versos, em tecituras e tramas

Em um mundo aquém

De tudo que mancha

Feito o óleo por sobre as águas...

Não há tempestades, apenas eutimia

O olhar em marolas se entrega

Apenas a poesia...

Ema Machado

Nascer de uma saudade...

Nascer de uma saudade...

Ela se foi, cedo...

Como pássaro que fenece no ninho

Trazia na face, a paz que almejo

Possuía beleza dos anjos

Olhos repletos de ternura

Expelia bençãos

Carregava cruzes, sendo luz

A saudade sempre a manteve aqui

Juntas rimos, há sempre um conselho...

Naqueles míopes olhos pude ver

Ainda que dura seja a vida

Há sempre o que colher

Daquela árvore colhi, tantos frutos!

Edificou minha estrada

Ensinou-me a ser mulher

Quando a infância, eu ainda perseguia

Fez-se saudade eterna

Juntou-se a minha estrela guia

Ainda nos encontraremos

Creio!

Por ora, ouço-a em devaneios...

Ema Machado.

Terna, Ternura...

Terna, Ternura...

É, é sempre ela
Fada linda, aqui faz morada
Brinca de esconder
Límpida, banha-se em minhas lágrimas
Por vezes, de rir quase me mata
A vi surgir no meio da lama na estrada
No riso traquina de uma criança levada
No olhar de bondade de uma anciã
Ela se traveste, quando é pura poesia
Mostra-se nas flores, no sol que as irradia
Na beleza da manhã
No gorjeio dos pássaros, quando claridade faz folia
E na fuga do dia, quando a tarde enamorada
Morre de amor, mesmo estando sã
Desmonta-se no horizonte, na encosta assombreada
De onde a ternura surge, ante a noite estrelada...
A ternura não passa, agora mesmo, a mim sorri
Contemplava o tempo que passou
Lembrava o que vivi
Olho, sonhos que não se perderam
Pulsões a me elevar
A ternura, mostra-me tudo que amei
Juro! Consigo enxergar...
Visto-me de alegria e deixo sempre
Poesia ou ternura? Não importa
Deixo em mim, habitar...
Ema Machado.

Palavras ao vento...

Palavras ao vento...

Solto palavras ao vento

Pipas, ao sabor do movimento

Cuidadosamente decoradas

Tons em multicores

Simplesmente libertas

Sem rimas, em linhas sem métricas

Olho o céu poluído

Muitas vezes, pipas não encontram aí sentidos, não importa

Bons ventos as levem a alguma alma torta ...

(Ema Machado)

Palavras ao vento

Frenéticas, bailam

Falam de sabores

E casas cheia de gente

As moças ficam na janela

De bocas abertas

Abocanhando palavras

Que expressam sonhos

E viagens

Enquanto os moços

Jogam bolas, empinam pipas

Caçam borboletas

Nadam nus nos lagos

(Shimul)

Solto palavras ao vento

Que viajam ao ar livre

Sensíveis ao próprio sentido

Disfarçam-se em metáforas

Trazem o conteúdo do que se diz

Ainda no calor do momento

Flecha do arco verbal

Pode se tornar um tornado

Tempestade, vendaval
Com um sabor amargo
Trazem o conteúdo do que se diz
Ainda no calor do momento
Flecha do arco verbal
Pode-se cantar em brado
Compreende a literalidade
Cabe em sentido figurado
Sendo ilusão ou verdade
Letra da melodia
Amor em verbo lançado
Carinho no coração decantado
No papel, poesia
Bons ventos a levem a alguma aorta
(Hébron)
Palavras ao vento
Que venha de repente e que seja leve
Que quando for embora não deixe saudades
Se deixar saudades
Que seja do que aconteceu
E nunca do que podia ter acontecido
Não solte palavras ao vento
Fora do compasso
Aja no tempo certo
E utilize as armas corretas
Numa linguagem concreta
Foram tantas palavras ditas ao vento
Palavras soltas como
Pássaros de asas que voam
Que não possuem destino
Nem desatino
apenas pulsam em voos livres
Pois que voem livres as palavras
Que ecoem em canções e gemidos
Em pranto até que se calem
Os Todas as feridas todas as iras

Geralda Figueirêdo

E porque inspiração é um vento
Uma brisa lúdica permeada de treliças
Onde penduram-se submissas
Lembranças em forma de flores e amores
Cardos e dores
Gerando sabores e dissabores
Encaracolados em versos
E neles sentimentos imersos
Ventos, ventanias ou brisas
Porque inspiração é vento...
(Lucita)
Palavras invento
Disfarçando os tormentos...
Que elas voem em ares de ousadia
E nas asas do vento não sejam
Desprovidas de sensatez
Que palavras sejam cortantes
Flechas que atravessam espaços
Tirando o medo da existência
Que acelera o tempo, matando os sonhos de tanta gente
Que alcancem o topo da imaginação
Dos sonhos
Da fantasia... da ilusão
Palavras ao vento...
Palavras invento...

(Edla Marinho)

Que as novidades venham
E que não sejam surpresas em vão
Que não sejam palavras ao vento
Mas sejam atitudes leves
Mesmos que sejam palavras que trazem saudades
Que se transformem em sonhos
Não em desejos
Que seja concreto
Com silêncios e mudanças

Que até em pensamentos me leve á primeira dança
Num devaneio calmo, imaginativo
Solitário, e que os sonhos sejam apenas paliativos
Como as palavras que o vento leva ao coração do poeta.

(Neiva Dirceu)

Palavras apenas soltas ao vento
Não movem moinhos, nem cataventos !
Para quem tem fome: comida no prato!
Os despossuídos estão lá, tão evidentes
Na rua como ratos fora do buraco.
Dormem ao relento, embaixo dos viadutos
Roupas sujas, pés descalços, refugos.
Esses seres, hoje invisíveis, quase lixo humano.
Provam nossa insensibilidade.
Tantas palavras, mas palavras ao vento! Não alimentam. Onde nosso sentimento, caridade cristã?
Esses seres ao leu, já tiveram teto, trabalho indigno mas, trabalho.
Isso os ajudava a fazerem planos.
Hoje, morrem à míngua nas calçadas da cidade mais rica do país.
Desumano! A nação deveria emvegonhar- se!
Está havendo um holocausto humano.
E os que se dizem piedosos, com o nome de Deus na boca mas...são só palavras ocas. Palavras sem ações.

Caem as cortinas de nossa hipocrisia! Vê - se bem nossa omissão!

(Maria Dorta)

Divina é a palavra de amor
Que ela se espalhe aos quatro cantos do planeta
Afangando os corações dos reles mortais
Esperançosos de um lugar ao sol
Buscadores do rumo Norte
Que ela ecoe forte ultrapassando as barreiras
Que ela seja sublime mudando toda sorte
O tempo é o maior sabedor e impera sobre todas as coisas
A noite da lugar ao dia para aparecerem as cores
As estrelas brilham no céu porque o dia se esvai
Palavras ao vento insistem! Sempre querem dizer
Trazidas de pensamentos desvalidos, frívolos
Coadunam com o nada de um insólito prazer

Que as palavras de amor saíam das bocas benditas
Sobreponham-se elevando todos os
animos

E ao as ouvirem se ergam contra o injusto
Fortaleçam-se com a mensagem verdadeira
Levem-nas consigo, para outros mais distante ainda
Conservem-nas dentro do coração pela vida inteira.

(Cláudio Reis)

Amar é tentador
quando palavras inaudíveis não
chegam ao coração
pode ter efeito, tom enganador
as palavras ao vento com ameno sentimento de amor ,
pipas no céu azul sem vento ,
não combinam
tristeza de menino, coração em dor
é melhor ser analfabeto ou residir num deserto abrasador .

Palavras ao vento é cavalo que não se sela
porque palavras ao vento são rápidas
e se despedem de toda verdade,
palavras podem ser desajeitadas
quando não são embriagadas de amor
Amar é estar despreparado
é um jogo a ser eternizado de caça palavras
porque amar é inerente e desafiador.

(Corassis)

Palavras são frases
São idas e vindas aos ventos
Estando sempre em movimentos
Palavras são versos
Sem perder do sumário o seu itinerário
Formando-se assim nosso vocabulário
Palavras são rimas
Sem perdas do contexto e dos versos
Transmutando-se em cada um, o universo

Palavras são fontes

São vários os tipos em frases manuscritas

Transformando-se as nossas escritas

Palavras aos ventos...

Palavras não são meros movimentos

Nas idas e vindas fazem nossos momentos!

(Ernane Bernardo)

Pescadora de Sonhos

Pescadora de Sonhos

Tornou-se pescadora

Pescava sonhos no lago obscuro da noite

Algumas estrelas a observaram

E ela, navega entre elas

Tentou pegar carona no rabo de um cometa

Triste intento, desperta

Para realidade lúgubre do momento...

Em noites de lua cheia, deixa-se levar

Há sempre um sonho a fisgar

No lago da noite, navega em repouso

Por vezes, pisca-lhe uma estrela-cadente

É quando lhe escapa um suspiro, entredentes...

Fecha os olhos, hora de alimentar sonhos...

Lágrimas do tempo

Não há mais sorrisos
Na boca do sol ardente
Segue sua labuta
A queimar inclemente
Em manhãs agora cálidas
Paira mormaço, o inferno latente
Almas incautas, seguem urgentes
Cedem vencidos, à rotina massante
A vida, torna-se avultante
Há uma horda no tempo
Chora, ouve o clamor da terra
Lágrimas de sangue, de sal, de lama
Não há estanque
Estrelas fogem, o luar se esconde
Esnoba-se semi-aparente
Tempos coléricos
Engolem o dia, o homem
Em sua labuta incessante
Até o momento em que pare, sem lar
A clamar o passado indefectível
Quem o ouvirá?
Ema Machado.

A vida, em um dia...

A vida, em um dia

Já fui madrugada esqualida
Não sabia da vida, ou quase nada...
Fui manhã, quando sol da urgência queima
Desperdiça-se energia
Deixa-se levar por arroubos e afãs
Qual rio que corre
Sem saber onde estará amanhã...
Hoje, capto sombras das tardes
Vejo o partir das luzes
Sem querer adentrar a noite
Que se aproxima, urge
Contemplo o arrebol
Parte do que fui posso avistar
Na beleza da tarde em suas 'nuances'...
Partirei como elas
Sem nuvens espessas
Tranquila...
Ema Machado.

Monotonia...

Náufrago, vazios momentos
o mar em movimento, e embargo
Cerceo pensamentos
Colho insatisfação
Em árvore de atalhos
Impertinente é o tempo, em nada supre
Vontades adormecem em lacônicos afagos
Há uma espera premente
E tudo é igual, nada atrai
Na languidez do momento...
Mergulho na noite que se aproxima
Conto estrelas, ainda meninas
Até a lua se escondeu
Será, ela, ou eu...
Ema Machado

Mudanças

Mudanças

Já cultivei sorrisos frouxos
Brotavam do nada
Despejavam-se em cascatas
Corriam pelos ares por muito pouco
Um pingo de alegria bastava
Desenhavam-se nos lábios
E uma chuva se formava sem travas
Já tive olhos peraltas
Brincavam de saltitar
Marcavam tudo por onde eu passava
Hoje o olhar se torna cauteloso
Passeia soturno pelo horizonte
Meticuloso, não adentra nenhuma face
Foge para seu mundo de arte...
Já, tive um tempo em que nada tinha
Mas, colhia rosas em cada esquina
Alimentava-me de sonhos
Bebendo na fonte esperança
Apreciava a vida
Nunca fui criança...
Vejo tantos pássaros sem ninho
Não aprendem corretamente o voo
Podadas foram-lhes as asas
Há falta de frutos do amor
Na terra ressequida
As sementes não germinam
Carência é fruto latente...
Ema Machado

Fora do tempo...

Estou em um tempo
Ao qual, não entendo
Expõe-se o rosto, o gosto
Oculta-se o vazio no fosso

Há "photoshop" tudo é belo
Falsa a imagem, esboços de felicidade
Criam-se almas vazias em castelos...
Impera a "vibe" em telas finas
A vida jaz, em ruínas pelas cidades
Sem elos, pelo chão e esquinas

Estou em um tempo obscuro
Onde nada é pecado
Cultua-se o ego com orgulho
E morte que caminha ao lado
Não entendo, onde jaz
O que a tantos compraz...

O inferno se instaura
Busca-se ouro caminhando
Na lama, enterrando a paz tão cara...
Estou em um tempo flutuando
No chão, não me reconheço mais...

Ema Machado

16/11/21

Para meus versos...

Para meus versos...

Por vezes, engulo as palavras
É quando o desencanto ganha as falas
Todo momento, torna-se silêncio
Sem você, o mundo desaba...

Você... Compõe minhas letras desestruturadas
Entre interrogações, reticências em demasia
Eis tua aura, e assim refaço magia em noites caladas
Para meus versos, teu existir é poesia

Ter teu sorrir inspira, poesia que em mim se instaura
Em meio a tantos momentos e elos perdidos
Encontro comigo, engravidado de palavras
O mundo sem poesia, para mim não faz sentido

O único instante em que me perco, estando contigo
É quando ocupo teus lábios, roubo teu sorriso
Entre meus lábios se aloja
Vamos juntos ao paraíso...
17/11/21

Ema Machado.

Diretos reservados.

Amar o amor...

Amar o amor...

Honra-me, ser tua morada

Habitas meu existir

Do nascer do dia, à noite estrelada

Deixo-te e vejo-me livre

Vais, onde bem-queres ir

Ainda assim, leva-me

Ultrapassas minhas muralhas

Mundos além, posso ver daqui

Contigo, a palavra não falha

Há belezas ocultas

Que só eu posso ler

És o que a alma sustém

Fortaleces minha jornada

O brilho que em mim irradias

Faz brotar o riso

Às vezes, a lágrima...

És o bem maior, que em mim carrego

Amor puro, a quem me entrego...

18/11/2021

Ema Machado.

Alma, tem cor?

Não sei, se alma tem cor
Sei, o que a faz diferente
A morada em que habita
Dentro dela, toda discriminação
É doença de gente...
Somos humanos, isso nos torna iguais
Porém...
Uns são exaltados, outros pisados
Uns privilegiados, outros carentes demais
Ainda assim, aqui, somos gentes
Daqui, nada levamos
Debaixo da terra, tudo é escuro
Não há, o que terra não coma
Rico, pobre, nobre ou impuro
A alma, terra não consome
Pode ser translúcida e leve
Ou negra e pesada, em discriminação e orgulho...
Pobre é essa alma, pobre homem...

Ema Machado

20/11/21

Pensamento dormente...

Não sei, onde me encontro
Sei apenas, o que diz meu pensamento
Colho dias, bebo da vida
Sou passageira, dela (pouco) entendo...
Há um trânsito de histórias vagas
Passeiam pela memória falha
Outdoors de horas vividas
Sombras, verdades ocultas
Invenções e sonhos não confessos
Vivem à minha procura...
Não sei onde estarei amanhã
Sei que não quero ficar aqui
Preciso sair, a vida respirar
Em um ar que não sufoque
Viver antes, que a mim
Tome a morte...

E o mundo... beira ao caos...
O sorriso é de frivolidade
O olhar, tornou- se banal
A consciência, inútil vazia
A inutilidade, é dama letal...
Onde mora, o carisma?
O amor fundamental
A vida agonizante
É ser itinerante
Há fome de afeto
Que importa, a foto bestial?
A criança ficou sem rumo
Sociedade é apenas consumo
O humano, desumano perde o prumo...

Diga-me... Ele aproxima

Qual, o verdadeiro sentido do natal...

Ema Machado.

21/11/21

Asas podadas...

Asas podadas...

Sentiu-se murchar

Bastou um ínfimo instante

Sem sutilezas, esvaiu-se toda certeza

Suas paredes ruíram

Viu-se sem teto, sentia-se no chão

Deslisou, como seda que escapa das mãos

Sentiu frio, a dor dilacerou o coração

Era anjo, tinha asas

Foram podadas...

O chão, era agora morada

Palavras foram engolidas

As pálpebras molhadas

Fecha a memória,

Não queria para si, aquele universo

Nunca, não é termo de glória

Para quem é aprendiz

A mestra, alguém infeliz...

Ema Machado

25/11/21

Direitos reservados

Deixando passos na areia...

Deixando passos na areia...

Quando pequeno

Ansiava ser grande

Queria ir além, do que via no horizonte

O verde era farto, sol reluzente

Via, flores nos pastos

Animais se alimentavam contentes

E eu ali, apenas mais um ser carente...

Hoje, que posso ir além

Do que pensei

Colho muito, além do que plantei

Subo a serra, olhar arrefece vazio

Tudo tem dono

Concretaram o horizonte que aprecio

Agradeço, o alimento é farto

Já que para tantos, farta é a fome...

Minha vontade de ir, ganhou asas, foi-se

Como o olhar infante e doce...

Ainda carrego anseios, porém, sem nome

Sonho com pássaros

Árvores, não muito longe

A vida caminha apressada, vejo

Gradativamente perco a pressa

Sinto diminuírem os passos

A beira da praia, observo o mar

O vai e vem das ondas vicia

Vou deixando os passos na areia...

26/11/21

Ema Machado

Direitos reservados

Olhar faminto...

Olhar faminto...

Ela tinha fome no olhar
E eu, para lhe dar, pouco tinha
Tantos pratos para servir
E ela de pé, quase não se mantinha
Sua carência latente, tocava
A mais triste melodia, eu sabia
Toda aquela algazarra
Devia-se a um teatro vazio
Onde ninguém a assistia...
Tantos passarinhos, grande a fome
Abro espaços no ninho
Mas, aquela ave pequenina, consumia-me
Vejo-me nela, entendo
Falta-lhe um pouco de afeto...
Esta fome, um dia foi minha...

Já desponta...

Já desponta...

Vagueando, como folha de outono
Entregue ao vento tristonho
Perdida em infindas vielas
A evadir de lamentos e sonhos

Não me entrego a certas cenas...
Pairam eflúvios, um ar diferente
Sem grandes prognoses e anelos
O medo, é negra serpente
Rasteja lúbrico no imo, premente...

Tantos lamentos, anseios por antídotos
Contra seu veneno mortal
Mas, a morte faminta fez banquetes
Arrefeceu a fé, trememos ante o mal...
Lembre-mos! Numa estrebaria
A esperança, fez-se criança
Se renova, em todo Natal
Já desponta a estrela guia
Mostra-nos o menino Deus
Único antídoto para todo mal...

Ema Machado

29/11/2021

Poesia pequena...

Minha poesia é pequena
Como pequenina andorinha
A pular aqui e ali
Sem ser notada, sai de cena
Sem se ocupar de um fim...

Minha poesia, como a aurora
Desponta, se vai sem demora
Vem o dia e a colhe
A manhã passa feito vento
No instante das horas...

Minha poesia é assim
Chega leve, aquece sonhos
Arrefece a alma
Abriga meus sentidos
Adormece em mim...

Ema Machado

02/12/2021

Tardes de espera

Tardes de espera...

A esperança, não é quimera

Ondes estiverdes, que teus sonhos gestados, não se tornem abortos

Que a tristeza, seja apenas

Pretexto para limpar os olhos nublados...

Deixe que escoe, é chuva ácida que corrói a alma...

Chuva de incredulidade

Chuvas que abortam sonhos

Levam a calma...

Tristeza é tempestade,

Se deixas invadir, vira enchente,

Leva tudo, sorrisos, esperança e mesmo a mente...

Nas manhãs, noites, no meio da tarde... Esperanças nos faz entender

Vivemos para a eternidade

Espera nunca é tarde, se você crer...

Ema Machado.

Direitos reservados

Balanço...

Balanço...

O olhar vasculha as dobras do tempo,
inoportuno momento
Vendavais movem as cortinas do pensamento...
Ilusões perdidas, perdas e ganhos, dores sentidas
Anseios, melhor não tê-los, seria...
Sou viajante, sem muitas regalias...
Não reclamo
Não escolho, tenho às vezes,
uma pequena trave no olho...
Muitos viajando de primeira classe,
a econômica me basta.
Voar como eu, diariamente,
é privilégio
Tantos se arrastam, sem saída
Se entregam, deixam-se levar pelo tédio...
Ema Machado.

Tempo de mudança...

Tempo de mudança...

Quisera poder mudar o tempo
Banir a tormenta que nos acompanha
Vimos chegar dezembros
Sem alívio, para tanta ânsia...

É chegado o natal...
Murchas estão as flores de alegrias
Jardins sob as sombras do mal
Quisera ser mago, despertar uma estrela guia...

Perambulamos sem rumo certo
Há tantas dunas, no deserto...
Muitos gritam, anseiam apenas um eco
Em nada creem... Ele, está tão perto...

Quisera, neste natal
Soprar por sobre à terra, esperança
Quem sabe assim, retomáramos o rumo
Como os magos, ao encontrar o Rei criança...

08/12/2021- Ema Machado

Direitos Reservados

Sede de Luz...

Sede de Luz...

Uma luz, o anseio

Na escuridão da noite, adormeço...

A estrela é cadente, risca o olhar carente

E por ínfimo instante, sua luz é como diamante...

Das parcas alegrias do momento

Soma-se qualquer ponto de luz

Refresca o olho... a tudo vasculha sedento...

Até mesmo, uma gota de orvalho que reluz

Uma noite escura

Uma única estrela... E a cura...

Ema Machado

Rasuras...

Como miragem ressurgem velhos sonhos
Meticulosamente depositados, no imo uma lápide...
Um pensamento tardiamente incide
Nem tudo que se almeja, se vive
E assim, a culpa persiste
Poderia, haver outro final...
Desenhos de vontades, rascunhos
De uma vivência sem atitude
Arabescos a desfocaram, diferiu do real
O rio seguiu seu curso,
Sem ousar ser lago, afogou-se no mar
O passado volta à lápide, jaz enterrado,
Um dia, foi apenas rascunhado...
Ainda pairam fragmentos, um devanear...
Ema Machado
11/12/2021

Ele ainda se faz presente...

Ruas ganham luzes reluzentes
Explodem presentes sem donos
O carmim, vestimenta constante
A espera, é por sonhos e planos

A manjedoura vazia, ainda o espera
Corações duros, não lhe abrem as portas
Nascerá em meio aos pequenos
Como no início, lhe voltam as costas

Quisera ouvir, novamente sinos
De alegria, entoar-lhe cânticos
A humanidade esquece o Deus menino
Importa a festa, fé é momento lacônico...

Quisera pincelar o tempo de nuances puras
Desopilar o sentir doloroso, que paira errante
É tempo de acolhida e espera
Daquele, que a tudo regenera
Esperança é para poucos, jaz agonizante...

Ao longe, desponta a estrela guia
Os magos de hoje, não a acompanham
Estrebarias ou palácios, repletos de crias
Sem paz, com falsos presentes se assanham

É natal, almas jazem sem luz
Corações duros, portas fechadas
Carregam e lamentam o peso dos dias

Ignoram... O peso da morte numa cruz...

Ema Machado.

07/12/2021

Voos e quedas...

Voos e quedas...

Horas avançam, já o passo, é miúdo
O olhar o antecede a procura do horizonte
Não caminho sozinha
Ainda que vá, longe de tudo
Há pedras no caminho, flores e espinhos
Tropeçamos, um dia fui ferida
Talvez por inépcia, incorro no mesmo erro
Dói, quedas sempre doem...
Encontramos novo passo, novo caminho
Descobrem-se sentimentos ocultos
Vontades despertam no eu em descanso...
A vida se oferta, abre portas
E saímos ao sol
Com garras à mostra...
Confesso...
Não, não quero elegias!
Desperta, vi-me poesia
Sorrisos brotam nos jardins da alma
Acolho o dia, vestida de calma...
Saio das paredes que cerceiam
Permito-me entressonho
Há uma brisa leve, afaga a pele
Deixe, que também o sol a beije!
Ambos, renovam a casa
Enchendo-a de coragem
Entendo, da janela a vida é bela
Porém, pequena para uma viagem...
Ema Machado.14/12/2021

Acolhida...

Acolhida...

Preparei-te, meu Senhor!
Uma casa bem quentinha
A espera, que venhas habitar
Minha humilde cabaninha

Da casa varri todo lixo, tirei toda sujeira
Aspergi as paredes com afeto
Em toda volta planto amor, é florada certa
A morada preparada com carinho, a ti oferto

Sei, é pouco... mas, é tudo que posso oferecer
Tenho muito, tudo que sempre me deste
Preparo teu altar, ainda tenho muito que aprender

Por isso, peço insistente...

Venha Senhor, aqui morar!
Meu coração está em festa
Entre, podes em mim, habitar...

18/12/21

Ema Machado

Um conto para o natal...

Um conto para o natal...

Ema Machado

Roupas frias e molhadas, grudadas à barriga que roncava, e a fome, dele ria. Na calçada em meio ao intenso movimento, era invisível, ninguém o via. Aperta o pequeno e esquelético cão ao seu encontro. Ambos tremiam, mas, o calor do pequeno animal, proporcionava certo conforto...

Um antigo sonho o levava a grande metrópole. Por longo tempo, cuidou da barba branca e não cortou mais o ralo cabelo. Valeria o esforço, seria "Papai Noel" de uma loja famosa. Quem sabe com alguma sorte, ganharia o necessário para fazer uma ceia para a família.

Pedro nunca pensou se tornar morador de rua, ali estava - sem os documentos que lhe foram roubados. Sem esperança, não contava mais o tempo.

Quantos natais solitários? Perdeu a conta. Sabia, não veria mais os seus.

E tudo, por sua culpa... Não conseguiu dinheiro, nem coragem para voltar de mãos vazias. Por orgulho, decidiu permanecer na capital, onde, fazia algum bico até o próximo natal. Iria economizar para a viagem, levaria presentes para todos.

Às vezes, alguém lhe jogava alguns trocados, usava para comprar algo para comer, n'outras, procurava algo nas lixeiras do mercado. Mas, a disputa ali é acirrada, nem sempre conseguia vencer e atacar a fome que persistia. Certo dia, em uma rua próximo ao local onde se abrigava, um cãozinho foi atropelado ? teve pena e cuidou dele até que melhorasse, mas, era uma boca a mais para comer. Tornaram-se inseparáveis, estavam famintos e sujos.

? Moço, posso tirar uma foto? ? ouviu alguém perguntar. Apenas balançou os ombros, não se importava...

Naquele dia, sonhou com a antiga cama, estava tudo tão gostoso. Pode sentir cheiro de café e broa de milho assada no fogão a lenha. A casa era pobre, mas bem asseada.

- Ei, tudo bem? ? Como, se sente? ? Ouviu, parecia longe...

- O senhor, teve sorte. A moça percebeu que o senhor estava tendo uma hipotermia e chamou uma ambulância ? Está em um hospital.

Pedro percebeu, deram-lhe banho, estava limpo em uma cama, não era sonho. A mente confusa impedia que dissesse algo, adormeceu profundamente.

- Moço, você precisa acordar. Tem que comer algo, ou não vai se recuperar rápido. Com muito custo tentou se erguer. As paredes pareciam rodar.

- Um instante, vou buscar ajuda ? disse a voz macia ao seu lado.

Colocaram-no encostado em travesseiros, e pode engolir a sopa que ia sendo depositada em sua boca. Era a comida mais saborosa que comera nos últimos anos...

Despertou repentinamente, a enfermaria estava repleta de pessoas. Algum tempo depois, a enfermeira entra com uma bandeja de medicamentos.

? Vejo que está mais forte, não é? ? consegue se levantar?

Ele pôde, suas forças voltaram.

- Quem, me trouxe? Digo, a moça...

? Ela é um anjo! Disse que fotografa pessoas de rua, para serem reconhecidas por alguém.

- Ninguém, vai me reconhecer! ? Onde morava, não há energia elétrica ou telefone como aqui.

- Calma, vejamos o que acontece! Afinal, é natal! ? Disse a enfermeira, rindo.

Olhou pela janela - anoitecia, dia vinte e quatro de um ano qualquer. Seria mais um...

- Olá, o senhor lembra de mim? ? Sou a moça que o senhor quase matou de susto. Desmaiou, enquanto eu tirava sua foto.

- Será, que poderia me contar sua história?

- Mas... Você não... Não vai comemorar o natal com os seus?

- Vou, mas tenho um tempo ainda. Pode contar, assim vemos o que se pode fazer, para lo ajudar ? Ah! Pode ficar tranquilo. Seu cãozinho está seguro, em um abrigo para cães.

Enquanto contava o que lhe acontecera, lágrimas escorriam por seu rosto, envergonhadas embrenhavam por sua enorme barba branca. Não se importava, lavava a alma.

- Ei, Pedro! Temos um serviço para você! - Pode ficar de pé?

- Penso que sim, sinto-me bem.

Então, aguarde aqui! ? E a moça saiu depressa.

Pedro ainda imaginava o que aconteceria em seguida, quando ela entrou trazendo um enorme embrulho.

- Vá, tente vestir estas roupas que lhe trouxe e me acompanhe. A enfermeira disse que você está bem. Só precisava de alimentos e roupa seca para ganhar força.

- Aonde vamos? ? Pode dizer, irei com você.

- Você disse ser um Papai Noel. Preciso de um. Vai me ajudar, ou não?

E Pedro seguindo ao banheiro, vestiu-se rápido. Estava começando a acreditar no espírito de natal...

Tempos depois, já em casa, lembrava-se de como retornara ao lar. Ana o havia contratado, para distribuírem presentes em um orfanato. Ele esquecera o que é humanidade, estivera petrificado por muito tempo. Esquecera a fé, que a esperança é uma estrela, pode brilhar quando cremos.

Ana o ajudou a retornar aos seus. Ao retornar, percebeu que as coisas por lá estavam melhores. Os pais, agora velhinhos, nunca perderam a esperança de revê-lo. Os irmãos, agora empregados, receberam-no com uma ceia. Era noite de um ano novo...

Sonho perdido...

Sonho perdido...

Os olhos perscrutam o céu
Pulam amarelinha entre estrelas
Aquele sonho antigo, era apenas papel?
Fiz dele barco a vela, navega a esmo...
Vagueio, em águas turbulentas, por grandes tormentas
Pequeno pássaro, às vezes me perco
Por sobre o mar, a alma vive em dilema
Um suspiro foge, como fogem os sonhos
Amanhã, serei eu a estrela guia
Para sobreviver, é preciso muita "teima"
Oro aos céus por força, rogo a Virgem Maria
Amor é rio, corrente nas veias, quase afoga a alma
Quanto mais doo, mais me acalma...
Há um barquinho, parece tão longe...
Ema Machado.

Renovação...

Renovação...

Parte...

Deixa marcas e aprendizagens
Certo gosto amargo, de que já vai tarde
Ceifou tantas vidas, em tantos, plantou saudade
Que saibamos ler, nas entrelinhas da vida
Sua astuta mensagem...

Não choremos, por tudo que se viveu!
Onde quer, que estejam os que partiram
Estarão sempre aqui, ao lado seu
Rastros se perdem, não a lembrança em nós
Ainda os encontraremos do outro lado
Alguém um dia prometeu, não estamos sós...

Ele parte...

Que não nos leve, a melhor parte
O renascer de uma nova consciência
Viver é crer na vida, na eternidade

Esperança é semente que frutifica
Saber amar... é o melhor dom
Tudo no amor é farto, e se multiplica
Tudo que for da graça é bom...

Ema Machado

26/12/2021

Tudo pela graça...

Tudo pela graça...

Um pensamento perscruta...

Tanta labuta, infindos caminhos,

Às vezes estreitos, repleto de pedras

Há inúmeras batalhas, destinos

O pensamento, a pergunta...

Por que, seguimos?

Entregues à horda da vida

Como espíritos indômitos

Dia após dia, ano após ano

Ganhos, perdas, labutas e desencontros

Há no imo, algo maior que cultivamos

Viver sobrepuja, é ânsia, impulsiona...

E o rio segue...

Vence desafios, montes e planícies

Corre, seca e não se entrega

Mantem o curso, do alto recebe sacio

O riacho se refaz...Inunda

Bebe da chuva torrencial, faz-se quedas...

O tempo... sábio inexorável e mestre

Nunca é o mesmo, astuto a tudo transforma, muda

Vida é feito rio, para aquele que crê

Fracos recebem força, erguem-se na fé

O olhar que a tudo fez, é o mesmo que a ele conduz

E esperança... não é dom qualquer

Fé sustém ao que segue, vai muito além

Graça, tudo por pura graça!

Ainda que, inexorável seja o tempo

É oleiro, amolece o barro, molda o vaso
Viver é forno que acrisola...

Indefectível, perfeito apenas o supremo
Que o criou, ao tempo... a vida e a luz...

Ema Machado.

Percepções...

Percepções...

O vazio, ah! Vazio...

Embora pareça frio

Nele vagueiam lembranças

Nada é em vão

Preenchem, mente e coração

Transitam inquietas, pela viela solidão

De seus paralelepípedos, brota percepção...

Cada palavra, conta

Ainda que erre a direção

O que importa, é se edifica

Ou se amedronta...

Cada lufada expirada, abre uma porta

Um suspiro expele sombras, alivia

Impede, que a alma seja morta...

Há vários caminhos

Mas, a mente traceja a rota

Outro broto...

Tudo é o possível, para quem busca

Cada ser, está onde se precisa

A vida é muito mais, que apenas

Ser vivida...

Ema Machado

03/01/2022

Como não houvesse amanhã...

Como não houvesse amanhã...

Abro de par em par, as portas da tristeza

Saio de mim, há um jardim à espera

Nele, é sempre primavera

Aspiro eflúvios, aí habita a beleza

Margaridas, rosas, papoulas, colibris e borboletas

Alegria sempre derrama, a tudo rega

Vida abundante, a tudo se agrega

Por entre risos, há caminhos

Desperta, liberto das grades meus sorrisos

Alimentam a alma, germinam sementes de calma

E, ainda que surjam pedras, espinhos

Não são, nem serão intransponíveis

Aprendi a gostar do bom, não maldizer o ruim

Há luz, acende na alma

Se não houvesse, amanhã? Seria o fim...

Viver é dádiva, um dia... uma noite

Outra manhã...

Generoso, quem me criou

Engulo e agradeço, cada colherada de vida...

E ainda, por ter a mente sã...

Ema Machado

Palavras e estrelas...

Palavras e estrelas...

Recolho o brilho da estrela
Envia-me sempre certa
Capto-a, a exibi-lo altaneira...
Percebo o quanto vale, um sonho
Uma palavra...
Tão vasto, o universo
Nessa vastidão, colho estrelas
Por não encontrar palavras certas
A folha vazia vagueia, ou, a vontade de grafar...
Letras embaralhadas, penduradas em estrelas
Tantas palavras se perderam
Quisera, fossem elas a me encontrar
Mas, no momento, vago em deserto estelar
Perco-me nas dunas de incertezas
Uma estrela cai, risca a escuridão
Volto a meu pequeno universo...
Algumas palavras se exibem
Tênuas, como raio de luar
Ema Machado
04/01/2022

Meditação

Meditação

Flutuo na mente

Branca, branca...

Permitido um intervalo

Passavam, cenas tantas...

O torpor é sopro de brisa

Suaviza lembranças...

Flutuo

Sou barco vazio, que na água se lança

O rio tornou-se lago, há repouso

Segurança...

Leve, ao longe, uma nuvem...

E a mente, que a mim não mente

Sei, o repouso é breve...

Ema Machado.

Voz de poeta...

Voz de poeta...

Ele parece carregar na face
Mais que vincos, marcas de dores idas
Se foram feitas de amores
Na alma, carrega feridas
Faz-se rocha, enquanto tem na boca d'alma
Cânticos de rosas...
Poeta sombrio, triste poeta!
Ousa dizer, tantas coisas incertas
Nada em poesia, é apenas arte
No fundo, de cada verso
Brotam metáforas, como escape
Quando no imo, há sementes de verdade
Seus sentires, cospe...

Ema Machado

04/01/2022

Apatia...

Quisera ser fonte serena
Saciar animais, nessa densa floresta
Encolho-me nesta solidão, minha única arena
Falta-me a coragem das feras...
Quis ser estrela, ainda que mero ponto
Sem saber brilhar, hoje confesso
Não há como ser luz, se me escondo
Tantas nuvens carrego, ou por vezes, um deserto...
Quisera, inteira me doar
Apontar caminhos, trazer esperança
Como? Se nem mesmo, um rumo há
Sou pura ânsia, insensata criança...
Ema Machado - Brasil
11/01/2022

Caminhos...

Caminhos...

Um universo, e eu pirilampo solitário, a dar voltas e voltas nesse caminho escuro

Nunca fui muito longe, apenas contemplo estrelas. Escrevo, ou digo asneiras

Viajante nessa vida, que corrompe, quis a perfeição e nem me dei conta... Ela apenas habita, naquele que criou o homem.

Cresci, ou não? Perscruto. Sou, tão diminuto nesse espaço maluco!

Apesar de tudo, meu mundinho é que se fez pequeno, assim, feito planetinha do "Pequeno Príncipe" de Saint-Exupéry. Porém, não possuo aquela pureza, não cultivo rosas, não viajo em cometas. Contemplo estrelas, sonho com anjos...

Somo dias, atravesso noites, compreendo. Crescer exige coragem, perseverança. Não é fácil vencer a bruxa da intemperança, com suas agruras e torturas tantas.

Seguir é ir caindo, levantando... Perco o brilho, não o passo, ou, asas de pirilampo.

Há uma sede, uma ânsia! Impulsiona, quando agonia é tudo que me alcança. Apreciar a viagem, o que importa, ao final, tudo é, como deve ser.

DR. 14/01/2022

Ema Machado.

Vida e poesia...

Podes não captar, mas a poesia está lá...
Passeia de mãos dadas com amor, gera nova vida
Espalha-se no sorriso da luz, a irradiar alegria
É dádiva perfeita, na flor que se oferta
É frescor no beijo sutil da sorradeira brisa
Dita-se na palavra de vida, da qual se engravida
Há poesia, lá está...
Poesia se faz fé, que as trevas dissipa
É peralta, no riso da criança que faz festa
Se revela, na sabedoria do silêncio
No vai e vem, cantiga das ondas do mar
Esconde-se nos segredos do destino
A poesia é magia, em tudo habita
E quando, a melancolia desponta
Revela sentidos do pranto, no olhar em desatino
A dor a maltratar, o amor em desencanto
É ela, notas a se espalharem entre os poetas
Como o grito silente da velhice aflita
Uma melodia fúnebre, que o medo interpreta
Ainda assim, há poesia
Capte, faça-se poeta!

Após a insônia...

Após a insônia...

Nas ermas horas da madrugada
Acompanhada por exaustiva insônia
Assisto nascer, o rebento da noite
Revela-se lentamente, choroso e tristonho
A progenitora o vestiu de cinza, fugiu sem perder a hora
Pariu o rebento soturno, nem mesmo saudou a aurora
Tristes dias, pesadas horas...
Assisto à fuga de pássaros, o novo dia que chora
Quisera adormecer a noite, mudar a cara do rebento
Assim, talvez sorrisse. E eu, teria maior contentamento
Parte a noite, também a insônia se vai
Cochilo, o relógio avisa: vá escrever sua história
Não há tempo, a manhã acolhe o rebento, sai
Vou à lida, carrego o sono, o dia e meus sonhos...
DR. Ema Machado.

Desolação...

Desolação...

Não colho afagos, sentada nessa inércia
Afogo-me nas águas da solidão, assisto
O dia escorrer mais cedo...
Pela descrença, peço ao criador perdão...
Tempestades de verão, engolem o sossego
Há toda sorte de maldição, não há remédio que cure indignação
Sonhos, tornam-se pesadelos, descem pelas águas
Germinando, nasce o medo em profusão
O que será, do pobre amanhã? Sem teto, sem ter onde acordar.
E ainda o desafio, driblar o mal que assola
Sem trabalho, aguarda a esmola, cai a dignidade humana...
Bendita a mão, que doa sem intenção
Bendito o pobre que se ergue,
Não esmorece, crê na vida, de coração...
Ema Machado

Inconfessável

Dizias meu nome
Em teus lábios, soava-me meio sagrado
Lábios, que para os meus, tornaram-se fome
E em pensamentos lascivos, fazia-o meu pecado

Tento me conter, mas, o fogo queima, arde
E ao ouvir-te pronunciar meu nome
Mergulho nesse oceano, temendo tempestades
Nem assim, apagas o fogo que me consome...

Finges não perceber, maltratas meu coração
Não sei, quem de nós é verdadeiro
Sei que, não me mente a visão

Pergunto-me, quem sucumbirá primeiro?
A tão sutil aflição
Se aproximo emudeces, sufocas nossa paixão...
Ema Machado

Ida às estrelas...

Eles partiram em massa... Alguns, com suas histórias inacabadas
Entregues às estrelas, espiam do alto
A vida, carece de luzes... Poderia diferir, a jornada?
Astuto destino, sempre o arguimos. Embora, saibamos a resposta
A estrada é escola. Abre e fecha portas
Só aprendemos, entre quedas e voos.
Para cada um, uma perda, uma conquista
A morte, é apenas o final da estadia, há uma estrela a espera
Por vezes, tenta-se negociar com ela...
Ema Machado

Um pensamento lago, um quase naufrágio...

Um riso raso, em profundos lábios
Encontros e desencontros, de quem é a trama?
Destinos, portas e entraves...

A sede conhece o sabor da água, anseia-a
O amor não sabe, o que lhe reserva a sorte
Prefere beber da fonte, a morrer na seca

Há um pote de ouro, ao final do arco-íris
Quem espera passar a tempestade o encontra
Não há pote, que caiba a ganância

Toda palavra tem destino certo
Quem sabe ler, abre os olhos e ouvidos...

25/01/2022

Falando de amor...

O amor chega de repente, impregna na pele, na mente
A gente nem sente
Quando percebe, é dele, e consciente
Não há como conter...

Às vezes, nasce sutil
Uma pequena semente
Aquele olhar, no repente
Torna-se vôo sem volta
Num mergulho, e você se afoga
Sem medo, sem querer

O amor é como a roseira,
Tem aroma e cor, também seus espinhos, causam dor derradeira
Precisa ser cuidado, adubado
E até podado, para fortalecer.

Amor, quando verdadeiro
Não precisa motivo ou razão
Aquece, é vital ao coração
São duas almas, que se encontram
Traçam juntos caminhos
Sem saber a direção

Abrem trilhas, vencem barreiras
Se é amor, é como vinho
Quanto mais velho, mais sabor
Ah, se é puro, é amor...
Amor, um misto de carinho e proteção. Desejo e paixão...
Uma flecha trocada
Acertando o coração...

Saudades, tesouro em mim...

Pensamento disfarçado, entre uma cena e outra, toca teu rosto esmaecido
Às vezes foge de mim, quer estar novamente contigo
Foram tantas vivências, tantos sonhos por nós construídos
E de nós, agora restam apenas saudades
Só elas, para o vazio, fazem sentido.
Lembro-me do teu riso doce
Contrastando com minha eterna agonia
Eras sol a iluminar sombras
Ao fim da noite que partia.
Saudades, daqueles brilhantes olhos
Neles, estrelas colhia
Eram meu céu, razão para eu vencer o dia.
Saudades, quanta saudade carrego de ti!
Não pesam, pois, levam-me a um tempo em que fui feliz
Sinto falta, é verdade que o perdi
Ainda que tenha meus olhos molhados
Saudade é o tesouro, que carrego em mim.
Ema Machado.

Tarde vazia...

Aqui, paredes e vontades tortas, parecem querer apertar
A sensação sufoca, um tanto quanto mórbida
Movimentos vazios, e falta o ar
Nada a alcance das mãos, há uma tensão sólida

Caminhamos por possibilidades, tateando supostas verdades
Nada mais é real. Viver ou morrer, tanto faz
Somam duelos entre o poder, é o que conta nessa insanidade
E a tarde sufoca, paredes ouvem clamores... Gritos por paz...

Encolhem os ânimos, perspectivas de agora
Serão amanhã, apenas enganos...
Ema Machado

Pé no chão

Pé no chão

Ema Machado -

Sigo devagarinho para não despertar sonhos

Passeio sobre vidro, um passo em falso, estarei perdido

Se ao menos pudesse voar...

Reconheço, esse é meu lugar

Já não tenho asas, e o chão é minha casa.

Aprendi a duras penas, não conto com a sorte.

Permito-me o ilusório, sempre fui viajante em contos fantasiosos.

Embora, não creia em fadas...

Quem sabe, após um dia de chuva,

Apareça um arco-íris em algum lugar...

Mantenho no alto, o olhar...

Ando devagarinho, engulo silêncios, mastigo algumas crenças.

Por vezes, preciso de colo

Mas, caminho apenas com a perseverança

Visto-me de paciência...

Ema Machado

Nuanças, e o sol parte...

Nuanças, e o sol parte...

Ema Machado

Na memória retenho nuanças, um arco-íris em meio a tons cinza e resquícios de lama. Tantas tempestades, tantos naufrágios... Na pele cicatrizes, porém, não mais fortes que das feridas da alma.

Das poucas cores que restaram, passam apenas num filme, denominado saudade...

Eflúvios exalaram, desfiz-me de frascos vazios, da roupa apertada, da maquiagem. Aos poucos, os olhos perdem o brilho, a pele o viço e os aromas de mocidade.

Em noites vazias ouço as paredes. Dizem aos gritos o que antes não ouvia, que, ainda que as enfeite com alegria e arte, o vazio é pintura sombria.

Sonhos agora são barcos disformes, não detenho mais o controle dos remos. Águas turvas, embora pareçam calmas, não há um porto seguro.

Não culpo o tempo, entendo, não o perdemos. Perde-se no tempo, tudo por se ater ao passo, sem apreciar a jornada. Busca-se um destino tendo os olhos fechados. Não há tempo para apreciar o caminho, nem flores ao longo da estrada. Assim, lembramo-nos das pedras, espinhos, dos pés cansados, das tempestades. Não percebemos a carícia dos ventos a brincar na beleza do horizonte. Nem nos deixamos assentar no meio da tarde, apreciar o sol que parte. Quando percebe-se, a noite chega, já é tarde...

Ema 04/02/2022

Motivos...

Motivos...

Ema Machado

Às vezes, perscruta-se qual sentido da vida
Qual razão de seguir, quando tudo parece ruir
Mais um dia sombrio, como eu, sentido
Pensamento cerceia, fez-se insólito
Qual o motivo, para aquiescer e ter a mente sã?
Qual sentido em ofertar a rima
Se versos em desalinho desencontram
Deixam-se levar sem alforria, nessa triste manhã
Qual seria o sentido, da perfeita e bela poesia
Se tristeza engole almas e arrefece o dia...
Somos seres idiossincráticos, como sol e a lua
Vejo sentido na noite, descansa a labuta do homem
De sonhos é guardiã, doa o brilho das estrelas, por sua escuridão
Imputam-lhe inúmeras culpas, segredos e coisas que os consomem
Ainda assim, pari a manhã, renovar o tempo é sua sina...
Até suas lágrimas, são orvalho em oferta
Sacio às plantas, gotículas cristalinas
E tantas vezes, por incautos ganha má fama...
A criação do universo é indefectível
Gratuito e perfeito
Essa tristeza que carrego no peito
É desconfortável, faz-me desejar outro rumo, outro dia
Para aperfeiçoar-nós, é que infortúnios são feitos
O que nos impulsiona, a fé e a certeza
Somos diamantes, seremos lapidados

Ema Machado

2/02/2022

Transição...

Eis que desperto, não era tarde, percebo enfim...
A vida, passava por mim
Não era minha
Cheguei com pouca bagagem, a alma repleta de vontades
Mas a casa, não me cabia
Era pouco aconchegante
Para que nela coubesse, desfiz-me de vestes, usei o que ela continha...
Tentei abrir portas e janelas
Às vezes, sentia
Vivia, mas, a vida passava
Não era minha...
Lentamente, para caber naquela casa, encolhia
Guardei na mala, tudo que eu tinha
Sonhos, vontades e alegrias
Meu mundo, traçava nas paredes
Fiz nelas teias, redes que a mim
Prendiam
A vida passava, no casulo, eu já não via...
E metamorfose foi feita, completa
Senti algo novo, rompi o casulo
Ganhei belas asas, não anseio casa.
Voo com a vida, agora é minha...
Ema Machado

Sem saída...

Sim, te amei
E foi tanta loucura, que, deveria ser doce, tornou-se tortura
Vi em nós, o que não existia
O sentido, não importava
Havíamos sucumbido, sobre tantas travas...
E, eram apenas migalhas o que recebia
Desvencilhar deste sentimento, foi preciso
Porém, é como vício, diariamente refaço o trajeto
Ainda assim, perco o juízo
Sinto falta da tua existência ao lado da minha
Tua boca e mãos sedentas. Teu olhar inquieto, inquieto...
Vivo dia a dia, atendo-me aos
sintomas de recaída
Não sei o que acontece
Eu sem você, sou ilha, a rua sem saída
Sou barco sem vela, sem rumo certo
Sou grão de areia no deserto
Perdida...
Ema Machado

Cegueira...

Perco-me, na insaciável monotonia dessa rotina massante
Transitamos sobre teias que nem mesmo tecemos, prendemo-nos
Sem sair do casulo obscuro...
E vivemos assim, inconstantes, sobra necessidade de consumir
Feito, larvas da seda, e mais, para outro possuir...
Perscruto-me: quando, tudo isso terá fim?
Seguimos o curso, sem saber onde vai dar
Cegos, surdos e mudos, prisioneiros da caverna...
Perseverante é, esse povo errante
Caminha crendo em qualquer balela
O Profeta dos profetas disse: "Não pode um cego, a outro conduzir"
O lobo se veste de cordeiro, à (muitos) irá iludir
Para escravidão se deixam conduzir, e tudo pela cega crença
Deixam-se levar por falsos pastores, falsas promessas
Não se busca paz pela guerra, tão pouco pela opressão
Vivemos em meio a hienas, riem, daqueles a quem devoram
"Quem tem ouvidos, ouça!"
Quem, seguirá a verdadeira religião?
Nada é tão perfeito quanto Amor, a base de tudo
Quem ama cuida, deseja ao outro o que quer para si...
Esta é pura religião, boa para seguir...
Ema Machado

Mais que desejo...

Caminho só, busco um aporte que não encontrei
Nada em mim falta, anseio quem mergulhe nos olhos, e leia-os
A alma escreve metáforas, que ninguém nunca leu.
E nessa vida breve, muito do que quis dizer, emudeceu
Anseio reciprocidade, em um amor vital.
Anseio ser a presa sem abate
Anseio compartilhar, o ar e o sal...
Ema Machado

Tardes na janela...

Tardes na janela...

Ouço segredos, tormentos na boca do vento
Os dias parecem entender, o quanto pesa o sofrimento...
Quisera o beijo do sol pleno, em sentimento que aquece
Cores perdem o viço, entendem os segredos do vento
Em algum lugar hiberna a alegria, há muito o sorriso arrefece
Entre paredes que apertam, vencemos o momento, mas não o tempo
Segue deixando suas ranhuras, marcas lacônicas ou profundas
O vento segue livre, espalha folhas mortas, traz e carrega lembranças
Desembarço linhas no pensamento, teço a lida e não a entendo
Quem pode, tinga a trama, pinta em outras telas
Quanto a mim, sigo o vento, e as tardes da janela...
Ema Machado

Só, poesia...

Só, fiz-me vento
Vasculhei tudo que a mim cabia
Ganhei asas, movimento
Não sabia, que em meu mundo poesia, fosse transparecer meu momento
De meus dedos brotavam ramos
Viçosos, tornaram-se meus pensamentos
Letras novas, novas músicas
E alma a tudo trabalhava
Conduzia
A solidão foi ficando lívida
Não me cabia...
Ema Machado.

Bem que se quis...

Bem que se quis...

Ema Machado - Brasil

Quis-te flor, mas não espinhos

Quis estrada, mas, não o caminho

Eu quis um tempo contigo, onde não houvesse hora

Quis mais que o momento

Queria habitar teu corpo, ser mais que a demora

Quis beber, teu olhar sedento

Sem sacio, ser teu tormento

Queria ser sua estrela, em sonhos

Fiz de você, meu firmamento

E quis...

O amor maior que o mar

Queria, o infinito amar

E dizes apenas:

"Seja eterno, enquanto durar..."

17/02/2022

Broto de esperança

Broto de esperança

Um minuto de leveza

Deixo-me conduzir, há uma pérola

Sob a concha, procura luzir

Ouçõ sons, o silêncio não canta

Corre em segundos, notas de esperança

Ínfimo minuto, nada parece ruir

O amor percorre o corpo, corre nas veias

Anseia fluir, deixo-o conduzir

Em um dia cinza

O azul jaz oculto, não importa

Outros dias entrarão pela janela

Pintará novas telas, o verde, sempre brota...

O rio corre, corta a mata, dela zela

A sustém, asperge beleza e leva folhas mortas

A natureza é orquestra, moucos ouvidos

Teimam em não ouvir

Ouçõ a tristeza do silêncio, mudo é o concreto

Más, esperança passou por aqui...

Ema Machado

Apenas mais um...

Apenas mais um...

De que barro, fui feito!

Um barro venal?

Paira uma dúvida, não tem jeito

Preciso de respostas, nada parece normal

Em terra estranha me sinto

Onde o dinheiro é Deus, e o resto, imperfeito...

Olho estrelas em busca de algo

Vejo apenas, olhos que me piscam, percebo

Não estou aqui, procuro por mim...

Hoje no espelho, vejo um rosto irreal

Por vezes, esboça um sorriso

Enquanto a alma, desaprova a cena

Felicidade, é vestimenta tão superficial...

Deus! Vejo-me, tão pequena!

Tantos se julgam perfeitos, e eu?

O espelho não responde, repleta de anseios

Questiono o ser que nele vejo

Sou, você? Ou apenas, reflete o que almejo

O barro ideal! Sei, nada vales...

Um dia voltarás à mãe solo, terra natal...

Ema Machado

Falas e momentos...

Falas e momentos...

Gosto da fala dos ventos

A despentear-me pensamentos

Refrigera todos os medos...

Nuvens, gradualmente afastam-se despreocupadas, ressurgirá novo tempo

Bom é apreciar o beijo do sol na morada

Aquecer o marasmo do sossego

Ser como límpida fonte

Livre poder seguir a cantarolar

Enamorar e vencer a altura do monte

Sobre ele deslizar, ali repousa a seus pés

Sonhando, vejo o quanto sou pequena

Mais vale contemplar uma gratuita cena

Que labutar por coisas fúteis

Nada além de viver plenamente, vale a pena...

Um vento passa, dispersa o pensamento

É hora de adormecer, há estrelas no ar...

Ema Machado

Fúria de gigantes

Quisera mergulhar no oceano do sossego
Nele afogar tantas ânsias e medo
Em meio ao circo de horror
Tornamo-nos pierrôs
Impera o ego no picadeiro...
Na plateia, não há razão, nem lugar para risos
A morte abate, para contê-la, não sobra dinheiro
O ódio necessita de armas para matar a fome
Quando a guerra impera, alimenta-se de homens
Ainda que nada reste, vitória será plena em dores
O planeta se mostra, quem domará sua fúria?
Vomita, inunda, sacode e lança suas armas
Talvez o humano acorde, ainda há tempo, creio
Ou à terra, será lançado todo homem...
Ema Machado

Pecado de estrelas cadentes

Pecado de estrelas cadentes

Ema Machado

Surgiu... Inocente feito centelha pequenina
Oculta, entre brincadeiras permissivas
Tornou-se fogueira, foi dividida
Duas estrelas perdidas, em universo peculiar
Não lhes era permitido, um para o outro brilhar
E fez-se dia, viveram tristes momentos
Tudo acabara, ou não...
Estrelas não se apagam, apenas se afastam
Amores não são raízes que se possa arrancar
Há um universo peculiar, longínquo, más, há
Nele, uma estrela tênue teima em ficar
Vive ofuscada pela solidão
Ainda que seja dia, é perceptível ao coração
Dolorido pela clareza: nunca houve certeza de um futuro
Apenas algumas noites, onde sonhar foi em vão
Pecados, são sonhos para aprendizados...
Duas estrelas, tornaram-se cadentes
Não há, como permanecerem lado a lado

Deve haver...

Deve haver...

Deve haver um lugar

Onde brotos vicejantes possam crescer

Onde livre, a fonte límpida cantarola a alegria de poder correr...

Deve haver um lugar

Onde rosas sejam puras e sem tantos espinhos

Sejam cultivadas com todo carinho

E até o vento, não tenha razão de se enfurecer...

Um lugar de sol radiante

Tardes de arrebol flamejantes

Noites estreladas, onde a lua seja de prata pura...

Imagino que, deva haver um lugar sem penúria, que não haja tanta loucura pelo poder

Um lugar, onde possa-se sair, para dormir sem paredes

Contemplar estrelas balançando-se na rede até adormecer

Ah! Um lugar assim, deve haver...

Um lugar, onde seja livre toda criatura, onde não haja penúria

E a vida não grite, pois, ainda resiste a tanta loucura...

Sei haver, um lugar da paz que dura...

Ema Machado

Mulher, mais que mulher...

Mulher, mais que mulher...

Elas se fazem flor

Perfumam, enfeitam-se em busca de amor

São rosas, lírios, hortênsias e sempre-vivas

Muitas vezes, quando acolhidas

Perdem o aroma, tornam-se murchas e sem vida

Elas são árvores, adubadas, semeadas

Multiplicam a vida, derramam-se em afeto

São oásis, nas dunas do tempo

Areias que as consomem, amores turbulentos

Chamam-nas "fragilidade" quando, na verdade

São pilares, espíritos indômitos

Musas do amor, basilares

Flores ou árvores, dão frutos e sementes

Nos canteiros do mundo

Mulheres cálidas, dóceis e eloquentes

Mulher, és da vida, a essência...

Ema Machado.

Apenas uma breve história...

Apenas uma breve história...

Quando você apareceu
A tarde fugia no horizonte
Houve cortejos, pássaros a cantar
Não muito distantes
Estrelas espreitaram, para ver você chegar
Enquanto a estrela mor, foi nascer em outro lugar...

Quando você apareceu, evadiam-se horas
Encantei-me com um novo dia
Perdíamos o vagão de auroras
Em nosso vagão, hora não havia
Nossa viagem era além, de tudo que conhecia
Paraíso do qual perdemos, o agora

E você se foi...
Enquanto a tarde morria, a alma escorria
Ao cortejo fúnebre de pios e cios
Naquele dia, o sol nem nasceu
Chovia, o olhar afogou, fez-se vazio
Estacionou no horizonte, ou, ali se perdeu...

Quando se foi
A lua lívida em tristeza, fez-se minguante
Fechou o olhar compadecida
Ante a morte de um amor
Do qual, era cúmplice constante

Depois que você foi
Viajo nos vagões, de um tempo indigente
Corre, o hoje é apenas momento
A alma já não dói

O hoje, é um tempo exigente...

Ema Machado

Haverá uma resposta...

Haverá uma resposta...

Nuvens negras pairam por sobre os dias

Estoico o tempo avança, sem deixar muitas saídas

Ah, poesia! Espias feito raio de sol

Surges entre movimentos lúgubres dos dias sombrios

Vê, poesia!

Após leve trégua do invisível, a terra já sabia

Verteu suas lágrimas sentidas

Tempestades, vagidos desenfreados

E, tamanhos foram os estragos...

Como, encontrar-te poesia?

O poeta busca inspiração engolida, ou, quiça adormecida...

Há um medo indômito, ao qual tenta não sucumbir

Batalhas são travadas, no imo, no solo e no olhar

Erros e desacertos, buscam terebrar resistências

Entretanto, há uma força basilar, impulsiona

Ainda que incautos e coléricos alimentem a horda

Maior é a luz, que guia à vida!

Não há escuridão que a cubra

Enquanto esperanças clamarem, nela se alimentarem

O Amor, sempre terá resposta Divina...

Ema Machado

Contágio

Contágio

Espalhe-me! No refrigério da brisa
Livre, sem farpas, carícia de vento
No alívio de um ínfimo suspiro
Na tranquilidade do firmamento
Sou de sabor puro, sacio sedes
Sou como água, cristalina e transparente
Sou a calma na chegada
Após, caminhadas efervescentes
Espalhe-me! E tenha certeza
Não há, quem me encontre
Que encontre igual riqueza
Sou o pote de ouro ao fim do arco-iris
Sou o caminho, se, de mim não desistires
Gesta-me! Anseio crescer em teu cerne
Ainda que de início, seja pequenina semente
Se abres as portas, contaminao
Sou esperança de toda gente
Sou a Paz
Anseio amor para crescer no coração
Teu gesto, não será em vão
Espalhe-me!
Ema Machado

Ainda que pareça...

*Há uma realidade que incomoda
Incertezas pairam, como brasas
Queimam em hordas...
Perscruto
Mas, ninguém responde
A vida carece cuidado, não se esconde
Ainda que pareça absurdo
Sonhamos com um futuro
Sem guerra, sem tantas dores
Sem cruces...
Sou poeta
Anseio por luzes...
Faço minha parte, espalho amor e arte
Rego jardins
Mesmo que não colha suas flores
Creio na lei do retorno
Essencial ter um fim*

*Sei, sou tão pequena...
Colibris não são inúteis
De gota em gota
Incansáveis, fazem sua parte
Transformam em beleza
A rudeza da floresta
Beijam, encantam
Ainda que a vida seja incerta...
Ema Machado*

Venenos diários

*Enveneno-me, na percepção nefasta
de que o humano, de si se afasta
E tudo o que deveria permanecer, perde-se
tornando-se fumaça
Sobra "status", afeto não calha*

*Enveneno-me no medo, desassossego
a impregnar o ar que respiro
Há sempre uma arma, a espera de quem
lhe aperte o gatilho
Anseio paz, um velho e caro artigo...*

*Enveneno-me sob olhares insólitos
Gritam por socorro e não posso acudir
Sou apenas, outro olho
mais um, amontoado no fosso
Dessa caverna, da qual não podemos sair*

*Enveneno-me... na insatisfação da utilidade
Fraqueja sob probabilidades, de
Ver tudo ruir...*

*Clamo, por antídotos contra tanto veneno
Doses de amor e otimismo
Creio!
O amor, há de vir
Dependemos dele, para existir...
Ema Machado*

A olho nu...

A olho nu...

*Noite estranha, a vida passa por mim
em meu momento de vício, resistir...
Contemplo a solidão da lua
E ela, contempla nós duas,
É interpelada por uma nuvem escura
O ontem passa com seus fantasmas
Temerosa a alma sai pela tangente, escapa
O universo a entende, juro!
Uma estrela pisca para mim
Vivi e vivo assim, sem entender
Porque a beleza foge aos nossos olhos em dias tristes?
A lua reaparece serena, não sabe a resposta...
Outra estrela se manifesta
Uma lembrança graciosa faz festa
A escuridão mostra suas facetas
Milhares de estrelas, uma lua sem vendas
Uma tela, a qual a alma contempla
Sonhos se aprontam...
Sou... tão pequena...
Ema Machado.*

Falando com o tempo...

Falando com o tempo...

Ema Machado

Ah, senhor tempo!

Queria saber de tanta coisa as quais não entendo

Porque, tantos descem do vagão tão cedo

enquanto outros, a duras penas, aqui, vão se mantendo

Sabes, senhor tempo

Bebo da fonte da vida

Sei que estou de passagem

A viagem, vai se estendendo

Só desejaria descer, quando

Não tiver mais saída, nem chão para ficar

Levando a certeza, que vivi

O que poderia e tudo pude fazer

Observo, muitos andam sem expectativa

Dizem, que há tempo para tudo

Más, estão enganados

Por isso, têm desperdiçado

Lições de aprendizado

Nos trilhos, realmente importa

Apenas o que viemos fazer: viver e amar...

Senhor tempo, muito mais, precisaria falar

Vivo correndo, para não ficar muito atrás

Nessa maluca viagem

Não deixo que me atropеле

Levo sonhos na bagagem

E lembranças em séries

Ainda que desça do vagão

Irei plena de que plantei, que deixo algumas sementes

Não vivo, nem partirei em vão

Por ora, sigamos sempre em frente...

Ema Machado

Letargia...

Letargia...

Uma vontade plaina

É ave inquieta em uma mente aberta

Entra, passeia e deixa apenas ânsia

Ainda é cedo, nado e sempre repouso na areia

Queria plantar mais atitude

Mas, há a flecha certa do medo

Continua a ave, seu voo agora é leve

Entra e sai quando quer...

Deveria ser uma vontade louca

Daquelas que derruba ilusões

O irreal não lhe bastaria, é coisa pouca

Esperar estações nunca quer

Uma vontade pouca, adormece

Hiberna...

Lá vem vindo o inverno...

Ema Machado

Minguante...

Minguante...

Olhamo-nos longamente
Nessa escuridão, faço-a minha confidente
Carrega a serenidade dos anjos
Uma palidez sadia, brilhante
Queria, ouvir-lhe alguns conselhos
E ela hoje, parte-se ao meio
Parece apenas dizer:
Acalma, tudo passa!
Aprecio sua metade, mergulho em seu brilho
Afogo aí o olhar, para afastar a solidão nefasta...
Quando a anseio, mostra-me um meio olhar
Lua ingrata, não se esconda!
Quem me ouvirá?
E ela parte... Deve ir olhar os amantes
Gosta de serestas e de cenas
E sou, um poeta apagado
Uma estrela pequena...
Ema Machado

Atrasos...

Atrasos...

Ema Machado

Quando você despertou

Já não havia inverno aqui

Se bem me lembro

Uma andorinha planava tranquila

nos ares do tempo

Despedi-me do inferno

A primavera se aprontava, e gradualmente ia me refazendo

Quando você despertou

Haviam sonhos partidos, momentos frágeis,

um universo irreversível de novas vontades

Aplainaram-se os montes, límpida cantarolava a fonte

Um sol lindo, sorria no horizonte

E a vida, acenava ante meus olhos

Não me lembro quando acordei

Sei, foi bem antes de você

Bem antes...

Vivi pesadelos, passei por tormentos

Batalhas travei, iam sempre me vencendo

Até que percebi, não precisava lutar, uma guerra sem um fim

A luta, era apenas para mim...

Atravessei desertos, encontrei

rumo certo

Desperto em fim, dona de mim

E você hibernando, despertou...

Nossa estação mudou

Ainda estou na primavera

Quanto a você, como ilha,

Ainda aguarda a chegada dela

Prenúncio...

Prenúncio...

Ema Machado

Tracejo grifos sentidos nesse pouco espaço
Ouço gemidos desenfreados
Muito do que deveria ser dito, torna-se silêncio
Um silêncio contido, expelido em suspiros delicados
Observo, mapeio os trilhos, o trem parece desgovernado
Ah! A escrita da vida, tem se compilado em um emaranhado
Garatujas em folhas amareladas, incompreensíveis leituras
Quem tenta ler, tortura-se...
Sou feito ave de rapina, vejo mudar a rotina sem boas perspectivas
O imaginário não basta, há fogo entre a fumaça...
E assim, para muitos, folhas são queimadas
O outono adentra, em breve o inverno...
Frio na pele, é feito navalha...
Ema 18/04/2022

Esperança...

Esperança...

Há sempre um raio de luz, a terebrar sombras

Uma centelha de crença, onde a espera não cansa

Nos olhos jaz uma estrela

Sem haver o que a vença...

Trevas espanta...

O caminhar ganha retas, ainda que haja ladeiras,

o olhar, fixa-se sempre acima

Certeza indômita, algo que impulsiona

Esperança, é fé que não se cansa, é sempre criança...

Ema Machado

Respiro...

Respiro...

Se, eu parasse de respirar
Ouviria os partos da terra, o germinar das sementes
O fecundar do sol, nas entranhas frementes
Se parasse de respirar, integraria o solo
Como as folhas de outono
Sem medo, sem ouro, sem zelo...
Quem sabe, dançaria a melodia dos ventos
Moveria as águas, seria estrela no firmamento
Ou, quem sabe
Liberta da alma, terra, abrigar-me-ia ao colo
sem temer tempestades, sem me ater a tantos olhos...
Sou pó, nasci do ventre que é pó
Ganhei o ar que me dá a vida
Se parasse de respirar, não teria muita serventia
Porém, sou instrumento, sem desejar a ida
Reparto apenas os dons que ganhei
Gratuitamente os recebi, alguém me quer aqui
Amo, e agradeço... A vida...

Ema Machado

19/04/2022

Como sol...

Como sol...

Ema Machado - Brasil

Compilo pensamentos utópicos

Tantos desejos, somados nos dedos

Sou barco a deriva, em turvas águas sem saída

Busco vestimentas que aqueçam a alma em seus medos

Nos castelos da calma, anda sem guarida...

Lá, no serpentear do horizonte

Caminha o hoje ainda vestido de sol, sempre parte

Dias vencidos, sou navegante atento

O suor que percorre o corpo, carrega o sal

Sal que tempera a vida, mantém o sustento

Colho-o na labuta, entre idas e vindas

Como o sol, que vai e vem

Sem tocar a lua, sua amada serena e linda...

Horas passam, pensamentos transitam

Neles, você já é imagem antiga

Guardo-o, como minha relíquia...

24/04/2022

Quando?

Quando?

Quando me dei conta, já era quarta-feira

Não vi o sábado passar, passei pelos domingos e nem me dei conta...

Quando percebi, os rebentos não dependiam mais de mim

Passeiam pelos domingos sem se preocuparem com as quartas-feiras.

Preocupada com as segundas-feiras, pouco vivi. Fiz-me escrava do possuir, da rotina e de convenções

Hoje, procuro alforria, arrefeci...

Lá atrás, ficam as segundas e terças.

Nos sábados, via apenas a euforia de viver, bebendo toda energia que pudesse ter.

Tempos bons, mas, desperdicei muito, foram-se tantos sábados...

Sigo, caminho para o final, muito longe dos sábados, dos domingos.

Há muito, deles despedi, hoje aprecio um bom vinho, um poema e boas melodias.

Não conto semanas, basta viver o dia, enquanto nascer...

Ema Machado

26/04/2022

Perdão

Perdão...

Ema Machado - Brasil

Quebre o Silêncio!

Faça estilhaçar, a barreira do tempo

Despeço-me do lamento, sepultarei mágoas

A solidão apossa de minhas vontades, momentos

Sem você, não existem... não há trégua...

Rasgue, encolha essa distância!

Sinto-me, mas, não sou tão sozinha

Fantasmas de nossas lembranças

Vivem a espreita, não sou mais minha

Lições aprendi, não basta querer! Iludi-me

Cansei de tentar apagar nossa história

Cada vez que tento, reabasteço a memória...

Destino...

Destino...

Há um corpo cansado na boca da noite inquieta

O dia, não longe desponta, cansada, a alma ainda não dormiu

Sonhos perdidos no horizonte

Sem contar, das estrelas que partiram

Vejo, teus olhos cinzentos perdem as cores dos atuais tempos

Era construtora de castelos em sertões áridos. Hoje, ruíram...

As sempre- vivas desbotam no campo, vão ficando sem alento teus rebentos

Quisera mudar o destino, devolver a teus olhos, cor

Partidas, são sempre rumores...

Porém, para onde fores, também irei um dia

Ficaremos juntos, seja onde for...

Há tristeza, más, não o lamento

A certeza da esperança, mantém na alma o gosto, o sabor...

Há um néctar que trago aqui dentro...

Ema Machado...

Dança das folhas...

Dança das folhas...

Ema Machado

Caídas ao solo, rolam ao sopro do vento
Um valseio sincrônico de estação
Sem adeus à quem as concebeu, nem lamento
Dançam, rolam, secam, adubam o chão

Ao solo estão
Onde sol queima, um vento maroto assopra
Quase secas dançam, o vento as rodopia
Assistem à mãe germinar, vêm renovar a copa
Ali, antes pendiam ao balanço e toque de vida

Tudo tem seu tempo, folhas aguardam novo colo
Dançam as folhas, em frágeis movimentos
O vento maroto, despede-se e novamente as move
A mãe terra as recebe, no colo acolhe...

Sem despedida...

Sem despedida...

Ema Machado

Houve um adeus, sussurrado pelo vento...

Partidas têm aromas, aquele frasco vazio de perfume caro, aquele, que não se fabrica mais, tão raro.

Partiu, segue o desconhecido... feito espinho, fere a alma. Dele apenas, dilacerantes suspiros e ais sustentados...

Bailam lembranças, parecem agora mais distantes...

Partiu, não como partem soldados em combate

Partiu só, soldado raso desistindo da luta, sem querer saber, se ia cedo

Sem medir estragos, sem pensar em culpas, abriu a ferida, deixou-se ir por medo...

Ficaram perguntas sem resposta, e uma estrela quase morta...

Um adeus, sussurrado pelo vento

Em lamentos, contamina como veneno...

Ema Machado.

Ela é anjo...

Ela é anjo...

Transpunha rochas, sangrava
Manteve o voo, enfrentou tempestades
Venceu
Trazia nos olhos estrelas, na alma sonhos
Ela foi e será sempre alada
Tenho comigo que, é um anjo que desceu do céu
Embora não tenha visto, creio
Podaram-lhe as asas...
Não que importa, nunca foi derrotada
Quando nasci, deu-me pés e mostrou-me a estrada
E eu ali, sempre querendo mais, tinha-a como exemplo
Desejava asas
Percebo com tristeza, como ocorre com todos na terra
Seu corpo enfraqueceu, e...
Gradativamente, ela esquece o que aqui viveu
Porém, não se entrega às mazelas do tempo, e sei...
Anjos não envelhecem, voltam para casa
Percebo, lentamente ela parte...

Ela podia ler teus pensamentos
Mesmo que, estivessem em silêncio
Ela percebia tuas dúvidas, interpretava teu sofrimento
Ela é fada, é direção para teu crescimento
Canta, mãe! Um acalanto para meu insólito momento...
Não quero, ouvi- la cultivar o silêncio
Nem perder a força, que vem de teu sorrir
Vai gradativamente ficando no esquecimento...
Queria destruir a borracha
Que lhe apaga as escritas no pensamento
Você se rebela, não se entrega a inépcia
Em cálidas súplicas, auxílio implora...

Sinto transpassar-me a flecha, da incapacidade
Em mudar o final dessa história...
Canta, mãe! Aquela melodia esquecida
Não sai de minha memória
Em tua voz de anjo, ela teve a versão mais linda...
Ema Machado 08/05/2022

Alimento vital...

Alimento vital...

Hoje, adormeci meus anseios e medos

Também dormirei mais cedo, porém

Ainda bebo a felicidade do hoje, dia feliz

Desce em suave trago, a serenidade contamina

Há muito, bebia vinho amargo

A incerteza é puro fel, o medo, alimento sombrio

Hoje alimentei-me de amor, iguaria fina...

Para a caminhada, pura vitamina

Já que, viver é cio...

Ema Machado

Interpretando lembranças...

Interpretando lembranças...

Ema Machado

Um cheiro de ontem invade a memória.

Carregado de vivência, de história...

Um lugar diferente, onde tudo permanece estatístico, e, visito sempre, num reconhecimento tardio de que fui tudo o que podia ser...

Passeio pela grama da infância, de onde avistava um futuro diferente. Era gente pequena imaginando ser grande. Sempre tinha olhos à frente. O presente, esquecia de beber... Alimentava-me de sonhos, tinha fome de um tempo melhor pra viver.

O frio na pele, vestes rotas, era o que marcava a vontade de vencer.

Alimentava-me de sonhos, mas, um pouco tristonho, hoje volto ali para entender: tudo que vivi, ajudou-me a ser hoje o que sou... Valeu por tudo o que me fez crescer.

Ainda trago na boca, os sabores da infância, aromas peculiares, de iguarias tantas. Mastigo sempre, uma aqui, outra ali entre lembranças.

E tudo, tem melhor sabor hoje, sobrevivi...

Observo o rústico chão em puro assoalho, os poucos cômodos e todos os irmãos amontoados. Uma simbiose de calor necessário, tudo para se aquecer.

Faltava tudo, menos amor. Foi ele o mestre, lições as quais aprendemos... tudo tem seu tempo para acontecer...

Ema Machado.

Súplica ao amor...

Súplica ao amor...

Ema Machado

Lanço, uma quase oração ao tempo
Teu corpo, teu rosto, meu anseio de cada dia
E a tormenta percorre-me a cada momento
Sem trégua, sem teu olhar sou vazia...

Há, teu olhar! Ao encontrar minha presença
Leva minhas vontades, sou apenas dádiva
Transportam-me ao paraíso sem inocência
Imaginando teu toque, e voo em tuas asas...

Fico então a orar, uma súplica silente
Que teu olhar possa captar, acolher meu desejo
Serei tua presa, tua serva e confidente

És minha súplica, oro uma prece imperfeita, vejo
Sem uma resposta perco a estrada, sou errante
Sou deserto em tempestade de areia, sobejo...

Muda e mudanças...

Muda e mudanças...

Meu riso amarelo, passeia por lábios sem graça
Soma em um mundo gasto de sentidos
Buscas, sonhos, uma imagem rota que se afasta
Caminho entre a alma e um olhar perdido

Tudo é névoa, aspiro ares impregnados de ontem
Limpei minhas lágrimas, mas, o sal deixa marcas
Ardem lembranças que me consomem
Entregue ao destino que põe as cartas

Há um vale em algum lugar
Onde deixei plantada sementes de esperança
Um dia, há de frutificar
Colherei os sonhos de minhas andanças

A vida caminha, pela mão me leva
Fui criança, sou adulta ou não?
Vida é como mãe, ensina a caminhar na selva
Ainda que se perca a direção...

Lembro-me pouco da mocidade
Havia mais peso por sobre as costas
Do que aguentava a tenra idade
Quase fraquejo, mantendo dentes à mostra...

Se há algo, de que me orgulho
É de nunca me entregar ao fadário
Ria de tudo, até de meus infortúnios
Cresci cultivando um eu imaginário

Uma parte de mim, ainda busco entender

Sou um olhar que não se cansa
Ainda há tanto, para aprender e por ver
Guardo aqui dentro, uma alma criança...

Viver, é desejo indômito...

Ema Machado. 22/05/2022

Uma tarde, um felino...

Perscruto o destino
Tantos rabiscos... quando foi, que
perdi o tino?
Ainda há pouco, espiava um felino no telhado
Dizem ter ele, sete vidas. E eu aqui,
Tento cuidar da única que tenho, cheia de cuidados...
Lidas, idas e vindas, entre ganhos e pecados
Sonhos, projetos... Alguns frutos desperdiçados
Quem dera, se o amor fosse planejado...
Já amei, mais do que devia
Tive quem me amou e não foi amado
Sou ave de rapina, não aceito pousada, se mal tratado
Juro, quis fazer o certo, ainda que possa ter errado...
Dei tudo que tinha, enquanto recebia trocados.
Não importa, quantos anos tenham passado
Tenho alma menina, há sempre um recomeço
Ainda que morra sozinha, sou feliz, tenho me amado
O felino, eu dizia... desliza pelo telhado
Tem agora companhia, sete vidas e uma felina ao lado...
Devaneios, pensamento passeia
Tem passeado...
Ema Machado

Lições, uma escola...

Lições, uma escola...

Ema Machado - Brasil

Ela traz no rosto, mais que marcas

Olhava-se no espelho, não se enxergava.

Onde foi morar, o sorriso insensato? Dele, apenas o "bigode chinês" ou, código de barras, logo acima do lábio, indecifrável...

A pele desistiu de manter o viço.

Deixa-se descansar, agora flácida. Não por desmazelo, mas, cansada de tantas batalhas climáticas.

A mente trabalha, a lida é enfática: nada, de descanso! Ou a razão falha...

Os cabelos branquearam, se assanhando. A tintura às vezes falha...

Não importam mudanças, quando a força vem das entranhas...

A alma ostenta o viço, anos de aprendizados.

A escola continua, e, a cada ano, uma série é eliminada com sacrifício.

A formatura, o final da jornada.

Tudo que se leva, é o que viveu. O mais...Se acaba...

O final, pode ser um início...

Ela sorri, vida é isso...

Ema Machado

Sobre um café, em tempo frio...

Fumega o café... Tênué fumaça, eleva um pensamento, frio como o lábio,
que agora aquece...

Ao torpor do momento, resta apenas saborear o silêncio,
entre pequenos goles do líquido negro e forte.

Deixo absorto o pensamento, sem peso, sem norte...

Somos palavras, aromas e sabores de uma poesia a deriva

Sem aporte...

Como a fumaça que se esvai, sem outra saída.

Fim de noite, fria e vazia

Esvaziou o pensamento, os braços, entre cansaços e dores do tempo.

Tempo estranho... Como uma onda, parece varrer o riso.

Só se ouve reclames e uma poética louca em um poema imprevisto.

Deixo que se derrame...

Ema Machado

Sonhos perdidos...

Sonhos perdidos...

Houve um tempo

Tempo de sonhos, de monstros medonhos. No olhar criança, magias e ânsias

Trazia nos pés, o pó vermelho

Nas mãos, o sabor da fruta madura, da lida dura, revestida de esperança

Houve um tempo, de riso raso e água límpida tirada em um poço fundo.

De olhar sentido, das dores do mundo... tempo duro e magro

Da terra vinha o fruto, pobreza era rainha Mor, com sal e suor, tudo era por ela temperado.

Naquele tempo, a criança era inventora. Inventava aviões e barcos de papel, bonecas de pano e milho. Inventava até um céu...

Lembro do tempo de natal, sapatinhos na janela, quitandas na cozinha. Era esta, a festa principal, nenhuma outra, era de tão afoita espera. Esperava-se o Deus menino, em união com o divino. Papai Noel, era ainda magrinho...

Criança tinha seus afazeres, tinham sonhos e planos, muitas vezes em balanços e redes.

Não havia muitas coisas prontas, mas, um mundo onde se podia ser, sem muros ou paredes.

Houve um tempo, parece ter sido ontem,

hoje, a criança perdeu a vontade de inventar.

Há muito o que olhar, pouco tempo para sonhar...

Ema Machado

Oceano...

Oceano...

Mergulhei em tuas águas, tantos desenganos
Quantas vezes apreciei tuas praias
Eram quimeras, ou meros planos
Nem sequer, molhei minhas saias...

Provei... a mim, tinhas gosto de lágrimas
Hoje carrego apenas sabor insosso
Porém, orgulho-me de minha saga
Pisei onde queria, ergui-me sem alvoroço

És sentimento profundo, não há o que explica
Nem sempre, correspondido ou compreendido
Somos rios em busca do sal que dignifica
Nada tem sentido, sem tê-lo conhecido

Ah! Quem dera! Pelo Cupido ser reconhecido
Encontrar uma metade, dizem, não ser tarde
Seria o anjo encontrando um paraíso
Pena, que medo é ferida que arde...

Creio... És oceano, repleto de belezas
Cascatas em pleno voo, são cheias de planos
Ainda que a vida, seja curso de incertezas
Vejo-me em suas águas, continuo vasculhando

Corto planícies e montes, torno-me cascata
Ao fim de algum mergulho, atracarei em casa
Uma ilha que o oceano afaga...

Ema Machado

Enquanto há sol...

O amor arrefece, de fome padece
Se é o jardineiro; quem, plantará
flores ao longo da estrada?
Já é tão difícil, colhê-las e ofertá-las...
O amor é quem cuida das belezas da vida
Há muito por fazer, ainda...
Se eu partir
É porque preferi colher flores
Antes, que, por espinhos fossem sufocadas
Prefiro ir, levando aromas dos canteiros, onde foram cultivadas
Que eu parta, que seja como ave em revoada
Deixo o ninho, mas não a jornada
O levarei comigo, para conforto nas frias madrugadas...
Deixe-me ir, retenha apenas o sentido poema
Melhor partir, enquanto há sol
Enquanto sentimos, valeu cada cena...
Sou amor, não tenho como carregar dor.
Há apenas espaço para sua lembrança
Levo-a na bagagem
É mais leve e desejada...
Abrirei as asas
O futuro é canteiro de possibilidades...
Anseio amor, mais nada...
Ema Machado

Enganos de nós dois...

Enganos de nós dois...

Ema Machado

Em ti, amei...

O doce, o veludo das palavras

O olhar mendigo

Que só o meu enxergava

Amei-te, como ninguém

Construí um castelo

Onde, só meu amor morava...

Em ti, amei

A ternura inventada, hipnotizou-me

Eras mago, eu, nunca soube

O que fizeste

Fui a fera domada...

E, brincar com você, para mim

Era de início, algo inocente e comum

Mal sabia, o que isso faria

Tornei-me o desejo, apenas mais um...

Em ti, amei

Algo que inventei...

Em mim, de início, observastes a presa

Era fresca, fácil para tuas armadilhas

Era a súdita, no castelo da realeza

Nunca pensou, que em mim se perderia

Em mim, encontrei

O zelo do amor, que nunca teve

E sem entender, te amedrontas

Finge esquecer ou parte

Porém volta, pois há o fogo, arde...

E nesse impasse, sofreremos

Não há ganhadores

Perdemos...

Latente...

Latente...

Ema Machado

Uma noite vadia,
Há muito não me deixo conduzir por ela
Perambula pela rua vazia
Enamorada do sossego, observo pela janela

O sossego mora na lua,
Aonde passeiam olhos aflitos de saudade
Somo, são tantas lembranças tuas
Que fujo por vezes da realidade

Uma nostalgia impera, o amor não é quimera...
Sou feliz sozinha, mas falta-me o abraço
De que adianta, estar em bela cela
Se o frio se acomoda nesse espaço

Ninguém nasceu, para viver somente
Somo frutos do amor, é semente
Solidão é algo latente...

Falando com passarinho...

Falando com passarinho...

Ema Machado - Brasil

Diga-me, andorinha!

És feliz, nesse universo farto

Mesmo estando tão sozinha

Nesse azul tão vasto?

Vais, sem destino ou meta

Invejo, tua liberdade andorinha!

Pois, não sou livre de verdade

Não sou, nem simples poeta

Onde habito, há tantas paredes

Que sufocam o olhar

Queria poder contemplar-te mais vezes

De liberdade me afogar

Sonho poder ir livre

Mas, há tantos empecilhos

Liberdade aqui, nunca se vive

Como trens, temos que viver nos trilhos.

E, ainda vivemos presos, crendo sermos sábios...

Você andorinha, voe bem alto!

Um dia ainda terei coragem

Que se dane, os incautos!

No deserto, há sempre miragens...

14/06/2022

Meu labirinto

Meu labirinto

Ema Machado - Brasil

Não sou dono de nada

Nem do corpo ao qual habito

Construo barcos, ancorados na praia

A pele que me rodeia, por vezes fito

Sinto-me perdidamente estranha

Não reconheço esse olhar e pensar aflito

Há muito perco, entrego-me a façanha

Alimento o ego, não sou poeta, mas insisto...

Vivo de sonhos, em castelos de cartas

Adormeço propósitos, sigo ao contrário

Sou unicórnio, possuo asas

Voos sem rota, em um mundo imaginário

Se isso, é ser poeta

Justifica a fala, palavras incertas

Há um ser em mim

Que nunca encontra portas certas...

19/06/2022

Serenidade...

Serenidade...

Ema Machado- Brasil

Anseio a paz dos lagos

Anseio o murmúrio dos segredos

O beijo do sol como afago

Anseio o sossego dos magos

Lacônicos são os períodos de paz

A complacência humana,

cerceada pela urgência voraz

Perdeu o sentido de ser serena...

Anseio a paz dos lagos

Os sopros das brisas

O cântico das folhas sob seus afagos

A madrugada com sua luz precisa...

Que a noite não me encontre

Anseio a leveza da criança de ontem...

Por uma luneta...

Por uma luneta...

Ema Machado- Brasil

Quando pequena, tinha pressa de crescer
Alimentava-me de sonhos, dias eram tão longos
Observava coisas por uma luneta
O mundo, até então contado... E, ouvia tantas histórias
Hoje, fez-se diferente, tenho navegado...
Para ser feliz, precisava de inúmeras facetas
A ferro e fogo fomos forjados, a realidade dura
Nada era fácil, viver exigia força
Nada parecia claro, a estrada estreita e escura...
O tempo escreve, muitas vezes embaralhado
Volto à luneta agora, observo o passado
Fui feliz lá, tenho notado
A vida escoa, sem a podermos reter
Cheguei aqui, sou o que não pensei ser
Bebo das horas, hoje "líquidas"
Não há sacio para almas aflitas
A poesia, minha companhia
Cânticos do dia a dia...

Desencanto...

Desencanto...

Ema Machado - Brasil

Primeiro, amei-te os olhos

Duas janelas escancaradas

De onde, surgiu-me uma alma faminta de cuidados

Depois amei os gestos, pareciam-me afoitos, querendo expressar o que a boca calava

E sem saber, acabei na teia

Feito mosca, temia ser devorada por um sentimento que a hipnotizava.

Pequei, como pequei!

Inventei um amor, embora soubesse que a grosso modo me amavas...

Sei,

Amei mais do que devia

Abri o coração, doei todo querer, que nele havia

Sufocada a semente, ficou sem saída...

Agora, a janela já não mostra nada

A alma se esconde, jaz resguardada

Os gestos arrefeceram, a boca

Não cala, diz palavras amargas

E em mim, resta apenas uma

Certeza, não abrirei mais guarda

Torno-me concha vazia, a pérola que havia, foi triturada...

Falando de néctar...

Falando de néctar...

Ema Machado - Brasil

Elas são abelhinhas sem colmeia
Desordenadas, sem caminho
Carentes, estão sempre à espera
Em que canteiro encontram o néctar vital?
São pequeninos seres, espreitados pelo mal

Fui abelha de outros tempos
Campos floridos, ares repletos de sentidos
Havia sempre onde retirar o mel a contento
Campos bem adubados, nem tudo era perdido
O amor, era semeado, cultivado...

Lembro-me, queria ser grande
Tinha pressa de crescer
E o tempo obedeceu-me, seguiu adiante
Desconheço agora, quem o possa reter
As abelhinhas serão, construtoras do amanhã
Necessitam ter a mente sã...

Abelhinhas quando encontram flores, fazem festa
Poucos são os canteiros, pouco é o néctar
Há tantas promessas na boca do tempo...
Muitas promessas...

Quando eu não estiver mais aqui...

Quando eu não estiver mais aqui...

Ema Machado- Brasil

Hoje, um pensamento sombrio passou por mim

Um momento estranho, de onde me vi

Rio corrente, corredeira sem fim

Ainda tenho asas nos pés, o olhar afoito

A pressa é minha condução

Cuido de muitos pássaros marotos

Haverá um tempo, não muito longe

Em que deixar-me-ei levar pela mão...

Quando faltarem forças,

Terei tempo para aquietar

Serei lago profundo e sereno

Repleto de silêncio e reflexão

Estrelas não morarão em meus olhos

Porém, alimentar-me-ei de lembranças

Quando não estiver mais aqui

Lembre-se de mim, vivi

Fui fonte, percorri terras

Venci serras e cantarolei ao nascer do dia

Sorrisos distribuí, colhi flores de afeto

Por vezes, fui ao deserto, mas, de lá sempre saí

A vida sempre foi generosa comigo

Deu-me frutos tantos

Nunca quis plantar dor, nem regar o pranto...

Quando, aqui não mais estiver

Não terei mais asas nos pés

Cumprida foi a missão, tudo vivi

Que a morte nos seja leve...

O troco

O troco

Ema Machado

O momento não passava, permanecia estático. Mesmo que quisesse, ainda não poderia entrar na capela. Ficaria ali, parada como o tempo até o momento exato...

Tudo pronto, o maior sonho de Alexia estava próximo de se concretizar. Radiante, dava um toque nos arranjos da festa, afinal, nada poderia dar errado. O buffet elegante, vestido dos sonhos, amigos íntimos e a viagem de núpcias...

Sentada na limousine, observava os convidados chegarem. Tudo parecia perfeito, não fosse o cenário ridículo que presenciara há poucos dias. Não estaria ali, como agora.

Arthur, o homem perfeito, poderia ser seu, se quisesse. Ou não? Poderia revidar a ofensa por vê-lo tripudiar de seus sentimentos, enquanto conversava com sua amante de quinta categoria.

Riram dela descaradamente. Diziam que nada mudaria após o casamento, "apenas teriam mais dinheiro para gastar em seus prazeres".

Não iria estragar o prazer de decepcioná-los... Iria, até o último momento...

Descobriu estar grávida, por isso anteciparam o casamento. Nem sequer imaginava, ser apenas uma peça valiosa para Arthur. Não mais importava, ele receberia o prêmio merecido.

Tudo aconteceu muito rápido. Alexia sentia precisar de um tempo, sozinha. Decidiu fazer uma pequena viagem antes dos preparativos do casamento. Resolveu ir até à casa dos pais, moravam no interior de São Paulo e o ar do campo lhe faria bem. Infelizmente, um passeio a cavalo fez com que ela perdesse o bebê. Era de fato o que mais sentia...

Voltou decidida a contar a perda a Arthur e o faria. Porém, como estava carente, quis fazer-lhe uma surpresa voltando antes do previsto. A surpresa foi dela, encontraria o futuro marido nos braços da secretária. Nunca os perdoaria.

Eles não perceberam sua chegada. Alexia entrou devagarinho para surpreender o noivo. Após ouvi-los arquitetar ideias sórdidas, deu meia volta e saiu como chegou, sem ser vista.

Ela era uma executiva bem sucedida, herdara a firma de cosméticos da avó paterna. Era rica, linda e nunca lhe faltaram pretendentes.

Quanto a Arthur, era apenas gerente em uma loja de departamentos. Conheceram-se em uma reunião de negócios. Alexia nunca se importou com o fato do futuro marido não ter dinheiro, ela tinha suficiente para ambos.

Da limousine, viu quando ele chegou. Era bonito e estava impecável no terno que ela lhe comprara. Viu quando todos os convidados chegaram, ninguém percebeu a figura negra sentada no carro de luxo.

Ela estava linda vestida de negro, o vestido longo e apertado, marcava-lhe o corpo esguio. Colocara luvas e véu sob um pequeno arranjo de flores negras. Aguardou até a chegada da secretária do noivo, e, decididamente desceu do carro...

A marcha tocada, surpreendeu a todos. Ao contrário da música nupcial, uma música fúnebre ecoou na capela. Alexia adentrou no longo corredor enfeitado das mais belas flores. O espanto tomou

conta de todos, nunca viram uma noiva tão linda em trajes de luto.

Arthur não entendia tudo aquilo, pensava ser apenas um capricho da noiva, e, ela estava linda...

Andava devagar, próximo ao altar, ele adiantou-se para recebê-la, ergueu o véu negro que lhe cobria a face... A gargalhada soou alta e clara... Ela ria, ria tanto que ele pensou que ela havia enlouquecido.

Desvencilhando de Arthur, Alexia pegou o microfone que estava próximo e anunciou:

_ Meus queridos, convidados! Vocês são testemunhas de um enterro. Acabamos de enterrar um sonho! O fruto do meu sonho, enterrei há quinze dias. O amor há dois dias, em um escritório, logo após meu retorno. Não haverá, casamento! - Não lamentem! Como no México, haverá festa após esta cena fúnebre.

Ele não disse nada; não havia o que dizer. Apenas saiu de cena, enquanto Alexia gargalhava satisfeita.

Sede diária

Sede diária

Lá, nos azulejos do horizonte

Nuances delicadas, nuvens contemplam o solo em vôo rasante

Deslizando em rodas e o pensamento é macio

Da janela, recebi beijos de um sol menino,

Após noites gélidas, carícia que vicia, atino...

O privilégio de viver é para quem sabe beber da vida, saciar-se nas pequenas coisas.

Ontem foi, não conta

Olhar o hoje em direção do que o olhar alcança...

A manhã cresce, o tempo adianta

Tarde amena, serena...

Temperos...

Temperos...

Ema Machado - Brasil

No ventre da noite, o futuro
Estrelas emolduram a gestação
Sobem preces, anseios
Alegrias, sonhos e medos
O dia nascerá, trevas fugirão
A vida se renova em cada manhã
Tudo passa...

Com qual sabor, há que se temperar a vida?
Alguns, vem-se imersos em amargor
Outros, bebem do sal da labuta
Sem poderem apreciar, o suave sabor da estação
Outros, vivem insossos em qualquer canto
Tudo passa...

Há que se saborear, o que a vida oferta
Cada gota de sal, seja balanceada no doce afeto
Cada amargor, seja lavado na fonte da esperança
Suas águas são curativas, é certo
E a vida terá novo sabor
Nada nela é eterno...

Entrega...

Entrega...

Ema Machado - Brasil

Na paz, entoou cânticos ao vento
Beija-a o sol, há harmonia nos sons, no momento
Na paz encontrou um ser abençoado
Alimentou- o de sonhos, de gratidão e preces
Por caminhos esotéricos tem andado...
Na paz vê, deitada em cama de marfim o encanto
O mover do tempo, seu constante passo,
em silencioso movimento
Pode, tocar-lhe o invisível, cria ou inventa o imperceptível
Na paz, o mundo gira fugaz
O tempo líquido escorre, molha,
Deixa marcas sutis entre gozos de sossego
Morto o tédio, triturado todo medo
Aprecia a melodia das ondas
Refaça-se a paz impregnada na alma,
agradece ao criador desse momento...

Entrega...

Entrega...

Ema Machado - Brasil

Na paz entoou cânticos ao vento
Beija-a o sol, há harmonia nos sons, no momento
Na paz encontrou um ser abençoado
Alimentou- o de sonhos, de gratidão e preces
Por caminhos esotéricos tem andado...
Na paz vê, deitada em cama de marfim o encanto
O mover do tempo, seu constante passo,
em silencioso movimento
Pode tocar-lhe o invisível, cria ou inventa o imperceptível
Na paz, o mundo gira fugaz
O tempo líquido escorre, molha,
Deixa marcas sutis entre gozos de sossego
Morto o tédio, triturado todo medo
Aprecia a melodia das ondas
Refaça-se a paz impregnada na alma,
agradece ao criador desse momento...

Pequenas sementes

Pequenas sementes
Ema Machado - Brasil

Conheci um menino
Que calçava sonhos
Voava nas nuvens
Enfrentava monstros medonhos
Era construtor de pipas
De carros de latas
Possuía imaginação e vida...

Conheci um menino
De mente frutífera
Criava suas fantasias
Inventava o futuro
Para crescer na vida...

Conheço um menino
Sem rumo, sem vida
Tem quase tudo, imagino
Falta apenas, a imaginação perdida...

Conheço meninos
Que lutam por afeto
Acariciam-lhes o vazio
São pássaros inquietos...

Escritas e sinos...

Escritas e sinos...

Ema Machado - Brasil

Não escrevo, planto sementes

Ainda aguardo frutos futuros

Anelos de alguém persistente

Um dia galguei muros...

Estendi braços para alcançar sonhos

Desfiz-me de quimeras

Construo paralelepípedos, meus ganhos

Alinhavo escritas, domo a fera

Há em mim um ser novo

Entre descobertas e cicatrizes de primaveras

Destilo o real, recolho o ouro

Não sei, o que o amanhã reserva

Por hoje, poesia

Em meus dedos, ganhas alforrias

Escoas meus sentidos,

pensamentos e imaginário

Sem você sou tormento, quem diria...

Soas em mim, como sino...

Não muito distante, ouço sempre teu badalo

Ela, a bailarina...

Ela, a bailarina...

Ema Machado

Ela possuía aroma de rosas

Mas, não espinhos, não era flor

Era exímia bailarina, bondosa...

Como poucos, valseava na dor

Seguia acordes da pobreza

Silente, rodopiava

Porém, com ela nunca se conformou...

Ela compunha triste universo

Nele, era a estrela mor

Sabia brilhar, quando tudo parecia escuro

Derrubava muros, para a luz passar

Era a alegre bailarina das noites sombrias

Envelheceu, a pobreza passou e ela nem percebeu

A escuridão se foi, ela perdeu o passo

Já não caminha sozinha, nem dança...

Aqueles aos quais protegia, cresceram

É ela agora, a criança

O universo em que ela brilhava clareou, ela o esqueceu

E o fulgor daqueles olhos brilhantes

Lentamente se apaga, mas não o amor

Ela ainda irradia,

E exala aroma de flor...

Caminho do rio...

Caminho do rio...

Ema Machado- Brasil

Não é preciso tropeçar, para enxergar pedras
São tantas, ainda que não me acostume
Algumas se tornam areia, enquanto outras, serras
Nunca recebi flores, aspirava-lhes o perfume
bebia-lhes a beleza e cores

Olho sempre as estrelas, são como vaga-lumes
Por vezes imagino, se não é lá minha casa
Vivo de sonhos, sempre tive asas...
O tempo não espera, muitas aspirações se fazem quimeras
O ponteiro gira, a vida passa como vento
Leva sonhos, bons e maus momentos
E... Felicidade nunca me espera

Quando criança, eu a via, uma fada de olhos negros
Cresci, não realizou meus desejos
Aprendi a correr atrás dela, tive bons momentos
Muitos, carrego em segredos
Mas ela se foi, e eu, permaneci a sua espera...

Ah! Dizem, ser os poetas sonhadores
Para mim, há aí uma dicotomia
Tenho o dom de sonhar, mas, chega de "dores"
De minhas pedras fiz um muro
Guardei lembranças boas
Sigo o curso do rio...
Desliso em minha canoa...

Entre pecados...

Entre pecados...

Ema Machado - Brasil

Perdoe-me

Se vivo assim, afoita

Nesse momento, sinto faltar amor

Seja como for, preciso seguir, estou viva

Sou eu, reconheço minhas fragilidades

Vivo, sem às vezes me dar conta

Perdoe essa solidão que invade

Quando deveria ter feito mais

Para ser melhor, e fui tonta

Se o orgulho, doma a humildade

É por permitir vencer a vaidade

Sou rio sedento, necessito correr

Sem observar a margem

Ainda que sinta, a ferida doer

De tantas quedas na viagem

Perdoe-me essa incredulidade

É que nunca consegui viver de metades

Não aprecio meios amores, meios termos ou inverdades

Não sei dizer meias-palavras

Nem anseio silêncios

Porém, vivo assim, sou lago profundo

Repousam em mim sonhos

E medos,

Paredes me olham, espreitam

Como soubessem meus segredos

Contam minhas histórias

Embora não queira que seja assim

Perdoe se minha alma, agora, apossou-se de mim...

A vela...

A vela...

Ema Machado - Brasil

Pavio tomba, verga

Um último suspiro exala

E o corpo disforme esfacela...

Lembro-me, ainda ontem avistava um monte

Hoje é serra, amanhã talvez, apenas areia

Anoitece...

O olhar cansado, pousa no horizonte

Será finita, aquela estrela?

Palavras dançam na mente que não cala

Já não lembro, o que diziam ontem

Foram substituídas, algumas permanecem mudas

Outras, desaparecem sem deixar marcas

Desperdiça-se vida, horas e falas

Deveria -se fazer bom uso de tudo

Quase tudo é finito, tudo para

Relógios são e serão substituídos

Já o tempo, é fósmeo e inexorável

Vence toda batalha

No jardim, pende uma rosa formosa

Gradativamente, murcha e despetala

A beleza é efêmera, silente se esvai

Não se despede, como resquício, meras marcas...

Vida, é sopro de vento que passa

Brinca nas folhas, assovia, joga-as ao solo

Ali terminam, onde nada fala

Quanto a vela, apenas resquício de cera

Outras, iluminam preces silentes de muitos

Que a fé, alimente a alma...

Na dor...

Na dor...

Ema Machado

Há tanto espaço

Nele não caibo

Há uma ferida, um rasgo

Há tanta luz, que cega

E o pavio encurta, verga

A perenidade da vida

Afaga a consciência breve

Qual a medida, para ser feliz?

Onde mora, essa tristeza

Que aparece e lhe abre a cicatriz...

Sou de barro

Um dia na estrada, apenas poeira ...

Senhor!

Há em mim um grito

Que suplica, e te anseia

A alma, por vezes sucumbe

Antes que caia, que eu creia!

Há um lugar além daqui,

Onde, não há tanta peleja?

Que eu não seja, como onda de mar, que labuta, labuta...e morre na areia...

Sou frágil e pequeno

Anseio fé, que na vida eu creia...

Infundável...

Infundável...

Ema Machado

Deve haver...

A incógnita persiste

É dedo em riste dentro de mim

E nessa dúvida, caminho sem rumo

Sem saber onde está meu destino

Já não uso a veste dos sonhos

Por vezes, sinto-me nua, perco o prumo

Sei que há...

Um anjo disse

Quando eu buscava o caminho para estrelas

Não encontrei, delas, nem a poeira

O amor é mesmo assim,

Um labirinto sem fim

E quando pensava encontrar saída

Vi-me ainda mais perdida

Ele sempre se afasta de mim...

Anjo disfarçado

Anjo disfarçado...

Ema Machado

Parei nas curvas do teu riso límpido

Teu olhar traz a paz que tanto preciso

Não sei se é certo dizer, o que anseio ao infinito

Deu-me mais do que pensei ter

Teus olhos captam meu bem-querer

São raros, límpidos e puros

Veem em mim, o que não consigo ver

Ou o espelho brinca comigo, juro!

Ou... és anjo disfarçado, que além, a alma vê

Minha alma anda inquieta, te digo

Há tempos luta, há muito o que esquecer...

Teu olhar é afago ao imo

Abre as portas para lhe receber

Quisera retribuir ao teu gesto cálido

Nada que escreva, parece lhe caber

Não apraz, é inválido

Mas, queria tanto dizer, que...

Trouxeste luz aos meus olhos

Quando a noite, era tudo o que podia ver

Fora do tempo...

Fora do tempo...

Ema Machado

Foram-se muitas primaveras

E ainda nem sei, se estou pronta

Não floresci, ando murcha, a espera

Da chuva que regue uma vida, que não desponta

Sou ilha, cercada pelo oceano de loucura desse tempo

Não encontro saída de mim, perco a vontade de ir,

Estacionei lá atrás, estou perdida, mais nada entendo...

E sigo, entre a horda absurda da loucura que se instaura

Sou insignificante, no meio do caos, apenas uma voz

Alguns pulam fora, soldados rasos, fora de hora

Meu eco ouço ao final, apenas um grito banal...

Ah! Como queria ouvir, o canto dos rouxinóis

Deitar na relva, observar nuvens e viajar com elas

Sentir a brisa tocando, trazendo aroma de girassóis...

E sou eu apenas, já não somos nós...

De fases...

De fases...

Sozinha...

Feito ilha, rodeada por um mar de concreto

Vagando pela rotina intermitente

Como areia no deserto...

Sozinha, mas não solitária permanente...

A solidão companheira, trava comigo árdua batalha

Ouçõ seus passos, segue-me ao voltar para casa...

Ao final das tardes, poesias e melodias

atenuam o cansaço da mente...

E quando me permito, abrir a porta, para sair minha alma

Expõe-se, ainda que em palavras deprimentes...

Da janela, observo lua e estrelas

Perguntei certa vez, a lua

És feliz assim, tão-só e muda?

Com seu meio olhar, pareceu a mim, responder...

Sou só, rodeada por seres distantes, assim como você...

Voltei o olhar, um arrepio maroto o leva

Agora passeia pelo passado

Vejo-me em meio às agruras

Era feliz? Pensei, que não!

A felicidade está deveras ocupada, anda a minha procura

Sou de fases como a lua...

Despertar de hienas

Despertar de hienas

Ema Machado

Guardei minhas lágrimas

Também meu olhar comprido

Comedidas, minhas falas

Aguço os ouvidos...

Temo o ar, falta respiro

O respirar, tornou-se comedido

Andar solitário, até prefiro

Que mal acompanhado e perdido

Dói perceber, a fome ronda ao lado

Enquanto hienas riem, pelo farto e bom prato...

O pobre caminha cego, deslocado

Agarra-se a qualquer promessa

Entrega-se por um trocado...

Ergo o olhar ao alto

Busco a fé que preciso

Aqui na terra, é moeda de troca

A muitos, têm enriquecido...

Que meu clamor seja ouvido...

Fragmento de estrela...

Fragmento de estrela...

Luto, contra tempo e espaço
Anseio mais e mais...
Queria ocupar teu abraço
Teu olhar fascina, leva-me o ar
Sou partícula de estrela
Sonhando brilhar...

Sonho, viajo em cometas...
Moraria em teus olhos, seria para você
Musa dos sonhos, a rima perfeita
Gota de orvalho, desfaço-me ao amanhecer

Em noites de lua cheia
Sou eu, a minguante
Ao olhar teu belo sorriso
Encolho-me, por saber-me tão distante
A tristeza me encobre neste instante...

Quando seca o pranto...

Quando seca o pranto...

Ema Machado

Retorno ao nosso lugar

Abro o olhar à suas sagas

Quem tem o direito de julgar

Carregador de penúria e tantas mágoas...

Eras o ser quase inocente

Enquanto todos o mal diziam

Mais e mais, sua história ficava deprimente

Ninguém merece, o crucificaram...

Não podias dar, o que nunca tivestes

Tão pouco ser, o que deverias?

A história se repetia, e de vida, tinhas sede...

Partiu, gradativamente foi secando

Eras o galho arrancado do tronco

Sem folhas, sem vontade, sem pranto...

Não sabia o que dizer

Sentir-me inútil, tudo que pude fazer

Doeu saber, não fui...o que quis ser...

Apenas mais uma...

Apenas mais uma...

Ema Machado

Ela troca suas vestes

E ganha no olhar

Um mundo de formas diferentes

Como, só ela vê girar

Viaja em cometas

Entrega-se ao momento

Não se ocupa de incertezas

Ela é sentir, exala sentimentos

Por vezes, sucumbe, cala

É que sente e carrega

O peso da fala, na alma

É quando nada do que diz,

reverbera...

Em seu universo pequeno

Estrelas, são vaga-lumes

Vê o sol como um aceno...

Não se prende a muitos costumes

Mira-se no espelho

Não reconhece a face estampada

O tempo passou ligeiro...

Resta apenas uma história

Sem muitas palavras...

Viver de verdade...

Viver de verdade...

Ema Machado

Há um sol lá fora

A vida, por certo, não é um mar de rosas

Quem, dirá aos quatro ventos?

Aspire os aromas do momento.

Coma e dê graças, beba da vida, se acaba

Sonhe, ouse e engula seus medos

Viver, é superar quedas

Conte-as, nos dedos!

São pequenas, frente a tanta beleza.

Há, quem não as veja...

Pássaros cantam ao romper d'aurora

Alçam voo, aproveitam ar e sol em suas asas

Enquanto, engaiolamos nossas almas...

Liberdade, é despertar e viver de verdade

É ter fé e coragem, para encarar o tempo

Mesmo quando, se torna tempestade

Em todo mar, há uma ilha

Em todo deserto, um oásis

É só seguir a estrela guia

Mostra sempre um caminho

Não somos sozinhos...

Girassol...

Girassol...

Ema Machado-Brasil

Decoro minha face, esboço um sorriso brilhante
Lembranças dançam em minha mente
Um rosto a dizer-me: sou teu amor itinerante
Bailas, ainda és lembrança constante

Sou flor de primavera, abri-me ao sol
Aquiesço teu ressurgir, conduziu-me quando flori
Trouxeste luz aos dias nublados, és doce arrebol
Perdoe, se em meus espinhos o feri

Vivo plena, um dia por vez
Há um jardim, nele sou girassol
Anseio irradiar, mesmo em minha pequenez...

Estive a um passo de teus braços
Sem saber se imaginei...
Pendeu os braços, ou faltou espaço?
Nunca saberei, sigo meu astro-rei...

Decoro novamente a face, um sorriso nasce
Resta na mente, o quadro pintado...

Já não dói, tudo passa, é como na arte
Letras, de uma música sem melodia
Nuances de acordes, um filme desbotado
Agora, virou poesia...

Tecendo asas...

Tecendo asas...

Ema Machado - Brasil

Vida... Uma linda trama, repleta de cores e tecituras diversas. Não importa o quanto seja difícil tecê-la. Há sempre, novos pontos a aprender.

Hoje, teci alguns sonhos, tramas de nuances leves. O inverno parte, vai-se. Com ele, vestimentas pesadas e escuras. Tramas apertadas, são difíceis de tecer.

Olho à frente, ainda há muito o que fazer...

Atrevo-me buscar outra linha para nova trama, primavera... Imagino o que gostaria de tecer. Se nada fizer de concreto, posso usá-la em uma pipa. Voar com ela, será um prazer.

Guardo comigo, vestimentas concluídas. Algumas nem servem mais, porém, uso-as para lembrar, para saber o que não devo mais tecer.

Ainda que apreciemos vestimentas alheias, nenhuma é igual a nossa. Cada um tem sua linha, sua forma de tecer. Algumas são tecidas rapidamente, outras, revelam-se repletas de nós difíceis de desfazer.

Posso tecer algo difícil ou leve, busco aprender o que me serve. Por vezes, permito-me um devaneio...

Hoje mesmo, teço ou bordo sonhos em palavras. Uso as mãos e asas...

Aqui, meu coração foi plantado

Aqui, meu coração foi plantado

Ema Machado

Amo este solo sagrado

Meu coração, nele foi plantado

É nele, que cometo e pago meus pecados...

Aqui, sei o valor da labuta

Das poucas horas de descanso

Do pouco, conquistado à muitas custas

Do suor jorrado, entregue ao já abastado

Amo beber do nosso verde vasto

O azulejar de nossas manhãs

Do cheiro de café coado

Nas matas, cantigas dos grilos e rãs

O sol que doura a pele, aqui sempre sorri

O solo que ao mundo alimenta, é nutrido e farto

Toda semente bendita, frutifica aqui

Bençãos jorradadas, neste solo tão amado

Terra de gente trabalhadora e sofrida

Que planta paz, dela, colhe apenas a semente

Ainda ei de ver um dia, gente aguerrida

Exaltarem esta terra, que alimenta a tanta gente

Meditação...

Meditação...

Ema Machado

Por ínfimo instante, percebi
Não estava mais em mim
Mergulhei, deixei-me levar ao oceano do nada
Flutuava, enquanto o vazio azulejava
Era eu, e o vazio que me acolhia
Um oceano tranquilo, sem água
Não havia sons, palavras
Ou, não percebi? Isentei-me dos sentires por um momento
Sem culpas, sem tempo, sem lembranças ou esquecimentos
Ouvi, uma melodia doce ali
Cantiga que ninava, deixei-me seguir...
Dei-me conta, a divindade estava ali...
Era o todo infinito, toquei-o com meu amor, pude sentir seus raios
Curando feridas, restabelecendo a alma, dando guarida...
Volto, ainda que em metade, a realidade me espera
Na escola em que fui matriculada, há lições a serem aprendidas
Renovada entendo, não desisto da vida
Para mim foi criada, é linda...

Histórias de menina...

Elas colocavam os pezinhos de fora
Não havia espaço, na cama pequenina
Longos cabelos trançados
Como os dedos, quando algum estranho aparecia
Tempo de longos dias, curtas noitinhas
No colchão de capim seco, cheirando a mato
Escondiam sonhos e pecados, e o medo que lhes cabia
Estrelas as espiavam, tentavam ouvir os contos
e as rezas de todos os dias, a todos os santos.
O galo cantava, a vaca mugia
Nas mãos o café recém-coado
Com broa de fubá ou biscoito amassado
Lida dura, e elas nem cabiam em suas caminhas...
Mulheres de faro e tato
De magias na cozinha
Onde o pouco se tornava farto
Repartia-se o pouco que tinha
E em frias noites, nem cabiam em suas caminhas...
Aprenderam a fiar, a desembaraçar a vida
Mas a pele enrugada pelo sol e madrugadas
Mostram a lida pesada, aquela que encurta a linha
Cresceram as camas, mas os pezinhos cansados
Ainda permanecem de fora, como não houvesse
o espaço em suas caminhas...

Quando cruzam os olhares...

Quando cruzam os olhares...

Ema Machado - Brasil

Eu te daria o céu, se pudesse...

Daria a você, todos os risos de alegria.

Tiraria do seu caminho, tudo que o entristece

Para você, eu seria o vento, o refrigerio, ou o sol, que apenas aquece...

Tua pele, eu beijaria, sério! Sentindo-lhe o calor, e quando arrefece...

Pretensão... eu, pequena andorinha, queria te levar ao alto, ao universo.

Nesse instante sereno, tendo entre os dedos, descabidos versos vãos...

Sintomas de tamanho carinho, confesso...

Nada posso, são apenas, anseios de poeta.

Mas, deixaria de sonhar, se não tivesse em mim teu olhar...

Que possa ao menos sonhar...

Quando grita o olhar...

Quando grita o olhar...

Ema Machado - Brasil

Ouçõ teu silêncio na boca do vento
Queria entender a tristeza que lhe tolhe
Quem sabe assim, nesse momento
Seria para você, o ombro que acolhe

Teu silêncio é tortura, meu tormento
Pois, fere... Dói em mim não entender
A razão de tamanho sofrimento
Teu olhar grita, mas a boca pensa esconder

Ah! Eu quisera ser teu refrigerio!
Desse inferno que carregas em você
Mas, não desejo invadir teu universo
Comungo seu silêncio, e nem vês...

Peço ao vento, que leve teu tormento
Para que irradie felicidade
Mas o vento foge, não o compreendo
Parece zombar de minha incapacidade

Vejo-o nas ondas do mar, à mercê do vento
Ouço-o, indo ao encontro de rochedos
Sou ilha solitária, perdida em oceano de sentimento

Queria te aliviar, e perco-me em teus medos
Ouço mover o mar, teu olhar em sofrimento
Queria ser porto, mas, teu silêncio sofro em segredo

Teorema...

Teorema...

Ema Machado

Eu queria, apenas dizer alguma coisa

Sinto-me apertada, esquisita

Desdenho...

Coisas, não são ditas!

Palavras, sim... Dizem algo

Mas, a alma anda calada, aflita...

Pensei ser fase

No início, nem alimentei anseios

Eram diminutas sementes

Foram lançadas em fértil canteiro

Crescem, incontroláveis

Cobram alimento, são vorazes

Não adianta, alimentá-los com o que não desejam

Cobram uma ação, mais e mais...

Sonhei, ou não? Havia um sorriso

Uma face...

Assim é o amor... E suas fases...

Anjinho caído...

Anjinho caído...

Ema Machado

Faces rosadas, olhos afogados
Sondei, não queria conversa...
O anjinho parecia derrotado
Entristecido, sem vontade ou pressa
E eu, não querendo vê-lo ali debruçado
Fui logo dando um ultimato:
Nada de desânimo, dê-me um sorriso largo!
Olhou-me sem reação
Com aquele olhar afogado
Pensei...
Tão pequenino, e já encucado!

Eles perdem as asas, até mesmo o brinquedo
Não dão tanta alegria, não a têm procurado
A infância anda perdendo espaço
E anjos se entregam ao medo...
Ah! Se pudesse, seria uma fada
Usaria minha instrução, realizaria uma mágica
Nenhum anjinho na terra
Conheceria tristeza, tão pouco a mágoa...
Detesto, vê-los sem asas!

Eva, por um minuto...

Eva, por um minuto...

Ema Machado- Brasil

Sob a luz tênue, vejo nascer o dia

Um raio disforme de alegria

Cruza a janela...

Um olhar, massageia o ego

Desfaz nódulos, causados

Por tormentos incrustados no âmago

Ah, ao pecado entrego-me!

Quem sabe, o que virá amanhã?

Renovação para alma anciã...

Por vezes, sucumbe ao vício,

Bebe do orgulho, um trago aqui, outro acolá

Experimenta daquilo que rejuvenesce

Um tênue raio a lhe admirar...

Que não seja embriagada a alma

Teria como pagamento, decepção

Deixar-se-ia embebedar na orgia

Despertaria em ressaca, sem dó

nem perdão

Por ora, beberica um simples trago

E o âmago aquece, deixando

rubra a face frente ao acaso

Belo olhar angelical, raios fulgurantes de emoção...

Sou Eva, ante o despertar de Adão...

Brilhas...

Brilhas...

Ema Machado -Brasil

Quando brilha a estrela derradeira, e o dia se despede com rubro encanto

Saiba que...

Em você estarei pensando, até que noite cubra o dia com seu negro manto

Acolho teu olhar, acordada me faz sonhar

Faz-me embevecer

Pelas lentes de teus olhos, sinto-me renascer

Como a estrela, que no céu desponta.

Para você aceito brilhar

Ousadia, a fazer-me menina tonta

Quem saberá, o que teus olhos enxergam

Que outros não vêm?

Sou a vela, de pequena chama

A tua alma pura, é que me encanta

És a estrela que me espia. Brilhas além da conta

Vejo-te nela, com aquele olhar que encanta...

Sonhos, apenas sonhos...

Sonhos, apenas sonhos...

Ema Machado- Brasil

Nos braços da noite, embalo sonhos

Há tempos, encontro neles meus ramos

Sou minha agora, árvore sem frutos

Caem as sementes, perdem-se nos outonos

Ao acaso, não me abandono

Já tive meus momentos de folia

Sigo em roda, enraizada em minhas memórias

O novo, não mais atrai

Rasgo vontades superficiais...

Não conto os passos, passeio pelo tempo

Criei meus rebentos, seguem os próprios caminhos

Tudo o que parecia diamante, transformou-se em argila

Servem como instrumento aos oleiros do tempo

Sou moldada, conforme a prioridade do momento...

Por vezes me questiono, para que tantos planos?

Ainda que não saiba o rumo, são eles que me movem

Quem sabe, ainda aporte em algum lugar sereno

Onde possa me alimentar de palavras e semear os campos

No colo da noite, embalo meus sonhos...

Balancete de fim de ano...

Balancete de fim de ano...

Ema Machado

Reconhecer-se nulidade

Parece ser o primeiro passo rumo à paz na eternidade

Se me for amanhã, deixarei alguns esboços, não terei vivido em vão ou pouco

Deixo, de meus planos

Um livro manco, como samba de uma nota só

Mas, não uma página em branco

Deixo o amor enraizado

Nos prados e picos onde pisei

Se não florescerem, plantei...

Deixo minhas histórias

Nem sempre contadas

Minhas partículas e palavras não faladas

Compõe meu proceder na estrada

Deixo melodias não cantadas

Ilusões ilustrativas, serviram como base para tudo que tentava.

Fui, tudo o que podia?

Não sei...

Do viver me ocupava

Formando pérola...

Formando pérola...

Ema Machado - Brasil

Às vezes, a gente fica.

Ir aonde? No meio do caminho se senta ou esconde...

Somos indivíduos, em busca constante de sonhos,
por vezes mirabolantes.

Cada um constrói seu eu, nem sempre parece certo, sei...

Mas é preciso ter garra, importa o caminhar ao sol,
onde o mofo não prolifera, nem o mal faz morada.

Quando chegar o cansaço, é melhor ficar de molho e recuperar as forças,
para depois seguir a estrada.

Sou conchinha a beira do oceano urbano, carrego minha pérola.

Formou-se depois de muitos tormentos, houve perdas e ganhos.

Depois de muitos anos, entendo,

não sei se encontrarei quem a mereça, a solidão não mais domina.

Aprendi a contar comigo, sou da paz que carrego.

Pouco almejo...

Feito lua...

Feito lua...

Ema Machado - Brasil

Perdi o caminho das estrelas
Onde sonhos, tornam-se realidade
Há tanto espaço entre minha pele e a tua
Aperta no peito a saudade

Vivo a solidão da lua
Lembranças preservam a sanidade
Mas, solidão é animal faminto
Dilacera alma e carne nua

Já não anseio tanto outro dia
Sei que o vazio comigo caminha
Ao lado, quisera ouvir teu respiro, queria...
Despertar em teu colo, e não mais tão sozinha

Das horas que avançam, o pêndulo não para
Canta uma melodia infinda e sentida
O drama da distância, uma ópera rara
Dançam as lágrimas, recém caídas

Secam, como esperança perdida...

Importância...

Importância

Ema Machado

Abro as portas dos armários, o olhar antigo passeia pelos guardados. Parecem entristecidos ali, permaneceram à espera de serem usados. Raros os momentos que tiveram serventia, alguns nunca foram usados.

Volto no tempo, uma viagem ao inexplorado... Concluo, alguém em minha mente, teve maior importância que eu, já que, aguardei sempre momentos oportunos para usar o que na maioria me foi presenteado. Louças, aparelhos de chá, café, que nunca foram saboreados, e, talvez, quando não estiver mais aqui, nem sejam mais apreciados.

Muito do que guardamos, a outros, parecerá descartável.

Apanho um aparelho de chá, ponho-o à mesa. Saboreio tudo com o olhar, o chá desce com aroma de serenidade.

Doravante, usarei tudo que der vontade... Nada deve esperar, o dia da partida, ninguém sabe...

O que foi escrito...

O que foi escrito...

Ema Machado

Quis apagar em mim teu rastro
Para lembranças, não havia mais espaço
Uma história sem início ou final
Um sentimento infinito, uma chaga, que por vezes sangra
Faz tanto mal
Dentro do peito, dilacera um grito
Fui Cinderela, por um momento
Mas, o relógio sempre badala
Perdi os sapatos e o tempo
Nunca foi escrita nossa história
E eu, nem a queria
Sempre soube do risco que corria
Mas, coração é órgão estranho
Tem sentido próprio, não aceita comando...
Lembro teu olhar faminto, vi neles o amor, e o jeito de menino que perdeu o brinquedo
Teus momentos de medo, também eram meus
Lembro de tua insensatez
Arroubos dos quais fugia
E acabei por entrar no jogo
Como, fui estúpida!
Nunca mais pude voltar
O caminho era duro demais
Feri minha alma
Sonhos sonhei, pequei
Paguei um alto preço, você é minha sina
Ainda pago, e pior, não consigo lembrar o porquê
Ainda estás em mim, a dor não o apagou...

Paredes

Paredes...

Ema Machado

Arquitetei, alguns sonhos tornaram -se concretos.

Olho as paredes, quadro a quadro.

Remetem a rostos desbotados

Pinturas, nuances de um artista descuidado...

Construí castelos, e nem pude habitá-los.

Nunca houve cor, não puderam ser terminados, fantasmas se infiltraram

Não há arrependimento tardio, nada é

O que não deve ser...

Não tenho medo, apenas pecados

Olho paredes, fecho portas

Embora o tempo passe

O hoje é perfeito, ainda que restaurado...

Ainda sou arquiteta

Algumas paredes necessitam de demolição, me encaro

Olho no espelho, gosto do que vejo...

E se...

E se...

Ema Machado - Brasil

Um pé de vento, levou pensamentos a horizontes longínquos

E eu, que me encontrava entre facetas de memórias seguras

Perco agora o rumo, em busca do poderia ter sido minha história...

Já caminhei por trilhos, carregando minério bruto, como vagão descarrilhado

Sem saber se sobreviveria ao peso em mim depositado.

Desci e subi montes, sem me ater ao tempo, nunca fui poupado...

Passeio por túmulos de vontades sepultadas, delas, o cemitério do tempo ficou abarrotado...

Tardamente entendi, foi deixando-me de lado que esgotei prazos. Deveria entender, não se ama outros, sem se ter amado...

Lições nos fazem aprender, às vezes, o curso é muito caro.

Hoje vivo de histórias, algumas escrevi, outras li e tenho contado...

Será que um dia, chego a algum lugar onde possa descansar sossegado?

Passeio por meu dia, Morfeu avisa, o quanto estou cansado ...

Abandono...

Abandono...

Por que te afastas, esvaindo feito fumaça

Deixando-me vazia aqui, sem tua presença sou nada ...

Por que, te calas?

Há uma farpa em meu coração

Se te afasta, vira chaga profunda

Condena-me ao vazio, a solidão

É mar, que aos poucos inunda...

Onde foi, morar o carinho?

Que habitava em sua fala

Perdeu a rota, andas mudo fora do ninho

E eu, acostumada, estava com tudo

Sou cão banido sem casa, sem rumo.

Preciso de teu afeto

Sem o qual sou imperfeito, sou deserto

Volta, meu abraço o aguarda, foi desfeito...

Volta, o natal se aproxima!

Sem você, sou menina

Vou colocar os sapatos na janela

Quem sabe, Papai Noel atenda o desejo dela...

Ema Machado

O fim...

O fim...

Ema Machado- Brasil

Murcha, é rosa arrancada do galho
Pende no belo vaso entristecida
Sem vez, é estrela sem orvalho...
Não há vento, apenas brisa

O sol a olha de fora
Tem o pé em outro universo, não pesa
A vida lentamente esvai, não ostenta agora
Já não ri ou chora, apenas reza...

Queria entender o ciclo existencial
Que sustenta o corpo, em cruel destino
Todos esperam a hora crucial
E sem entendê-la partimos...

Saudade é o que resta, à quem aqui permanece
Se partir cedo, ninguém aceita
Torna-se-a fardo, se muito envelhece
Qual será, a melhor colheita?

Imersão

Imersão

Ema Machado

Desperto, desse oceano de ignorância no qual estamos sempre imersos.

Faltou-me ar, bebia do sal, do suor, do cansaço letal que mata, nesse fósmeo universo.

Preciso alinhar-me ao tempo, perdi-me, ainda sou criança no momento adulto em que agora estou, que por vezes, não compreendo.

Preciso, anseio entender o curso, de aperfeiçoamento.

Talvez, nem tenha muito tempo, mas, se é tudo que tenho, farei o possível, para encontrar como base, maior conhecimento...

Por ora, em devaneios, procuro entender...

Somos feitos a água, que, após sair da terra, possui ciclos. É destinada à manutenção de toda forma de vida.

Águas salgadas, doces, correntes, serenas ou tempestuosas. Águas também matam, a sede e ao ser, movem-se, são transitórias. Como elas, destinamo-nos à promoção da vida, e, também, se poluídos, matamos.

Necessitamos purificação, em estágios... Do contrário seríamos inúteis, repletos de imundícies que nos impediriam viver.

A mãe terra, com seu útero fértil, nutre, alimenta, e sofre nossos pecados.

É por ser mãe que ensina, renova-se, mantendo tudo a nós destinado.

O ciclo, talvez seja composto, por sucessivas idas e vindas, altos e baixos, possibilita-nos sermos purificados. Do contrário, a terra será o inferno, e nós mesmos o teremos criado...

Linhas partidas

Linhas partidas...

Ema Machado

Volta e meia amarro pontas de nossa história

Linha frágil, foi cortada, não fiz alarido

Quis, mas não consegui, tirá-lo de minha memória

Sigo, agora sou nascente em solo árido

Às vezes seco, noutras rio, viajo

Não sei se houve perdas, ou muito estrago

Eras o belo frasco, eu, perfume barato,

Nunca o tive de fato

O tempo se encarregou de levá-lo...

Parti, juntei todos os cacos

Nem se deu ao trabalho, de saber de meus passos...

Palavras doídas, apenas essência do meu ponto fraco

Guardei pontos não tecidos, não desembaraço

Parto novamente a linha

Chove lá fora, em tua lembrança naufrago...

Ciclos...

Ciclos...

Ema Machado

Roubo energias do sol
E a serenidade, da lua
Sou ser de luz, iluminado
Vim do ventre, carne nua...
O planeta água, a escola
Aprendo da vida todo dia
Do espírito, toda minha vida
Vida, é feita de ciclos
Folhas amarelam, caem e nutrem o solo
Amadureci, vejo o princípio do fim.
Quanto de tempo ainda me resta, não sei
Vivo, sugo energia, sonhos ainda fazem festa em mim
Ouço a chuva, água que alimenta a vida
Mata a sede, verdeja campos
nutre os rios com copiosos prantos
A viagem é curta, entendo...
A chuva me espia da vidraça
Pingos escorrem, em desordem
a vida passa...
Sou agraciada, tenho um telhado
Ouço, assobiando o vento
E ouço, poesias no pensamento...

Nas asas da lembrança...

Nas asas da lembrança...

Ema Machado- Brasil

O doce de tua língua

Na minha, ficou perdido

Teu cheiro, impregnado na memória

Jamais foi esquecido...

Sou pequeno passarinho

Colibris, alimentam-se de néctares

Muitas rosas que possuem espinhos

Exalam seus aromas nos ares

Que os ventos espalham por ciúmes

Cada parte de ti, sei de cor

Os sonhos que nelas depositei

Não foram descritos, muitos usei...

Sei, escrevi em você muitas páginas

Leio sempre, as que escreveu para mim

Ainda que não queiras

Serão melodias em suas asas

Como estas, que agora abro

Para senti-lo em casa

Voo, silenciosamente

Teu corpo, minha pousada...

09/01/2023

Mestre...

Mestre...

Ema Machado.

O tempo escorre, é líquido nobre
Escorre pelos ares, pela pele,
poros e olhares
Não é mole, endurece a alma, do corpo não tem piedade
Seguimos o curso, às vezes raso
noutros, profundo
Move a vida, gira o mundo

O tempo escoia, vai deixando seus legados
Lava e cura feridas, cicatrizes
se formam, são marcas de um passado
Embrenha na cútis, na mente, que muitas vezes tem lavado
Apaga parte do curso, ao final de muitos pecados

O tempo, é mestre de todos
Ensina, corrige, ninguém é poupado.
Há momentos de riso, de dor,
de perdas e ganhos.
Há momentos de gritos, de silêncio e cuidados.
Tudo é lição, nada é acaso...

Fui, sou, ainda estou no aprendizado
Ensino o que aprendi, o tempo tem cobrado
Sou discípula do mestre tempo
Sigo-o, espero não ser reprovado

Poesia...

Poesia...

Ema Machado

Poesia é teu olhar, que passeia por meus contornos
Numa linguagem muda, em signos a acender o fogo
Labaredas que só teu toque apaga, ou sinto que morro...

Poesia, é teu silêncio sedoso
Lábios a buscar os meus, numa sede infinda
Devastando resistências, num bailar sinuoso

Ouçõ melodias que nenhum ser presente toca
É mistério de amor que transcende nossa alma
Um poema escrito no coração, sem letras, só entrega
Num misto perfeito de tempo, entre urgências e calma

Poesia é entender teus desejos, quando tua voz não fala
É estar entre teu sonho, quando me chamas
É merecer teu colo, quando a tristeza me encara

Poesia é tua imagem a me seguir
Quando me envolve a rotina, sem que eu possa fugir
É balsamo no pensamento, fuga para o momento.
Flutuo, sei que esperas por mim...

Presas...

Presas...

Ema Machado- Brasil

Há em mim um medo incompreensível e absurdo...

Nunca consegui apreciar uma borboleta, sem imaginá-la a lagarta fora do casulo.

Não temo metamorfoses, nem a liberdade é meu receio.

Um pássaro pequeno voa, mas só, tem seus medos.

Fobias, queria vencê-las.

Vejo-me a aranha, presa em minha própria teia...

Feri-me, carrego cicatrizes.

Onde foram morar meus sonhos?

Solidão criou raízes, é árvore sem flores ou frutos

O inverno é frio, falo às paredes meus segredos

Fechei portas e janelas, poucos adentram minha cela

Adormeço meus grandes anseios

Até que, raios de sol penetrem pela fresta da cortina

Ilumine o dia, despedindo o medo

Que eu possa apreciar uma borboleta em sua beleza

Livre, leve em suas asas, em sua sina...

Grito do tempo...

Grito do tempo...

Ema Machado

Deixe que eu fale

O que digo, aprendi com o tempo

Te direi das minhas tristezas, alegrias em detalhes

Aprendizados marcados no pensamento

Não pense serem inúteis

A duras penas, construí tudo que sei

E ainda assim, muitos pensam serem fúteis...

Abra os ouvidos, deixe que lhe diga

Mesmo tendo olhos velados e cabelos brancos

Abaixo do tempo em mim estampado, há o livro de uma vida

Transpus erros, transformei-os em aprendizados tantos

Em seu tempo entenderás, a dor de silenciar o pranto

Entenderás que ser ancião é ser transparente

É ter que confiar, e depender de outros que amamos

Que sabem menos que a gente

Queria muito dizer, mas nem sempre sou ouvido

O tempo me leva, meu maior sofrer ninguém vê

Há em meu silêncio, um grito

Amanhã, muito de mim será perdido...

Viver é viagem...

Viver é viagem...

Ema Machado - Brasil

Vim de uma infância comedida
Das vielas estreitas da pobreza
Onde escassez, é justa medida
Segui escalando montes com destreza
Construí pontes, sobre rios do impossível
Felicidade parece sempre volátil
Mas, ainda tenho, o sabor dela
comigo
Travei batalhas, enfrentei o medo
Atravessei florestas sombrias
Onde feras, viviam a espreitar Meus segredos, conto nos dedos
Eu os engolia, somente sonhos mantinha
Venho da teimosia, das gargalhadas de uma dura vitória
Um dia, ainda ponho nas telas minha história
Fui criança solitária, porém, trago na memória brincadeiras de roda, amarelinhas e pique esconde,
as quais, assistia de longe...
Cheguei ao inimaginável
Já não temo o tempo, o que vivi
Me fez ver o quanto foi importante, cresci
Fui e ainda sou "engenheira
Construí castelos, com a certeza
Um dia ainda riria de minhas proezas
E mais...
Tracei caminhos que nunca percorri
Travei batalhas, que nunca pensei conhecer
Conheci horizontes, que pensei nunca ver
Venci obstáculos, medos até aqui...
Viver revelou-se a viagem sem volta
Poucas pousadas, sem muitas portas
O percurso imaginário, teve de sucesso pequena cota

Aprendi a inventar dias, quando apenas trevas havia
Atravessei desertos, o vendaval conduzia ao oásis incerto
Após o descanso, retomava o rumo.
Cheguei onde o medo não mais alcança
Aproveito os dias
Agradeço a estadia, ano após ano.
Cheguei, aprecio o lugar que conquistei
Estou viva, ainda almejo ir além...

Não quero..

Não quero...

Ema Machado - Brasil

Não quero voltar pra casa

Solte-me nas nuvens, pairam

no azul profundo do firmamento

Anseio ser chuva, deixar que minhas tristezas escorram, que penetrem na terra molhada...

Não desejo enfrentar a solidão

à minha espera

Quero vê-la sentir minha falta

Ao olhar-me pela vidraça da janela

Deixe-me voar, sem pesos, sem travas, só ao sabor do vento a correr pelo mundo

Não quero voltar pra casa

Deixei a solidão a minha espera

Só por hoje, serei liberta

Sem paredes, sem correntes

Serei eu, a própria espera

Quando chegar a noite, farei serenata para solidão

A lua será a mestra, tocarei a melodia dos anjos...

Não quero voltar para casa

Paredes me abraçam, me apertam

Quero ser liberta

A solidão também mora nela...

Plantio

Plantio...

Ema Machado - Brasil

Na languidez desse lasso

que agora assola, percebo

Não sou do tempo, tão pouco da hora

Sou energia que o pensamento cria, construção de uma pessoa

que aprecia sua obra

Vale cada passo andado...

Ah, entendo então!

Ainda que tenha demorado a ação, valeu o esforço e cada minuto gasto

Pensando, idealizando é que tudo foi gestado

Como sementes em solo adubado...

Vou regando, carpindo

A colheita é certa, o fruto adocicado...

Consigo ver além de mim

Vejo brotar a semente no

olhar, quando me sorri

Na semente desanimada, que pela primeira vez, brota esperança, vi...

Nada importa, que passe o tempo, aprecio o bem plantado

Não importa o cansaço, o tempo ou a hora, valeu tudo

Vale o que planto agora...

Amor de outras vidas

Amor de outras vidas

Ema Machado

Hoje descobri

Ao encontrar-nos, logo ali, o amei

Não amei o corpo, mas, a alma que me acolhia

Eu era rio sedento, em seu amar, me abastecia

Cheiravas a vento, uma liberdade para mim desconhecida

Em seu movimento, aprendi a ser rainha...

Ah, como amei mergulhar em teu olhar altivo

Vi neles estampar, a viagem ao desconhecido

Para você, eu não era apenas a mulher

Era alguém que sempre estivera contigo

Sei que fui amada, éramos cúmplices, amantes e amigos

Quando o conheci, sabia, nada seria como antes....

Meu olhar ousou penetrar no teu

Sabia do risco que corria

Ainda assim, aí se perdeu

Somos pássaros sem ninho

O céu conheci, vivendo ao lado seu

Mas quando precisamos pousar

A realidade nos venceu

Saudade traz você para mim

Ainda guardo teu abraço carinhoso para não cair,

teus cuidados, que tanto amor me deu

Onde estiveres agora, desejo a você,

todo amor que o meu conheceu...

Silente amor....

Silente amor...

Ema Machado - Brasil

Quando o encanto cedeu lugar ao pranto

Eu só queria falar de amor...

Quando fugia da tristeza

Desenhei nos lábios um riso raso, na certeza

Tudo o que queria, acolher o amor

Quando o vazio de mim se apossou, fui ficando desolado

Tinha pressa em desocupá-lo

Tudo que mais queria

Era trocá-lo por um amor

Em silêncio, o tempo passa

Eu, de amor, não tenho falado

O vazio, por vezes aperta-me o lábio

O olhar, embora apagado

Só queria saber, se há alguém

Que ainda fala e escuta o amor...

Nuvens negras...

Nuvens negras...

Ema Machado - Brasil

Paira melancolia

A noite abraça o dia, apenas breve despedida

O amanhã já se apronta, outro dia nascerá

O tempo, em tramas tece a vida...

Um rio corre, embora crie memória, suas águas nunca serão as mesmas, ainda que passe no mesmo lugar...

Ontem era primavera, hoje, arde o sol da espera, que não seja em vão

A alma permanece encolhida

É inverno no coração...

A noite abraça o dia, meu olhar é estrela perdida, passeia no escuro do céu

Há uma nuvem de melancolia, a noite despede o dia.

Despeço uma vontade tardia...

Enquanto houver vida

Enquanto houver vida

Ema Machado

Cultivo

Planto memórias

Semeando histórias para não me perder

E no emaranhado das horas

sigo, regando e nutrindo o solos

Para abastecer pensamentos que terei um dia

Sou do agora, quanto ainda tenho não sei

Sei apenas que vivo, enquanto houver força viverei

Quanto, não importa, vou guardar tudo para me alimentar...

Desperto com vontade incontida

Beber do que me oferecer a vida

Abro a janela, beija-me o sol a

Iluminar

Como não agradecer ao criador

Pelas manhãs de lida?

O céu é lindo, o olhar é precioso

Sou criação perfeita, recebo seu amor vultuoso

No vento que refresca

No gorjeio de aves em festa

Na vastidão que consigo enxergar

No cantarolar das águas

Correndo, rebolando entre seu curso apertado, dando sacio ao solo ressecado.

E há serenidade em tudo que posso apreciar, é gratificante ser abençoado....

Falando de dor...

Falando de dor...

Ema Machado

Não quisera, mas preciso falar de dores

Não físicas, mas, da alma

Dores latentes, de amores

Aquelas que acometem a calma...

Ainda, que me calasse

Há na alma, dores tão profundas

Ainda que um sorriso disfarce

São chagas, feridas que ao íntimo inundam.

Dores da alma são males

Não há nada que os possa conter

O amor quando é ferido

Vira veneno, mata aos poucos, àquele que o beber...

Não desejo este veneno

Nem saudade, permito doer

Olha-a pelo lado positivo

Foi algo bom que se pôde viver...

Se há saudade, dor, não vale

A alma só carrega dor

Daquilo que a machucou

Saudade é apenas doce aroma

De um perfume que acabou ...

Plantando flores, onde há guerra

Plantando flores, onde há guerra

Ema Machado

Quem, proverá os jardins

O que será dos passarinhos?

Há inutilidade no corte de ervas e afins

De espinhos, cobrir-se-á o caminho...

Há que se semear flores em vales e serras

Um só será o canteiro

Flores, não se encontram em cenários de guerra...

Ainda há fartura no celeiro

Por carência de afeto, morre de fome o irmão

Flores alimentam a alma e espalham seu cheiro

A terra anseia por sua plantação

Tua fala...

Tua fala...

Ema Machado

Exalas tanto perfume em tua fala

Tua palavra beija minha alma

Suavemente, envolvente cetim

Encontra-a sem armas, sem barreiras

Sem travas...

Ah! Quisera alcançar tua alma

Como alcanças a mim

Seríamos palavras unas, essências afins

Pois, tua fala é melodia sublime

Acalma-me, redime...

Quisera tocar-lhe os lábios

Santificá-los com beijos

Abrasando tuas falas, vontades e desejos

Perdoe meus anseios, dementes

Quiças, teus ouvidos sejam moucos...

Que minha fala não lhe seja profana...

Café em uma manhã qualquer...

Café em uma manhã qualquer...

Ema Machado

Sob o hálito de uma sonolenta manhã

Um café desperta o pensamento

Breve passeio, enquanto a mente se faz sã...

Misturas, aromas na memória a atravessarem o tempo

Houve, um tempo café com leite

Gritavam anseios, uma infância diferente

Construir eram grandes sonhos, traçados em uma pequena mente

Observo o tempo, em que sonho

já vem pronto

Construir é coisa de máquina

Há tanto por possuir, não importa quanto, vale pouco o humano...

À minha espera, passarinhos em revoada.

Há urgência, tentar mostrar-lhes um caminho mais leve, cegos seguem o incerto

Ouvem o falso chamado de um oásis, muitos morrem no deserto

Quisera apontar outro rumo

E sou apenas vaga-me

Em uma manhã que me revela

As horas caminham, o tempo não espera...

Fumega o café, arrefece aos poucos.... Como as ideias em um poema

Exalando sonhos de um poeta louco ...

Restauros...

Restauros...

Ema Machado

Na solidão aprendi a domar meus ímpetos, a arrumar minhas tralhas, a crer nos meus instintos
Aprendi que sonhos, tornam-se reais, quando a vontade não falha, se é sempre capaz
Aprendi a cultivar jardins, a crer que a felicidade, é possível também pra mim
Aproveito o tempo com qualidade
Não me deixo levar por futilidades
Na solidão aprendi que minha companhia é saudável
Que não tenho que reciclar o passado que não é palpável
Que o hoje é sempre perfeito
Se não busco nele defeito...
Ainda aprendi, que pra tudo há uma razão de ser, ainda que doa o quanto doer
Na solidão aprendi a falar com as estrelas. Deixo-me até ouvir besteiras
A tecer palavras, me são companheiras...
Aprendo a gostar da calma, a ouvir sonatas e ler poesias...
Preparo o espaço, para ter um amor por companhia...

Elas são rosas...

Elas são rosas...

Ema Machado -Brasil

Por vezes, "Ela é flor"

Noutras, repleta de espinhos

Às vezes, fluorescente, outras, seca como erva, arrancada pelo caminho

Mulheres guerreiras, em silêncio, ou gritos

Embora, nem sempre sejam ouvidas em seus ais sustentidos...

Delas o futuro, a semente, têm o dom de acolher a vida

São sempre vivas, resistência nata, ainda que feridas...

São da vida as fadas

Dizem, da costela foi feita, é forte, é criação perfeita.

Todas possuem seu próprio encanto

São fêmeas, repletas de aromas, atraem, têm poderes e acalantos

Mulheres, são deste canteiro as rosas, com seus espinhos e encantos...

Pequeno ato de uma manhã

Pequeno ato de uma manhã

Ema Machado -Brasil

Amanheceu

O galo cantou, o sol brilhou

E a vida despertou

Bem pertinho, ouço sons de passarinhos

Lembra-me que é preciso cantar

Todos os dias são feitos para o canto, há que se dispersar o pranto...

A vida é feita de luz, de momentos

É água corrente de rio, tudo passará...

O sol me espia, aprecio seus cuidados

Beija toda natureza e a embeleza

Há urgência na rodovia, por onde transitam carros desenfreados em suas pressas, nada vêem ao passar

Árvores se exibem, em meio a canteiros bem cuidados, embora, homens apressados, não se ocupam em olhar...

Nuvens passeiam pelo céu, criam figuras estranhas, alguns anjos, bichos em artimanhas

O brilho do sol e seus raios criam transcendental cenário

E eu, contemplo, é relicário...

Quantas manhãs, vi como agora?

Não sei, como a maioria, vive-se tentando vencer a corrida das horas...

Ilusões...

Ilusões...

Ema Machado

Eu quisera, um tempo
Saber que ao passar por mim
Não haveriam paredes sólidas
Nem amarras, nem horas
A me forçarem desistir de ti
Transitam imagens por minha mente míope
Tantos dedos em riste, a dizer, que não o terei mais aqui
Minha alma confusa entende
Esse tempo só existiria
Se o inventássemos, e isso, não será fácil conseguir
O passado é fantasma astuto, sorrateiramente
vagueia entre a gente, é meu mundo
Não nos falamos, apenas derradeiramente vejo teu olhar me seguir
Ah, o que não daria!
Para pintar para nós, um tempo de alegria
Vejo-me a sorrir em teus braços, ao raiar do dia
Meu coração cego, não entende
Como tudo conspira sempre
Para afastar-me de ti
Sou um ser entregue e silente, invento um tempo ardente,
Sabendo não haver futuro, ainda que eu invente.
O tempo passou, para você e para mim...

Sem raízes...

Sem raízes...

Ema Machado

Eles, nasceram de uma raiz
Em um tempo de frondosas árvores
Duro solo, porém feliz...
Hoje vêm os filhos tornarem-se folhas vazias
Ao movimento do vento
Não há para eles sustento
Deixam-se levar...
Eles, inventam movimentos
E nem mesmo sabem voar
Não observam aromas ou cores no ar...
São tão frágeis, desintegram-se
na primeira tempestade
Apenas, deixam-se levar
Há um sol lá fora, que o vento
tenta arrefecer
Há flores nos campos, em sua
pressa, as folhas enxergam, sem ver...
Há tanta vida por aí afora, e as folha se dobram
vazias, encolhidas...
Quem escreverá nelas um futuro?
Quem, quem proverá os campos?
O vento, fez-se traiçoeiro
Há folhas manchadas por todo canto...
Árvores receosas contemplam seus rebentos,
suas carnes ao movimento do fósmeo vento
Não são ouvidas, são apenas células,
restos de madeiras retorcidas que o tempo levará.
Pobres folhas, não têm mais raiz!
O vento é condutor a um tempo
Infeliz...

Sem argumentos...

Sem argumentos...

Ema Machado

Ensaio uma fala

Dança na memória

que não cala...

Percorro, meço o silêncio

Travo com ele uma batalha

Perscruto... qual sentido do momento

Hábito, tudo ficou pra trás

Tua imagem se esvai, sem que eu diga nada

Não sou ou fui capaz...

Continuo no deserto

Como naquele ínfimo minuto

Em que, de mim esperavas mais...

Vigília...

Vigília

Ema Machado

Palmilho teus passos

Cometa, percorro teu universo

Por timidez, engulo palavras num trago

Iludindo-me, sou tua loucura, Momentos de insensatez

Palmilho teus passos

Sou sombra de ti, e nem me vês...

Eterno eclipse, és sol, e eu, lua

Noite se fez, em meio ao dia

Percorro teus passos pelas ruas, Sinto-me sozinha,

Abraça-me teu olhar, nunca fui minha...

Bebo teu versar

Sonho rimas, mas sei

Sou poema livre,

Versos desordenados

Cometendo inúmeros pecados...

Perco-me, palmilho teus passos...

Ao final...

Ao final...

Ema Machado

Ao final do dia

O cansaço ardia, tu eras a brisa, refrigerio, feliz eu adormecia

Ao final do dia, tornava-me rio, corria, corria

Desaguando no oceano do abraço teu

Havia tanto amor misturado ao nosso sabor, que eu não sabia,
o limite entre mim e você

E assim, me fazias verso, tu eras minha melodia, éramos completos

Havia harmonia em nosso universo...

Ao final de um dia qualquer, veio a noite

O escuro não nos coube

Tudo se foi, perdi até a fé

Não havia mais estrelas no meu céu

Recolhi os meus cacos, meu brilho ofuscado, e parti...

Depois de algum tempo, tornei-me lago em silêncio

E agora, ao final do dia, acompanha-me a poesia, não me sinto mais sozinha

Já consigo sonhar...

Anúncio...

Anúncio...

Ema Machado - Brasil

Procura-se um coração

Que esteja livre, desocupado

Que queira amar sem razão

Que esteja apto, a amar e ser amado...

Procura-se um coração grande

Que caiba amor, sem ser dosado

Que seja fiel, não seja ambulante

Seja sincero e bem comportado

Procura-se um coração puro

Que se abra, acomode amor bem guardado

Que dele cuide, sem pensar em futuro

O presente, o que vale ao ser amado...

Procura-se um coração

E ainda não foi encontrado

Um coração que também procure

Alguém que, como eu, também necessite ser amado...

Alma gêmea...

Alma gêmea...

Ema Machado.

Percorro caminhos obscuros

Tentativa inútil de encontrar o rosto que procuro

É nessa busca insana que

Mantenho a certeza

O encontrarei, ainda que seja árdua a peleja

Vejo-me entre teu abraço

Um contato inexplicável, extirpando todo medo que tenho carregado

Mergulho em sentimentos imaginários

Olhos nos olhos, pele na pele

Eloquentes, indomados...

Sinto perfumes, toques incidem amor e carinho, sem culpa nem pecados...

Percorro, vejo tua aura de ser iluminado

Sei, a mim fostes destinado

Será finda a procura

Seremos felizes, lado a lado

Silêncio e segredos

Silêncio e segredos
Ema Machado- Brasil

Sou, silêncio que não cala
Gritos de uma poesia
É quando a alma extravasa
Em carinhosa e persistente fala
Ou toques, em tua pele macia
Sou inaudível sussurro de uma brisa fria...

Para saciar meus apelos
Sou sombra, eu me faço macia
Entregue a infindáveis desejos
Teu simples olhar me sacia
Embora morra por dentro
Confessar-me, jamais o faria

Não sei, se o terei um dia
Porém, o silêncio não silencia
Se olhasse em meus olhos
Certamente saberias
Mantenho distância modesta
Mas, grito em poesias ...

Ah, se pudesse! Em momento preciso
Receber de ti mero abraço
Adentrar o paraíso
Mas, sei não ser meu esse espaço

Amo-te!
Um grito calado
Espero que saibas ler em meus versos
O quanto és amado...

Imagem Pixaby

Fragmentos de uma vida

Fragmentos de uma vida

Ema Machado

Lampejos cristalinos

Caminhos, uma sina, um destino

Questiono sonhos e lidas

Momentos inesquecíveis, alegres e tristonhos de uma vida...

O barco segue, entre marolas e tempestades.

Remos, que o leve!

Há uma ilha, um porto em lugar qualquer

Onde haja paz, plácida, que não seja breve?

Onde, flores crescem sem ervas daninhas

Onde vento é carícia, impulsiona

Sinto-me levada, não sou minha...

Tenho os pés na estrada, mas é ela que caminha...

Onde vai dar essa estrada?

Parece que chegou a uma esquina

Há uma beira, que eu possa me assentar?

Anseio descansar, para poder sonhar...

Ainda tenho alma menina...

Erros...

Erros...

Ema Machado

Quisera a árvore, manter junto a si, as folhas

Vagam ao sopro do vento

Até que a terra as recolha

Estarão entregues ao sofrimento

Lições, ensina o tempo

Quem oferta de bom grado

Receberá em mesmo pago

Receberá a árvore novas folhas

E aquelas perdidas, far-se-ão adubo para que novas vidas a natureza acolha

O sol esbanja luz, porém, se nele excedermos, queima

Tudo tem sua dose, não há nada que não tenha...

O rio tem seus percalços

Sobe, desce

Recebe ajuda do alto

Por vezes, quase seca

N'outras, ultrapassa margens

Inunda...

A terra necessita de árvores, rios e animais, para se tornar fecunda

Assim é a vida

Eterna escola, oferta lições profundas....

O que dizem as rochas

O que dizem as rochas

Ema Machado

Pedras, silenciosamente contam histórias
Delas, ventos movem partículas
Irão formar a praia, o leito dos rios, as dunas, as moradas...
O mar e o rio, lavam impurezas sem saberem
Que as areias, por eles suspiram...
Pedras sustém muros, casas, o mundo...
Delas, o mistério, o diamante, o ferro, o túmulo, a areia errante...
Pedras, levam em si o tempo Contam histórias, mudas e duras
Montanhas se deitam, imóveis, tamanhas
Milênios são incrustados nas rochas, na encosta, nos picos do mundo
O silêncio mora nas pedras
Ouve suas histórias, não estão mortas...
Poucos são, os que escutam as rochas...

Urgência e o tempo

Urgência e o tempo...

Ema Machado

O cansaço perambula, conta meus ossos
Queria ter resistência dos bambus.
Por vezes, vejo-me vergar e sei que não posso
Ou, tornar-me-ia alimento de urubus
Não sei, se me é possível alcançar o cume da montanha
Apenas sigo a jornada, é tamanha...
Sou ave de rapina, vôo sozinha
Aprecio a companhia
Nela, aprendi a apreciar as pedras
O silêncio dos lagos
O contato da terra...
Há muito, tenho comigo os remos
Navego pelo oceano tempo
Ultrapassando tempestades
Ou mesmo à deriva, não vivo pela metade...
Na janela, pingos se unem, dançam desenfreados
Há urgência, embrenhar no solo pelos poros da terra, deitar em repouso sobre lençóis...
Chuva outonal, limpa o ar, o vento remove folhas, outras, aguardam para brotar
E pensar...
Ainda ontem, era primavera
O verão já se foi
O outono parece ter pressa
O
inverno, jaz à espera...

Fim de um dia outonal...

Fim de um dia outonal...

Ema Machado

Não sei caminhar a passos miúdos

Carrego a urgência nas veias

Ao tempo, faço ouvidos surdos

Sou tempestade, por mais que não queira...

Hoje, deixei o marasmo de mim se adonar

Há um clima estranho, o outono se mostrando, ousei pensar...

Como as folhas caídas, em tons vermelho ferrugem, o sol partiu

Vê-se o rastro dourado nas emboladas nuvens cinzentas

Linda partida...

Ao longe, a minguante observa serena o amante

A noite não estendeu logo o negro manto, assiste ao cenário, lentamente adentra...

Como eu, a lua espera a noite

Como eu, apenas em meio olhar...

Erguer-me é agora desafio perdido

Por ora, mergulho em calma

É hora de

repousar ...

Recaída...

Recaída...

Ema Machado

Sonhar com você, alivia

Despertar é tortura

Acordei imersa na noite

Em pleno dia....

Sigo cometas, estrelas cadentes

Onde jazia uma espera

O vazio se apodera, sou ser vivo dormente

Deves estar feliz...

É meu desejo sincero

E tudo que sempre quis

Seguir um caminho, o que agora quero...

Lá, onde floresce o amor

Deve haver uma semente a mim destinada

Anseio, outro amor conhecer

Anseio sonhar acordada...

Na balança...

Na balança...

Ema Machado

Deixo fluir algumas palavras
Por vezes, nem querem dizer nada
Saem livres, inventam movimentos
E eu aqui, dançando uma melodia de outros tempos...
Pertenço-me agora, vou onde quiser ir, bato asas
Coloquei a vida na balança
Busco medidas de equilíbrio
O que pesa, descarto, se me for possível nessas andanças
Ter a mente leve é prioridade
Embora, busque mais que isso
Poesia, melodias são remédio para manter a sanidade
Viver em alforria
Desopilando de tudo, da rotina, das más energias, do medo
Deixar fluir, abraçar-se pela alegria
Permitir-se ser feliz, ainda há c
aminhos, almejo...

Mãe, preciso de ti...

Mãe, preciso de ti...

Ema Machado

Mãe

Deixe, que eu volte ao teu colo

Não me dissestes

Que eu teria que correr atrás das horas, sinto-me sem solo

Teu semblante tranquilo

Ocultou que a vida é corrida,

Que há cansaço, e envelhecer a torna dolorida...

Sinto que a força que carregava outrora

Não é a mesma, tão frágil como a que tenho agora...

Mãe

Me ensine proceder na vida

Por vezes, sinto querer morrer

Ao ver meu filho padecer, pela dor sou engolida

Quando a tinha por perto

O peso se fazia mais leve

Sei agora, o quanto sofreste

O tempo passa, a gente cresce...

Mãe

Sinto falta do teu acalanto

Há noites escuras, e de pranto

Sua melodia doce, acalmava tanto!

Hoje, frente ao medo sinto-me sozinha

Se pudesse, voltaria no tempo mãezinha...

Queria mais tempo para aprender

Com você, a ser Rainha...

Penumbra...

Penumbra...

Ema Machado.

Obscura face,
Oculta entre tênue claridade
Disfarça um adeus, que não nos cabe
Atitude disforme, sombria
Onde palavras desconexas
Desfazem uma vida em um dia...
E os risos dos momentos felizes
foram transformados em pranto
A boca maldiz silente a dor
Enquanto a alma desfalecida
Implora pelo amor, que doou tanto
E a face, mantida na penumbra
não se ergue
Talvez por covardia, ou apenas
por não querer cometer sacrilégio
Ter que olhar nos olhos de alguém
que o julgava amor eterno...

Ruas sem saída...

Ruas sem saída...

Ema Machado -Brasil

Era uma rua sem sonhos

Sem passos, sem sorrisos

Sem afagos...

Com seres tristonhos

Era uma via de mão dupla

De gente vazia, má e mente curta

Calçadas em paralelepípedos

Isentas de princípios...

Era uma via clara

De rumos obscuros

Uma via, repleta de gente cara

De surdos, de seres em cima do muro

Gente que não dizia nada...

Que nada viam, ou... queriam

A loucura, sucumbiram...

Era uma via de mão dupla

De gente louca, de mente curta

Lobos, em peles de cordeiro...

Gente muda, mas, astuta...

Reflexão

Reflexão...

Ema Machado

Após um amor partir
Quanto há, de espaço
Quando, pendem-lhe os braços
Quanto, mede sua agonia
Ao saber que ao final do dia
Do vazio, não há como fugir...
Qual será, o valor de um dia
Para quem luta contra a morte
Enquanto tu, nem avalia
Maldizendo a própria sorte...

Qual tamanho, terá um desgosto
Consegues ver a dor do outro? Quando o culpas sem piedade
Qual a sua capacidade
Em julgar, fechando o coração
Sem se colocar no lugar dele
Sem sentir pena, condená-lo sem perdão...
Pode chegar sua hora
Hás de querer, do
outro, compreensão...

Melancolia...

Melancolia...

Caminhas por minhas veias

Percorres o imo, desestruturas a alegria

O sol que entrega calor, não é o mesmo, queima

Há um hálito de tristeza na boca do dia...

A alma deita-se, evade

Silencio, nada a ser dito

O sentir incômodo, instaura sem alarde

Eminente o inverno... Está escrito...

Abraço...

Abraço...

Ema Machado - Brasil

Ah... Um abraço...

Doce embrulhar ofertado

Numa simbiose de calor, enlace de amor

Encontro de almas num toque sincronizado

Alivia, é remédio dosado, da alma, cura dor...

Num abraço cabe o sol, o mar, o amar

Suspiros, um céu a embalar

O abraço concebe... nele, nasce perdão e amor

Pode ser letal...

Em um abraço, morrem saudades

Cura-se feridas, afogam-se mágoas

No abraço, conhecemos o amor de verdade

Tudo em sintonia, duas batidas sincronizadas

Um enlace, doce oferta

Um embrulho de corpos, encontro de almas...

Apenas um poeta urbano

Apenas um poeta urbano

Ema Machado - Brasil

Um pé de vento, despenteia pensamentos desordenados

Um poeta vasculha em busca da poética

Aquela a qual, o mantinha acordado

Uma jornada sem poesia é o que

Tem encontrado

Noites sem estrelas, dias nublados

Entre o outono e inverno, há uma

margem,

Falta porto, não há como encontrá-lo...

Ao longe, a rua serpenteia levando carros enfileirados

É condutora da cegueira predominante nessa rotina massante, que o tem acorrentado

Não há poesia que suporte

Morre o sol no horizonte

E o poeta, coitado... É ator coadjuvante, nesse triste palco desbotado...

Árvores empoeiradas cochicham nos canteiros bem cuidados

Querem saber das notícias, que

o vento tem contado

Sobre abate de florestas, onde deveriam estar em clima despreocupado...

O metrô grita sob o peso nos trilhos, ao final, o poeta é vomitado

Segue a um mundo de concreto

Um pé de vento passeia por pensamentos desordenados

A poesia tateia, e o poeta anda sem poética, falta tempo para o olhar, anda acorrentado...

Toques...

Toques...

Ema Machado

Toque, alcance onde ninguém pode!
Use o toque de amor próprio
Só você tem esse dote...

Toque, vá fundo onde arde a ferida
Cure-a, com uma palavra amiga
Use todo afeto, é dotado de magia

Toque para si, uma imaginária melodia
Ouça seus desejos
Deixe-se levar a uma esquina diferente todo dia
Solte o riso e escolha o toque de alegria

Solte seus bichos, jogue fora todo lixo. Deixa livre, e leve a alma...
Deixe-se abraçar pela calma

Ninguém doa paz,
se não a conhece...

Alento diário

Alento diário
Ema Machado

Despertar sob o hálito frio e sombrio do romper d'aurora
Entre sonhos dormentes e desejos latentes, permeia a vida lá fora
O alento é saber, nada é permanente
A luz que agora desponta, clareia todo ser que a quer ver...

Ah! O que é essa vontade de vencer!
Vai tecendo sonhos
Trabalhando incessante árduas tramas, e por vezes, parecem casulos
Rompe-los, para sair do escuro é preciso
É quando se ganha asas sem saber...
Muitas vezes, deixamos- nos levar, sem juízo...
Alimentamo-nos das manhãs,
com sua luz divinal
E, ainda que ofuscada pelas sombras tardias
Rompe, e alimen
ta nosso astral...

Amor, amor...

Amor, amor...

Ema Machado -Brasil

Quando você chegou

Eu não sabia que seria assim

Que roubarias parte de mim

Sem saber, me deixei possuir por um sentimento, até então
desconhecido

Barreiras ruíram, tinha você

meu coração foi rendido

A terra tremeu

Estrelas falaram comigo

Nada mais, sem você fez sentido

Ainda que não estejas por perto

Sinto seu carinho, nunca passou despercebido

E hoje, aqui sozinha

Olho o caminho percorrido

Você coloriu os dias por nós vividos.

Meu amor, sempre estará contigo...

Carta ao amor...

Carta ao amor...

Ema Machado

Sei, não imaginas o quanto me apavora
Despertar sem tê-lo aqui
Tatear o vazio, ao romper d'aurora
O dia gradativamente perde a luz, e assim
Sou lagarta no casulo à espera
Que venhas, para que eu saia do agora
Ganhe asas e rompa a cela
Anseio aroma de flores nos jardins floridos
Receber de ti o sol, quem me dera!

Não imaginas

O quanto tenho sofrido...

Amor!

Penso que, esqueceu-me o Cupido
Sua flecha não acerta quem me dê abrigo
O tempo passa, sou eu
E o vazio que mora comigo...
Sabe, amor!
Pensei, por várias vezes tê-lo encontrado
Usaram suas vestes, calçaram seus sapatos
E eu confesso, ter me machucado...
Porém, no tempo que a tudo cura
Tenho confiado, há o medo que persiste
Meu coração, permanece enclausurado
Aguarda o Cupido, para que o liberte
Anda repleto de carinho
Anseia ser compartilhado...

Lembranças...

Lembranças...

Ema Machado- Brasil

No oceano de tuas memórias
Há tempestades e marolas
E no ir vir de lembranças em séries
As marcas mais visíveis
São as de intempéries...

Quisera mudar o rumo das ondas
Porém, sempre vão e vêm
Em sincronismos climáticos
Bons ventos beijam de leve as águas
Tempestades as violentam,
Movimentos por vezes caóticos

Memórias ruins nunca se apagam
Afundam, sem que se espere, vêm a tona
Doces memórias repousam na alma
Despertam sempre em momentos de calma...

Deveríamos cultivar apenas doces lembranças
Esquecendo o que nos maltrata a memória
Porém, são como criança
Crescem e a medida que se envelhece
O que fica, são dolorosas cicatrizes na história
E lágrimas saudosas, das doces vivências que fenecem...

Névoa triste...

Névoa triste...

Ema Machado -Brasil

Vi o respiro da terra

Nuvens subindo do chão

Denso suspiro da serra

Triste cenário, sem vegetação

O que sobrou de verde

Grita por socorro ao céu

Curta será a vida, têm sede

Bebem gotículas do véu

Lá no horizonte, que agora não avisto

Erguem-se edifícios em profusão

Ainda ontem, era previsto

Nada além de concreto, surgiria naquele chão...

Cidades crescem desordenadas

Engolindo toda vegetação

Sem ideia, a vida é condenada

A terra suspira sua indignação...

Triste observo, respirar a terra adoentada

Quase nada, sinto poder fazer

Deixo escritas desordenadas

Como a cidade, a qual assisto adoecer...

Legados de amor

Legados de amor

Ema Machado -Brasil

Por você, me vi infringir antigas regras
Violei padrões de conduta
Aos poucos, fiz-me cega
Larguei tudo, por você fui a luta
Por você, passei a enfrentar tempestades, fiz-me surda...

Viajei por seu mundo
Não cabia em minha realidade
Por você, criei em mim outra pessoa, plena em sinceridade
Diferente daquela, que caía à toa
Engolia o orgulho, não tinha caprichos
Subsistir simplesmente, vivendo de sacrifício...

E assim, ensinou-me a livrar de minhas tralhas
Que viver, é muito mais que receber migalhas
Mostrou que posso ir ao infinito
E que ser amado, deixa o universo mais bonito...

Aprendi muito contigo
Se foi...não vou dizer que não sinto...
Foi preciso...
Posso olhar as estrelas com teu olhar, agora consigo
O que aprendi, permanece,
Sou feliz feliz comigo
Busco outro amor
Amar e ser
amada, é tudo que preciso...

Nem só de pão...

Nem só de pão...

Ema Machado -Brasil

Arrefecem os tempos

Sentimentos, gradativamente perdem espaço

Erguem-se muros, pendem os braços

O amor anda frio, e antiquado...

Lembro-me das festas de família

Quando a simplicidade servia a mesa

O afeto era o prato que havia

Acaloradas gargalhadas de sobremesa

Nas agruras daquela época

Em que tudo, era feito em mutirão

Era tudo partilhado, colhido e plantado

Podia ser pouco, mas não faltava alimento. Era moeda do coração

Crianças, verdadeiras proles

Passarinhos em revoada

Pousavam na mesma árvore

Pulos em amarelinhas, carrosséis e cantigas de roda

Lembro-me saudosa das manhãs de domingo

Pulava da cama bem cedo

Dia de aprender a rezar

Acorda, menina e menino! Gritava na igreja o sino,

Por vezes, parecia cantar

Hoje, em que há fartura de bens

É cada um por si

Poucos são os que repartem o pão ou algum vintém

Telas frias, mentes vazias

Vidas ficam aquém...

Vejo arrefecer o amor

Muitos, nem sabem o que é isso

É alimento vital, de maior valor e sabor

A maioria dos alimentos de agora, não saciam, pois...

Só alimentam o ego e o vício...

Minúcias em uma tarde de inverno...

Minúcias em uma tarde de inverno...

Ema Machado -Brasil

Olhares que se perdem no espaço, pensamentos vagos

Sonhos que transitam entre presente e passado...

Um passarinho voa despreocupado

Árvores foram despidas, folhas rolam perdidas

No ar o aroma de café recém coado...

Não importam as horas, ainda

que tenham avançado

Eu, viajante desse curto espaço

Ouçõ vozes, sons alterados

Entrego-me a letargia, ainda

que tudo esteja em pavorosa

Observo o ar seco que castiga

o cerrado.

O capim seca, a alma caminha preguiçosa

O olhar pousa no céu avermelhado, lindas nuances de inverno

Gradativamente o sol parte no ocaso...

Só hoje, deixo-me vagar sem rumo, como o pássaro que o olhar tem acompanhado

Não está mais só, encontrou o bando, dançam um bailado sincronizado...

Frustração...

Frustração...

Ema Machado

Na sala gelada, lembranças desfilam
Enquanto a noite fria deslisa pela vidraça
Aproxima a nostalgia, recordações disfarçam
Por mais que as afaste, afrontam, fazem pirraça

Sonhos desfeitos, entre mãos entrelaçadas
Talvez por covardia ou medo
Houve empenho, também horas desperdiçadas
Perderam-se por desmazelo
Entre as mãos cansadas...

No pensamento, a pergunta que não cala
- Onde faltou coragem, se não parou a batalha?
- O empenho não foi suficiente!
O feito, não mereceu medalha...

O frio entorpece, corpo e alma
Não há, o que a mente aquece
Não há verdadeira calma
Adentra a noite, o sono chega
Bobagem, condenar-se,
Pensamento adormece...

Ao sopro do vento

Ao sopro do vento
Ema Machado,-Brasil

Há um barco a deriva
No oceano do tempo
Navega sozinho, sob carícia de brisa
Por vezes, ao sopro do vento

Já sonhou aportar em terra firme
Desistiu em último momento
Promessas, são como queda livre
Não se sabe o fundamento
Só quem caiu, sabe a dor do ferimento...

Há um barco a deriva
Observa o rumo incerto
Os remos depostos descansam
Há paz no remanso...

Efemeridade...

Efemeridade...

Ema Machado -Brasil

Sou pó

Serei partícula da poeira que a tudo invade

Pó que incomoda aos olhos

Que compõem o solo

Partícula, em constante viagem...

Sou levada pelo tempo

Impulsionada por seu movimento

Não há parada, viver é constante caminhada

Sem ideia de onde vai dar...

Um dia, integrarei o solo

Me receberá no colo, repouso para minha carne,
minhas feridas...

Tornar-se-á alimento, para outras formas de vida

Sou e serei sempre pó

Como o pó da estrada, da lida

Pó que alerta, impregna e grita:

- Ao pó, todo ser retornará um dia!

Além de tudo que se viveu

Só o amor, que é intrínseco

Faz da existência human

a,

A criatura mais linda...

O pecado das carências

O pecado das carências

Ema Machado

Parecia amor

Olhares trocados, entrelaçados

E o desejo que ao contato, parecia pecado

Havia cumplicidade, ciúmes era raridade, tudo parecia perfeito

E vieram as tempestades...

Entre ofensas e palavras doídas

Já não existia cumplicidade

O desejo perdeu a validade

Dando lugar a uma dura realidade

Nunca foi amor, mas, carência

afetiva

Resta agora, duas pessoas perdidas, sem contento

E sobre feridas profundas, o remendo,

Pior feito, para algo que não tinha mais jeito

A mínima discussão, virou pano esgarçado, deixando dores à mostra...

Não era amor

Tudo foi desfeito, menos o buraco no peito

O vazio e a dor de saber que

Nada restou, apesar de parecer perfeito...

Recomeçar

Recomeçar...

Ema Machado- Brasil

Vi um menino a destilar o tempo

Transformava sofrimento em riso pleno

Suas gargalhadas ecoaram pela casa sombria, e foi tamanha magia que a melancolia dali partiu ...

Via um homem voltando a infância

Entregue a liberdade, permitiu-se sorrir, tempo não mais pesava, era criança

E a tardezinha tornou-se manhã

de um leve dia

Há muito, não via a felicidade, e, ainda que breve, se via...

Percebo o quanto pesam os anos e em momentos, por diferentes idades caminhamos

Vi o homem menino, esquecia seus medos e desacertos

Percebo...

Recomeçar é se permitir, nunca é tarde, depende do desejo...

Um caminho, uma tela...

Um caminho, uma tela...

Ema Machado

Nuvens passeiam

Um bailado lento, sincronizado

Eu, em meu momento itinerante

Observo, tudo é momento alado

Aprecio meu instante

O sol que adentra as retinas

Ilumina a alma menina

Bebe do verde a beira do caminho

Montes de deitaram por sobre a terra

Sonham como eu, um sonho distante que às vezes se encerra...

Aqui ou acolá, a alma plaina

É borboleta em jardins flutuantes

O amanhã é lugar desconhecido

Hoje aprecia o momento vivido

É apenas instante...

A vastidão mostra-se bela

O olhar não se controla

Nem sempre há uma janela

Voa despreocupado

No ar azul passeia

Há uma nuvem sereia

No meu momento itinerante

Pres

tes a ser transformado...

Exemplo de Pai

Exemplo de Pai...

Ema Machado

Conheci um pai

Era duro, de poucas palavras

Não conheceu livros, não havia muitos,

O que sabia, a terra lhe ensinava

Era carrancudo, ninguém o contrariava...

Conheci um sábio, que na terra plantava

Sabia ler o tempo, os rios, com eles lutava

Possuía pele dura, mãos ásperas e calejadas,

Da lida árdua no manejo do campo, no ir e vir da enxada...

Partiu, assim como veio

Cedo demais, deixando ao filho

O que sabia, além do caráter ilibado, a lida árdua e pesada...

Conheci um pai operário

Trabalhava na indústria

Como paga, mísero salário

Possuía fé e alguma astúcia

Mas, pouco havia estudado

Não conseguia riqueza, mas

o pouco que recebia, investia

no filho, queria que fosse estudado...

Conheci alguns pais de família

Que por esforço dos pais

São hoje letrados, trabalham no que escolheram, foram recompensados

Possuem família pequena

Poucos filhos aos quais, tudo de melhor, têm proporcionado...

Conheci algumas gerações de pais,

A Deus tenho perscrutado

Em qual delas, o filho ousou crescer
Sem que o pai precisasse ser crucificado?
Olhando para cruz, entendo
O Pai se doa por seu grande amor
O amor de pai, deve ser como o de Jesus
Por amor ao Pai
Carregou nossos pecados,
Sendo Deus, morreu para que tivéssemos vida eterna
Para que fôssemos salvos...

Rio corrente

Rio corrente

Ema Machado

Fecho os olhos, vejo a vida passar
Há um rio correndo, eu ainda às margens do que pretendo
Sou contido pelo medo de avançar
Temo ser arrastado pela correnteza,
poluídas tornaram-se as águas...
Preciso de um barco para navegar
Não consegui ir muito longe
Sentei-me à beira do rio
Vejo a correnteza passar...
Fecho os olhos, vejo o trajeto de décadas
Tanto de mim ficou aqui, contido
Foram tempos de introspecção
A fala emudecida, tornou-se solidão
O aprendizado, perdão...
Há um rio correndo
Ainda espero seguir o curso
Sem medo, buscar nova direção...

Em silêncio ouço apelos da alma, anseia a calma
Na penumbra, apago o olhar desenfreado,
olhos acesos circulam por todo lado
Há um sussurro ao longe
São folhas secas, dançam ao sopro de um vento cansado
A seca impera sobre a vegetação
Há um aspecto mórbido, pinta a estação
É agosto, a espera da primavera é alento
Guardo um suspiro no pensamento
Fragmentos remotos de alguns momentos
Parte o inverno, resquícios permanecem
Folhas ressequidas sob os pés se partem

Quão breve, é a vida...

Ouço os apelos d'alma

Ainda na penumbra, tolhida...

Distâncias...

Distâncias...

Ema Machado

Quero alcançar estrelas

Vejo-me tão pequena...

Distâncias, tornadas sequelas

Cicatrizes, falhas terrenas

Evoco tempos idos

Sonhos esfacelados

Passos não dados, tempo perdido

Quero alcançar estrelas

Preciso mirar o infinito...

Esperança, uma centelha

Medo, um buraco escuro...

A distância entre mim e as estrelas, é frágil muro

É não abrir os olhos para tê-las

Tateio... Me procuro...

Seguindo a correnteza...

Seguindo a correnteza...

Tudo muda, tudo

Vejo, o quanto muda

Fui ilha, nada me cabia

Atravessei um oceano, cega, surda

Fui engolida, sem ninguém

Sem metas ou planos...

E o sentido, era apenas desengano...

Fui ilha, pequena ilha

E sonhos não me cabiam

Tornei-me conchinha vazia

Fui como tantas, apenas mais uma

E ainda, nem sou minha...

Sou eu, e esse medo que se adona

Eu, nesse mar de gente

Com os quais pego carona

A correnteza nos leva a frente

Navegantes sem timão

Entregues ao oceano da ilusão...

Presença...

Presença...

Ema machado

Sinto-o no toque do vento
Em ágil movimento, és refrigerio
Tua presença é mais que alento
É poder sentir reverberar o mistério

Sinto-o no beijo do sol
Nas lágrimas do firmamento
Contemplo a realeza do arrebol
No sacio do solo, o contemplo

Ouçó-o no gorjeio da ave a cantar
No som das ondas ao quebrarem na praia
Na força da natureza a trovejar
E quando não deixas que eu caia
Sinto-o, na calmaria ou tormenta

Sinto-o no aroma das flores
No gargalhar da fonte
Vejo tua beleza nas formas e cores
Vejo-o nas linhas do horizonte
Posso vê-lo ao conduzir-me hoje
Tão firmemente estavas comigo ontem...

Sinto- me importante por existir
Tudo tenho, e sei, foi criado para mim
Agradeço a ti Senhor!
Por teu amor sem fim...

Cansaço...

Cansaço...

Ema Machado

Vá, deixe que eu adormeça
Basta, de ficar a mercê da lida!
Deixe, que a noite me restabeleça a vida
Anseio voos em sonhos
Marasmo é pecado pesado
Mas cansaço, mantém o passo aprisionado
Desejo alcançar estrelas...
Vá, deixe que me cure dos tombos!
Há cicatrizes e feridas
Não quero parecer escombros...
Tendo sonhos, tornar-me-ei arquiteta
Construiria novos rumos
Serei novamente completa
Enfrentarei o dia, sem precisar de prumo...
Vá, és o passado, a atormenta
Deixe, que eu durma e sonhe
Com a esperança, que a mim sustenta...

Conversando com a saudade

Conversando com a saudade

Ema Machado

Afago uma lembrança

É teu o semblante que toco

Desliso minha saudade por teu sorriso

E o aroma de tua pele invade meus anseios

Finjo, digo que você passou como o rio

Mas sempre volta

Assombra meus desejos

Comparo teus lábios, com os de outra boca

Sinto teu gosto na solidão que me acompanha

E sei, não há o que sacie, e sofro à toa

Lembro do toque de teus dedos que assanha

Passo a mão em meus cabelos

Parecem elétricos por não tê-lo

Arrasto-me pelos dias sem você

Ainda não esqueci

Seus cuidados em mim

Maltrato a vontade que reside aqui

Sei que, se a deixo agir

Vou até aí...

Olhar viajante

Olhar viajante

Ema Machado

A beleza contida em mim
Em tudo que consigo captar
São ínfimos detalhes
Que só alma poeta consegue enxergar
Há orvalho da manhã por sobre as pétalas das flores
Lágrimas da noite e do luar
A brisa que alisa os pelos
E a mesma, que vem com folhas brincar
O passarinho fofoqueiro
De pique esconde vive a caguetar
Bem-te-vi! Diz o matreiro ao longe
Ou bem pertinho, pra se mostrar
Lá, no sinuoso horizonte
Languidamente deitada jaz a serra, tendo ao lado íngreme monte
Não se importam com a peleja
São duros senhores, têm tempo
Um casebre ou outro, por vezes, despejam...
A noitinha, estrelas piscam
ao longe
Furam o manto negro da noite
Para espiar, terra, mar e fontes

Chegar ao universo, quisera eu
Poder construir uma ponte
Que me levasse ao Criador
Agradeceria pelo amor
Que percebo a cada instante

Bendita, seja a beleza!
Que capta meu olhar viajante...

Fio da meada...

Fio da meada...

Por vezes, viro do avesso
Embarço-me no tropeço
Fogem pontos e palavras
As falas, eu esqueço
E, entre emaranhados pensamentos
Perco-me...

Pensei escrever uma poesia
Perdi o fio da meada
A elegância, a linha
Do avesso, não sei quase nada...

Ao longe, ouço uma melodia
Tão perfeita, que conserta...
Avisto uma luz na esquina
A poesia, desperta...

Fantasmas...

Fantasmas...

Ema Machado

Você

Sem um passado, sem futuro

Apenas um sentido, onde às vezes venho me perder

Um sepulcro, um quarto obscuro

Recordação latente, que ninguém vê

Enterrado foi meu coração, em você...

Uma ferida aberta, sem cura

Um sentimento, tão puro

Porém, inócuo feito cicuta

Tentei não digerir, tentei o aborto

Foi adormecido apenas, pude ver...

Até acreditei, que eras aqui morto

Você...

O silêncio, o maior pecado

Que jamais quis cometer

Entrega louca sem cuidado

Pago por ela cada centavo

Meu eterno segredo incontestável

Embora, não adianta saber...

Ensaio de chuva...

Ensaio de chuva...

Ema Machado

Um silêncio que não cala
Anda pelas paredes e roupas
O calor esmorece a fala
A alma acuada rompe a janela
Em ideias moucas...
Na penumbra, o fim de tarde me espia
Nuvens trocam de roupa
Cinza, não lhes cai tão bem
Em céu azulejado de azul tão claro
Não é lícito chorar...
A beleza foi pintada de nuances claras
Invejo o pássaro que livre anuncia a noite
Sou engaiolado pela rotina
Assisto o partir da tarde
Entregue ao mormaço e as frestas da cortina...
A noite se aproxima...

De mim...

De mim...

Ema Machado

Eu não queria falar de tempo

Quando obtenho mais um marco

São tantas vivências, perdas, ganhos e aprendizados

Tudo o que até agora vivi, na pele e alma foi marcado

Não gosto de contar o tempo

Mas é mestre em matemática, tem sua fala, sinais, nunca fica calado...

Aceitando subtrações e incógnitas, agregando adições vou levando

Não sou adepta a divisões quando o amor é o fato

Creio na necessidade de multiplicação para sermos para vida aptos.

Não gosto de contar o tempo

Mas, gosto de contar histórias

Conto aquelas que aprendi na prática e as basilares que me trouxeram até aqui, de tudo que aprendi...

Ainda continuarei, até quando o Divino permitir...

20/11/2023

Sonho de amor

Sonho de amor

Ema Machado

Sonhe-me!

Assim como eu, ao pensar em ti o faço

Como ao senti-lo, perco a noção de espaço

Far-me-ei a presa

Não anseio liberdade além de teus braços...

Sonhe-me!

Guie meus instintos a tua presença

Que viver um para o outro

Seja nossa sentença

Sem medos ou culpas, sem

rebeldias

Encontro de almas puras, divinas...

Sonho-te!

Para você quero ser poesia

Repleta de sentidos

A completar tuas rimas

Anseio ser para teus ouvidos

A mais perfeita melodia

Sonhe-me!

Assim, como sonho contigo

todos os dias

Sentindo-te cada vez mais perto

Depois de atravessar desertos

Sei que encontrarei você

meu oásis

Sinto cheiro de amor

Sei, estás bem perto...

Sonhe-me!

Paredes...

Paredes...

Ema Machado

Elas nos acolhem, estão vivas
Mudas acompanham nossa lida
Elas não falam, mas guardam nossos sentidos
Passei por algumas ao longo da vida
As primeiras paredes, lembram-me feridas
Gritavam sofrimentos de outras vidas
Com suor de meu pai foram erguidas
Em solo inclinado, pedregoso entre restos de asfalto
Parecia não brotar muita acolhida
Via apenas o rosto da pobreza, da tristeza
Assisti às sombras do medo
Cresci entre paredes caiadas e cinzentas
Éramos franzinos e desnutridos
Naquela rústica morada
Havia uma prole, pequenas e sofridas vidas
O tempo passou, tudo foi modernizado
De volta aquela morada, ainda ouço o lamento das paredes
De uma infância desvalida, apenas alguns risos
Não sobrou quase nada para ser guardado...
Outras paredes me acolheram
E nem foram por mim erguidas
Pareciam mudas, sem muita significativa.
Desfiz-me das muralhas, em meu entorno
haviam sido construídas
Não queria ser só, outra família foi constituída
Imprimimos em nossas paredes sonhos e expectativas
Não houve muito sucesso, e as paredes, foram
marcadas com minha trajetória de ruínas
Parto, em busca da felicidade perdida
Outras paredes, mais retalhos de vida

E entre outras paredes, enfim, a paz estabelecida
Não apertam, fui aos poucos restaurada
Minhas paredes ganharam outros sentidos
Me acolhem e protegem,
Por vezes, passeiam comigo
Ouço alguns soluços, entre risos...

Se não houver mais fala

Se não houver mais fala

Se me faltarem palavras

Seja o olhar minha fala

Entre risos ou lágrimas

Te dirão, o que eu não conseguir...

Se ainda assim, a você não disserem nada

Observe pegadas de minhas estradas

Falarão por mim...

Se mesmo assim, não compreenderes meus sentidos

Deixo em poesias tudo o que preciso

Registro no agora

O que sempre será importante para mim

O que é hoje amor?

O que é hoje amor?

Ema Machado

O amor agoniza
É ferido em ações e falas
Tornou-se sentimento do antigo
O momento é de gozo, mais nada
E a futilidade anda em alta
Por fora tudo é bonito
Lá dentro, o coração cala
É vazio de sentimentos...
Pouco importa o outro
Amar, é coisa para poucos...
O amigo é apenas de balada
Na hora do aperto, é colega
mais nada
"É cada um no seu quadrado "
Ficar com muitos, sem amarrar, não é pecado...
O amor tornou-se sentir confuso
Melhor ser feliz com o " uso "
Tudo certo, se não gerar o fruto
O amor era cultuado em melodias, em imensas poesias
Hoje, cultua-se o abandono
O sexo, o "chifre" e outros danos
Fortes, esculpido e tatuado corpos
Dentro, moram almas carentes
De afeto, alegria e sentidos Jovens perdidos, cegos ou míopes...
O amor está ali, ainda há esperança

Vastos vazios ...

Vastos vazios ...

Ema Machado

A solidão dança acariciando gaiolas frias

Pássaros perdem o ar

Já não ostentam mais asas

O silêncio é melodia culta

Já não sabem gorjear...

Olhos secam a frente de telas

Distorcem a visão possível de uma existência real e bela

Criada a ilusão que doma mentes

Realidade é coisa incômoda e incrivelmente dura para gente

E o céu, é difícil de alcançar...

Ontem, voava- se atrás de sonhos

Construía-se pipas, era lindo maneja-las tendo os pés no chão

Na gaiola de portas abertas

Entrava o calor de abraços e risos,

Do aperto de mãos solidárias Pássaros em doação

Em frente às telas, o corpo é perfeito, a fala jaz nas pontas dos dedos, nem sempre saem do coração

E nas ruas entupidas de atropelos

Cultiva-se sem zelo falsa ilusão De que nada pode faltar

Além do que o dinheiro compra...

Amor, é só uma palavra confusa

Não se cultiva, se leva escrita em uma tela ou apenas se usa

Superficial, é abrir o coração...

A solidão é companhia, acari

cia gaiolas e pessoas vazias...

Saudades, doce viagem...

Saudades, doce viagem...

Ema Machado

Dizem que dói, quando não deveria doer

É algo mais profundo

Apenas lembrança, não pode ser...

Lembrança é feito moeda

Duas faces, dois lados diferentes

Um lado é cara, pode ser de dor

O outro é coroa, um valor, um doce amor gravado na alma da gente

Saudade é lembrança boa, por vezes viajamos para contemplar...

Se toda saudade fosse dolorosa

Ninguém a querer guardada

Há saudade eterna, e saudade momentânea

Eternas são aquelas, que não se pode matar

Momentânea é a falta que se guarda, até que se possa preencher o vácuo, o que se perdeu reencontrar

Tem quem sobreviva de saudades

Sem querer seguir a vida

Estacionam nas lembranças

Até ser engolido, partir para aquele lugar...

Mas há a saudade temporária, mora no coração e o amor faz aumentar

Hoje, é o dia da saudade

Cada um sabe, o lado da moeda que contempla...

Melancolia

Melancolia intrusa

Sem palavras, plagia, abusa

Deixa um sabor de indignação

O poeta expõe seus sentimentos

Mas ela, deles se apossa sem noção

Não há nada tão vil, ato sem perdão...

Ema Machado

Busca...

Busca...

Ema Machado.

Sempre tive o olhar pequeno
Bastava-me o excencial, o dia sereno e mais nada
Guardei meus sonhos, era mais fácil ficar onde estava
Porém, a alma encolhia
E ser feliz, era bem mais que permanecer acuada...
O olhar pequeno mediu distâncias
Outro universo ansiava
Engoli o comodismo, o início de outra caminhada
Ainda hoje meço distâncias
Porém, é cálculo para chegada
O passo é pequeno, mas sem parada...
Felicidade, é saber apreciar a jornada

Alada...

Alada...

Ema Machado

Há uma partícula de mim, presa naquela estrada

Segue o solo, ainda sem ser notada

Há uma nota de angústia, em melodias caladas...

Há um silêncio, que não entendo

Tanto por dizer, poucos foram tocados

Pobres palavras desvalidas!

Que para ninguém disse nada...

Há urgência nos passos da alma

A estrada é longa, mas curta é a caminhada...

Tornou-se alada...

Armas

Armas...

Ema Machado

Não se apaga fogo com pouca água
Crença com pouca fé, é vela que fácil se apaga...

Para dias alegres, sorrisos
Para tristes, lágrimas
Sorrisos são bálsamos que secam lágrimas...

Olhai o horizonte
Não é o mesmo de ontem
O olhar que contempla, também não é o mesmo de antes
Um dia vê o sol
N'outro, apenas picos e montes...

Na raiva, trava-se batalha
Guerras surgem de faíscas numa mera fala
O caminho da paz tem início
Em boca que se cala...

Pipa ferida...

Pipa ferida...

Ema Machado

Numa viela de mão dupla e passos miúdos
Uma criança astuta trava árdua batalha com a liberdade
Uma pipa colorida, sem braços, sem rabiola
Num vai e vem em marolas
Brinca nas asas de um ínfimo e matreiro vento
E o desordenado movimento confunde-me o olhar repleto de arguição:
É a pipa altaneira e teimosa
Que busca sustentação?
Ou o menino, que insiste em mantê-la na linha
Diferentemente dele, sem alguém que segure a linha
Para obter alguma direção...
Em uma tarde sem vento, sentado à beira do marasmo
Eis o menino desolado
Tendo o olhar no céu, e a pipa ferida ao seu lado
Um automóvel cego, por sua amiga foi passando
Graças aos cuidados e olhar do céu
O menino, foi poupado...

Janelas...

Janelas...

Ema Machado

Eis o dia a espreita

Oferta um sorriso claro

O vento com seu hálito frio move a cortina

Em um mero giro

Com paredes me deparo...

Estou escondido do dia ou do medo?

Buscando segurança me perco

Tudo certo, tendo o errado...

Perambulando por caminhos difusos, percebo absurdos

Há tanto para apreciar

E custa tão pouco...

"Olhai os lírios no campo"...

Disse o mestre:

Inigualável é a beleza do traje que o veste...

A labuta exacerbada corrói

Quer-se muito, mas aproveita-se tão pouco

Somos vulneráveis, a qualidade de vida se perde

Seres presos nas teias que a ganância tece...

O dia está lindo, abro a janela

Sem hora, sem pressa

Abraço a vida singela...

A saudade passou por aqui...

A saudade passou por aqui...

Ema Machado

Veio de leve, repleta de aromas e sabores

Trouxe aromas inigualáveis

Cheirinho de peles, de iguarias d'uma curta infância.

Cheiro de pureza, até de durezas

Quanta significância...

Minha vó cheirava a quitandas, a fumaça, a carinho.

Sua casa tinha um aroma de sustento, de natureza em cada cantinho...

Lembro das tardes de frio

Havia um forno de barro, de onde brotavam biscoitos quentinhos.

Lembro das mangueiras, das laranjeiras, do abacateiro. Havia fartura de frutas e pouco dinheiro.

A saudade passou por aqui. Trouxe lembranças das traquinagens, das gargalhadas espontâneas, das brincadeiras de rouba-bandeira, das queimadas, até dos tombos dos meninos nas "peladas".

A lembrança é menina sapeca. Chega de fininho, passa um filme e se vai, deixa sempre a porta aberta...

Com a saudade vai e vem, andam de mãos dadas...

Se falas de amor...

Se falas de amor...

Ema Machado

Há um olhar no tempo
A caminhar em silêncio
Vou tecendo sonhos, como redes
em que possa aliviar o cansaço de uma insana saudade
Foram cenas arquitetadas e não vividas
Dois corações em metades em gavetinhas esquecidas...

Se ao menos me falasse de amor
Guardaria o sabor do sentimento
Vivemos fantasias, a pensar apenas no momento
Hoje, teço sonhos, não o lamento
Ainda sinto teus olhos
Caminham comigo no tempo...

Há muito me perdi em teus caminhos
São trilhas no pensamento
Eles me falaram de amor
Mas você, há muito os vem escondendo
Se me falas de amor, renascerei
Esquecendo-me de tudo
Até do tempo...

Herança

Herança

Ema Machado

Subindo o monte, onde a alma faz morada, observo ruas estreitas as quais fujo da caminhada
Quando não se enfrenta o caminho, percebe-se
O vazio não é feito de nada
Há nele, fantasmas, tantos desenganos que a porta é fechada
E permanecem aí, imagens indesejadas...

Por instantes, o sossego acaricia
Torno-me viajante, sob um céu fulgurante
A liberdade tem infinitas asas
Sintomas de gente grande
Cenas de um filme não muito distante
O que vivi de bom preenche agora o vazio, alimenta a lembrança
Não há lamento, apenas crescimento,
Maior herança...

Aguardando a madrugada

Aguardando a madrugada

Ema Machado

Adormecer é desafio, só entende o lago do parque
A todo momento alvejado por peixes, pedras e barcos
Aguardo a madrugada entregue a palavras
Deslisa o pensamento entre estrelas e ascos
Ao lado, perambula assombroso descaso
Incomodar o silêncio, é algo proposital e notável...

Da vidraça, falo com estrelas
A negritude noturna tornam-nas diamantes
Invejo-as, transmitem paz e leveza
Serei estrela um dia? Pensamento infante...

Quem não sonha, com o ilusório?
Crio poemas sem pensar em definições
Sou eu na vidraça, enquanto estrelas movem emoções...

Desejo de mulher

Desejo de mulher

Ema Machado

Queria um "bom dia"

Num beijo, com gosto de café

Ah, como queria!

Aquele olhar a insinuar

"Amor, o que você quer?"

Queria abrigar no peito

O calor de um bem-me-quer

Poder ouvir bem baixinho

"Que delícia de mulher!"

Queria poder ser menina

Para receber atenção

E quando quiser ser felina

Receber olhares de paixão

Queria sim, um amor

Que me amasse por inteiro

Queria muito, conhecer esse sabor...

Quando o tudo, não basta...

Quando o tudo, não basta...

Ema Machado

Uma mancha, uma nódoa

Certos sentires ferem

enforcam sem cordas...

Só se vive uma vez, dizem

Então, estou morto...

Sinto-me morto sem você

Quem abrirá, do sepulcro, as portas?

Não vês?

Teu nome está gravado em minhas vontades

Teu beijo, em minha boca arde

E frio, que agora veste meu corpo

É tua ausência a gritar:

O tudo que vivemos, foi tão pouco...

O ar tornou-se cinzento

Não choveu, não há umidade

Nem lágrimas

Rarefeito é o momento

A solidão sentou-se ao meu lado

Chega a sussurrar meus pecados

Como não bastasse, tem a tua

voz, e deixo-me ouvir

Só assim adormeço, só assim...

Encontro-o em meus sonhos...

O último momento...

O último momento...

Ema Machado

Não houve um adeus

O silêncio, rasgando o coração

Tudo que recebi naquele momento

Olhares gritaram, lábios não se abriram, não houve ação

Em segundos o mundo desceu ao chão...

O orgulho é sentir traiçoeiro

Vi tremer teus dedos

Os mesmos, que tocavam meus cabelos, meus apelos...

Estarei aí, como sombra em teus pensamentos

Ouvirás sussurrar o passado, "nunca fostes, tão amado..."

Carrego-o, és a tempestade em mim. Tua lembrança transforma -me, sou nuvem carregada de saudades e da certeza de que fomos covardes. O amor não morre assim... Apenas fere. Despejo minhas águas...

Não houve um adeus

Assim, como não houve promessas

Fui a flor sem raiz, a rainha sem coroa

Cinderela em única festa

Vimos passar os anos, e no adiantado das horas

Nunca tive sequer uma seresta

Só sapatos, causando bolhas

Volto ao borralho

Entregue às cinzas de nossa louca história

Nada é, o que não podia ser

Sonhos perdidos e memórias

Me amou... Amei, amo...

Seremos um para o outro

A ferida infinita

O

cupido nunca teve misericórdia...

Pintando...

Pintando...

Ema Machado

Busco cores, em minha aquarela itinerante
O passado desbotado, jaz um pouco distante
O presente agora é pintado
Por IAs em telas constantes
Preenchem corações vazios
O humano é deixado de lado,
por um jogo viciante...

Sou barco a vela
Navego em águas claras, más borbulhantes
Vejo uma próxima tela
O tempo agora não passa, escorre
Quem não pinta a falsa primavera, sucumbe e morre...

Sonho com quadros coloridos
Que não sejam ofuscados
Por uma tecnologia massante
Sou ser humano repleta de sentimentos vivos
Anseio uma vida pulsante...

Que a visão do futuro, seja mais leve...

Poetas e poesia

Poetas e poesia...

Ema Machado

O que seria da vida, sem poesias?

Apenas inóspita música sem melodia.

E as cores seriam apenas cores, sem nuances de magia...

Ao poeta foi dado o dom, arrefecer a rotina que vicia.

Quem mais consegue, transferir beleza à dor, ou aos momentos de penúria?

Quem mais, pintaria a beleza dos dias, da natureza e dos sentires com astúcia e maestria.

A sensibilidade não é para todos...

Toda arte é poesia...

Há que se plantar flores em desertos, dar leveza aos ares, aliviar cargas e clarear cores sombrias.

Que assim, por poetas, sejam transformadas rudezas em sutilezas.

Poetas pintam sentimentos com maestria, traduzem e misturam palavras com sabedoria.

São também, tradutores e restauradores de momentos.

Iluminados por seu dom de colorir a vida...

Feliz dia do poeta!

Dançando

Dançando...

Ema Machado

Ouçõ músicas antigas

Têm como certo, o encanto

Movem recordações e sentidos

Peças na memória, um palco e tanto!

Aos acordes de doce melodia

Um riso se desenha, solta-se canto a canto...

Segue ao encontro da mocidade

Éramos tão descontraídos... Nem um pouco santos...

Qualquer nota servia para o balanço.

inventar novo passo, coisas da idade...volta e meia, danço ...

Qualquer olhar viajante, atraía o par constante

A melodia era o pretexto

Teu corpo moldado ao meu

O objetivo instigante...

Nítidas lembranças de tudo que vivemos

Não sou mais adolescente

Mas ainda danço em meus pensamentos...

Guardei teu contato, teu abraço,

teu compasso...

O passado

em mim, vive dançando...

Chuvinha menina

Chuvinha menina

Ema Machado

Ouçó a chuva manhosa

Preguiçosamente desliza na vidraça

Espia minha alegria por vê-la, Assanhada a rebolar passa

Oh, chuva pequenininha!

O solo há muito a aguardava

Vindo assim, de mansinho

És o sacio, carinhosamente o afaga...

Chuva, chuvinha manhosa

Para mim, és canção de ninar

Despertarei feliz e sorrindo

Vendo o verde na serra brotar...

Atraso de Cupido...

Atraso de Cupido...

Ema Machado

Me espera!

Nas esquinas ou dobras do tempo

Anseio partilhar a fundo, mais que apenas momentos

Fale comigo das coisas, sóis e luas,

Aquelas, às quais pouco entendo...

Que não vivas a minha procura

Anseio amor, em mesmo compasso,

Que nossa estrada não seja escura

Saberei, nela, ocupar o meu espaço

Me espera!

Precisamos acertar nosso relógio

Não quero mais ouvir sobre segundos ou minutos

Quando um fim, faz-se presságio

Sinto, mas, tempo tem ponteiro astuto...

Não quero mais tempo restrito

Quero pensar em sermos mais que finitos...

Me espera, já passa da hora

Cupido é certo, não fique aflito

Chegarei a v

ocê, amor...

Pressinto...

Momento plácido...

Momento plácido...

Ema Machado

Prosto-me, ou persisto em seguir?

Toda estrada vai, aonde deve ir...

O vento que balança as folhas,

não sabe seus sonhos,

até que as leve ao solo para o nutrir.

E os ramos da mãe árvore, terão outras folhas que as irá substituir

Ciclos, apenas ciclos...

O que seria do novo, se o velho não ruir?

Todo velho um dia foi novo

Há um tempo, para o existir...

Farfalham as folhas, o vento

faz cócegas...

A natureza se renova, a terra engole as folhas mortas.

A chuva a acariciar, sacia e molha

A vida é

perfeita, jorra...

Tecemos...

Tecemos...

Ema Machado

Vida, uma grande meada

Tecemos, tecemos o que serve, e, até o que não serve para nada...

Por vezes, embaraça e dá nós

Precisa pausa para desembaraçar, é quando nos sentimos sós...

Há sempre o que tecer

Quanto às cores, são inúmeras

Meada mesclada, nem todas as partes são claras, ou têm a cor desejada...

Tecer com sabedoria é buscar novos pontos, novas formas de tecer.

Reinventar tessituras, tingi-las com cores que apreciamos.

Importa não deixar de viver

Valorizar até o que não vemos...

Abrir os braços a quem precisa

Construir redes com quem amamos...

Tempestades

Tempestades

Ema Machado

A tarde arde, como ela

Carrego-me de tempestades

Após a efervescência da vida

É natural que haja nuvens e rajadas de vento no calor do momento...

A chuva desce, lava e limpa a casa...

De verde a alma novamente se veste.

Nada brilha como o sol após a te

mpestade...

Onde o belo foi morar...

Onde o belo foi morar...

Ema Machado

Absorta em meu pensamento

Vejo languidamente a tarde passar...

O sol e o vento movimentam

a vida no jardim, passa ante meu frágil olhar

Quanta beleza nas cores,

consigo capturar!

Um colibri aqui reina, feliz a se alimentar

Mora na árvore com a família

Faz tempo que eu o tenho

acompanhado, aqui é seu lugar.

Gosta das flores e plantas

que ornamentam meu observar...

Tudo é perfeito, folhas e flores de cores diversas, alimentam a beleza e o lugar.

Um lagarto despreocupado perambula, tem aqui reserva particular

Enquanto muitos a têm, e não param para contemplar

O concreto é rei, impera

O progresso cria robôs e zumbis

A vida ganhou falso brilho, é o que a veio nutrir...

Neons e telas alimentam o olhar do homem

Não que não haja importância na tecnologia, desde que não seja, para o consumir

Ela agora domina,

e o homem se entrega, tateia às cegas...

A vida ferve, a alma mata

A beleza já não mora no olhar ...

E o jardim é uma selva, para quem não sabe contemplar...

Delicadezas...

Delicadezas...

Ema Machado

Abriu-me um sorriso lírio

Tão delicado quanto o olhar, a insinuar o auxílio

Desengonçada, abro a porta travada

Há muito, jazia fechada

Desarmou-me a guarda

Havia tanta generosidade,

que quase não coube aí

Abro os lábios, mas a palavra, recusou sair...

Abaixo o teimoso silêncio

a gratidão sai gaguejando

Conclui, ganhei o dia!

A humanidade surpreende

É aí que a gente renova a esperança...

O amor não pode ruir...

Ema Machado

Testamento...

Testamento...

Ema Machado

Quando eu partir

Serei retalho, terás de mim, as melhores partes

Ou, quiçá, alguma nódoa daquilo que não se apaga ou reparte

Tardio será o remorso, que agora, talvez, não lhe cabe

Perceberá isso muito tarde...

Quando eu partir

Não restará nada além da saudade

Em meu lugar terás

Um vazio inquilino

Do que não foi vivido

Dos braços pendentes, do tempo menino

Das tralhas e segredos guardados entre dentes

Do riso contigo, das engolidas falas...

Quando eu partir

Talvez, faça falta...

Porém, não levarei nada

Deixe que eu vá, leve

sem amarras...

Anjo ferido

Anjo ferido...

Ema Machado

Olhou-me com aquele olhar pardo

Podaram-lhe as asas

Carrega sua pequenez, como

pesado fardo

Não se sente em casa

É um anjo sem vez...

Às vezes, parece matreira

Deixa-se ser criança

E o pique esconde, é quase, letal brincadeira

Seu lado sombrio instiga

Há sempre resquícios, de maldades e intemperanças...

Risos de criança

Quisera ver em seus lábios

Porém, há muito a esperança

Deixou caminhos vagos

O riso contigo, é ali, escárnio...

Ela é anjo ferido

Podaram-lhe as asas

Não tem como alcançar um céu

Não vê caminho na estrada

Seu mundo é amargo

Tem sabor de fel...

Felicidade...

Felicidade...

Ema Machado

O dia nasceu entregue as lágrimas, desperto como lagarta,
saindo do casulo e exibindo asas...

Ontem, o mormaço desintegrou toda euforia, deixando-me o peso do cansaço.

É tão bom despertar...

Uma chuva marota brinca de escorrer pelas ruas e telhados.

Sinto o poder das nuvens, ao metamorfosear...

Felicidade é tão transparente,
que não conseguimos enxergar.

É uma nuvem leve e branca, é a paz que no silêncio se encontra, riso solto, melodia no gargalhar.

É após um sonho leve, poder sorrir ao despertar.

Felicidade é menina brejeira, brinca de pique esconde e a gente só a encontra, se souber bem olhar...

Felicidade é beber na fonte da vida, sem nunca se saciar...

Meditação II

Meditação II...

Ema Machado

Nos portais de um tempo indigente
Sobram relógios, onde segundos se fazem latentes
Minutos e horas já não importam
Se rotina macera a gente...
Não me permito ser mastigado
Há muito o que ser partilhado
Há cores no caminho
Olores e escritas a serem apreciados
Ter amor e sonhos, não nos deixa sentirmos sozinhos
Estamos vivendo, o agora é latente
Importa ser mais humanos
Cultivar a mente e o dia que se tem a frente
Despertar é dádiva
E sorriso, é expressão leve
Alimenta a alma...
Envolve-me em silêncio...

Silencioso momento...
Ouço até o mover do vento
Porém, já não me atenho aos passos e barulhos do tempo
Busco entender aos meus apelos
E silêncio é amigo confiável
É mestre, ensina com zelo...
Envolta em silêncio entendo sentimentos, revejo medos
Não parecem tão grandes...
Em silêncio posso ouvir o que o ouvido não entende
Se eu não, a alma compreende...
Uma fagulha se acende
Sou apenas eu em minhas convenções
Pensamento passeia pelas dores e emoções...

Em silêncio sinto poder tocar o céu
Entender e dissipar breus
Sair das paredes que cerceiam
Em silêncio me encontro
E abraço meu eu...

Sem querer...

Sem querer...

Ema Machado

Sem querer me fiz amarra
Presa ao sentimento que só eu nutri
Rastejando cumpri, a missão que delegavas
Éramos aquilo que desejas
Mas não, o que eu sonhava pra mim

Sem querer ficar, eu ficava
Teu amor não me bastava
Não era amor, mas, possessão
Sem querer eu permitia
Destruía sem querer, minha razão...

Sem querer ficar, eu despertei
Pude ver o mal que me fiz
Não podia me amar, amei
Joguei fora o que não merecia...

Sem querer, vi tudo desmontado
Eu era apenas Rapunzel
Meu castelo era inventado
Era apenas uma
torre, ruiu,
Agora que sou pássaro livre
Anseio e observo um céu...

Depois do fim...

Depois do fim...

Ema Machado

Depois das palavras não ditas

Reina o vazio

Aquele que dilacera a alma

Aquele que é frio e maltrata...

Depois do abandono, da noite calada

Reina o desencontro sobre a morada

A vida se faz triste, peças desencadeadas

O desencanto é tudo, o que não falta...

Depois, o tudo foi o que preocupava

Não havia mais um futuro

Dividimos a vida em silêncio

Tornou-se uma luta inacabada

Depois dos sonhos construídos

De sementes germinadas

Aos poucos matamos a raiz

A árvore ficou

Não restaram nem mesmo as palavras...

Depois, seguimos em outras estradas

Ainda ouço o silêncio

Porém, agora não é mais velado

Tão pouco, pesado

É deliciosamente apreciado

É paz, que em você

Não encontrava...

Hoje não deixo de usar as palavras

Não mato mais a alma

Grito tudo, o que a mim maltrata

Aprendi com você

Que silêncio a dois

É fechar a estrada...

A gota ...

A gota...

Ema Machado

Queria não ter que correr desenfreada

Queria no ar permanecer,

Ainda ser levinha, como estivera

Havia união, mas, descer

foi forçada

Agora corria, sem saber aonde ia

Tantas gotas, como ela corriam

Pela vidraça olhou, viu uma coisinha

Uma pessoinha, que, como ela pouco sabia

Junto a outras no chão, triste sina

Carregavam o pó, toda sujeira que o caminho continha...

Não sabia o curso

Apenas corria...

Sentiu-se suja e sem serventia

Era levada, sem poder retroceder

Seu destino não conhecia

Viu-se, tremia, poder no solo se esconder

Era tudo que mais queria...

Chegou, olhou os poros da terra escura

Estava ali sua serventia... estava segura

O solo a agradece, e ela soube

Com seu toque alí, a vida germina

Elas fazem magia, são muit

o mais que meras gotinhas...

Venenos...

Venenos...

Ema Machado

Incertezas letais, comem vísceras
Regurgita falas, pesa, o silêncio é vulcânico
Mágoas são como o encarcerar de feras
que o comem por dentro
Alto é o preço da mágoa, do que não for dito
Sentimentos aprisionados, sem sentido
Mais vale um vômito indômito
Quando tudo é expelido
Aprisionar lavas, e não digerir o sentimento maligno
É envenenar-se
por dentro...

Aroma de rosas

Aroma de rosas

Ema Machado

A rosa em botão

Encolhida jaz, entre folhas e espinhos

Temendo a solidão

Espia na noite vagalumes

O brilho das estrelas é para ela bem-vindo

Entre o ébano da soturna noite

E as lágrimas do firmamento

Desponta a coragem, abre-se

Sob carícias de terno vento

E a flor se revela, em formosura e esplendorosa imagem...

Desponta o primeiro raio de luz

E a flor ostentando sua beleza

Deixa-se beijar pelo rei sol

Toca-a com sutil realeza

Apaixonada, contempla-o até o arrebol

Soube da efemeridade de sua beleza

A rosa aos poucos perde o viço

Despetala entre tenros botões

Fica quase nua a olhos vistos...

Nada é para sempre, aprende a flor

Curta é toda jornada

Na efemeridade da curta vida

Jaz murcha despetalada...

Parte muda a rosa

Cumpriu seu breve legado

Paira no ar o amor,
Aroma da dadivosa flor...

Quando os olhares não se cruzam

Quando os olhares não se cruzam...

Ema Machado

Capto frases ao vento

Que o silêncio só a mim faz escrever

Trago entremeadas na alma

Poesias que ninguém mais vê...

Vastos horizontes são linhas difusas

Teu olhar me parece tão distante...

Há no silêncio, poesias que pouco se usa

Olhares não se cruzam no horizonte

Queria diminuir a distância que não cala

A saudade é um teatro de tantas falas...

Hoje sonhei acordada

Pude revolver algumas montanhas sob a dança das lágrimas

Nada tem significado quando o ser se faz diminuto

Há tanto o que tenho a oferecer

O amor é sentimento profundo

Não há como arrancar o querer

Nem explicar, que...

Meu mundo é vazio sem

você...

Esperas...

Esperas

Olhos abertos, contemplo o hoje
Bebo o ar como fosse me faltar
O ontem não jaz muito longe
Há no ar um passarinho a voar
Posso agora, contemplar a aurora
Para que esperar?

Tenho como certo o agora
O porvir não se espera
Talvez seja apenas quimera...

Não espere no outro, tudo o que tem em você
Não carregue em si o peso de mágoas
Há lições que precisamos aprender
Destilar venenos alivia suas cargas...

Ontem eu viajei na espera
Tantos sonhos ficaram perdidos
Era criança, ansiava fugir da cela
Esperar um futuro, era tudo o que fazia sentido

Esperar o amanhã pra viver
É ter sede em frente a nascente
Há tanta vida que não se vê
A ela somos indiferentes...

Há quem nada tem e é rico
E tantos miseráveis a somar o que tem
Para alguns a vida é um circo
Onde, nem representar sabem bem...

Há flores no caminho
Espinhas, fazem parte também
Semear e pisar de mansinho
Nos levará mais além...

Para chegar é preciso caminhar
Andando, chega-se a algum lugar
Todo dia é dia de plantar
É apenas uma forma de prosperar

Viver com esperança,
Difere de esperar, deixar para amanhã
A plenitude da vida é o hoje
Viver é aproveitar o caminhar, a esperança é da vida irmã...

Anunciação

Anunciação..

Ema Machado

Acompanho uma estrela

Observo-a, procurando-a ao final de todos os anos...

É quando ela se faz ainda mais brilhante

Sei que na verdade é ela a me lembrar

Cuida de mim o Deus vivente...

Sou importante. Por mim, Deus fez-se homem

Nada é mais importante...

Ainda que não pareça, seu brilho é constante

A vela é sempre alimentada

A fé não arrefece, tua luz é como mirante

Renasça, Senhor!

Nosso coração é a manjedoura

A esperança não morre

Ele vive e reina eternamente!

É a

luz dos viventes

Detalhes...

Detalhes...

Ema Machado

Observo,

Há sutilezas em pequenos gestos

Muitos, nem mesmo são notados

Na oferta, implícito, mas, concreto

Um espinho, aroma ou simples afago...

O olhar no horizonte

Não vê ou contempla o sol sobre o monte

Suaves e serenas lembranças

Do ser em contemplação do ontem...

Um espaço mantido no abraço

O aperto de mão apressado

O rosto desviado, no beijo sem espaço

Palavras frias, de um ser machucado..

Um pássaro triste não canta

Infância e velhice trilham caminhos trocados

Enquanto o infante por vezes encanta

A velhice incomoda, já se sente passado...

Já engoli choros, gritos em lábios calados

Capto hoje, frases não ditas

Sentimentos não manifestados

Aprendi a curar e evitar feridas...

Há palavras no riso amarelado

Nem toda lágrima é de tristeza

Nem tudo serve para aprendizado

Nem toda sutileza, tenho captado...

Caindo no agora...

Caindo no agora...

Ema Machado

Evadem as horas

Foi-se mais um ano...

Sou nuvem escura, aquela tempestuosa

A observar o azul, repleta de negros desenganos

Carrego lembranças boas, ainda desejosa

Queria voltar e reconhecer, onde foi que erramos

Há pontos soltos na trama

Não sei como, teu sentimento funciona

Precisaria desmanchar dúvidas insanas Refazendo tudo, ponto a ponto

Poder ouvir novamente, dizer que ainda me ama...

Será que, além de morar em mim

Em outro coração, já fez morada?

Vivo nesse dilema sem fim

Sou tempestade, não penso em mais nada...

Evadem as horas

Venço dias, numa eterna batalha

A saudade é fera que devora

Sua lembrança, por vezes me retalha

A conclusão, apavora...

Vivo ainda no passado

Caindo na encruzilhada do agora...

Poesia visceral

Poesia visceral...

Ema Machado

No silêncio encontro, poesias que ninguém lê
Por vezes, imersa em querer captar
Deixo-me levar por puro prazer
Visceral, não posso me culpar

Há certas palavras que não posso doar
Sentimentos, os quais não sei escrever
Há imagens que não sei nem explicar
Aprendi a guardá-las, para ler e reler...

Há sim, quem me fascina
Nem sabe ter tamanho poder
Em minha lembrança caminha
Vem sempre aqui, aparece sem eu perceber
Vejo o éden
Risos se desenham na alma
Flores desabrocham, aromas se espalham
É o sentir doce que insiste em esperar com calma
A hora em que deverá nascer...

Ilustração

Ilustração...

Ema Machado

Ele é idólatra

Acariciando meu ego, deixa-me a derreter

Faz melodia nas melhores frases

Nem as sei, como acolher...

Ele fez de mim uma pintura

Usa cores que iluminam meu querer

Porém, não sou arte pura

Queria poder, sua apenas ser

Ele é palco de anfiteatro

Eu apenas um monólogo

Não sei se aprecio o trato

Queria que seu sentir fosse, ao meu análogo...

Ele me vê uma rainha

Eu o idealizei meu Zeus

Criou tantas expectativas

Que não sei se mereço os céus

Quero estar entre seus braços,

para sentir-me viva...

Controvérsias

Controvérsias

Ema Machado

Há palavras que não deveriam ser ditas
Há silêncios a serem ouvidos
Há lembranças que deveriam ser esquecidas
Há desejo que deveria ser congelado
No entanto...

Há paredes a serem construídas
Muros a serem derrubados
Há caminhos a percorrer
Há tempos a serem esperados
No entanto...

Há olhares que não deveriam ver
Há ouvidos a serem fechados
Há tantos, que deveriam dizer
Há lábios que deveriam permanecer fechados...
No entanto...

Há tantos castelos a construir
Há sonhos desmoronados
Há coisas que não deveríamos conseguir
Há degraus que não deveriam ser galgados

No entanto...
Há tanto por dizer
Há pouco a ser encontrado
Há verdades que não foram ditas
Sentimentos expressados

Há palavras que a alma dita
O endereço, no entanto...

Sabores de lágrimas...

Sabores de lágrimas...

Ema Machado

Lembranças transitam pelas retinas, lugares que ficaram marcados

Uma saudade repleta de ânsias

E um vazio, ocupando sempre o lado

Lágrimas, às vezes, possuem sabor amargo...

Saudades abraçam, apertam

Ainda que não haja remorso

Tempos e distâncias se entrelaçam

Chega o tempo em que o ócio, é única opção

Lágrimas molham a alma, alimentam a solidão...

Distâncias que não deveriam existir

Amores desfeitos sem razão

Traçam linhas na face

Molham a pele e sufocam o coração

Salgado é o sabor, lágrimas em vão...

Ah! que toda lágrima fosse de alegria

Que delas botassem apenas flores

Destituídas de espinhos, entregues a risos de euforia

Sem perdas, sem rancores e dores...

Mas lágrimas são alimento,

com diferentes sabores...

Vida sem hora...

Vida sem hora...

Ema Machado

O tempo que agora me olha
Não é o mesmo que veio e partiu
É repleto de telas e órbitas
Há um céu que ninguém descobriu...

No tempo de agora
Há palavras, palavras que nada dizem
Há espaços e apertos lá fora
Há um tempo que vai e não vem...

No tempo que agora me olha
Há um ser ocupado com aparência
Preso, não se dá conta da gaiola
Sozinho, se entregue a ciência

Segue o tempo apressado
Passou rápido, mas eu o vivi
Posso olhar um tempo no passado
Ver o que fui, trouxe-me até aqui

Separo no tempo um tempo
Não sou dona do tempo
Porém, não o deixo me possuir
Vejo a vida, sou sem hora
Meu eu me sorri...

Sem ânimo...

Sem ânimo...

Ema Machado

Estranho momento

Estática acompanho o pensamento...

Talvez, eu adormeça sem enxergar estrelas

No escuro da noite, nem sempre há quem as veja

Quem sabe, ao despertar, não veja beleza no dia,

Cegar-me-a com sua luz acesa e suas cores infinitas...

Ainda assim,

A esperança por um melhor amanhã

Não me deixa...

Ah, esse peso!

Observo muros lisérgicos tendo no olhar um véu

Se fui feita para o ar, anseio o vôo perfeito

Sou pipa no chão, sem saber se conseguirei alcançar um céu

Quisera elevar-me ao sopro do vento

Bailar entre nuvens, entregue ao movimento

Porém, ato-me ao medo cruel

Peco entre lembranças, sem nada esperar

sou frágil pipa de papel...

Na solidão do pensamento...

Na solidão do pensamento...

Ema Machado

Silêncio!

Na solidão do pensamento, podes mudar seu momento

Podes entender que nada é imutável

Podes, permitir-se um julgamento

Limpo, verdadeiro, sem se fazer réu...

Em pensamento, vai-se onde habitas

Você construiu e poderá ver

O que precisa mudar em casa...

Na solidão do pensamento

Se, limpar suas vidraças

Verás com maior clareza

Há falas que embaçam a visão

Na solidão do pensamento

Quem o encontra lá dentro, é a razão

Dita, é nua e crua, antídoto ou veneno...

Mas, quem adoece é o coração..

Na solidão do pensamento

Escolha ser lago, despeça tempestades

Esqueça o tormento, entregue-se ao afago

Ame-se de verdade...

Amores

Amores

Ema Machado

É feito semente

Brota em olhos inocentes

Em risos desenfreados

É feito pequena semente

Brota em solo bem cuidado

Se é amor, não é exigente

É doação e mais nada

É sentimento que não se explica

É poesia, por alma cantadas...

Há o amor fraterno, amor de irmão

Amor nascido em seio parental

Partilhado em único ventre, mesmo coração

Amor de raiz, resistente e angelical...

Há amores que se perdem

Preenchem a alma de vazio letal

Deixa o coração em desordem

Nunca haverá ali, outro amor igual

Amor é sentir puro, instaura-se no coração e na alma

É mais que apenas desejo carnal

Já a paixão é latente, é fogo que logo apaga

Por vezes, deixa uma marca de sal.

Paixões são passageiras, vão e vêm

Amor é profunda raiz, poucos o arrancam

Paixão é desejo, a maioria a tem

Mas amor, é sentir que poucos encontram...

Amar e ser amado

É desejo de todo humano

Ser feliz tendo o amor ao lado...

Dos triângulos de minha janela

Dos triângulos de minha janela

Ema Machado

Das coisas que não se entende

É certos momentos de solidão

A vida passa em quadros

E através dos triângulos da grade de minha janela, observo um céu circular

Lentes a me mostrarem que,

passamos por tantas figuras geométricas.

Sem mensurar, sem observar, o quanto

a vida é linda, ela se enquadra em nós.

A terra gira, os ponteiros giram livremente

As horas tecem o tempo

Vamos tecendo sonhos, desvendando segredos, quebrando padrões atávicos...

Daqui, por entre um triângulo e outro,

algumas estrelas parecem pirilampos.

Minhas pálpebras teimam em permanecer

abertas, ainda que o peso do dia as forcem a piscarem, feito as estrelas que observo...

Daqui, não vejo a lua, jaz do outro lado

onde se desenha o horizonte.

No escuro da noite, a vida adormece,

Ouso tirar uma foto do agora na mente, en

quadrando o instante...

Ilusório

Ilusório...

Ema Machado

Não sei como, talvez não sinta
Por um instante voei, estive aí
Pousei em tua boca morna
Pude sentir o sabor, afaguei teus lábios com os meus
E nem sabes, nem soube...
Dancei entregue ao instante
Beijei, silencieei tuas palavras
Senti-me assim, importante ...
Não sei se por pura audácia! talvez nem imagines
Por instantes deslizei, fui a musa
Debruçada sobre meu sentimento
Ouvia tua respiração
E, em cada compasso, fui eu a canção
Regida pelo tempo, colocando meu amor em tuas veias, em teu coração...
O percorri inteiro, estremeceu...

Ah, abraço meu momento
Uma viagem no pensamento
Desculpe, invadir sua existência
Sem que saibas, por vezes
Faço-te parte de mim...
Ainda que por um momento...

Quando contar segredos.

Quando contar segredos...

Quando a luz no olhar se expande
Ao toque de outra não mais se esconde
Quando o sangue que corre nas veias acelerar
e o coração escancarar o sentir, soar longe
Nada esconda, se houver segredos, conte!

E, quando o tudo parecer nada,
Frente ao outro que o completa
Deixe a porta aberta
Que a morada seja cativante
Se houver poeira, limpe
Logo conte...

Quando o universo se fizer pequeno
E sua estrela não estiver longe
Mesmo que o tempo não seja ameno
Seja grande, vá e conte!

Conte suas fraquezas
Coloque-as à mesa, também ponha aí os malfeitos.
Perderão as asperezas...
Conte seus erros, partindo -os ao meio
Antes que o tempo os mostre
E sejas devorado pelo receio...

Mas, se a ninguém contar
Quando o peso encurvar sua alma
E houver em si, mais noites que calma
Busque sua estrela guia
Ela sabe do tamanho de teu fardo
Está sempre a espe

ra

Que queiras ser perdoado...

Quisera a eterna manhã...

Quisera a eterna manhã...

Ema Machado

Se pudesse, roubaria a claridade

das manhãs

Aquele olhar de mãe do dia

Seu abraço de acolhida, suplemento de toda vida

Produzir como ela, diamantes de orvalho por sobre as flores

Ter sua mão de fada a renovar as cores

Roubaria a despedida, o último olhar da lua

Por sobre a natureza desperta

Apreciando o vento a correr livre

Deixando árvores nuas nas florestas....

Se pudesse, das manhãs roubaria o encanto

Ao descortinar as sombras com seus mantos

Assim, devagarinho, pra não causar espanto...

Adoraria ter no sorriso, inculido o poder

Os raios de sol, como ela

Aquecendo e levando tudo a reviver

Entrar em toda janela para clarear e tornar a morada mais bela...

Todas as manhãs são mágicas

Desfazem sombras, lavam e tudo renovam

Enquanto a gente vai perdendo

O olhar, o sorriso, a clareza e beleza da vida

Há em nós, tanta visão distorcida...

Quando tudo acaba

Quando tudo acaba...

Ema Machado

Tudo acaba ali

Onde o tempo avança e passa

Onde deslizam as horas

Onde o hoje se esgarça

Onde a pintura se esfuma,

Se perde ante a fome das traças

Tudo acaba ali

Quando não se tem esperança

Quando deixamos ruir

Sonhos e confianças...

Tudo acaba ali

Quando o tudo não tem mais importância

Quando o legado que sobrou

Foram decepções e intempéries

Tudo acaba um dia

Até mesmo, a distância

É quando o amor se faz poesia

Melodia, ou doce lembrança...

Elos

Elos...

Ema Machado

Não lhe pesará o tempo

Mas, as penas

Vida é uma série

De pequenas cenas

Não há no engodo, algum mérito

Pois, paga-se um preço

Por inadequado pretérito...

Nada é estático,

Hoje podes ser independente

Porém, raízes dependem do solo

Toda árvore um dia foi semente

Mas a semente não germina, se não for ao colo da terra

Até a planície descansa ao fim da tarde

Aproveita a sombra dos picos e serras

Picos são solitários, queimam sob o sol que arde...

O lago é remanso, mas, transbordante nas tempestades

Inunda, levando destruição ao seu entorno

Uma vela pode não ser suficiente para iluminar todo ambiente, mas várias velas unidas serão como o sol resplandecente...

Sabores energia e sentimentos

Sabores, energia e sentimentos...

Ema Machado

Faxinando minha cozinha, me dei conta, tanto quis meus utensílios, fiz sacrifícios para adquiri-los e hoje percebi a inutilidade do sacrifício.

A batedeira há muito não tem uso, não tenho feito bolos, depois que meus filhos cresceram.

Lembro dos risos, da rapidez com que devoravam tudo que eu produzia, isso, antes de adquirirmos a sonhada batedeira.

Naquela época, havia sabores que não são encontrados nas melhores iguarias de hoje.

A gente fazia tudo com amor e recebia olhares de satisfação, bocas apressadas demoravam em segundos, o naco que lhes cabia.

Volto ainda mais longe, minha infância, tão difícil e diferente...

Minha avó produzia quitandas nas gamelas de madeira, eram assadas no forno de barro. Barro retirado do riacho no fundo do quintal, barro que moldava tudo, casas, potes, onde a maioria dos alimentos eram guardados. Nunca mais encontrei sabor e aromas iguais.

Tempos diferentes, energias diferentes e sabores inigualáveis.

Pães e bolos eram produzidos com sabor de energia da dura labuta, de gratidão pela oferta generosa da terra. A galinha era feliz, criada solta, pondo ovos nutridos. O milho, amarelinho e saboroso, crescendo em seu tempo, saciado pela chuva, pelo sol e terra, sem veneno... A vaca mugia ao longe, bem alimentada pelo pasto, fornecia o leite todas as manhãs, sem hormônios, a manteiga sem plástico e corantes artificiais.

Não havia batedeira, tudo produto braçal, outro sabor, puro alimento.

Olhei o fogão moderno, calado no canto. Já não briga com as panelas, foram guardadas, têm pouca função.

As crianças comem no trabalho, sem o sabor da proteção, comida repleta de iguarias, sem a energia de casa, aquela que vem do coração.

Quantos funcionários explorados, trabalhando muito, falta energia nas mãos. Embora sem condições, tudo tem serventia, mas falta amor e energia, o alimento é causa de adoecimento de muitos corações.

Fomos felizes sem noção, a gente se dá conta que a maioria do que se tem é sem precisão.

Hoje se gasta energia na academia e a comida balanceada, é só nutrição. Corpos atléticos, almas doentes, tempo de pura ilusão...

Continuo com a faxina, ocupo a mente, é inútil parar no tempo, mas meu passado não foi em vão...

Vivo recarregando a energia, amo tudo que faço,

o amor é solução...

Eu quis...

Eu quis...

Eu quis

Cessar a tempestades com sopros

Quis conter enchentes com lágrimas

Quisera gritar estando rouco

Quis fazer tanto, fazendo-me mágoa...

Eu quis, apagar o fogo com brasas

Quis enxergar um caminho

Estando com a face vendada...

Eu quis ser o outro, estando sozinho...

Eu quis derrubar nossos muros

Sem saber como, me violentava

Quando tudo se torna escuro

Não há remédio, não se vê nada...

Eu te quis tanto

Quando eu, para mim, não importava

Eu quis salvar a nós

Enquanto isso, me afogava...

Estando no inferno, queria ser teu céu

Dei-lhe tudo o que podia

Se me sentia nada, o nada foi teu...

Remendos...

Remendos...

Ema Machado

Quando há chagas abertas
A alma ferida é inquieta
Anseia a cura
E o ser, torna-se volúvel
Qualquer sorriso é abrigo
Qualquer abraço, indissolúvel

Quando o coração sangra
Não há remédio,
Deita-se no primeiro ombro
Breve momento, seguido de acréscimo

Quando o peso da decepção assola
Ergue o ego dolorido, grita e esfola
Requer recompensa, pela perda da história

A sucessão de erros, agora é glória
E a alma calejada, já não se importa
O amor se torna a conquista, de horas...

Meu desejo

Meu desejo...

Ema Machado

Eu desejo que você sorria sem perceber

Que sonhe, e que teu sonho seja viável

Que sinta frio na barriga, ao ver que sonhar acordado é agradável...

Eu desejo

Desejo que teu olhar, se encha de estrelas

Que reacende a fagulha em tua emoção verdadeira

Desejo, passear em teu pensamento por horas inteiras...

Eu desejo

Desejo, assassinar tua solidão

Ser a musa mor, a conduzir tua inspiração

A melodia que adentra e toca teu coração...

Eu desejo

Desejo que a felicidade seja nossa companhia

Que eu possa suscitar e fazer essa magia

Desejo que tenhas tudo aquilo que desejar

Ou seja...

Eu... desejo que me desejes

Que sinta minha falta e reclame

Quando não o chamar "Amor"

Já ouço meus desejos, só falta tua voz para chamar meu nome...

Passado a limpo

Passado a limpo

Ema Machado

Para você fiz poesias
Sem saber que você não lia
Transformei-as em melodias
E nem assim, você as ouvia
Fiz um quadro de ti
Buscando alegrar os meus dias
Mas tantas foram as lágrimas
Que você escorria...

Não guardei mágoa
Apaguei tudo que fiz pra você
Já que não tem sentido
Decidi te esquecer
Hoje
Traço linhas em papel de arroz
São marcas de mim
Frágeis e antigas letras
Você ficou, esquecido na gaveta
Não tem mais vez...